

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Ricardo Duarte Gomes da Silva

**JUVENTUDE EM TRÂNSITO:**  
Atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural

Belo Horizonte  
2014

Ricardo Duarte Gomes da Silva

**JUVENTUDE EM TRÂNSITO:**

Atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

*Área de concentração:* Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

*Linha de pesquisa:* Processos comunicacionais e práticas sociais.

*Orientadora:* Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina Veiga França.

Belo Horizonte  
2014

Juventude em trânsito:  
Atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio no rural.

**Ricardo Duarte Gomes da Silva.**

Tese de defendida e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

**Prof. Dr. Antonio Fausto Neto**  
UNISINOS/RS

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ataíde Malcher**  
UFPA/PA

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana de Oliveira**  
DCS-FAFICH/UFMG

**Prof. Dr. Márcio Simeone**  
DCS-FAFICH/UFMG

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Veiga França**  
DCS-FAFICH/UFMG

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, 06 de agosto de 2014

*Aos meus pais,  
que sempre torceram e se dedicaram à formação de seus filhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Universidade Federal de Viçosa pelo apoio logístico e financeiro à realização deste doutoramento. Agradecimentos a diretora Andrea Almeida, da Escola Estadual José de Assis Pinto, que abriu as portas da instituição, autorizando a realização do estudo. Somos gratos aos jovens do ensino médio que aceitaram participar da pesquisa, ao fundamental apoio logístico da agrônoma Janaína Almeida, do escritório da Emater em São Miguel do Anta e a gentileza de Margarete Guimarães, coordenadora regional da Emater em Viçosa/MG.

Ao privilégio e a honra da orientação da professora Vera Regina Veiga França, pelo estímulo, paciência no aconselhamento, nas correções dedicadas e pela descontração nas conversas amigas. Agradecemos aos professores Luciana de Oliveira e Márcio Simeone que contribuíram de maneira significativa, durante o exame de qualificação, para os ajustes finais da tese.

Estar vinculado como aluno do PPGCOM/UFMG nos proporcionou dar visibilidade ao nosso trabalho, por duas vezes, no GT de Recepção da Compós, onde tivemos a oportunidade de discutir antigas e novas preocupações em torno do tema “mídia e juventude no rural”. Neste sentido, considerando este espaço importante de discussões sobre pesquisas em comunicação, agradecemos as valiosas contribuições das relatoras: professora Jiani Bonin, em 2012, e professora Nilda Jacks, em 2013.

## RESUMO

Este estudo objetiva compreender qual a interlocução que se estabelece entre narrativas televisivas não-rurais e uma juventude no meio rural mineiro. Temas e personagens preferenciais da mídia despontam enquanto escolhas dos jovens pesquisados, tendo em vista um cenário rural marcado pela relação com o urbano que lhe serve de referência e pela possibilidade da migração, que influencia a existência de jovens em vias de se tornar indivíduos em condições de desenraizamento na cidade. Os elementos significativos das narrativas escolhidas dialogam tanto com os valores que fazem sentido na experiência de vida em família quanto com a experiência do ser jovem na roça. Trabalhamos com jovens do último ano do ensino médio em uma escola rural. Escolhemos o método do grupo de discussão, associado à aplicação de questionários, para identificar, naquilo que chama mais a atenção na mídia, as provocações da narrativa midiática e os estímulos que fazem falar os participantes. Ao final, observamos um quadro de preferências por gêneros, formatos, temas e personagens que apontam para ideias, perspectivas e sentidos apoiados nas justificativas das escolhas. Consideramos que os processos comunicacionais estimulados pelos conteúdos midiáticos se envolvem nas afetividades e práticas dos jovens no rural, sobretudo àquelas voltadas para a relação dele com o mundo urbano e as possibilidades da migração. A interlocução da narrativa não-rural se constitui uma conquista para os sujeitos, considerando a importância para as populações rurais do próprio acesso à informação como forma de diminuir seu isolamento. Qualquer narrativa do tipo que estabeleça um diálogo com um público juvenil que submeteu sua vida ao projeto de melhorar de vida na cidade já participa das condições condutoras de um processo em vias de ser, associando-se tanto aos sentidos do presente emergencial quanto da mudança existencial de uma vida desenraizada na cidade.

**Palavras-chave:** Narrativas Televisivas. Grupo de Discussão; Juventude Rural; Interlocuções Midiáticas.

## ABSTRACT

This study aims to understand what the dialogue established between non-rural television narratives and young Brazilian rural. Preferred themes and characters emerge as the media choices of young people surveyed, considering a rural setting marked by the relationship with the urban that is the reference and the possibility of migration, which influences the lives of young people in the process of becoming individuals on uprooting the city. Significant elements of the narratives chosen dialogue both with the values that make sense in the experience of family life and with the experience of being young in the field. We work with young people in the last year of high school in a rural school. We chose the method of discussion group associated with the use of questionnaires to identify, what draws more attention in the media, the media narrative of provocations and stimuli that make speaking participants. At the end, we see a picture of preferences for genres, formats, themes and characters that point to ideas, perspectives and meanings supported the justification of the choices. We believe that communication processes stimulated by media content engage the affections and practices of young people in rural areas, especially those focused on his relationship with the urban world and the possibilities of migration. The dialogue of the non-rural narrative constitutes an achievement for the subjects, considering the importance for rural people's own access to information in order to reduce their isolation. Any kind of narrative to establish a dialogue with a young audience who submitted his life to improving life project in the city already participates in a process of conducive conditions in the process of being, associated to both senses of this emergency as the existential change a rootless life in the city.

**Keywords:** Television narratives; Discussion Group; Rural Youth; Media dialogues.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1:</b>	Mapa mostrando a região da Zona da Mata mineira .....	105
<b>FIGURA 2:</b>	Mapa mostrando a localização do município de São Miguel do Anta e a região de Capivara .....	106
<b>FIGURA 3:</b>	Gráfico apresentando a distribuição percentual dos estabelecimentos rurais em São Miguel do Anta, em função da categoria de área .....	109
<b>FIGURA 4:</b>	Gráfico apresentando a dinâmica das populações urbana e rural em São Miguel do Anta .....	109
<b>FIGURA 5:</b>	Papa Francisco: Quadros das personagens midiáticas admiradas sem rejeição .....	254
<b>FIGURA 6:</b>	Apresentadora Hebe Camargo: Quadros das personagens midiáticas admiradas sem rejeição.....	255
<b>FIGURA 7:</b>	Presidenta Dilma Rousseff : Quadros das personagens midiáticas admiradas sem rejeição .....	256
<b>FIGURA 8:</b>	Apresentador Marcelo Resende: Quadros das personagens midiáticas admiradas sem rejeição .....	257
<b>QUADRO 1:</b>	Questionário da visita prévia .....	258
<b>QUADRO 2:</b>	Questões Abertas, aplicadas no subgrupo Telenovelas .....	259
<b>QUADRO 3:</b>	Questões Abertas, aplicadas no subgrupo Telejornais .....	259
<b>QUADRO 4:</b>	Questionário 1 – Qualidades e Defeitos .....	259
<b>QUADRO 5:</b>	Questionário 1 – Ser, Ter, Estar e Conhecer .....	260
<b>QUADRO 11:</b>	Divisão das personagens admiradas e rejeitadas .....	260
<b>QUADRO 9:</b>	Resumo das Categorias e Aspectos extraídos das sessões de 1 a 4..	260
<b>QUADRO 6:</b>	Questionário 1 – Primeira lista de admiradas e rejeitadas .....	263
<b>QUADRO 7:</b>	Questionário 2 – Segunda lista de admiradas e rejeitadas .....	265
<b>QUADRO 8:</b>	Questionário 2 – Tipo de Pessoa Admirável .....	266
<b>QUADRO 10:</b>	Pequeno perfil dos participantes do grupo de discussão .....	267



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. MUNDO RURAL CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. A relação do mundo rural com os meios de massa .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2. Aproximações e afastamentos teóricos: o conceito de cultura .....</b>	<b>26</b>
2.2.1. <i>Os Estudos Culturais.....</i>	<b>32</b>
2.2.2. <i>Rural na condição de entremeio: processos de percepção/sensação da vida em transformação .....</i>	<b>36</b>
2.2.3. <i>A operacionalidade da condição de entremeio .....</i>	<b>41</b>
2.2.4. <i>A metáfora da transformação em Stuart Hall .....</i>	<b>43</b>
2.2.5. <i>Semelhanças e diferenças: o movimento operatório da cultura de Entremeio .....</i>	<b>45</b>
<b>2.3. Arrematando os pontos .....</b>	<b>49</b>
<b>3. O COMUNICACIONAL E A CULTURA .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1. A importância do comunicacional .....</b>	<b>57</b>
<b>3.2. O conflito das percepções/sensações .....</b>	<b>59</b>
3.2.1. <i>Encontro perceptivo .....</i>	<b>61</b>
<b>3.3. Mudança e escuta nos processos comunicacionais .....</b>	<b>63</b>
<b>3.4. Perspectiva do sujeito em comunicação e objetivos do estudo .....</b>	<b>65</b>
3.4.1. <i>A perspectiva dos sujeitos da/em comunicação .....</i>	<b>67</b>
<b>3.5. Objetivos do Estudo .....</b>	<b>68</b>
<b>4. O RURAL E A COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>71</b>
<b>4.1. O rural contemporâneo .....</b>	<b>73</b>
<b>4.2. A população rural e as instituições: experiências de desenvolvimento da noção de rural .....</b>	<b>75</b>
4.2.1. <i>A dicotomia ainda presente nas perspectivas atuais .....</i>	<b>79</b>
<b>4.3. A midiática tecnológica no rural .....</b>	<b>82</b>
4.3.1. <i>Narrativas não-rurais na televisão .....</i>	<b>86</b>
<b>5. SOBRE JUVENTUDES NO MEIO RURAL .....</b>	<b>88</b>
<b>5.1. Juventude como objeto de estudo .....</b>	<b>89</b>
<b>5.2. Aspectos sobre juventude no rural .....</b>	<b>92</b>
5.2.1. <i>A noção de “Juventude Rural” no Brasil .....</i>	<b>94</b>
5.2.2. <i>Juventude no contexto pobre da agricultura familiar .....</i>	<b>95</b>

5.2.3. <i>As forças produtivas da cultura e do símbolo ancoradas na família</i> .....	101
<b>6. ASPECTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>105</b>
<b>6.1. O local da pesquisa</b> .....	<b>105</b>
<b>6.2. Metodologia da pesquisa</b> .....	<b>110</b>
6.2.1. <i>O corpus da pesquisa e os operadores da análise</i> .....	112
6.2.2. <i>Método do grupo de discussão</i> .....	113
6.2.3. <i>As estratégias de Descrição e de Interpretação do estudo</i> .....	115
6.2.4. <i>O operacional da pesquisa</i> .....	116
<b>7. ANÁLISE DESCRITIVA-INTERPRETATIVA DE CADA SESSÃO</b> .....	<b>121</b>
<b>7.1. Análises Prévias</b> .....	<b>122</b>
<b>7.2. Primeira Sessão</b> .....	<b>124</b>
7.2.1. <i>Conversando sobre Telenovelas: o sentido ao redor dos temas sociais</i> .....	128
7.2.2. <i>Conversando sobre Telejornais: o sentido ao redor das notícias</i> .....	131
7.2.3. <i>Conversando sobre jogadores de futebol: o sentido ao redor das</i> <i>Celebridades</i> .....	133
7.2.4. <i>Considerações</i> .....	135
<b>7.3. Segunda Sessão</b> .....	<b>138</b>
7.3.1. <i>Subgrupo telenovelas</i> .....	138
7.3.2. <i>Considerações</i> .....	146
7.3.3. <i>Subgrupo telejornais</i> .....	150
7.3.4. <i>Considerações</i> .....	157
<b>7.4. Terceira Sessão</b> .....	<b>160</b>
7.4.1. <i>Subgrupo telenovelas</i> .....	160
7.4.2. <i>Considerações</i> .....	168
7.4.3. <i>Subgrupo telejornais</i> .....	170
7.4.4. <i>Considerações</i> .....	179
<b>7.5. Quarta Sessão</b> .....	<b>183</b>
7.5.1. <i>Personagens admiradas: primeira parte</i> .....	183
7.5.2. <i>Qualidades e defeitos; e o Ser, Estar, Ter e Conhecer</i> .....	184
7.5.3. <i>O debate na sessão</i> .....	187
7.5.4. <i>Considerações</i> .....	194
<b>7.6. Quinta Sessão</b> .....	<b>200</b>
7.6.1. <i>Perfil do tipo de pessoa “nota 10”</i> .....	202
7.6.2. <i>Personagens admiradas: segunda parte</i> .....	204
7.6.3. <i>Considerações</i> .....	205
<b>8. ANÁLISES INTERPRETATIVAS DE PONTOS EM COMUM NAS SESSÕES</b> .....	<b>210</b>
<b>8.1. As narrativas não-rurais participando da interlocução</b> .....	<b>211</b>
<b>8.2. O espaço da família como um lugar importante da interlocução midiática</b> .....	<b>214</b>
8.2.1. <i>Distinções sociais e tensões de gênero</i> .....	215

<b>8.3. A interlocução das personagens e dos temas da tevê .....</b>	<b>216</b>
8.3.1. <i>As personagens midiáticas .....</i>	<b>220</b>
8.3.2. <i>A interlocução de “padrinhos” e “madrinhas”.....</i>	<b>225</b>
8.3.3. <i>As interlocuções da protagonista da telenovela e do ídolo do futebol .....</i>	<b>227</b>
<b>8.4. Analisando as frases fortes do grupo .....</b>	<b>231</b>
<b>8.5. Associando as frases fortes aos perfis do tipo de pessoa .....</b>	<b>235</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>239</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>245</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>253</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Há exatamente 20 anos, iniciei meu interesse pelo rural ao ingressar em uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq, quando então éramos estudante de comunicação na Universidade Federal de Pernambuco. O projeto visava estudar a comunicação, as culturas populares e as mídias no rural do interior de Pernambuco. A pesquisa de iniciação científica, as primeiras leituras sobre pesquisa em comunicação e as primeiras viagens de campo pelo interior do Estado me conduziu por uma experiência incomum junto ao rural mais afastado das grandes cidades. Todos os trabalhos produzidos, a partir de então, mantiveram o foco no rural: duas monografias, uma dissertação, um livro, alguns artigos e, agora, a tese.

Tendo na bagagem essa experiência sobre o rural nordestino, alguns desafios se apresentaram no novo caminho de tecer a tese: morando há poucos anos no interior de Minas Gerais, não conhecia ainda o contexto rural da zona da mata mineira; observei poucos estudos desenvolvidos sobre o público rural, principalmente na perspectiva do comunicacional.

Soma-se ao meu estranhamento do lugar a importância do estudo: a invisibilidade das pesquisas sobre mídia e juventude no rural da zona da mata mineira e a dificuldade de viabilizar o empírico, tendo em vista os grandes deslocamentos pelas estradas de barro.

Tentei contornar tais dificuldades empreendendo, em 2012, uma pesquisa prévia por algumas áreas rurais e participando de encontros anuais da juventude rural mineira. Tal pesquisa permitiu conversarmos com os jovens e os extensionistas da Emater/MG, diminuindo meu estranhamento sobre o universo rural mineiro (também encontrei algumas características comuns entre jovens pobres do rural tanto nordestino quanto mineiro). Em paralelo, iniciei uma revisão de literatura sobre “juventude rural” e as pesquisas em comunicação voltadas para o meio rural (seus limites e perspectivas).

Tendo em vista a revisão dos complexos conceitos de cultura e rural, propus olhar pela perspectiva da aproximação constante das culturas rural e urbana, entrelaçamento conflituoso que existe desde o tempo da formação das cidades modernas.

As históricas trocas e contatos das culturas (rural tradicional e urbana moderna) transformaram tanto os contextos pobres no campo quanto na cidade. Nesse sentido, destaquei dois aspectos importantes: um contexto pobre no rural que se distanciou das tradições vinculadas ao rural e que também não alcançou a modernidade da cidade; e a participação

expressiva das mídias nessa relação conflituosa – uma influência que não descarta a força das outras instituições, dos forasteiros e dos migrantes de retorno.

De um lado, produtores de informação que tomam como referência o mundo citadino e, do outro, jovens mineiros no rural da zona da mata mineira, vinculados à agricultura familiar. Esse último aspecto chamou minha atenção para a noção de “zona de interpretação”. A noção se refere ao espaço de sentido produzido entre as instâncias emissoras e receptoras, dispostas lado a lado e em relação constante. Ou seja, nessa área de interpretações, uma interlocução tenta se estabelecer entre mundos distintos e que aponta tanto para o conflito clássico rural-urbano quanto para as tensões entre a narrativa midiática e o público juvenil no rural.

O cenário montado pelos acontecimentos do último decênio me estimulou a observar esse “velho” objeto de estudos da comunicação (a influência dos meios de massa no rural) a partir de uma “nova” abordagem (que dá atenção aos processos comunicacionais envolvidos nas práticas sociais). A partir de 2003, o Governo Federal começou a implementar algumas políticas que beneficiaram os sujeitos dos contextos pobres do campo e da cidade: os programas “Luz para todos”, “Bolsa-família”, “Minha casa, minha vida” e “Minha casa melhor”). Somam-se a isso as políticas de financiamento estudantil, acesso às universidades públicas e estímulos à formação técnica de nível superior.

Tais políticas de desenvolvimento alcançam de maneira diferente cada família e cada rural, mostrando a necessidade de um olhar mais preciso sobre o impacto efetivo de cada um desses programas no cotidiano das famílias. Mas, de um modo geral, a comunidade rural mais pobre parece ser sensível a tais mudanças. Por não se tratar somente de mudanças físicas, as transformações podem envolver um sentido de tranquilidade (ter casa própria ou reformada) e de uma forma de inclusão e de diminuição do isolamento (no consumo de aparelhos eletrônicos, como parabólicas, tevês, aparelhos de som, celulares e computadores). Para o jovem que, com seus motivos não acredita mais no rural, o cenário urbano da nova classe média, das profissões urbanas, do trabalho com carteira assinada, da possibilidade do financiamento estudantil e dos acessos às instituições públicas de ensino superior, se apresenta como o lugar da melhoria de vida. Qual o lugar das mídias diante desse contexto?

Meu foco, então, está naquilo que articula ou empreende um corte nessa área de interpretações entre produções desenvolvidas no âmbito midiático e sentidos produzidos pela juventude no contexto rural mais pobre. Dessa maneira, posso visualizar os processos comunicacionais peculiares envolvidos nas práticas sociais juvenis.

Com a reverberação mais intensa de informações das mídias entre o campo e a cidade, a “presença” do urbano no rural certamente se configurou como o ponto importante a ser observado. Importam menos os clássicos processos de difusão cultural ou relação entre culturas – por meio dos membros das instituições vinculadas ao campo, dos forasteiros e dos migrantes – do que as articulações da mídia com o jovem no rural, que tornam o urbano no rural hoje com uma tonalidade mais associada ao contexto atual.

Portanto, minhas indagações estão enraizadas em um único problema: o conflito, que parece eterno, entre a robusta sociedade moderna, individualista e urbana metropolitana e a singela comunidade tradicional, coletiva e dos contextos pobres do rural. Busquei a visada da comunicação situada no centro da vida, considerando essa articulação ou corte entre mídia e juventude como *tentativas de interlocução* que estimulam uma dinâmica de reflexividade entre os indivíduos e delinea suas conversações.

Diante desses dois mundos distintos, qual a interlocução que tenta se estabelecer? Se na clássica difusão cultural tínhamos, de modo mais intenso, a importância da figura do narrador experiente (migrante, forasteiro, membro da instituição), importa na relação com as narrativas midiáticas o outro, em seu outro mundo urbano, que “toma” o lugar do narrador experiente.

A interlocução que tenta se estabelecer, característica desse urbano no rural, é a da narrativa televisiva não-rural, tendo em vista que o meio televisão se configura como mídia preferencial entre os jovens e o que está fora do rural chama a atenção deles. As tensões aparecem em uma área de entendimentos e interpretações sobre os conteúdos midiáticos preferenciais, que envolvem afetividades e práticas associadas ao contexto vivido.

A tese está organizada em oito capítulos. Os capítulos 2, 3 e 4 correspondem ao percurso teórico da pesquisa, que envolve os temas da cultura, da comunicação e do meio rural; o capítulo 5 disserta sobre o “jovem rural” e seu contexto; o capítulo 6 foi destinado ao método do estudo; e os capítulos 7 e 8 destinados às análises descritiva e interpretativa.

No segundo capítulo, percorri o conceito de cultura, iniciando pela antropologia cultural de Franz Boas, no início do século XX, passando pela problemática ocasionada pela difusão cultural e pelas trocas e contatos das culturas tradicionais com as modernas, lembrando da contribuição latino-americana de Néstor García Canclini com o conceito de culturas híbridas e nos aproximando dos estudos culturais britânicos de Raymond Williams e da noção de transformação de Stuart Hall. Terminei com a crítica à perspectiva do

desaparecimento da cultura, do antropólogo Marshal Sahlins, que se associa à perspectiva das culturas em constante transformação.

Os capítulos três e quatro são mais curtos. Os dois tratam do rural contemporâneo nesse contexto de culturas híbridas, das conexões do tema da cultura com o comunicacional, o conceito de sujeito em comunicação e os objetivos do estudo. Também trabalhei, nesses capítulos, o tratamento dado à comunicação dentro dos estudos rurais, as noções e perspectivas em conflito que envolvem o conceito de rural e midiática tecnológica no campo, bem como a importância das narrativas midiáticas não-rurais na tessitura da experiência da juventude no meio rural.

No capítulo cinco, apresentei uma revisão dos estudos sobre “juventude rural” (e alguns aspectos sobre “juventude urbana”), procurei descrever a situação do jovem da agricultura de base familiar, sua cultura de lazer, condição socioeconômica e os aspectos relacionados à noção de “capital familiar” tão importante à experiência juvenil.

No capítulo seis, dissertei sobre os aspectos metodológicos e técnicos da pesquisa, apresentando o local do estudo, os resultados dos estudos prévios, os critérios de análise, o *corpus* da pesquisa, a experiência do método do grupo de discussão associado à aplicação de questionários e o processo de execução das sessões. A escolha pelo método do grupo de discussão se deu por conta da viabilidade da pesquisa, pois se tornou mais prático reunir um grupo de jovens em um único lugar para discutir sobre os conteúdos midiáticos preferenciais do que empreender visitas em cada propriedade rural. Contudo, o método também foi escolhido pelo seu papel estimulador do grupo para “fazer falar” os participantes.

Inicialmente, com os questionários, procurei identificar a mídia, o canal e os gêneros preferenciais dos jovens até chegarmos aos temas sociais e às personagens das narrativas não-rurais que mais despertam a atenção dos sujeitos. Com isso, procurei delinear *as escolhas do grupo*, que dizem muito sobre quem eles são. O método do grupo de discussão tornou a sala de aula da escola rural um espaço de discussões e conversações sobre quem dialoga entre os temas e as personagens eleitas; quem e o que estimula a reflexividade entre os sujeitos, permitindo o delineamento das conversações.

No capítulo sete, desenvolvi de maneira descritiva os aspectos mais significativos de cada uma das cinco sessões, bem como os resultados dos questionários e das questões abertas – utilizadas para refinar os achados na discussão. No capítulo oito, discorri de modo interpretativo sobre os pontos em comum em cada sessão. Recuperei, neste último capítulo, uma leitura um pouco mais global, vinculando os achados ao tecido da experiência em que as

falas emergiram. As considerações finais apresentam o retorno dos objetivos da pesquisa junto com uma breve síntese dos achados centrais do estudo.



## Capítulo 2

### MUNDO RURAL CONTEMPORÂNEO

O existir socialmente depende do compartilhar das experiências, das situações, de reações e do desenvolvimento de atividades, das práticas de ações e relações que fazem da interação social uma realidade dinâmica, responsável pelo aparecimento e evolução do social, pois o isolamento do indivíduo e de uma cultura não está na base da vida em sociedade. As pessoas edificam uma sociedade (com muito trabalho) apenas, e, somente apenas, quando interagem entre si e transformam sua localidade ou comunidade na interação com outras culturas. Trata-se de *tentativas* de entendimento, entre semelhanças e diferenças, com o outro e a sua cultura – tentativas que são também de comunicação, bem como o início do processo de diluição do isolamento. Nesse exercício árduo de construir o social na interação entre as culturas, salientamos os processos de transformação que se traduzem em modos de ser e de fazer mesclados entre uma cultura e outra, entre o campo e a cidade. Como um social em vias de ser, tais processos, nesse entremeio cultural, reservam não somente diferentes maneiras de ser e de fazer, mas duplamente alterações significativas na paisagem, em alguns padrões de comportamento, mudanças em certos transeuntes e moradores, nos sentimentos, nas emoções e opiniões. As pessoas, no contato com o outro e a outra cultura, percebem e sentem “em trânsito” entre um mundo e outro, dando significado às suas vidas, tendo em vista o momento vivido e a localidade.

O progresso descompassado das regiões isoladas nos séculos passados se tornou aos poucos uma necessidade para os indivíduos locais e para o desenvolvimento das comunidades do interior. Muitas dessas regiões interioranas estavam em Minas Gerais, pois serviram de caminho para clérigos em missão, tropeiros e mascates vendendo artigos diversos e bandeirantes em comboios de escravos. Naquele tempo, a zona da mata de Minas se tornou geograficamente uma região de entremeio, de passagem, que ligava áreas de produção e extração às regiões dos portos brasileiros e a outras grandes cidades que se formavam na época. Chamamos a atenção para a bagagem cultural e de sentido desses transeuntes com muitas histórias para contar do mundo além das montanhas. Imaginamos a circulação dessas pessoas “estranhas” pelos lugarejos isolados que se transformaram depois em regiões de passagem do “progresso”. É inevitável pensarmos que, desde àquela época, a presença e

influência de tais estrangeiros de base cidadina vem provocando transformações nessas culturas locais<sup>1</sup> ou se sobrepondo às tradições das comunidades camponesas e outras de base indígena, tornando-as invisíveis e travando com elas lutas silenciosas.

No decorrer das décadas de movimentação de pessoas diferentes entre as regiões rurais e indígenas, vários povoados localizados nessas áreas de passagem se transformaram em vilas, algumas em distrito e poucas em minúsculas sedes municipais. As primeiras cidades da era moderna no Brasil surgiram em regiões estratégicas para o país, orientadas pela concentração do fluxo socioeconômico e cultural. Poucas viraram metrópoles, centenas se tornaram grandes cidades e milhares permaneceram como cidades de porte médio e pequeno.

Ou seja, o desenvolvimento sociocultural e econômico dessas regiões do país ocorreu de modo descompassado em relação às cidades. Esse descompasso produziu tipos de mundo rural camponês e urbano diferentes de região para região, pois o desenvolvimento de cada região rural camponesa se deu com o crescimento das cidades de seu entorno. E muitas foram as cidadezinhas do interior que se formaram e continuaram conservando as características do seu entorno rural camponês. Quer dizer, essas várias cidadezinhas espalhadas pelo país conservaram uma dimensão cultural, social e econômica própria do lugar marcado pela área urbanizada e pela área rural. Nelas, podemos observar a presença e influência mais intensa de um rural mais simples, o rural da pequena agricultura familiar, mas também de um lugar que possui relações com cidades das proximidades. Enfim, estamos falando do surgimento de relações Cidade-Campo que são mais regionais e diferentes de um lugar para o outro em uma mesma região<sup>2</sup>.

Quando se estuda o rural contemporâneo, torna-se difícil dizer o que ele é se não por sua relação (por sua condição de entremeio) com um mundo além de sua fronteira cotidiana comum. E isso traz o esforço de delinear esse entremeio, tentar tornar um pouco mais visíveis esses intercruzamentos culturais (incompletos, contraditórios e adesivos) que definem o rural camponês hoje. Uma pista pode ser útil nesse sentido: a cidadezinha-sede, que fica afastada da capital e dos grandes polos de desenvolvimento, por vezes, tem mais o rosto do rural de

---

<sup>1</sup> No Brasil do século XVIII, o chamado “Caminho Novo” (1701-03), em Minas Gerais, serviu como área de passagem para os carregamentos das regiões mineradoras até o porto do Rio de Janeiro. A abertura do “Caminho” devastou a Mata Atlântica e permitiu a ligação econômica e cultural da Zona da Mata com a região do Campo das Vertentes, a região Sul e o Além Paraíba, possibilitando o fluxo de mercadorias e migrações sucessivas, caracterizando historicamente a Zona da Mata como uma região de passagem do “progresso”.

<sup>2</sup> É muito comum no Brasil que cidadezinhas do interior se relacionem mais com as cidades polos da região e com a sede urbana do município. Em geral, essas minúsculas cidades mais afastadas geograficamente não têm uma relação mais íntima com a capital do Estado. Na Zona da Mata mineira, as populações de algumas cidades de porte médio e pequeno possuem afinidades culturais mais próximas com a cultura das cidades do Estado vizinho, o Rio de Janeiro, do que com a capital. Em pesquisa anterior (SILVA, 2002), quando estudamos jovens do sertão pernambucano, observamos algo ainda mais curioso: a juventude tinha mais afinidade cultural com São Paulo do que com a sede municipal ou com a capital do Estado.

seu entorno do que de “cidade” propriamente. Falamos de cidades com menos de dez mil habitantes, nas quais as pessoas têm relações mais familiares com os habitantes da roça, já que alguns nasceram na zona rural, têm parentes e amigos que moram no rural, o comércio depende da mão-de-obra local e dos produtos da roça. Essa parece ser uma característica do rural camponês da zona da mata mineira, em que, em geral, tais localidades são mais identificadas com o universo da agricultura familiar de subsistência.

Mas esse aspecto não fecha totalmente a discussão, pois existem realidades rurais diferentes espalhadas pelo país. Contudo, se existem vários rurais, também existem variadas relações e reverberações de informações entre o mundo rural e urbano, principalmente os não-oficiais que transitam no cotidiano. A informação tanto estreita as relações da cidadezinha e seu entorno rural quanto da minúscula cidade e as cidades próximas de referência. Os modos de ser e de fazer no cotidiano camponês se transformam na medida dessas relações com o urbano, entrelaçando hábitos e costumes tradicionais com os traços de uma modernidade tardia e incompleta da cidade grande.

A informação que chega ao rural estimula nos habitantes uma dinâmica de reflexividade, (constituída na relação das pessoas, seja face a face e/ou mediada), que diminui o estranhamento em relação aos outros mundos (a capital, outros Estados e países) e coloca o rural em relação com as cidadezinhas próximas e outras maiores de referência. Sendo a reflexividade um movimento que ocorre a partir das interações das pessoas no social, a troca de informações que responde pelo estreitamento dessa relação rural-urbano – e aí ressaltamos as informações midiáticas – “umedecer” o solo da cultura rural (podendo assorear, fraturar e, assim, mostrar as contradições, mas também diminuir o isolamento “árido” do rural e produzir semelhanças com o urbano) e colabora para a formação do pensar das coisas ao redor e o modo de atuação na comunidade rural<sup>3</sup>.

Nessa dinâmica relacional, as pessoas reposicionam práticas, ressignificam sentidos, reproduzem e atualizam informações à sua maneira, demonstrando suas formas de enfrentamento na vida e de como lidar com o outro. E nisso estão os efeitos diversos da mídia.

---

<sup>3</sup> O conceito de reflexividade é complexo, tem sido bastante usado pela sociologia nos últimos anos, mas sem muita operacionalização. Geralmente, é um conceito que se associa a outros, tais como subjetividade, cognição, pensamento, mente e vida interior (CAETANO, 2011). A função da reflexividade seria de mediar às coisas preexistentes, a vida cotidiana das pessoas em uma coletividade e a vida privada do indivíduo, ajudando a enraizar o social naquilo implícito, secreto e adquirido pelo sujeito ao longo de sua vida pessoal, familiar e coletiva – sob formas de esquemas de percepção e interpretação que orientam as práticas. Por meio do exercício dessa dinâmica, os sujeitos pensam sobre a vida com base nas circunstâncias sociais em que estão inseridos e nos recursos a que têm acesso. Basicamente, existem momentos em que esses fatores preexistentes atuam constringendo os desejos e objetivos futuros e, em outros instantes, atuam ajudando na realização. Mas, sobretudo, as pessoas têm uma compreensão prática do mundo, que lhes permite produzir desvios em face das opções preexistentes ao redor, respondendo ao social enraizado de uma maneira própria, de forma a transformar e produzir outros sentidos.

Destacamos esses efeitos em um universo rural mineiro, aproximando-nos das escolhas particulares de seus habitantes (e seus respectivos grupos geracionais e de gênero: idosos, jovens e adultos; homens e mulheres), que se constitui sempre nessa relação dinâmica e fluida com um mundo além de suas cercanias.

Pensar o cotidiano rural camponês da agricultura familiar da zona da mata mineira significa levar em consideração o crescimento da urbanização das comunidades rurais, na direção de se transformarem em cidadezinhas do interior. Esse aspecto do crescimento dos povoados e comunidades em áreas urbanizadas promoveu, de certa maneira, um primeiro momento de distanciamento da cultura tradicional rural camponesa na direção de um entremeio mais próximo da cultura urbana. Quer dizer, a cidadezinha já seria esse entremeio, uma mescla mais rural do que urbana metropolitana. O entorno rural dessas cidadezinhas acompanharam as mudanças e se tornaram também regiões mais afastadas de suas tradições (estritamente vinculadas às atividades agropecuárias) e se acomodaram elementos externos à cultura. Isso pode ser visível na arquitetura das casinhas simples, nos hábitos que nem são rurais e nem urbanos, no minúsculo comércio familiar (que junta em um mesmo estabelecimento o açougue, o armazém e a padaria), no jeito de ser das pessoas. A cidadezinha e seu entorno rural se transformaram geograficamente nesse espaço com cultura própria, indefinível, com um social construído à maneira das pessoas e de suas escolhas. E em se tratando da juventude nessas localidades, podemos dizer que o jovem “da rua” (morador da sede-urbana do município) é muito parecido com o jovem morador da zona rural e, em alguns casos, mora na roça e trabalha “na rua”. Contudo, tanto os jovens “da rua” ou no rural almejam as médias cidades de referência na região, cidades maiores além do mundo em que vivem.

A presença das instituições poderia ter um capítulo à parte nessa história do rural contemporâneo, em especial a escola, a igreja e os órgãos públicos: a igreja católica batizou pequenas cidades com nomes santos, reforçando sua presença com as paróquias rurais e com as cerimônias tradicionais de reverência aos santos católicos – romarias, cavalgadas, missas especiais, quermesses, batizados coletivos, datas comemorativas etc. (as instituições religiosas no meio rural estão sempre reforçando entre os habitantes os valores tradicionais da família e do casamento); a escola rural se tornou o espaço de sociabilidade por excelência para os jovens rurais, mas também um degrau necessário para quem gostaria de migrar para a cidade grande, já que o material didático distribuído pelo Estado às escolas rurais falava mais de uma realidade urbana do que rural; a “briga política” se tornou comum nessas localidades, quando

o assunto era a sucessão na prefeitura e na câmara dos vereadores; as emendas parlamentares destinadas a uma localidade rural se traduziam em votos para deputados, prefeitos e vereadores; órgãos de extensão rural do Estado mantinham o esforço por “fixar” o homem no campo, enquanto a juventude no rural mantinha seus corações no urbano. O rural hoje, visualizado pela influência das instituições, desenha-se por movimentos de retorno, reforço, contradição, incompletude, dominação e avanço que são frutos das escolhas de seus membros e que constituem a experiência de vida das pessoas.

## **2.2. A relação do mundo rural com os meios de massa**

Em meio a esse universo complexo, cheio de “camadas”, e que se diferencia de uma região para a outra, as informações da mídia circulavam subjacentes às informações demandadas por estas instituições. Em alguns momentos, as informações midiáticas tentaram se acomodar em um espaço e uma cultura de base rural camponesa, enfrentando resistências por parte da escola e da igreja, mas, em outros momentos, as informações midiáticas se desenvolveram sem que as instituições prestassem muita atenção nelas – a escola, inclusive, ajudou na disseminação de valores do mundo urbano. Mas “se antenar” pelas mídias para saber mais sobre o mundo além das montanhas se tornou tarefa fundamental para a diminuição do isolamento da população rural, sobretudo tornando o pensar o rural e a vida no campo menos dependente da mediação das instituições.

Não se trata de uma sucessão simples, mas podemos dizer grosso modo que, em um primeiro momento, a informação do mundo citadino circulava mais pela oralidade, depois passou a trafegar mais pela escrita dos documentos, dos livros didáticos, das cartas e, depois, pelos impressos midiáticos (fotografias, jornais e revistas). E todas essas formas de expressão oral, escrita e mediada pelas tecnologias co-existiram e colaboraram para a circulação das conversas sobre hábitos e costumes desse outro estranho citadino, dessa cultura urbana por trás dos montes. Com os aparelhos eletrônicos de difusão de informações, as conversas cotidianas e a dinâmica de reflexividade das pessoas no rural sobre o mundo urbano foram influenciadas (“umedecidas”) por algumas narrativas da mídia: saber das notícias do mundo e escutar novela no rádio (depois na tevê) se tornou parte do hábito das pessoas no rural.

Podemos dizer que a eletrificação rural foi responsável por essa midiatização rural de base eletrônica e tecnológica. Até mesmo o microfone do sindicalista do campo, o radinho de pilha ou a caixinha de som da igreja precisavam da energia elétrica e da expansão de

cabos, fios, postes e antenas de retransmissão. A eletrificação que atingiu algumas áreas do meio rural permitiu uma penetração tímida dos sinais de rádio e depois de televisão. O radinho de pilha permitiu mobilidade ao agricultor do cabo da enxada, que ouvia música e notícia enquanto trabalhava na lavoura. Mas quando ele chegava em casa tinha que assistir “ao repórter” da televisão. Nesse movimento diário, as mediações tecnológicas se acomodaram ao hábito cotidiano das famílias rurais e o mundo externo chegava ao vivo pelo rádio, pela tevê, mas também por outras narrativas, como filmes e novelas. Tais marcas da midiatização de base eletrônica e tecnológica no meio rural se intensificaram nos tempos atuais: um jovem exhibe ao outro uma foto registrada pelo celular do animal na roça familiar, envia mensagens de texto ao outro, mas o aparelhinho também serve para escutar rádio (ele substituiu o radinho de pilha de ontem); a preferência por escutar notícias e novelas no rádio se transferiu para a televisão (apesar de algumas pessoas ainda escutarem notícias pelo aparelho de rádio ou celular); multiplicaram-se os conteúdos midiáticos, os aparelhos eletrônicos e as antenas de tevê e internet nas casas das pessoas.

Em especial, a passagem da mediação do livro para a midiatização tecnológica foi bem dimensionada por José Luiz Braga (2007) – retornaremos a ele em capítulo posterior. Como falamos anteriormente, essa midiatização só foi possível no rural com a rede elétrica pública, o barateamento dos custos de se ter luz elétrica em casa, a instalação das antenas de retransmissão dos canais abertos tradicionais nos planaltos dos municípios, a facilidade para se comprar esses aparelhos eletrônicos. Vamos esmiuçar essa nossa entrada no tema que nos interessa: a midiatização tecnológica que colaborou para a diminuição do estranhamento do mundo além das fronteiras do rural.

Para explicar o fenômeno, não estamos reduzindo nosso olhar apenas ao movimento da instituição midiática. Seria o mesmo que tentar explicar tal experiência de vida das pessoas somente pela ideia do apego às tradições religiosas no rural, pela perspectiva da dominação instaurada pelas forças políticas que atuam na comunidade rural ou pela contradição do esforço dos órgãos públicos em fixar o jovem no campo enquanto eles sonham com o urbano. Apesar da midiatização no rural, aproximá-lo de outros conhecimentos e acentuar a interação com mundos distintos, a característica dos traços da midiatização em uma cultura rural leva em conta uma mistura de atravessamentos e afastamentos que forma o conjunto das influências (institucionais ou não), repleto de reproduções, insistências e descompassos. Ou seja, na essência, falar sobre esse aspecto significa compreender que a característica de uma

presença e influência mais intensa das mídias no rural passa pelo filtro e pelas escolhas das pessoas <sup>4</sup>.

A influência e a presença variada dos meios eletrônicos de transmissão da informação possibilitaram a aceleração da midiaticização no rural, configurando um capítulo à parte nessa história do rural contemporâneo. Principalmente a partir dos anos de 1980, com a proliferação das antenas parabólicas, e talvez mais a partir dos anos 2000, com as antenas dos canais por assinatura, as pessoas do rural passaram a ter acesso direto via satélite com à narrativa midiática de outros mundos<sup>5</sup>. Elas não estavam mais dependentes dos órgãos responsáveis pela manutenção das antenas que retransmitiam apenas os canais abertos tradicionais. O sinal de transmissão das empresas de comunicação parou de rebater nas grandes antenas situadas nos pontos mais altos da cidadezinha do interior, permitindo que um leque de programações televisivas entrasse direto nos lares rurais, dando autonomia ao sujeito no tocante ao acesso à informação.

Foram os meios massivos de disseminação de informação que ampliaram aspectos do mundo urbano para o público rural, interferindo na mudança de alguns hábitos e costumes, afinando os sentidos e as experiências das pessoas com a cultura das grandes cidades. Essa experiência pode ser visualizada principalmente entre os anos de 1920 a 1970 – período de desenvolvimento tecnológico e disseminação da cultura do cinema, do rádio e da televisão – quando prosperaram as discussões dos pesquisadores sociais em torno da problemática da interferência dos meios massivos nas culturas “menores”, capazes de substituir e descaracterizar os costumes e valores dessas pequenas culturas. Até certo ponto, a preocupação seria pertinente, já que a relação das populações rurais com uma cultura estrangeira que chegava através dos meios eletrônicos de transmissão da informação significava também a acentuação da influência de uma “cultura dominante” sobre as “culturas subalternas”.

As preocupações diziam respeito aos fatores sociais envolvidos entre processos de resistência às mudanças e de transformação das culturas locais. Um exemplo dessa

---

<sup>4</sup> Estamos nos referindo às escolhas constituídas em meio a tensões, conflitos e semelhanças, tendo em vista o que está ao alcance dos habitantes do rural. Respeitar tais escolhas significa compreender a forma como os sujeitos organizam suas experiências envolvidas com a presença das mídias eletrônicas.

<sup>5</sup> Muitos autores já afirmaram que as populações chamadas de periféricas passaram da pré-modernidade para a pós-modernidade sem o “estágio probatório” na modernidade, assim como os países ditos desenvolvidos. Não entendiam que as tais “populações periféricas” desenvolviam suas próprias formas de sociedade, tendo em vista suas diferentes realidades. Tais escolhas próprias estariam cada vez mais sofrendo a experiência da presença e da influência das mídias. “No caso do Brasil, chama a atenção a rapidez com que cresceu nas últimas décadas o acesso aos meios de comunicação, criando em todo o país um gigantesco público consumidor de bens simbólicos midiáticos. Segundo a Revista Mídia e Dados, em março de 1999 o número de aparelhos de televisão no Brasil era de 53 milhões e 573 mil, atingindo um total de 37 milhões de domicílios, em 4.974 municípios, ou seja, 100% do território nacional” (BRUCK, 2006, p.136).

preocupação estaria na citação da antropóloga Maria Sylvia Franco Moreira, em artigo escrito à Revista de Antropologia no ano de 1963:

Apenas recentemente vêm se acentuando nas povoações e no mundo rural, as transformações tendentes a provocar o abandono dos padrões tradicionais de vida. Desse modo, podemos observar aí, em estado quase puro, a persistência de elementos de estabilização do sistema social, contrários a qualquer forma de mudança na estrutura de relações sociais e econômicas, ao lado da penetração de outros que se lhe opõem e que forçam a incorporação de um novo estilo de vida. Esta situação “in flux” é especialmente favorável para a pesquisa sociológica, pois ela permite que se conheça a importância dos diferentes fatores envolvidos (especialmente os que se referem a representações e ideologias), enquanto o ajustamento está se processando, momento em que as pessoas submetidas têm conscientemente formulados os motivos e fins de sua ação e não se comportam ainda frente às novas situações de maneira semi-reativa, de acordo com formas rotinizadas (MOREIRA, 1963, p.30)

Moreira (1963) indagava sobre as representações e sentidos envolvidos na transformação da cultura que “abandonava os padrões tradicionais de vida”, consequência da tensão entre processos de resistência aos padrões estáveis do social e processos de mudança da estrutura das relações sociais que “forçam a incorporação de novo estilo de vida”. A autora fala de um ajustamento se processando, onde as pessoas teriam a consciência da mudança e das ações, mas, ao que parece, sem muita reflexão.

Já o sociólogo Luiz Augusto Milanesi considerou, em um dos primeiros estudos sobre comunicação social no Brasil, como “violenta” a ação da televisão em uma cidadezinha do interior paulista, pois “a programação organizada pela capital e para a capital, onde havia consumo mais amplo e desenvolvido, chegou ao interior com os mesmos esquemas” (MILANESI, 1972, p.214). O autor não diz, mas sua preocupação estava nos processos sociais enquadrados pelas mídias que resultavam em interpretações que tomavam como referência o mundo urbano, já que os produtores de informação moravam e trabalhavam nas grandes cidades em que também estava situada a sede da empresa de comunicação.

A partir dos anos de 1970, o conflito de valores e significados se intensificou, com a multiplicação nos lares das pequenas cidades do interior e nos entornos rurais dos aparelhos de televisão:

A introdução e a rápida disseminação desse novo elemento na coletividade [a sociedade de consumo via televisão] provocaram mudanças claramente perceptíveis, inclusive para aqueles que, dentro do processo, percebiam as alterações não apenas no meio, mas no próprio comportamento. Estas, vistas como normais dentro das transformações da sociedade, com resistência isolada e pouco significativa, foram aceitas. As alterações observadas situaram-se ao nível dos costumes, entendidos aqui como padrões de comportamento que o meio sancionou; ao nível das atitudes, caracterizadas como tendência para determinada postura em relação ao meio. Novas atitudes e costumes puderam ser identificados, pois se manifestavam externamente. Se as pessoas deixavam de fazer visitas ou se o conteúdo das conversas restringia-se



aos programas televisados, isso poderia ser notado e era. Já os novos valores, compreendidos como opinião e atitude em relação a objetos, posturas, regras, técnicas, pouco foram observados, ainda que mantivessem estreita ligação com atitudes e costumes (MILANESI, 1972, p. 14).

Milanesi (1972) explicou que a televisão na cidadezinha do interior não deveria ser encarada apenas como passatempo. Nas entrevistas do pesquisador, as pessoas reagiam com espanto e indignação à hipótese de a televisão deixar de existir na vida deles, pois “o telespectador reage como se estivesse sendo logrado, perdendo os seus direitos. Por isso, a perda definitiva da televisão pode ser vista como uma catástrofe” (MILANESI, 1972, p. 212). Mais do que divertimento inócuo, a televisão teria uma “força didática”, segundo o autor, capaz de proporcionar retenção das informações de maneira mais completa que o ensino sistemático das escolas públicas, já que o meio audiovisual atuava de maneira demorada entre as pessoas:

Tudo que se refira à programação da TV é do conhecimento geral. Inclusive, as pessoas que ainda não compraram o seu aparelho receptor dão respostas às perguntas sobre horário dos programas, nome dos apresentadores, artistas de novelas e outras. Já as questões relativas ao aprendizado nas escolas criam embaraços (MILANESI, 1972, p. 212).

Podemos dizer também que, tanto na cidadezinha quanto no seu entorno rural, os meios massivos se tornaram aliados em um processo irreversível de transformação da cultura dos sujeitos habitantes dessas localidades – em especial o meio televisão<sup>6</sup>.

A televisão nos anos de 1970 funcionou como um mecanismo de educação informal, pois onde não havia escola rural tinha um aparelho de tevê<sup>7</sup>. No entanto, igualmente a televisão aproximava culturas, o que se configurou, de um lado, uma preocupação para os pesquisadores e, do outro, uma necessidade às populações dessas regiões: toda a informação que vinha de fora passou a ser encarada como conhecimento; assistir à televisão se tornou um direito à informação e ao lazer. Por isso, na visão de mundo das populações do interior, a relação com os sentidos impressos nos conteúdos dos meios massivos era vista como normal e bem-vinda para o progresso sócio-cultural da região.

---

<sup>6</sup> Entre os meios eletrônicos de transmissão de informações, a televisão sempre se destacou como o meio preferencial nos contextos de vida popular. Para os lares rurais, o meio televisão, aos poucos, abriu os sentidos dos sujeitos para o mundo estrangeiro, o outro estranho na tela que entra nos lares das famílias, propondo outros hábitos, diferentes falas, costumes e sentidos. Esta relação mediada pela experiência com o outro na televisão se tornou essencial à vida das pessoas nas cidadezinhas do interior – como observou Milanesi (1972) – pois a informação sobre o mundo além das cercanias do distrito e seu entorno rural se transformou em um item de primeira necessidade, um direito conquistado. Lá na distante década de 1960, a população da cidadezinha do interior paulista e de seu entorno rural já dava valor a tal experiência (MILANESI, 1972).

<sup>7</sup> Alguns programas na tevê aberta eram considerados educativos, como o *Vila Sésamo* (TV Globo), por exemplo. Havia um quadro no programa que dizia: “Esse programa é patrocinado pela letra A” e os apresentadores seguiam dando exemplos de palavras com a letra A.

Existia, entre os pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas, a percepção de um sujeito passivo às informações advindas da cultura de massa<sup>8</sup>. Contudo, o decorrer da experiência das pessoas com as mídias de massa mostrou um processo próprio de racionalização das informações por parte dos indivíduos, tanto das informações escritas e orais que circulavam pela região quanto das mediadas pelas tecnologias. Aos poucos, as pessoas entrelaçavam os traços de certos conteúdos das mídias com essa lógica própria de racionalização de informações<sup>9</sup>, produzindo uma leitura social da mídia que se emaranhava com a vida. Em alguns casos, podia até mobilizar inclusive alterações nas leis, contestações das normas e dos valores instituídos na comunidade local.

Os sujeitos no espaço e na cultura de base rural, portanto, sempre se mostraram ativos no processo de relação com os meios eletrônicos de transmissão de informação, preservando seus costumes, mas se adaptando às mudanças ou necessitando se apoiar em suas experiências de vida para entender o mundo além do rural via mídia, sem que esse movimento tenha sido identificado como “substituição” ou “descaracterização” dos padrões de comportamento. A televisão como “janela para o mundo” permitiu às populações rurais experimentarem o pensar sobre o outro que se via nos meios massivos, partilhando sentidos e informações e tornando os meios indispensáveis à experiência de vida.

### **2.3. Aproximações e afastamentos teóricos: o conceito de cultura**

Falamos de textos históricos (MOREIRA, 1963; MILANESI, 1972) preocupados na época com a intensificação da relação da sociedade moderna com as comunidades tradicionais, ainda mais tendo em vista a indústria cultural. A cultura e a vida familiar se tornaram objeto de estudo de várias pesquisas que vieram em seguida, preocupadas com a penetração dessa “indústria do espírito” e com a “colonização da alma” na esfera privada doméstica, um modelo que recortava do real alguns pedaços das culturas para fabricá-las industrialmente e vendê-las comercialmente (LEAL FILHO, 1988). Como dissemos, esses foram textos marcados por sua época.

---

<sup>8</sup> A cultura de massa nasceu da articulação da cultura com o capitalismo no início do século XX. O olhar pejorativo diz ser a cultura de massa desprovida da cultura elevada e reflexiva das elites intelectuais, característica de uma cultura do povo. Seria uma cultura de fácil acesso ao povo iletrado, que busca agradar seus sentimentos menos nobres, por isso ela seria apenas superficial e emocional. Os defensores da cultura de massa explicaram que ela difundiu o conhecimento e ampliou o público da chamada “arte elevada” à cultura do povo, mantendo sua diversidade cultural (ROOTES, 1996).

<sup>9</sup> José de Souza Martins (2012), nas entrelinhas, explicou que o habitante do rural tem uma lógica própria, diferente dos habitantes das cidades, bem ali quando ele fala que utilizou a concepção sociológica de “situação de classe social” para “indicar coincidências e diferenças entre operários e camponeses” (p. 58) e, a partir de então, desenvolve tais diferenciações ao longo de 57 páginas do livro *A sociedade vista do abismo*.

Falar do rural pressupõe entrar pela problemática da Cultura e, nesse contexto de relação com a chamada “indústria do espírito”, precisamos delinear os caminhos teóricos do conceito para alcançarmos a *questão do contato e das trocas* das comunidades tradicionais com as sociedades modernas, colocando em cena um possível conflito Rural-Urbano.

Começamos por uma das obras consideradas entre as mais importantes da antropologia norte-americana, *The Mind of Primitive Man* (1911) – publicada pela primeira vez no Brasil em 2010, sob o título *A mente do ser humano primitivo* – do antropólogo Franz Boas, que tratou da relação da cultura com a mente humana como uma articulação necessária para o desenvolvimento da lógica própria das comunidades. Tendo a noção de difusionismo do século XX como cenário, o relativismo cultural se tornou a perspectiva principal de Boas, que desafiou e reformulou ideias vigentes e predominantes na época para fundar, assim, a moderna antropologia cultural<sup>10</sup>. Boas (2010) afirmou que ao separar os termos *raça* e *cultura* para observar a personalidade, podemos observar a estrutura corporal dos grupos raciais e sua vida cultural. Com isso, cada cultura teria seu ritmo de desenvolvimento, em função da mente do indivíduo na relação com suas práticas. Com esse foco que une o fisiológico ao psicológico, retemos o que disse o pesquisador sobre a questão da articulação da mente (processo de significação) com as práticas dos indivíduos enquanto condição para um desenvolvimento cultural em um ritmo próprio de cada grupo social. Para o antropólogo, a cultura seria:

a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo (BOAS, 2010, p. 113).

Não eram os costumes e as crenças que importavam para o antropólogo, mas a construção da história do desenvolvimento da comunidade e as razões da existência desses costumes e crenças. Para tanto, fazia-se necessário saber não somente sobre a comunidade, mas também entender como ela surgiu. A *exigência* de Boas em torno do histórico significava identificar cada traço e configuração cultural visível, por conta da existência na cultura de alguma forma antecedente específica. Os aspectos mais insignificantes da vida social da comunidade tinham importância, pois seriam expressões de acontecimentos históricos. A

---

<sup>10</sup> Autores que cuidaram de analisar a obra do autor afirmaram que, no fim do século XIX, Franz Boas teria sido um dos poucos cientistas que insistiram na crítica aos princípios da Teoria da Evolução Cultural e seu raciocínio dedutivo, demonstrando seus problemas de validade e o caráter dominante etnocêntrico das pesquisas etnológicas. Em seus estudos, Boas priorizava mais os fatos do que as teorias especulativas (C.f.: ROHNER, Ronald P. [ed.]. *The Ethnography of Franz Boas: Letters and Diaries of Franz Boas Written on the Northwest Coast from 1886 to 1931*. Chicago/EUA: University of Chicago Press, 1969).

abordagem de Boas, portanto, seria exigente nos mínimos detalhes quanto aos fenômenos locais.

Podemos observar um aspecto interessante na perspectiva boasiana quanto à *relação do humano com o meio ambiente* (e que tem a ver com o tema do *espaço* e da *cultura*). O meio ambiente, o espaço, seria coadjuvante da cultura, podendo até estimular atividades culturais, mas sem determiná-las. Ou seja, podemos dizer que no espaço rural não importa tanto se existe terra boa para plantar, riachos limpos e muitas árvores, mas o quanto esses recursos naturais do espaço influenciam no plantio de algumas culturas (ou na construção de um campinho de futebol), nos diversos usos do rio (para pescar e nadar) e da madeira para o fogão de lenha. O ambiente interage de uma maneira singular e dependente da cultura de cada rural, na medida do ajustamento desse espaço rural com a vida social das pessoas. Do jeito que é possível o lazer na roça acontece, seja no campinho de futebol ou no modesto espaço de lazer. Também na medida das possibilidades é feito o trabalho de plantio de certas culturas, apesar da falta de estímulo institucional para a produção de outros produtos da roça – limitada à produção agropecuária familiar e a pequenas monoculturas. E podemos dizer que, seguindo um pouco a lógica dos fatores limitantes de Boas, existe também uma midiatização no espaço rural que acontece ao alcance das pessoas, da maneira própria dos sujeitos da roça, tendo em vista a ausência de outras mídias, que limita as escolhas e as preferências da população rural.

Outro aspecto interessante na perspectiva boasiana seria com relação ao tema da *difusão cultural*. Para ele, não existe forma cultural que se constitui autônoma e independente de influências externas. As migrações e o contato com outros povos responderam pela difusão de traços culturais e pelo desenvolvimento de processos de semelhança e diferença cultural. No entanto, a perspectiva boasiana entendia que importava menos os processos de difusão do que as transformações nos padrões de comportamento de uma comunidade; interessava as diversas maneiras de aceitação e rejeição de determinados elementos, e não outros, por meio da difusão e dos contatos culturais.

Em resumo: um estudo de cultura na perspectiva boasiana exige analisar a heterogeneidade das culturas que seria explicada a partir do ritmo de articulação do processo de significação dos indivíduos com suas práticas, constituindo a experiência que se define no contato social. Existem fatores limitantes do espaço rural conforme as atividades culturais dos sujeitos, fazendo com que também as pessoas ajustem sua vida social cotidiana de acordo com aquilo que tem ao seu alcance (nisso importando menos a influência do espaço rural do que a constituição das práticas no social). Mas o que podemos reter dessa perspectiva para nosso

estudo? A visada de que as pessoas se ajeitam à sua maneira na comunidade, desenvolvendo percepções e práticas dentro dos limites do ambiente rural conformado pela vida social; o aspecto de que, ao migrarem, as pessoas possibilitam uma difusão cultural; o elemento das transformações culturais como mais importante que o da difusão cultural; e o interesse em saber como determinados elementos se tornaram preferenciais em relação a outros, a partir do movimento da semelhança e da diferença com outros povos.

Especificamente no tocante à articulação das culturas urbana e rural (que denota relações complexas e históricas, como “sociedade e comunidade”, “tradição e modernidade”), observamos que o foco nas transformações e na difusão entre as culturas nos remete às preocupações de outro antropólogo, nos tempos modernos. Robert Redfield<sup>11</sup> no clássico *The primitive world and its transformations*, publicado em 1956, analisou os acontecimentos que envolviam as populações chamadas “folk” (camponesas).

O que parece diferente em Redfield (1964) é sua afirmação de que o camponês surgiu com a cidade e se caracterizou em um tipo humano “não-primitivo”, morador do entorno citadino. Ele, então, desloca o olhar da perspectiva do mundo “civilizado” para as origens da humanidade no “primitivo”, tentando observar as transformações da cultura dos povos “primitivos” para uma cultura camponesa que o autor vai chamar de “pré-civilizada”. E assim, por meio de constantes transformações, os povos “pré-civilizados” se tornariam “civilizados”. Ao focalizar as transformações nos modos de pensar e fazer de alguns tipos básicos de homens e mulheres do meio rural, Redfield (1964) explicou que tais transformações dos indivíduos de “primitivos” para povos “pré-civilizados” foi algo que surgiu com a formação das cidades.

Nossos historiadores das civilizações antigas, quando passam a descrever cidades tão antigas e altamente desenvolvidas quanto as do Egito ou da Mesopotâmia no terceiro milênio antes de Cristo, usam a palavra “camponês” para aqueles povos próximos cujos trabalhadores possibilitaram o aparecimento da cidade. A palavra indica um tipo humano. Ao invés de utilizá-la, como alguns o fizeram, para qualquer comunidade com produtores de pequena escala para o mercado, vamos reservá-la para um novo tipo. Foi preciso a cidade para que a palavra viesse a existir. Não havia camponeses antes das primeiras cidades. E os povos primitivos que sobrevivem e que não vivem em função da cidade, não são camponeses. Os índios Siriono não são camponeses; e nem os Navajo. É, porém, possível caracterizar positivamente os povos que o são. O camponês, como homem primitivo da tribo, é indígena. Ele vive onde sempre viveu e a cidade originou-se de um tipo de vida que

---

<sup>11</sup> Entre 1926 e 1930, o antropólogo norte-americano Robert Redfield viajou para o México para realizar pesquisas comparativas em quatro comunidades em diversas fases de confrontação com a sociedade moderna. Até 1950, Redfield se dedicou ao estudo sobre a vida dos camponeses nesse país. O livro “O mundo primitivo e suas transformações” marca a segunda fase do autor, que deixa os estudos folclóricos e camponeses para se dedicar a compreender as implicações da mudança cultural mais ampla, sintetizando os estudos antropológicos em um estudo histórico da civilização.

também é seu, quanto aos costumes e crenças fundamentais (REDFIELD, 1964, p. 35).

A formação das cidades, então, responde pela transformação dos povos primitivos em populações “pré-civilizadas” de base camponesa, pois são estes os povos próximos da cidade, que caracterizam um “novo tipo” humano não-citadino. Apesar de evolucionista, essa concepção nos revela três aspectos: primeiro, a perspectiva do camponês como um tipo humano “não-primitivo”, ou seja, um híbrido entre o “primitivo” e a “civilização”; segundo, a noção de um rural que se constituiu, ao longo dos anos, mais intensamente na relação com a cidade, mesmo conservando traços do “primitivo”; terceiro, a crítica à noção instituída que convencionou a caracterização do camponês como morador da roça, trabalhador do setor primário responsável por abastecer o mercado da cidade. A partir de Redfield (1964), podemos observar (não por uma perspectiva evolucionista) que o camponês seria um sujeito híbrido que conserva traços das tradições tanto associadas ao tipo humano “primitivo” – ou comunitário, coletivo, local, próximo da natureza – quanto do tipo “civilizado” – individualizado, global, progressista e moderno; que sofreu a presença e a influência mais intensa do mundo urbano das cidades e, assim, sendo caracterizado basicamente a partir dessa relação com a cidade enquanto um indivíduo vinculado às atividades estritamente agrícolas e agropecuárias. Nessa condição de entremeio entre o “primitivo” e a “civilização”, o camponês sempre seria um sujeito em vias de ser, ainda indefinível ou, na falta de um nome melhor, definido simploriamente como “um novo tipo”.

Aos poucos, esse sujeito híbrido passa a existir (e a sobreviver) tanto longe de suas tradições ainda com resquícios do “primitivo” quanto muito distante da modernidade (progressista e global) e seus traços de “civilização”. Nessa condição de entremeio, o camponês se desenvolveu, desde o início da formação das cidades, em relação de troca e de contato cultural e simbólico com o mundo além das cercanias rurais, constituindo uma mescla de mentalidades e práticas visíveis nas suas próprias maneiras de perceber, resistir e aderir às transformações, em meio a tensões, conflitos e convergências. Nesse caminho, o camponês ou o sujeito no rural recebeu a colaboração das instituições, que reforçaram a relação Campo-Cidade e a condição de entremeio do indivíduo. Por meio de formas institucionalizadas, o sujeito no rural entrou em contato com o mundo além de suas cercanias. Um exemplo seria a figura do forasteiro: as instituições contribuíram para tornar o forasteiro mais cognoscível aos olhos dos moradores da comunidade. Assim também aconteceu com os valores urbanos.

Redfield (1964) afirma que, para ser aceita, até mesmo a diversão precisou ser institucionalizada. Isso nos faz lembrar alguns aspectos sociais que se tornaram presentes nos distritos urbanos e cidadezinhas do interior (como já dissemos, minúsculas cidades com padrões de comportamento sociocultural mais rural do que urbano) possivelmente por conta das instituições: a banda de música, ou o grupo de violeiros tocando na pracinha, formada por amadores da associação ou amantes da viola; as festas organizadas pelos devotos da paróquia; o teatrinho de rua realizado pela juventude católica local (eventos que por vezes contavam com a presença de pessoas moradoras do entorno rural). Esses e outros aspectos podem ser considerados como “diversão amadora” com um sentido de integração da comunidade, de reafirmação das tradições, dos valores da cultura local. Para o autor, foi o mundo urbano que apresentou ao mundo rural a chamada “diversão profissional leiga”. Ou seja, uma diversão técnica, produzida por especialistas, desprovida de um compromisso com o sentido circulante e com as instituições locais. Talvez a “instituição mídia” se encaixe como exemplo dessa diversão leiga.

Até os anos de 1960, no entanto, ainda predominava essa ideia da aculturação entre os pesquisadores sociais. Os estudos de aculturação ou mudança cultural analisavam a introdução de “elementos estranhos” nas comunidades indígenas em função da relação com o camponês e com o cidadão, mas também as mudanças nas comunidades camponesas em virtude do contato com o mundo urbano. Os aculturalistas incorporavam a perspectiva funcionalista, enxergando a mudança cultural como processo mecânico que substituíra os elementos da cultura original até o momento de sua extinção ou descaracterização. A cultura, para esses autores, era vista como um produto acabado, um estoque de traços culturais, passado como herança genética para os jovens; no contato com outras culturas os traços culturais eram substituídos, ocasionando uma combinação sincrética que enxergava esta mescla de culturas como uma decadência cultural. Havia a concepção de que, ou as culturas se entregavam à dominação de outras culturas e aos processos de homogeneização cultural, ou resistiam se fechando cada vez mais para se proteger das mudanças vindas de fora.

Depois dos anos de 1960, o termo aculturação arrefeceu e alguns setores da antropologia chamaram as mudanças culturais de sincretismo ou mudanças sincréticas, tentando sair do termo aculturação. Nos dicionários da língua portuguesa, a palavra “sincretismo” significa uma mistura mais ou menos confusa de doutrinas, ajustes de concepções diversas. Na academia, o sincretismo foi visto como sinônimo de uma mistura confusa e paradoxal de elementos das culturas, fruto das imposições do evolucionismo e do

colonialismo. O sincretismo seria um “aglomerado indigesto”, com uma incoerência de elementos de origens diversas incorporadas em um mesmo objeto. De maneira simples, podemos dizer que a palavra “sincretismo” significa uma fusão de elementos culturais diferentes, que tentou explicar a mescla de sentidos e práticas de culturas, mas sem conseguir dar conta da complexidade produzida por esses encontros<sup>12</sup>.

Nessa mesma época, Geertz (1957) em *Ritual and Social Change: a Javanese Example* já tinha proposto uma saída das teorias funcionalistas, ao distinguir os processos sociológicos e culturais e separar a questão da integração social dos processos de mudança cultural, afastando a concepção de “descaracterização” cultural como realidade da mescla de culturas. Com isso, essa situação da mescla não seria vista como destruição dos modos tradicionais de vida, mas como processo de construção de um novo estilo de vida, encarando a cultura como sendo dinâmica e adaptativa<sup>13</sup>.

### 2.3.1. Os Estudos Culturais

Ao longo dos tempos, algo da cultura e do símbolo da cidade parece ser mais forte na relação com o rural: os valores urbanos estavam contidos nos livros paradidáticos adotados pelas escolas rurais, os órgãos de extensão e de assistência técnica ensinavam sobre a importância das tecnologias desenvolvidas nos grandes centros, os excedentes da produção eram vendidos nas feiras livres das cidades etc. Essa influência da cidade sobre o campo se intensifica com a presença dos meios massivos. Quer dizer, temos nessa relação rural-urbano uma hegemonia cultural citadina sobre as comunidades.

Todavia, a visada boasiana de que as pessoas se ajeitam à sua maneira na comunidade, com suas próprias percepções e práticas dentro dos limites da vida, convidam nosso olhar para o problema da Cultura e seus elementos de transformações, de semelhanças e diferenças na relação com o mundo hegemônico citadino. Seguindo as tradições do estudo sobre

---

<sup>12</sup> Sincretismo pode ser uma “reunião de ideias ou de teses de origens disparatadas”; “visão de conjunto, confusa, de uma totalidade complexa”; “amalgama de doutrinas ou concepções heterogêneas”; “fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagonicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários”; “percepção global e indistinta, da qual surgem, depois, objetos distintamente percebidos” (FERREIRA, A.B.de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996, p.1.589).

<sup>13</sup> Alguns críticos da Etnografia afirmam que o método se caracterizou por um excessivo tratamento unitário da cultura, em detrimento de seus aspectos universais (ou de relação com o universal) e que trouxe uma sensação de que as formas culturais ocorreram de maneira “mecânica”, atrelada à história de seu desenvolvimento. Os críticos afirmam que a etnografia também gerou um determinismo cultural que considerava o sujeito uma impressão da cultura. O excessivo foco na cultura, o caráter descritivo das pesquisas que transformaram a Etnologia em Etnografia, a preocupação exagerada por documento ou por qualquer registro possível dos “povos primitivos” seriam aspectos que mostraram também as falhas desta exigência da reconstrução histórica defendida pelo método etnográfico (C.f.: MELLO, L.G. de. Antropologia Cultural. Iniciação, Teoria e Temas. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983. MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. Antropologia: uma Introdução. São Paulo: Atlas, 1992).



comunicação e cultura, apoiamo-nos nos estudos culturais britânicos na busca de esclarecer o assunto.

Importante destacar que o conceito de cultura ainda estava sendo construído na academia durante todo o século XX. Antes do século XVII, o conceito de cultura estava associado ao de natureza; cultura era toda a espécie de cultivo: de plantas, animais, de deuses, mas também de monumentos e de conhecimentos. Com o tempo, essa ideia que se referia ao campo prático, o lidar com a terra e com o orgânico, estende-se também ao campo espiritual. Depois dessa época, e até o século XIX, as teorias evolucionistas permaneceram fortes, influenciando o conceito. Com as expansões marítimas, os exploradores europeus começaram a desembarcar em terras “selvagens” e a comitiva de cientistas observou que os indígenas ou selvagens realizavam cultos diferente dos europeus, o que modificou a visão simples de cultura. O povo selvagem e viril que vivia junto à natureza tinha modo de ser e de fazer que, pela perspectiva eurocêntrica, era considerada menor, primitiva, de baixo calão, com ritos, hábitos e costumes em um estágio mais rude do processo evolutivo da cultura dita civilizada. O chamado mundo primitivo, então, precisava subir degraus da evolução para alcançar o ponto mais alto, com o objetivo de se tornar uma cultura mais refinada<sup>14</sup>. Tempos depois, entre os séculos XIX e XX, a noção de cultura começou a se vincular ao capitalismo e passa a ser ameaçada pelo surgimento de uma cultura de massas. Por vezes, cultura foi compreendida em oposição ao capitalismo, referindo-se aos valores da vida e do espírito, em contraste com as coisas materiais. Os adeptos da noção de cultura como “alta cultura” não se afinaram à forma de vida utilitarista, funcional e material do capitalismo e seu amontoado de ferramentas especializadas.

Mudanças no olhar europeu, que encastelava a cultura no intelectualismo e enxergava todas as outras como miúdas, ocorreram quando os cientistas começaram a *relativizar* e a questionar o antagonismo dicotômico pejorativo entre cultura civilizada e primitiva. O ato de relativizar significou reconhecer a existência de mundos chamados de primitivos que construíam suas próprias maneiras de compreensão, não mais atreladas à evolução necessária para o mundo “civilizado”. Lá pelo século XIX, a noção de cultura se transformou mais uma vez, pois os estudiosos começaram a entender que existiam não apenas as diferenças entre

---

<sup>14</sup> Em Roger Chartier, no livro “A história cultural: entre práticas e representações”, a definição de “povo” nos dicionários da língua do século XVIII foi pensada pela oposição feita do latim *populus* e *plebs*. Podemos perceber que “povo”, então, era considerado todo o sujeito que pertence a contextos populares: “*Povo*. Esta palavra significa frequentemente à parte menos considerada de entre os habitantes... Assim, há uma grande diferença entre a palavra francesa *povo* e a palavra latina *populus*. Nesta acepção, quer dizer aquilo que os romanos chamavam de *plebs*. Há muito *povo* no bairro dos *Halles*. Neste sentido, corresponde a povinho, a povo miúdo, isto é, à arraia-miúda. Utiliza-se o termo mais ou menos no mesmo sentido por oposição aos que não são nobres, ricos ou esclarecidos”. (Dictionnaire de Trévoux, 1771 *apud* CHARTIER, 1990, p.192).

culturas, mas também internamente em uma mesma cultura, com formas de vida singulares que ofereciam aos indivíduos possibilidades distintas para a realização de seus objetivos. Constrói-se, então, uma perspectiva para pensar as culturas a partir das novas ideias relativistas que abriram caminho, no século XX, para se pensar a importância da heterogeneidade das culturas no processo de fornecer uma pluralidade de sentidos às diversas práticas de seus membros. Alguns focalizaram, de modo excessivo, a singularidade de cada cultura, o que permitiu o surgimento de uma abordagem estruturalista que alertava para a existência, em um mesmo espaço onde habitavam várias culturas, de elementos universais em um sistema de signos estruturado e partilhado por todas as distintas tribos ou grupos de uma região<sup>15</sup>.

A articulação da cultura com o capitalismo se intensificou ao longo de todo o século XX e já na sua segunda metade, em meio aos movimentos sociais do período, o cenário de euforia com a cultura de massa interessou, a partir dos anos de 1970, os assuntos sobre cultura e mudança cultural entre pesquisadores britânicos do *Centre for Contemporary Cultural Studies*. As pesquisas do Centro visavam compreender esse terreno heterogêneo da cultura de massa.

Um dos fundadores do instituto<sup>16</sup>, Raymond Williams (1979), retomou o conceito de cultura e propôs separá-la do conceito de natureza, na tentativa de definir o termo e estabelecer um protocolo de observação. Pela teoria cultural do autor, a noção de cultura não estaria mais vinculada ao natural (biológico, genético) e às formas primárias do etnocentrismo. Cultura seria um *resíduo* das análises das estruturas sociais e das práticas civilizatórias na sociedade (com isso, o autor também circunscreve “cultura” mais no território das Ciências Humanas e Sociais). O autor também pensou em culturas, no plural, sugerindo pensar as próprias formas de organização social e estilo de vida de cada povo.

A cultura como resíduo permitiu circunscrever o estudo às análises mais específicas das línguas, dos rituais, dos hábitos, dos significados dos usos dos objetos, entre outros. Essa ênfase ressaltou a importância da língua como um processo dialético do conhecimento cultural e prático das pessoas. E o estudo da língua convocou a análise da literatura, como forma específica de desenvolvimento sócio-histórico da oralidade escrita de uma cultura. Essa associação permitiu o crescimento da história da linguagem social dos povos, mas também

---

<sup>15</sup> O relativismo cultural incorreu no risco de desenvolver argumentos falaciosos, justificando arbitrariedades praticadas em uma cultura, sem uma reflexão crítica. Por isso que se desenvolveu uma abordagem mais crítica ao relativismo cultural em torno de questões sobre a necessidade de parâmetros críticos universais que referencializem o respeito à vida e a humanidade.

<sup>16</sup> Raymond Williams tinha origens na aldeia britânica; E. P. Thompson era filho de operário; e Richard Hoggart era filho de um ferroviário.

novos meios, formas e definições de um pensamento prático em transformação. Observar a literatura não significou cultivar a “elevada moral”, mas sim observar a prática discursiva e ideológica contínua e transformadora de uma sociedade.

O cultural e o campo dos sentidos passaram a ser vistos no conjunto de uma “força produtiva” e determinante das coisas na totalidade da vida, no mesmo patamar de importância do social e do econômico, força responsável pela construção de todos os meios de produção e reprodução da vida e da coletividade.

A cultura hegemônica e suas formas de significação, portanto, foram definidas no conjunto ampliado de práticas e expectativas sobre a vida, sobre o mundo e sobre a distribuição da energia, referente a sujeitos pertencentes a um conjunto de grupos sociais. Tal forma de vida hegemônica vive e se confirma, em forma de sistema de signos e valores, a partir do momento em que as pessoas experimentam essa cultura na prática de suas vidas<sup>17</sup>.

Neste processo ativo, o hegemônico tem de ser visto como mais do que a simples transmissão de um domínio (inalterável). Pelo contrário, qualquer processo hegemônico deve ser especialmente alerta e sensível às alternativas e oposição que lhe questionam ou ameaçam o domínio. A realidade do processo cultural deve, portanto, incluir sempre os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora, ou nas margens, dos termos da hegemonia específica (WILLIAMS, 1979, p.116).

Especialmente o flerte da cultura do povo com a cultura de massas produziu transformações em ambas culturas, nas suas formas tradicionais de vida, em seus modos de falar, nas elaborações práticas discursivas e visões de mundo. Esse movimento sempre existiu: traços das culturas dominantes sempre foram internalizados pelas culturas do povo, seja aderindo ou resistindo às pressões e limites de uma determinada forma de domínio<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Essa noção de cultura também motivou Edward Thompson, que chamou a atenção para o conceito de experiência como fundamental para a compreensão acerca da cultura. Muito engajado às causas sociais dos operários ingleses, Thompson estava inquieto em relação às habilidades e tradições das populações rurais que, após manusear maquinários artesanais, passaram a viver a experiência do industrialismo inglês. Daí, surge a vontade de Thompson em reconstruir as experiências das pessoas, afirmando que seria necessário compreender as tradições à luz da experiência do presente. Após criticar o marxismo economicista, Thompson constrói sua ideia de experiência a partir da obra “*A formação da classe operária inglesa*”, em que ele foca sua análise no processo de constituição da consciência de classe entre os operários, considerando que a classe se forma tanto em uma base econômica quanto cultural a partir de uma experiência vivida pelos trabalhadores (BURKE, 1992).

<sup>18</sup> Aqui lembramos um dos fundadores dos estudos culturais britânicos, Richard Hoggart, que publicou em 1957 *The uses of literacy*. Hoggart buscou a cultura popular como espaço de aprendizagem e formação de senso crítico e entendeu que os sujeitos de contextos populares seriam capazes de produzir referências próprias na relação com a cultura de massa. Dessa maneira, esse sujeito se habilitava a uma leitura diferencial dos produtos midiáticos. A proposta de Hoggart era estudar a influência dos meios de massa entre trabalhadores da periferia na Inglaterra e, por esse objeto de estudo, buscou as práticas cotidianas dos trabalhadores e suas formas de vivência cultural. Ali, o autor observou que as canções populares convocavam sempre sentidos em torno de palavras como “amor”, “um lar”, “bons amigos”, bem como ênfases em algo além da importância do dinheiro (HOGGART, 1970). E por tais sentidos e valores o autor foi argumentando em favor da existência de uma lógica inerente a essas classes, em contraposição à lógica dominante (C.f.: HOGGART, R. *La culture du pauvre: étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Collection “Le sens commun”. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970).

Essa relação (sempre conflituosa, tensa e aderente) não significou o dismantelo da comunidade e da localidade, nem mesmo demonstrou a fraqueza de uma cultura menor que precisa ser protegida pelas instituições.

Enquanto o relativismo cultural modificou a maneira de enxergar o outro na sua particularidade e o estruturalismo realçou a importância de elementos universais capazes de convocar simbolicamente um conjunto de culturas, os estudos culturais britânicos revisaram o conceito de cultura, preocupando-se na época com a presença da indústria cultural.

Todavia, a perspectiva da cultura como resíduo das estruturas sociais seria uma constatação ainda imprecisa, carente de melhor delineamento por parte dos estudos culturais. Além disso, não dava conta de explicar como operavam as transformações culturais. Entendia-se apenas que as mudanças estavam ali, visíveis na cultura da época.

Os anos finais do século XX foram de críticas, revisões e confusões teóricas no tocante aos conceitos: se havia uma dificuldade para definir o que era Rural, da mesma forma a noção de Cultura estava sempre sendo questionada, em função dos embates da cultura dominante oficial com a cultura dos movimentos sociais que traziam as discussões sobre a cultura das minorias frente ao capitalismo pós-industrial. Tais mobilizações dos movimentos sociais tomavam como referência as ideias culturais fincadas nos direitos civis, no movimento estudantil e no direito das mulheres, nas campanhas contra as guerras etc. No geral, cultura passou a ser compreendida tanto na relação com as mídias quanto pelo cultivo das conectividades entre as culturas: seu sistema de signos audiovisuais, seus novos significantes, os fluxos em tempo real, a fragmentação da memória, a repetição da informação, o hábito de consumo de conteúdo midiático. A discussão também reposicionou e enquadrou os meios culturais antigos, como a oralidade e a escrita, na reconfiguração com novas práticas culturais que produziam novas linguagens (FISCHER, 2011).

### ***2.3.2. Rural na condição de entremeio: processos de percepção/sensação da vida em transformação***

Tendo o século XIX como referência de mundo, as pessoas da época percebiam e sentiam o campo indicando seus significados de rusticidade (“coisas velhas”), virilidade (força, coragem), natureza (selvagem) e prevalência da inteligência prática do senso comum, considerada por vezes “menor” na relação com a intelectualidade do mundo “civilizado”. Também associavam o campo à experiência de paz, sossego e inocência, aos ideais de virtude e o significado da abundância dos alimentos extraídos da terra. Quando surgiram as cidades,

as percepções e sensações dos povos sofreram uma transformação. O campo (ou o rural) passou a ser visto na comparação com a cidade também como um lugar do atraso, da ignorância, da limitação e da rotina dura da roça. A cidade tomou para si a noção de um lugar centro das realizações, dos saberes, das comunicações tecnológicas, mas igualmente o lugar da violência, da miséria e da baixa qualidade de vida. Ou seja, o atravessamento de sentidos entre o campo e a cidade – por vezes em conflito, denotando preconceito – responderam pela formação de algumas noções do lugar.

No clássico livro *O campo e a cidade: na história e na literatura*, Raymond Williams (1989) mostrou as reações das pessoas do campo no contato com a cidade que se formava (e tais reações na Europa se assemelhavam ao que acontecia no Brasil<sup>19</sup>). No século XVII, a aristocracia inglesa da cidade escapava para o campo tentando relaxar do estresse da vida urbana. Nessa época, ainda se argumentava sobre a beleza do campo na relação com a cidade e a deterioração desta provocada pelas doenças e a poluição. Williams (1989) lembra três aspectos: a Londres do século XIX foi a primeira cidade no mundo a alcançar uma população de cidade moderna superior à rural; na literatura inglesa da época, Londres era retratada em sua “obscuridade labiríntica” e com um “lúgubre fascínio”, mas também era chamada, tanto nas obras literárias quanto nos estudos sociais, de *Darkest London*, que se remete a uma imagem de escuridão e pobreza.

De fato, as novas cidades do século XIX eram “monstros” de indústrias a carvão, situadas junto aos currais e às casas dos operários, com transporte animal que sujava as ruas da cidade. Fugir do fedor e da escuridão dessas cidades, portanto, foi um caminho natural. O bucolismo literário sobre o campo cresceu a partir dessa realidade urbana, enquanto uma crítica vigorosa se desenvolveu sobre a modernidade, a industrialização e o capitalismo. A chave da compreensão dos sentimentos em torno da relação campo-cidade na literatura está neste contraste: “de um lado, o campo e, de outro, a cidade e a corte: aqui natureza, lá

---

<sup>19</sup> Alguns aspectos históricos interessantes sobre a cidade e o urbanismo brasileiro. Sabe-se que a falta de saneamento básico nas ruas do Recife Antigo abriu espaço para o hábito de as pessoas de lançar dejetos nas ruas escuras do bairro. Outro aspecto que contribuiu para a escuridão e a fedentina da cidade foram os lampiões de iluminação pública: além de deixar as ruas na penumbra, devido à baixa iluminação, os lampiões funcionavam com óleo de peixe. Mais tarde, a iluminação elétrica deixou as ruas mais claras, menos fétidas, o que permitiu o surgimento da boemia recifense nos espaços públicos da cidade. Tais características de uma cidade em desenvolvimento fazem parte de uma fase pré-1940, período em que existia no Brasil apenas a irradiação de um novo gênero de vida da cidade: “Não se trata verdadeiramente de urbanização, pois esta se liga intimamente à industrialização, e sim de difusão cultural de um gênero de vida, o gênero de vida burguês ocidental que é eminentemente citadino. Preferimos, por isso, até o verdadeiro início da industrialização brasileira, por volta de 1940, falar em ‘estilo de vida citadino burguês’ e não em urbanização” (QUEIROZ, 1978, p.55). A cidade irradiava representações de um “novo estilo de vida burguês” que se desenvolvia na nova ordem espacial vertical da cidade, indicando um progresso para o alto. Entre 1900 e 1940, de acordo com Ribeiro e Pechman (1996), várias cidades do Brasil foram objeto de intervenções, de planos e projetos de renovação urbana, com experiências sob a influência do “modelo francês” de modernização. Antes de 1940, segundo os autores, ocorre a metabolização de novas ideias em um novo campo de saber e poder instaurado no Brasil: o urbanismo.

mundanidade” (WILLIAMS, 1989, p.69). Ou seja, os poemas bucólicos sinalizavam para oposições entre plantações e animais e fábricas, oficinas e indústrias. O chamado por Williams (1989) de *radicalismo rural-intelectual* negou a cidade e se mostrou apegado às tradições do campo. A transição da sociedade rural para a industrial foi vista como decadência da sociedade orgânica ou natural.

A noção de cidade, portanto, já nasceu na Europa como uma depreciação da vida, o que estimulou uma ideologia de preservação dos costumes rurais, na busca de proteger o campo dos efeitos do capitalismo. Aos poucos, enquanto o campo se associava a uma forma natural de vida, as pessoas ressignificavam a vida na cidade, também a considerando como centro do saber e das realizações:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto forma de vida fundamental, remonta à Antiguidade clássica (WILLIAMS, 1989, p.11).

Nessa relação conflituosa, cheia de aderências e tensões, nasciam ressignificações sobre o rural, concebido pelo senso comum na comparação com a vida do mundo urbano. No início, a maioria das cidades mantinha ares rurais, desenvolvendo aspectos da sua ordem agrícola: “num nível mais simples, como mercados; num nível mais elevado, refletindo a verdadeira ordem social, como centros de finanças, administração e produção secundária. Surgiam então formas de interação e tensão as mais variadas, e algumas cidades adquiriram certo grau de autonomia” (WILLIAMS, 1989, p.71).

A conjuntura científica do final do século XX também trouxe uma contribuição fecunda para o conceito de rural. As culturas rurais, então, poderiam ser compreendidas a partir da noção *de vários rurais*, cada um com sua singularidade e igualdade de veracidade, com variáveis que lhe são próprias, mas também culturas rurais que podem oferecer elementos de sentido comuns independente da história cultural de cada população. Contudo, no turbilhão de mudanças do final do século, os cientistas sociais e historiadores tentaram interpretar não somente essas mesclas entre as localidades rurais e as sociedades urbanas modernas, mas a tal condição de entremeio vivida por essas culturas. E nisso surgiu um problema, bem levantado por Chartier (1990): as pesquisas tentavam delimitar, caracterizar e nomear o conceito de cultura, mas ao mesmo tempo tais perspectivas teóricas não eram reconhecidas pelos habitantes dos contextos culturais comunitários transformados. Isso

mostrou a dificuldade de setores acadêmicos hegemônicos em compreender o que estava acontecendo nessas culturas híbridas, pois a academia não levou em conta a maneira como as pessoas se ajustavam nessa condição de entremeio, na qual os sujeitos se arranjam como podem, em face dos fatores externos modernos.

#### **a) *Localidade rural e sociedade urbana***

Se observarmos bem, a visão preservacionista das tradições locais e comunitárias no rural tem sido estimulada pelos intelectuais da cidade, enquanto que os povos do campo procuram diminuir o distanciamento do rural na relação com o urbano, entre processos de semelhança e diferença cultural. E tal aspecto preservacionista de alguns intelectuais de hoje remonta justamente a duas visadas oriundas da perspectiva do relativismo cultural: a preocupação com o impacto do moderno sobre a tradição (que “desmantela” o sistema simbólico próprio dos povos originários; que acredita no funcionamento coerente, autônomo e sem reduções à cultura do outro); e o esforço de preservação da tradição nas culturas menores (que impedia a possível dependência e carência das minorias culturais em relação às culturas dominantes). Essas visadas geraram vários problemas metodológicos, segundo Chartier (1995), além de não alcançarem a problemática das culturas transformadas, encorajando a ideia de sentidos e práticas das culturas consideradas subalternas, autossuficientes ou encarando a cultura dos subalternos como uma cultura menor que sempre estava precisando de ajuda (GRIGNON; PASSERON, 1992) – voltaremos a falar mais sobre esse assunto adiante. Diante disso, a tensão que ressaltamos seria a seguinte: o estrangeiro, sempre culpado pela influência sobre a comunidade tradicional; e as pessoas nessas culturas de entremeio ou transformadas culpadas por não resistirem aos impulsos das sociedades dominantes. No entanto, podemos observar nos tempos atuais de multiculturalismo que as pessoas nessas culturas de entremeio não estavam lutando pela originalidade de suas tradições, mas apenas vivendo-as ao seu próprio modo, reconhecendo e tornando visíveis seus problemas cotidianos. Também não reivindicavam amparo, pois não se reconheceram como uma cultura menor ou maior (dominante) em relação às outras. Só desejavam tentar se *acomodar* nesse espaço transformado que se desenhava – e isso gerou a necessidade de adaptações no cotidiano, inclusive abrindo mão de algumas tradições.

E para essas pessoas, a força e atração das cidades se mostraram mais potentes quando os sujeitos no rural se viram na necessidade de encarar a cidade (e isso aconteceu durante toda

a metade do século XX) como lugar da melhoria de vida<sup>20</sup> e prosperidade financeira. Destacamos, portanto, a ideia que se estabeleceu na difusão cultural tanto do rural nas cidades quanto das cidades no mundo rural: a de que a cidade teria uma forma de vida “superior” à do campo. Contudo, nessa força atrativa da cidade, existe um reverberações de informações Campo-Cidade, que respondeu pela difusão cultural da ideia de rural na cidade (promovida principalmente pelas migrações e instituições). Tal fluxo estimulou, sobretudo, as transformações na percepção da própria cultura rural, permitindo que as representações da cidade e do campo fossem atualizadas na dinâmica de reflexividade estimulada a partir desses encontros perceptivos, intensificando ajustes nas práticas e nas formas de pensar (ritos, costumes, hábitos e padrões de comportamento).

A partir desse fluxo mais intenso, as culturas de entremeio se tornaram mais potentes na medida em que os migrantes de retorno começaram a difundir (ao seu modo) uma cultura urbana decadente; uma cidade da miséria, do desemprego e da violência; e as mídias reforçavam esse discurso (DUARTE, 2005). Os habitantes do rural se deram conta de uma espécie de não-lugar entre dois mundos, respaldado por uma subjetividade paradoxal e contraditória, vinculada às ações e às falas das pessoas desenraizadas, com uma lógica própria<sup>21</sup> de significação e ressignificação de sentidos. Nessa condição de entremeio, que se tornou mais potente, hibridações se tornam mais intensas, misturando a experiência do coletivo às coisas da natureza e às ligadas ao espírito individualista da modernidade, ocasionando o surgimento de descompassos, tensões e modos enviesados de experiência de vida. *Este é o ponto: as pessoas se arranjam como podem tendo em vista que já tomaram consciência de que vivem sob a potência de uma condição de vida no entremeio, mais visível hoje à percepção/sensação, à significação e às práticas das pessoas no rural.*

---

<sup>20</sup> Em sentido individual, parcial e prático, o termo “melhorar de vida” significa um progresso pessoal, um “melhoramento” do indivíduo no sentido prático (profissional, afetivo, físico, etc). Mas, quando se estapola em termos gerais, a palavra “progresso” começa a significar a evolução de uma sociedade. Neste último sentido, temos a ideia de crença, representação ou ideologia mais universal, vinculada a outros interpretantes no mundo. E foi neste sentido que, no século XVIII e XX, a noção de “progresso” se associou à ideia instituída de “perfeição”, “evolução” e “crescimento”, enquanto etapas sucessivas de uma mesma civilização (ALMEIDA, 2009), dentro do esquema de um projeto global de vida (urbano, ocidental e moderno), que fomentava a superioridade da cidade sobre o campo.

<sup>21</sup> Importante destacar que a reverberação de informações no meio rural – motivada pela presença e influência das mídias, das instituições ligadas ao campo e pela difusão cultural dos migrantes – se constitui um processo que também faz parte da experiência das pessoas que buscam o desenvolvimento para o meio rural. Nos contatos e nas trocas das pessoas com as culturas urbanas, os habitantes no rural ressignificam, reproduzem e atualizam sentidos na experiência desta relação e, com isto, repensam a noção de desenvolvimento dentro de seus esquemas lógicos próprios, desenvolvidos na comunidade. Neste sentido, faz-se necessário respeitar esta lógica própria de cada população rural, enquanto um investimento de conhecimento desenvolvido pelos indivíduos em suas trocas. Neste sentido, esta lógica própria não se confunde com aquela premissa falsa que acredita em “atores locais” já devidamente preparados para o desempenho de ações locais ou capazes de se organizarem se estimulados a isto – perspectiva muito presente na noção de *desenvolvimento local*, segundo Navarro (2001).



### 2.3.3. A operacionalidade da condição de entremeio

Estamos nomeando de modo provisório esse fenômeno social como sendo “cultura de entremeio”, “mescla”, “culturas transformadas” na falta de um termo melhor. Mas o fenômeno também pode ser chamado pelo seu termo clássico: “hibridação cultural”.

O antropólogo argentino Néstor García Canclini tem sido um dos autores importantes para os estudos de “comunicação e cultura” na perspectiva da identidade, pois a corrente teórica que o autor desenvolveu tomou como referência os estudos culturais britânicos para analisar processos de transformação na América Latina<sup>22</sup>. A perspectiva do “consumo cultural” se baseou em uma teoria sociocultural do consumo para abordar os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos. O autor sempre trabalhou com conceitos muito complexos e que, mesmo sofrendo definições do autor, ainda são conceitos em construção.

Canclini (1982) estudou os conceitos de massivo e popular, explicando que as culturas populares existem a partir de uma reprodução desigual de bens econômicos e culturais por parte de diferentes classes e grupos na produção de consumo. Nos anos de 1980, o antropólogo já reconhecia que as pessoas no contexto de vida popular tinham um modo de fazer próprio nesse ambiente de reprodução desigual:

Uma elaboração própria de suas condições de vida e uma satisfação específica de suas necessidades nos setores excluídos da participação plena no produto social [...]. Uma interação conflitiva entre as classes populares com as hegemônicas pela apropriação dos bens (CANCLINI, 1988, p.49)<sup>23</sup>.

O massivo origina-se no popular, após a crescente industrialização e urbanização das cidades, quando os trabalhadores migrantes do meio rural formam nas metrópoles um novo modo de vida popular. O massivo não nasce dos meios de difusão de informação, mas das sociedades contemporâneas a partir da compreensão das novas maneiras de viver (popular) na cidade por parte dos habitantes. Ele seria a maneira pela qual os sujeitos adotam, estruturalmente, as relações sociais em que a vida se encontra massificada, desde o mercado de trabalho, o desenho dos objetos, passando pelos movimentos sociais até os corpos e

---

<sup>22</sup> Entre os anos de 1980 e 1990, algumas abordagens inspiradas nos estudos culturais, com ênfase na perspectiva latino-americana, construíram correntes teóricas muito utilizadas pelas pesquisas em comunicação: a corrente do Consumo Cultural, desenvolvida por Néstor García Canclini; das Frentes Culturais, coordenada por Jorge González no Programa de *Estudios sobre las Culturas Contemporaneas* (Colima/México); da Recepção Ativa, desenvolvida no Centro de *Indagación y Expresión Cultural y Artística* (Ceneca/Chile), sob a coordenação de Valério Fuenzalida e Maria Elena Hermosilla; do Uso Social dos Meios, concebida por Jesús Martín-Barbero; e do Enfoque Integral da Audiência, proposta teórico-metodológica de Guillermo Orozco, desenvolvida no Programa Institucional de *Investigación en Comunicación y Prácticas Sociales*, da *Universidad Iberoamericana*, México (JACKS, 1993).

<sup>23</sup> Traduzido do original: “una elaboración propia de sus condiciones de vida y una satisfacción específica de sus necesidades en los sectores excluídos de la participación plena en el producto social [...]. Una interacción conflictiva entre las clases populares con las hegemónicas por la apropiación de los bienes”.

roupas das pessoas (CANCLINI, 1988). E o consumo seria um conjunto de processos socioculturais em que os indivíduos realizam a apropriação e os usos dos produtos culturais, além do simples exercício de comprar ou do desejo de consumir, dando visibilidade mais a uma racionalidade das relações sociais menos baseadas em lutas do que na apropriação para fins de distinção (CANCLINI, 1987; 1997).

Em resumo: o massivo é um híbrido, pois se origina nesse elemento formado a partir de dois mundos chamado de popular. Então, as formas de adoção de relações sociais, tendo em vista uma vida massificada, colaboram na construção de um ambiente dos desejos por apropriação e uso de produtos da cultura urbana moderna, no sentido de reproduzir uma racionalidade das relações sociais calçadas em meios de distinção. Os conceitos de hibridação e de reconversão cultural, portanto, tornam-se importantes na construção teórica do antropólogo argentino.

Todavia, Canclini (1998) não desenvolveu a operacionalidade dos dois conceitos ao longo de sua obra. Se bem entendemos, os conceitos não se referem a uma síntese da união entre uma tese com uma antítese e a uma ideia de cultura substituída por outra. A citação do termo hibridação (ou hibridismo cultural), por exemplo, aparece no rodapé da página 19 da segunda edição do livro *Culturas Híbridas* quando o autor afirma a necessidade de diluir a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, buscando a hibridação como uma espécie de “terceiro pavimento” da cultura ou “em camadas do mundo da cultura” que tentam averiguar a hibridação. Os processos de hibridação seriam formados por múltiplas mesclas interculturais, não apenas as raciais como encerra o termo “mestiçagem” e nem no sentido do “sincretismo”, termo utilizado para fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais (CANCLINI, 1998).

Tais processos de hibridação cultural significam uma condição de entremeio, de mescla em realidades diferentes, mistura que reserva todas as contradições, atropelos e adesões na relação entre culturas em processo dinâmico e adaptável. A cultura híbrida no campo das Ciências Humanas e Sociais não se esgota em si mesma, pois ela está sempre viva e se comunicando, buscando sempre o entendimento de si própria. Ela não vem substituir uma experiência construída ao longo dos anos, pois é essa experiência que atua como “ponte de sentido” para entender o mundo além de suas divisas culturais. E, por causa disso, acreditamos *a priori* que a ideia de mescla cultural soaria melhor que reconversão cultural, pois na mescla a cultura está em vias de ser permanente (tentando se acomodar, entender, balbuciando intenções e gaguejando formas de expressão no social); enquanto que a ideia de

reconverter algo denota substituição ou troca de uma cultura por outra (é preciso tomar cuidado com as armadilhas embutidas nas noções, nos termos e conceitos).

Portanto, já sabemos sobre a existência de múltiplas mesclas interculturais e sua constatação tem sido apontada por diversos autores. *Mas como ela opera?* Sem propormos resposta à questão, mas procurando caminhar na direção, voltamos a nos apoiar nos estudos culturais britânicos.

#### **2.3.4. A metáfora da transformação em Stuart Hall**

Acompanhando Stuart Hall (2003), então, podemos entender tal operação da mescla de culturas distintas como uma *metáfora*, a “metáfora da transformação”, que apontava a formação de uma cultura em vias de ser:

As metáforas da transformação devem fazer pelo menos duas coisas. Elas nos permitem imaginar o que aconteceria se os valores culturais predominantes fossem questionados e transformados, se as velhas hierarquias sociais fossem derrubadas, se os velhos padrões e normas desaparecessem ou fossem consumidos em um “festival de revolução”, e novos significados e valores, novas configurações socioculturais começassem a surgir (HALL, 2003, p. 219).

Aqui, o autor não está se referindo à mescla de culturas diferentes, mas ele alça seu voo reflexivo se referindo ao *questionamento* da tradição e sua *transformação* a partir de novos elementos. Esse tratamento sempre relacionando o tradicional e o moderno não é dicotômico, no entanto é básico. Ele está dizendo, em outras palavras, que os valores culturais tradicionais podem se enfraquecer na medida da presença e influência de outros mais modernos, ao fazerem as pessoas pensarem e alterarem suas práticas na cultura. A transformação cultural opera consumindo, acomodando e alterando significados, bem como práticas. O que acontece, então, depois desse encontro de percepções diferentes? Não há um depois, mas um “vias de ser” constante, que se apoia sempre nas experiências das pessoas. Outras configurações socioculturais surgem como questionamento de estruturas sociais, valores e costumes, sem que isso convoque necessariamente uma mudança cultural completa. A simples ideia de substituição de uma cultura por outra seria a negação da vida vivida.

Nesse confuso encontro perceptivo, Hall (2003) se aproxima da “metáfora da transformação”, questionando a possível “inércia” das estruturas sociais: por interdependência, os aspectos situacionais do microssocial podem provocar alterações nas

estruturas macrossociais. Ao falar de “alta cultura” e “baixa cultura”, o autor também está se referindo a uma *mistura de classes sociais*. Assim como os fundadores dos estudos culturais britânicos, Hall (2003) estava preocupado com as transformações provocadas pela transição da Velha Inglaterra agrária para a Nova Inglaterra urbana. Para ele, esse é o ponto de partida para qualquer estudo sobre “o popular”, um daqueles híbridos culturais aos quais estamos nos referindo. O popular é o híbrido que se forma na cidade, localizado historicamente nessa transição do capitalismo agrário para a formação do capitalismo industrial, quando ocorreram os conflitos das classes trabalhadoras com as forças hegemônicas.

Então, a “metáfora da transformação” ou a ideia da transformação em Hall (2003) funciona melhor como operador da mescla entre culturas distintas, pois nos mostra um processo dinâmico de adaptação das experiências entre culturas, e, ao mesmo tempo, enfatiza o lugar da transformação no ponto de interseção entre as culturas. A nosso ver, a perspectiva nos mostra que a cultura em transformação, para sobreviver, precisa abrir mão de algumas referências sociais e traços culturais, sem perder outras que considera mais significativa; a cultura vive e respira, não uma “nova vida”, mas o estar livre de alguns vínculos da sociedade e da cultura que lhe impediam ao menos um passo à frente.

Ao continuar aterrissando nos fatos que preocupam Hall (2003), observamos como interessantes os embates ideológicos entre classes trabalhadoras e dominantes (entre operários moradores das periferias das cidades ou do entorno das fábricas com a classe dominante urbana dos burgueses e aristocratas). Todos esses embates aconteceram na esfera das cidades industrializadas e urbanizadas que estavam se formando no início do século XX, gerando posteriormente transformações nas relações de trabalho, na legislação, nas políticas públicas, entre outras mudanças. Mas e no campo? Qual seria o embate? Sem adentrarmos nessa relação de classes, acreditamos que tais alterações foram fruto de aspectos socioculturais diversos, que estavam se arrumando e acomodando um jeito de entender o outro. A chegada do estranho seria o embate.

Sem dúvida existiram transformações no rural tradicional ao longo dos anos, já que, durante a formação das cidades modernas, o rural teve de abrir mão de suas referências sociais e traços culturais para compreender o estranho, o outro, o moderno que soprava das edificações, por trás das montanhas do campo. Se a chegada da população rural para trabalhar nas cidades foi significativa para a formação de uma cultura de contexto popular urbano, a migração da população urbana e dos migrantes de retorno para o meio rural parece ter sido interessante, no mínimo, para a formação de um universo sociocultural híbrido entre campo-

cidade. Mas como seria esse universo? Se na periferia da cidade, o popular se formava, como o popular poderia ser visualizado no rural, mais especialmente em uma região na qual tanto o pequeno agricultor quanto o morador da cidadezinha da sede municipal estão mais ou menos na mesma situação socioeconômica e cultural? Existiria uma “periferia rural”?

Seja qual for o híbrido cultural que se encontre no meio rural, enquanto exemplo ou objeto de estudo, ele será sempre proveniente da experiência de um compartilhar de significados entre campo e cidade, como também de situações, comportamentos, atividades, reações e relações que delinea a transformação da cultura rural tradicional em rural contemporâneo. Nessa “mestiçagem cultural”, os híbridos são experiências de mentalidades e práticas existentes como intersecção rural/tradicional e urbano/moderno, talvez instauradores de uma condição de entremeio.

Essa condição está na base das experiências comunicativas dos sujeitos em uma sociedade rural. É uma forma de vida repleta de incompletudes (de sentidos, de experiências, de coisas materiais), mas também de paradoxos e contradições em que os indivíduos aprendem a sentir um natural pertencimento tanto com o rural quanto com o urbano, mediante o que Hall (2006) afirmou como sendo *identificações* com um e com outro mundo ao mesmo tempo, aderindo sentidos de maneira provisória.

Dois exemplos, extraídos de nossa experiência com o empírico, apenas para ilustrar o que estamos falando: a) Enquanto cuida da roça de café, o jovem rural pode estar escutando um forró eletrônico por meio do seu *smartphone*; b) Depois de terminar o ensino médio e não conseguir ingressar em uma universidade ou escola técnica, o jovem rural continua morando na roça e trabalha como *motoboy* na sede-municipal. Em ambos os casos, estamos falando de híbridos na cultura rural, que caracterizam a condição rurubana. Temos a mescla de elementos que caracterizam o sujeito rural (a atividade estritamente agrícola; a moradia rural) e a presença e influência de elementos “estranhos” na experiência do rural tradicional (onde se ouvia forró pé-de-serra no radinho de pilha ou onde se retirava o sustento apenas da roça). O assunto é complexo e exige mais desenvolvimento. Por hora, estamos apenas querendo chegar mais junto da operacionalidade dessa comunicação entre culturas diferentes.

### **2.3.5. *Semelhanças e diferenças: o movimento operatório da cultura de entremeio***

Nessa noção de transformação, apresentada por Stuart Hall, existem dois componentes: um da *adaptação das experiências entre as culturas* e o outro do *ponto de intersecção* entre

elas. Isso exige, de certa forma, que a cultura abra mão de algumas de suas referências sociais e traços culturais para permitir o movimento vivo da transformação. Esse processo solicita do indivíduo constantes encontros perceptivos com o outro e sua cultura, como também outras significações e ressignificações de sua forma de vida. Contudo, enfraquece aspectos tradicionais na cultura na medida da presença e influência de outros elementos mais modernos.

Trata-se de uma perspectiva que acredita na instabilidade das diferenças em fluxo, em contato social, e onde o processo de transformação, mesmo permitindo o desaparecimento de traços das culturas, apresenta culturas inventivas que elaboram as próprias maneiras de ser e de fazer; reinventam o seu passado, desmentindo ideias que professavam em favor da temida homogeneidade monótona do mercado global e do capitalismo desterritorializado (LATOUR, 1996).

A importância da cultura e dos sentidos na vida das pessoas, enquanto forças potentes e poderosas ao nível do social e do econômico – aspecto levantado por Williams (1979) –, também foi acentuada pelo antropólogo norte-americano Marshall Sahlins, em meio ao discurso do chamado “apagamento da cultura”. O autor sublinhou a importância da cultura como um fenômeno único de organização da experiência e da prática humana por meio de símbolos. Sahlins (1997) explicou que a existência humana se manifesta por valores e significados que não podem ser determinados por propriedades biológicas e físicas, mas se organiza mediante fundamentos afetivos de semelhanças e diferenças a partir de significados (como diz o autor, o humano sabe apreciar diferenciando com afetividade a água benta da água destilada).

Esse aspecto dos fundamentos afetivos organizados pela cultura conduz o autor para uma crítica da demarcação das diferenças culturais. A crítica se dirige à ideia dos fatores externos como uma depreciação da vida local e comunitária, que estimulou a ideologia da preservação das tradições e da proteção do comunitário. As pessoas sabem diferenciar o mundo em que vivem com afetividade, a partir de tensões e adesões na relação com o outro e seu mundo estrangeiro. Complementaríamos, inclusive, dizendo que as pessoas fazem essa diferenciação associando o momento afetivo vivido (pessoal, familiar, da coletividade) e a cultura em que vivem.

Para tal organização, os habitantes das comunidades precisam fundamentar suas escolhas em afetividades para tentar traduzi-las em experiência. Por outro lado, desejar que tais pessoas mantenham o mesmo sistema simbólico, não reduzam sua cultura à cultura do

outro, reafirmem sua dependência e carência em relação às culturas dominantes seria como “encarcerar os povos periféricos em espaços de sujeição, separando permanentemente da metrópole ocidental progressista” (SAHLINS, 1991, p.42) e, como ainda diz o autor, estabilizando a diferença e legitimando as múltiplas desigualdades.

No entanto, nessa “vida intermediária”, observamos a dinâmica das semelhanças e diferenças como um operatório da organização das experiências na cultura, que colabora para o processo de transformação. Young (1995), citado por SAHLINS (1997), diz que a cultura se origina e se alimenta exatamente desse processo de conflitos que desponta por meio de semelhanças e diferenças. Caminhando mais na direção do assunto das relações sociais na perspectiva da alteridade, o autor fala das diferenças que são produzidas na comparação com o outro e, nisso, aparecem as diferenciações e os preconceitos como intrínsecos a uma cultura que se constrói a partir do contato com o outro:

A cultura nunca existe por si só; ela participa de uma economia conflitiva que manifesta a tensão entre semelhança e diferença [...]. A construção e reconstrução constante das culturas e das diferenças culturais é alimentada por uma interminável dissensão interna, um desequilíbrio inerente às economias capitalistas que produzem essas diferenças culturais [...]. A cultura sempre marcou as diferenças culturais como uma produção do outro; ela sempre foi comparativa, e o racismo sempre lhe foi consubstancial: os dois estão inextricavelmente ligados, alimentando-se e gerando-se mutuamente. A raça sempre foi culturalmente construída. A cultura sempre foi racialmente construída” (YOUNG, 1995, p. 53-54).

O mecanismo clássico de diferenciação de uma cultura, que se dá na simples comparação com a outra, não tem, em si mesmo, nenhum valor – como, por exemplo, definir o rural a partir da comparação com o urbano. Segundo Sahlins (1997), tudo depende de como o sujeito tematiza a *relação* com o outro e seu mundo, tendo em vista uma situação histórica que vive na cultura. Quer dizer, as diferenças são limitadas, determinadas e organizadas pela experiência das tradições ou dos modos particulares do sujeito estar no mundo rural e percebê-lo, sem as imposições institucionais “de fora”.

A experiência dos sujeitos, enquanto mediação do outro e do outro mundo, permite olharmos para uma forma de vida assentada em fundamentos exclusivos, familiares e de parentesco, enquanto uma forma própria de organização cultural do conhecimento adquirido. E aí, na dinâmica de reflexividade sobre os conhecimentos vindos “de fora” e o delineamento de conversações sobre tais assuntos (enquanto práticas sociais), desprendem-se ressignificações associadas ao fundamento afetivo do sentido.

A organização de fundamentos afetivos de diferenciações e semelhanças que tematizam o outro e a outra cultura apresentam a perspectiva de um movimento: a existência

(na cultura de entremeio) da dinâmica de um mundo não-citadino (mas, duplamente, menos rural do que parece) que está sempre a “desaparecer” e a “se modernizar” à sua maneira, produzindo por vezes, como característica, alguns pastiches dos costumes locais e fluxos transnacionais, descompassados ou sem estrutura.

A etnografia profissional, desde sua origem — quer se a localize nas entrevistas de Lewis Henry Morgan com os Iroqueses ou nos veraneios de Boas e seus alunos em reservas indígenas —, tem sido uma “arqueologia do vivente” (na fórmula de Lévi-Strauss), um esforço de salvamento, obcecado não somente pelo declínio da cultura indígena, mas pela perda até mesmo de suas memórias (...). Objetos findos? Sim, a história também estuda esse tipo de coisa. Mas quantas disciplinas acadêmicas (além da física de altas energias) propuseram-se desde sua origem a estudar objetos em desaparecimento? Hoje, entretanto, é como se o quase-objeto da antropologia houvesse desmoronado inteiramente, vítima do sistema mundial capitalista. Pastiches de costumes locais e fluxos transnacionais, sem qualquer ordem ou estrutura próprias, as assim chamadas culturas são hoje, como pede a moda, desprezadas como ilusões pós-modernosamente póstumias. E a nostalgia antropológica, refletindo o curso do imperialismo, descamba em um “pessimismo sentimental” (SAHLINS, 1997, p.50-51).

Na condição de entremeio os sujeitos das comunidades e localidades se recusaram tanto a desaparecer totalmente quanto a de se parecer com os sujeitos no mundo urbano metropolitano. E isso demonstra que:

Essas culturas, tomadas de um novo ímpeto, são fortes demais para que nos demoremos sobre nossas infâmias passadas ou nosso atual desalento [das ciências humanas e sociais]. O que se carece é de uma antropologia disposta a assumir seu formidável patrimônio e a levar adiante suas muitas e valiosas intuições (LATOURET, 1996, p.5).

Todavia, temos que reconhecer tanto as fortes raízes das culturas locais quanto a agonia de alguns desses povos envolto em doenças, problemas de violência, de escravidão, de sofrimento moral causado por expulsões do território tradicional, entre outras misérias complexas, “sobretudo no caso daquelas sociedades que souberam extrair, de uma sorte madrasta, suas presentes condições de existência” (SAHLINS, 1997, p.53). Essa seria a potência de uma cultura de entremeio, mais visível hoje aos olhos dos jovens na agricultura familiar que, com uma sorte madrasta, estão conseguindo escolher suas preferências, tendo em vista sua condição entre a existência e o desaparecimento.



## 2.4. Arrematando os pontos

Enfim, os estudos de cultura apontaram para as diferenças culturais e para o ritmo de articulação, em cada uma das culturas, do processo de significação dos indivíduos com suas práticas – constituindo, assim, a experiência que se define no contato social. Indicaram a existência do espaço sendo limitado pelas atividades culturais e sociais, importando mais ao pesquisador observar a constituição das práticas no social. E, assim, interessou o modo como os indivíduos se ajeitam na localidade à sua maneira – construindo os próprios caminhos vicinais ou desvios, no sentido do conceito de tática do historiador Michel de Certeau (1994)<sup>24</sup> –, desenvolvendo percepções e práticas dentro dos limites apresentados pelo espaço e pelas práticas, mantendo a reverberação de informações na troca e no contato com as outras culturas (por meio de migrações, por exemplo) enquanto um processo de difusão cultural.

Os estudos de cultura também apontaram para a importância do elemento das transformações culturais e, nesse sentido, desponta um interesse em saber como determinados elementos se tornaram preferenciais em relação a outros, a partir dos movimentos de semelhança e de diferença com outros povos.

Com relação ao camponês, os estudos de cultura de perspectiva evolucionista sinalizaram (sem saber) para a existência de um sujeito híbrido já no tempo da formação das cidades: um jeito de ser e fazer entre o “primitivo” dos povos originários e a “civilização” da cidade. Esse “estágio” clássico do camponês estipulado pelas teorias evolucionistas foi importante para desdobrarmos a compreensão a partir de outra perspectiva que enxerga o camponês não em um degrau abaixo da civilização, mas sim imerso em uma forma de vida ainda indefinível que, pela falta de um nome melhor, estaria sendo nomeado simplesmente como “um novo tipo”.

O camponês seria um sujeito “em vias de ser” menos na direção do civilizado do que na condição de um ser híbrido, com traços da percepção da cidade ancorados em bases tradicionais do rural; resistindo e aderindo aos traços modernos; tendo as instituições como parceiras no reforço tanto dessa condição clássica de entremeio do camponês (estabelecendo

---

<sup>24</sup> Na obra *A invenção do cotidiano*, o historiador questiona a suposta entrega à passividade e à disciplina, expressa nas operações dos usuários, e explica que são as relações dos sujeitos que determinam suas práticas, mostrando que as pessoas possuem modos de operação ou esquemas que fazem parte de sua vida. As “maneiras de fazer” de Certeau (1994) constituem nas mil práticas pelas quais os sujeitos se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. No nosso trabalho, podemos observar que os desvios se entrelaçam por dois níveis do cotidiano: o oficial (o trabalho, a escola, a lavoura) e o não-oficial dos lazes. Assim o cotidiano do jovem no rural se constitui por tradições como trabalhar e estudar todos os dias, ir à escola, cumprir com as atividades da família (lavar, passar, cozinhar, consertar etc.), mas também pelas formas de comer conversando, de rezar trabalhando e de cozinhar cantando.

diferenças entre população rural e população urbana) quanto estimulando os sujeitos rurais na direção dos valores urbanos. Ou seja, um sujeito em meio a um atravessamento de sentidos.

Os estudos culturais britânicos mostraram uma preocupação especial com a presença e influência da heterogeneidade da cultura de massa e possíveis aspectos de mudança cultural provocada pela relação das pessoas com essa cultura. Apesar da constatação da cultura enquanto resquícios culturais ainda se configurar imprecisa, sem dar conta de explicar como operam as transformações culturais, dois aspectos levantados pelos estudos culturais foram muito importantes: primeiro, a ênfase no cultural e no campo dos sentidos, enquanto o conjunto de uma “força produtiva” que determinava as coisas na totalidade da vida, tanto quanto os aspectos socioeconômicos; segundo, os fatores externos hegemônicos e suas formas de significação e dominação, definidos no conjunto do culto ampliado de práticas, expectativas de vida, visões de mundo dos variados sujeitos de diferentes grupos sociais.

Com relação a esse último, os estudos salientaram que a existência de uma forma de vida hegemônica (enquanto forma de sistema de signos e valores) se constitui na medida em que as pessoas experimentam essa cultura na prática de suas vidas. Esse flerte entre a cultura de massa hegemônica com a cultura do povo produz transformações em ambos os lados, nas práticas, modos de falar e visões de mundo. E, nesse movimento, traços das culturas dominantes se internalizam pelas culturas do povo, seja aderindo ou resistindo às pressões e limites de uma determinada forma de domínio.

Na relação do rural com o urbano, no início da formação das cidades, a mudança cultural provocada nas comunidades e localidades rurais pela sociedade industrial estimulou processos de preservação e conservação da vida orgânica, natural e dos costumes rurais, na busca de proteger o rural dos efeitos do capitalismo. Em meio ao conflito, as cidades também eram vistas como centros do conhecimento e do saber. As ressignificações da cidade e do campo eram concebidas na simples comparação de uma vida com a outra. E nisso foram desenvolvendo-se visões diferentes e sentidos atravessados: sobre o rural, como lugar do atraso, mas também da vida sossegada junto à natureza; do urbano, como centro dos novos conhecimentos científicos e tecnológicos, mas também da violência, da miséria e do desemprego.

Olhando mais especialmente para as comunidades e localidades rurais, observamos outros entrecruzamentos de visões e sentidos: o forasteiro sempre “culpado” pela influência sobre os membros da cultura local tradicional, mas também “cultuado” por contar histórias de cidades invisíveis (Ítalo Calvino), por ser diferente e dar notícias das pessoas e da vida em um

mundo além das montanhas; e os habitantes do rural sendo “culpados” por não resistirem aos impulsos das sociedades, ao mesmo tempo em que as instituições “cultuavam” a importância dos valores urbanos.

Separando um pouco a comunidade da influência das instituições, vemos os estudos de cultura sugerindo um olhar mais intenso para o modo próprio de como vivem as pessoas, reconhecendo e tornando visíveis seus problemas cotidianos. Mas, sobretudo, como tentam se acomodar nessa cultura de entremeio em constante transformação que se apresenta para os indivíduos. E aí encontramos o universo desenraizado da “cultura do migrante” ou das migrações internas, que marcaram a história das comunidades tradicionais brasileiras na relação com as sociedades modernas.

A “cultura do migrante” sempre esteve imersa em uma condição de entremeio. A força atrativa da cultura citadina, mais forte sobre o rural, produziu um fluxo de informações que difundia de maneira mais intensa os valores urbanos no campo. Mas, aos poucos, os habitantes do rural, no contato com os migrantes de retorno da cidade e com as informações oriundas das instituições, deram-se conta da existência de sua vida no entremeio entre os resquícios da tradição rural e os traços dos valores urbanos. Quer dizer, arranjaram uma vida que estava ao alcance deles, do jeito que era possível, constituindo assim uma condição de entremeio que se tornava mais potente enquanto significado à vida das pessoas (uma espécie de não-lugar entre dois mundos).

Um passo importante foi dado pelos estudos de cultura latinoamericanos, que reconheceram a existência da cultura híbrida ou de entremeio, ao sugerirem a diluição da dicotomia do tradicional e do moderno, buscando os processos de hibridação formados por múltiplas mesclas interculturais. Olhando para os povos pobres latinoamericanos, observou-se que a existência da vida na condição de entremeio se constituiria a partir das escolhas dos indivíduos relativas ao consumo e reprodução de bens econômicos e culturais, estimulados pela cultura de massa. Tais escolhas das pessoas norteiam as relações sociais nesse ambiente e refletem os desejos dos sujeitos por apropriações e usos dos produtos da cultura de massa urbana e moderna por vezes reproduzindo uma racionalidade calçada em meios de distinção. Não se trata de reverter, substituir ou trocar uma tradição por outra, mas de uma hibridação, mescla cultural ou maneiras de ser e de fazer próprias das pessoas, tendo em vista o quadro socioeconômico, cultural e dos sentidos que se apresenta no cotidiano.

Contudo, os estudos latinoamericanos sobre cultura não acentuaram a operacionalização do conceito de hibridação cultural e nem salientaram o elemento da

transformação cultural como algo em vias de ser. Foram os estudos culturais britânicos que mostraram, com a noção de transformação, a possibilidade do enfraquecimento de alguns valores culturais tradicionais na medida da presença e influência de outros da cultura de massa. Nessa transformação, existem tentativas de acomodação, de adaptação (e, por que não, de comunicação) junto às experiências, constituindo um ponto de interseção entre indivíduos diferentes e mundos distintos.

A característica das culturas em transformação seria a necessidade de as pessoas abrirem mão de algumas de suas referências sociais e de traços de sua cultura na tentativa de sobrevivência, adaptação e acomodação nesse “mundo intermediário”, tendo em vista a presença e influência mais intensa dos elementos da sociedade moderna urbana. Mas como tais localidades e comunidades possuem fortes raízes, conseguem não se desfazerem de elementos de sua cultura que são mais significativos.

Esse processo em uma “cultura intermediária” (provisória, frágil, descompassada, cambaleante, em conflito) exige o reforço de laços comunicativos próprios entre os indivíduos, que solicitam tentativas de ajustes de significados em constantes encontros perceptivos com o diferente e a outra cultura. Nesse ambiente, outras significações e ressignificações são mais necessárias, pois outras percepções e sensações que fundamentam o afetivo das pessoas organizam essa cultura na condição de entremeio e envolve o exercício de identificar semelhanças e diferenças.

As diferenças culturais estão ali, vivas e mescladas no processo de transformação constante, em meio a tentativas de adaptação, acomodação e relação com o outro; em um movimento tenso, fraturado, descompassado e adesivo. E, nesse encontro perceptivo, as pessoas desenvolvem a experiência de diferenciar-se do outro (ou se assemelhar a seus costumes) com afetividade. Destacamos, nesta tese, que tais jogos de semelhanças e diferenças tendo como referência os fundamentos afetivos são influenciados não somente pela cultura híbrida, mas igualmente pelo momento afetivo vivido pelo sujeito (seja pessoal, junto da família ou de sua coletividade).

O exercício então seria de tradução da experiência fundamentada nas escolhas com base em afetividades, tentando verificar o indivíduo se adaptando ao sistema simbólico do momento vivido e a situação de sua cultura, mas também resistindo às tradições e ao moderno; sem confirmar sua dependência ou carência em relação às culturas dominantes ou à cultura em que vive.

Aí, então, estariam aspectos dessa condição híbrida. Nela, precisamos observar a dinâmica das semelhanças e diferenças como um operatório no momento vivido e na cultura, colaborando para o processo de transformação e alimentando o conflito. Nela, um atravessamento de sentidos: preconceitos, tensões de gênero, diferenças no jeito de ser, admirações e rejeições que fazem parte de modo intrínseco a este mundo.

Enfim, essa condição que assola as comunidades e localidades rurais seria alimentada pelas escolhas dos sujeitos que se encontram com elementos de outras culturas modernas urbanas, pois tais escolhas são eleitas como preferenciais por conta da necessidade que se apresenta ao indivíduo e sua necessidade de tentar se adaptar ou se acomodar a um mundo rural que se transforma. Como, então, o jovem no rural tematiza essa *relação* com o outro e o mundo diferente, tendo em vista seu especial momento vivido e suas tradições na agricultura familiar?

Dessa maneira, tendo em vista a forte influência do aspecto da migração que permeia a história de vida dos habitantes rurais, os jovens no rural se recusam a desaparecer totalmente (optando tanto em morar na roça e trabalhar na sede urbana do município quanto migrar para cidades médias próximas do rural onde vivem, para sempre visitar a família na roça – aspectos que veremos no capítulo 5), mas também não desejam se parecer totalmente com os sujeitos no mundo urbano metropolitano. Por outro lado, apesar das fortes raízes rurais, a comunidade que responde pela agricultura familiar de subsistência agoniza, e seus filhos vivem em condições por vezes desumanas e fortemente distintas (em termos de classe, de consumo de bens simbólicos e culturais) na cultura juvenil urbana já instalada na cidade.

### Capítulo 3

## O COMUNICACIONAL E A CULTURA

Em estudos sobre os trabalhadores das minas sul-africanas, o antropólogo Dunbar Moodie enfatizou os elementos sociais vistos como “originais” do que ele chama de “culturas de migrantes”. Vários grupos, associações, vários jeitos de se fazer economia e tipos de trabalho auxiliar se espalhavam pelos acampamentos dos migrantes. Tudo podia se arranjar basicamente com aquilo ao alcance das relações daqueles sujeitos, desde alimentos e remédios até bebidas, parceiros sexuais e serviços funerários. Armações políticas com os colegas do acampamento se juntavam a saudade da região de origem (MOODIE, 1980). Ali era apenas uma “estação intermediária”, um recurso ou o que deu pra fazer na caminhada própria desses povos sem direção, na tentativa de ganhar a vida de alguma forma, incluir-se socialmente, arranjar casamento, fugir da dependência da família ou se distinguir entre os outros. Tendo sobre os pés os valores e as identidades de sua terra natal, os sujeitos migrantes de Moodie foram lutando contra a proletarização durante várias gerações.

A história dos mineiros sul-africanos se assemelha à história da juventude migrante do rural do sertão pernambucano. Em São Paulo, eles desenvolveram grupos de tradições; outras maneiras de ser e de economizar para a festa ou para visitar a família nas férias; outros vínculos de reciprocidade; entre outros aspectos. Mas também maneiras de se diferenciar do jovem que ficou no rural, servindo como centro das atenções na roça (DUARTE, 2005). A “cultura de migrantes”, portanto, certamente se configura como *uma condição de entremeio mais intensa*: uma específica estação intermediária e provisória, na qual as escolhas dos sujeitos refletem essa condição entre a terra natal e o porvir ainda bastante indefinido.

Evidente que não estamos trabalhando com a situação específica da “cultura migrante”, mas o assunto da migração ontem e hoje tem se tornado, para a juventude pobre no rural, uma possibilidade de tentar ganhar a vida de alguma forma, incluir-se socialmente, fugir da dependência da família ou se distinguir entre os outros (desejando esse momento intermediário do migrante, semelhante aos mineiros sul-africanos de Moodie).

No rural pesquisado, já se vive de modo intenso, enraizado na tradição, a ideia da migração às cidades de referência (os jovens têm sempre um exemplo de amigo ou parente que migrou). Migrar é normal e, portanto, o desejo em estar inserido em uma “cultura migrante” se localiza um passo antes da migração, em um momento específico vivido pelos

jovens no rural. A migração já faz parte dessa lógica própria dos habitantes do rural, como enfrentamento às suas condições de vida no campo, pois se tornou parte da tradição de algumas famílias pobres no meio rural prepararem seus filhos (de alguma forma) para migrar à cidade.

Observamos o momento talvez crucial na vida do jovem no rural: o terceiro ano do ensino médio. Trata-se de um momento “em vias de ser” no meio entre dois mundos, ou seja, os jovens vivem o último ano de sua trajetória escolar, mas também possivelmente o último ano da vida no rural. Esse momento convoca os sentidos e valores em torno das expectativas, temores, saudades, incertezas, desejos, pois eles precisam decidir após o término do 3º ano sobre a migração ou não para a cidade referência. Morar na roça e trabalhar na cidade ou morar na cidade de maneira provisória ou definitiva? Consideramos tal momento como um entre meio diferente da específica situação da “cultura migrante” como se fosse um passo antes da condição de desenraizamento da “cultura migrante”. Mas por que não dizer que, nesse momento, os jovens já estariam respirando essa condição de desterritorialização? Curioso observar, enfim, qual a interlocução que as narrativas midiáticas estabelecem nesse momento da vida juvenil já que as reverberações de informações (especialmente da instituição mídia) têm colaborado no entreitamento dos mundos rural e urbano.

Para alcançarmos a complexidade do assunto, a perspectiva da comunicação situada no centro da vida desses jovens tem nos interessado particularmente, pois ela convida a olharmos para a experiência dos sujeitos cada vez mais entrelaçada em fios de valores urbanos. Nesses fios, estão as relações com as mídias que constroem uma costura frouxa, mal feita, mas que funciona mesmo enquanto elo frágil entre as experiências vividas nas tradições familiares no campo e as experiências do outro e seu mundo urbano moderno por meio das narrativas midiáticas.

De fato, o exclusivo foco na cultura – observado nos estudos de cultura e em algumas pesquisas em comunicação – não daria conta de explicar tal tessitura: o momento juvenil vivido, a cultura rural familiar e as narrativas midiáticas. Além de estabilizar as diferenças, encapsulando o comunitário distante da sociedade moderna – como disse Marshall Sahlins –, a visada mais cultural também impede de enxergarmos que o mais importante seria o que existe *em relação*. A cultura mesclada, então, parece que exige da comunicação uma visada mais relacional e convida a observarmos uma comunicação *entre meios e mediações*.

Como já mencionado, o imbricamento das culturas rural e urbana na contemporaneidade (realidade que não pode ser ignorada e observada de maneira dissociada),

que sofreu a colaboração das migrações internas e das instituições, constituiu um cenário com dois problemas importantes na atualidade: o desenraizamento dos sujeitos de origem rural na cidade e tal condição de desterritorialização enquanto algo desejado entre os jovens no rural. Nesse segundo aspecto problemático, as mídias tentam estabelecer uma interlocução com esse universo de sentidos do jovem no rural marcado pelos desejos de desenraizamento. E, nisso, chamamos a atenção para *as escolhas preferenciais* desses jovens, que apontam para valores presentes e influentes nessa experiência.

Na comunicação situada no centro da vida, o sujeito está sempre fazendo escolhas significativas. Tais escolhas são essas, e não outras, pois acontecem tendo em vista aquilo que está ao alcance do sujeito, ali imediatamente chamando sua atenção. Isso também tem a ver com a necessidade que se apresenta e as tentativas de se adaptar no seu mundo. Ao escolher algo, o sujeito tematiza sua relação em torno daquilo que acredita ser mais significativo para o seu momento, constituindo assim sua cultura e seu aporte simbólico; ajudando na dinâmica de reflexividade sobre o mundo vivido. Juntos, o cultural e os sentidos formam o conjunto de uma “força produtiva”, que determinam outras escolhas e novas relações com as coisas e as pessoas na totalidade da vida.

Essas escolhas estão na intimidade de nossas relações: começa com o indivíduo envolto em seus próprios pensamentos; entrelaça-se com o pensamento do seu grupo social e/ou com as tradições da família (pois o humano só seria algo para si mesmo quando aparece para os outros); estende-se para o grupo de parentesco e compadrio; também para a o coletivo comunitário. Nas relações com tais camadas da vida social, tentamos nos adaptar a diversas situações de convívio, acomodar-nos em um social que já existe. Quando o jovem incorpora esse social à sua dinâmica de reflexividade, ao desenho de suas conversações, ele precisa “acomodar” as experiências do outro e do outro mundo (nunca sem conflito) que solicita uma escuta, uma compreensão e a suspensão provisória de seu plano cognitivo (visão de mundo, ideias concebidas) construído junto a sua coletividade na comunidade rural. Os “fatores externos”, os valores urbanos, que povoam as narrativas midiáticas, encontram a intimidade das relações já constituídas no território familiar. Portanto, personagens e temas sociais na mídia se tornam “o outro” e “o outro mundo” verdadeiramente diferente na relação conflituosa com as tradições na comunidade rural (o jovem, sua família, seus amigos, parentes



e vizinhos) – pois tratam-se de produções midiáticas que tomam como referência o mundo urbano<sup>25</sup>.

Isso significa fundamentalmente que podemos ler essa relação midiática (e, nesse sentido, também o assunto “comunicação e cultura”) na perspectiva da alteridade, na qual importa o encontro perceptivo do coletivo juvenil no rural com o outro e seu mundo diferente. O processo de perceber e sentir o outro e seu mundo diferente, por meio das narrativas midiáticas, desperta o mecanismo das escolhas preferenciais tendo em vista aquilo que se apresenta, ao alcance das pessoas. Na escolha, os sujeitos se diferenciam ou se assemelham aos traços nas narrativas, sempre em um processo conflituoso, que causa estranhamentos, conformações de sentidos e pode remeter o sujeito à necessidade de adaptação com uma ideia diferente. As transformações na cultura estão aí, na medida em que estimulam a dinâmica de reflexividade, delineiam as conversações diárias, provocando reproduções e atualizações nas interpretações instutidas no mundo rural.

### **3.1. A importância do comunicacional**

Durante muitos anos (e até os dias de hoje), algumas pesquisas em comunicação mantiveram um foco excessivo na cultura, na tentativa de se contrapor ao modelo político instrumental dos meios de difusão de informações. Ao focalizar mais a cultura do que a comunicação, as pesquisas se alinharam a uma preocupação mais específica de outros campos do conhecimento. Inverteram o polo e partiram do ponto de vista do sujeito na cultura sob influência dos produtos da cultura de massa, mantendo, assim, o modelo vertical de comunicação: “Linearidade ao inverso, uma ênfase excessiva no receptor, uma valorização indiscriminada dos usos, assim como uma fragmentação da abordagem e uma sociologização dos estudos de recepção em detrimento da apreensão do processo e do próprio enfoque comunicacional” (FRANÇA, 2004, p. 35).

Esse foco na cultura e no sujeito se deve à influência dos pesquisadores latinoamericanos que, entre os anos de 1980 e 1990, construíram um modelo teórico-metodológico para estudos da recepção midiática na América Latina inspirados nos estudos

---

<sup>25</sup> A existência de um mundo no qual as narrativas da mídia se tornam mais presentes e influentes não seria um mundo radicalmente estrangeiro nos tempos atuais, mas não se pode conhecer e discutir sobre temas e personagens midiáticas estando fora deste mundo que sofre a midiatização, mas sim mergulhados em sua aparência, no território da existência à qual podemos nos referir e escolher conversar sobre elementos de tais narrativas. Como disse Hannah Arendt em *La vie de l'esprit. La pensée* (Paris: Puf, 1987), com tradução de Newton Bignotto, o lugar do humano seria o mundo constituído “pelas coisas naturais e artificiais, vivas e mortas, provisórias e eternas que têm em comum o fato de *aparecerem* e, por isso mesmo, de serem feitas para serem vistas, escutadas, tocadas, sentidas e desgustadas por criaturas sensíveis dotadas dos sentidos apropriados” (ARENDR, 1987, p. 33 *apud* BIGNOTTO, 2009, p. 229).

culturais britânicos (Néstor García Canclini, Jesús Martín Barbero e Guillermo Orozco ainda são as personagens principais dessa abordagem). Dessa maneira, os teóricos conceberam a “recepção” dos produtos da cultura de massa como uma terceira via a partir de processos “de baixo para cima”, na busca de identificar a resposta dos latinoamericanos no contexto subalterno de sua cultura, sua articulação complexa com o massivo e com a cultura hegemônica situadas em um contexto macro capitalista. A chamada “chave para a recepção” tinha como missão apenas libertar o sujeito oculto no receptor.

Em nome dessa visão política, Jesús Martín-Barbero não se incomodou em ser visto como um culturalista no meio acadêmico da comunicação e propôs “perder o objeto para ganhar o processo”. Alguns pesquisadores da comunicação advertiram, na época, sobre os riscos dessa pulverização do objeto da comunicação e do esletismo teórico-metodológico nos “estudos de recepção” (LOPES, 1997). Em paralelo a essa abordagem, desenvolvia-se uma *visada comunicacional* que procurava as identidades e fronteiras do campo da comunicação, demonstrando a existência de novos desenhos de organização e funcionamento dos processos de circulação dos produtos midiáticos, que seriam os objetos centrais da comunicação.

Para Fausto Neto (2010, 2012), os impactos das novas disposições midiáticas da mensagem sobre o âmbito dos sujeitos suscitavam uma revisão do termo “recepção” – já que ele se vincula ao resultado dos efeitos ou à confirmação das expectativas dos polos emissores. A ação “tecnosimbólica” do campo da produção sobre as instâncias receptivas não se efetivaria de modo causal, mas sim de acordo com a intenção dos sujeitos nessa relação, pois sem essa intenção inexistiria a ocorrência de comunicação.

A construção das relações entre produção e recepção repousava em torno da ocorrência de um ato [comunicacional] cujas complexidades e indeterminação estavam colocadas fora de cena. Considerava-se a ênfase ao aspecto consciencial dada por este processo, pondo também fora da cena o âmbito da circulação. A existência de uma “zona” no fluxo produção/recepção era naturalizada como uma “passagem” automática neste circuito – uma espécie de intervalo – sobre o qual diferentes tradições de pesquisa desconhecera a sua existência (FAUSTO NETO, 2010, p. 56).

Para o autor, os territórios (os dois campos ou os dois mundos) da recepção e da emissão se posicionariam lado a lado (em relação, em constante transformação). E, com o foco no *comunicacional*, o destaque estaria menos no sujeito e sua cultura ou nas representações em si inseridas no produto do que na ocorrência da comunicação, no movimento dos sentidos e nos instantes dessa experiência dos sujeitos em relação midiática. “Em suma: uma perspectiva interacional e situacionista não permite analisar uma fase do ato

social sem levar em consideração seu encadeamento numa sequência de outras fases” (FRANÇA, 2008, p. 85).

Um comunicacional, portanto, situa-se entre dois mundos que se ajustam em uma relação peculiar que envolve tanto o nível situacional, das interlocuções estabelecidas pelas narrativas midiáticas junto aos públicos, quanto por sua inserção em nível macro, o que supõe o ajuste da hegemonia do sistema mundial capitalista e a resistência cultural ou respostas locais. E considerando tais aspectos, um comunicacional (seja qual for) parece nos convidar a não ceder à pressão do desfecho totalizante da dominação do sistema capitalista, mas sim perceber que as culturas estão em trânsito, ainda se formando, em uma condição “em vias de ser” inevitável, na qual os sujeitos das comunidades ou localidades pobres latinoamericanas se arranjam como podem entre as raízes de suas tradições e os desafios da modernidade.

### 3.3. O conflito das percepções/sensações

Estamos usando a noção de acomodação no sentido de adaptação, considerando evidente a existência de conflitos, semelhanças e diferenças no processo. A própria ideia de “acomodação” cultural não é nova e nos remete a um estudo de cunho mais conservador – utilizado, nesta tese, ao menos como inspiração para desdobrarmos outros caminhos.

O sociólogo Gilberto Freyre (1936) investigou a adaptação dos senhores dos sobrados e dos negros livres dos mucambos à raça mestiça que começava a surgir nas cidades brasileiras. No livro *Sobrados e Mucambos*, ele ressaltou o surgimento de uma “cultura mestiça” que tentava se acomodar no espaço das experiências urbanas, no tempo da formação do urbano. Naquele tempo, chamava atenção a capacidade de *acomodação* de povos de uma cultura diferente, mas também raça diferente. Outro aspecto seriam os processos de *subordinação* de um sobre o outro no espaço citadino que se formava. Como sabe, havia no Brasil do final do século XIX e início do século XX um intenso antagonismo (de classe, raças, culturas)<sup>26</sup>, mas, aos poucos, foi surgindo lentamente uma figura social que tentava se adaptar ao cenário de rivalidades entre os senhores brancos dos sobrados e os negros livres dos mucambos. Essa figura social foi o *mulato*, elemento de raça (um híbrido) socialmente mais

---

<sup>26</sup> Tais diferenças diminuíram com o declínio do patriarcado rural no Brasil a partir do século XIX, com o desenvolvimento das cidades e das indústrias. Nas cidades do século XX, acentuaram os antagonismos e atritos entre os senhores dos sobrados e os negros libertos, fugidos e moradores dos mucambos, inclusive entre aqueles que eram considerados como “escravos de dentro” durante o período anterior da casa grande e da senzala (FREYRE, 1936). Sobre esse período, alguns estudos históricos já mostraram o preconceito oficial contra aqueles que habitavam os terreiros afro-brasileiros e os negros pobres da periferia do Recife nos anos de 1930 (ALMEIDA, 2001). Essa época de intensas distinções, que ficou conhecida no Brasil como *belle-époque tropical*, pode ser visualizada no livro de Jeffrey Needell, “Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século” (São Paulo: Cia das Letras, 1993).

plástico, dinâmico, principalmente aquele valorizado pela cultura intelectual ou técnica (FREYRE, 1936). Aqui vamos reter apenas a observação sobre o conflito de percepções e sensações de sujeitos distintos imersos em um mundo urbano em transformação.

A cidade que se formava trazia a necessidade de novas relações sociais, mas também o grandioso desafio da adaptação em meio a um poderoso processo de ressignificação de toda a vida, tanto para os senhores dos sobrados (até mesmo a própria edificação do sobrado era uma novidade para as pessoas) formados pela aristocracia rural, quanto para os negros livres que tentavam se adaptar à nova vida (de um humano livre, mas também de um cidadão). E se já não bastassem tais conflitos, surgia o mulato, o terceiro elemento (o brasileiro nato, como diria Darcy Ribeiro) ou “o verdadeiro Outro” que aparece em uma relação conflituosa já existente entre indivíduos de base rural na tentativa de adaptação com a vida de base urbana.

Portanto, além das questões raciais e de classe, podemos dizer que a cidade se constituiu como o lugar da existência desse poderoso processo de ressignificação da vida (do rural para o urbano), em que os conflitos mais significativos eram de percepções/sensações que se transformavam: de um mundo agrário que se transformou em dependente de um mundo metropolitano; das tradições rurais que se transformaram no contato com a modernidade urbana; do pensar a vida na cidade, tendo como referência as percepções e significações desenvolvidas no mundo rural; do negro livre agora cidadão; do aristocrata rural que virou comerciante na cidade; dos prédios com arquitetura clássica que cediam espaço para os primeiros “arranha-céus” com arquitetura moderna; o calhambeque nas ruas em substituição à charrete. E a figura do mulato no Brasil encarnou, portanto, esse espírito de transformação, de um mundo em vias de ser, de mudanças perceptivas no encontro com uma vida totalmente nova (já que o mulato reunia identificações de comportamento dos senhores do sobrado e dos negros do mucambo).

Ou seja, tanto o cidadão quanto o camponês se constituíram no conflito de uma vida em transformação, mas, sobretudo, construindo mundos com traços culturais e referências sociais de ambos os mundos. As constantes tentativas de acomodação ou adaptação tanto no rural quanto no urbano em relação desafiavam as percepções e sensações das pessoas, na busca de significações e ressignificações do seu mundo. O camponês brasileiro (em especial, da agricultura familiar) tentava compreender sua vida indissociada da cidade, das semelhanças e diferenças em relação ao mundo cidadão, mas também enraizado às identificações com as tradições no rural.

Portanto, a condição de entremeio do camponês, da população rural, vem se constituindo desde a formação das cidades, exigindo o movimento dinâmico das adaptações na vida enquanto um desenvolvimento próprio de cada rural, envolvendo escolhas (falas e práticas no mundo). Evidente que não existe uma acomodação no sentido de passividade do indivíduo ao instituído, mas certa autonomia que constitui o estar do sujeito no seu mundo.

### ***3.3.1. Encontro perceptivo***

Dissemos anteriormente que, na relação midiática em questão, o outro e o outro mundo seriam aqueles expressos nas narrativas da mídia: a existência do indivíduo no rural (na sua intimidade, no seu grupo social, na sua família e na sua comunidade) estaria envolvida pelos traços das narrativas produzidas a partir de um universo urbano tomado como referência.

No jogo de semelhanças e diferenças, faz-se necessário um momento de suspensão de alguns aspectos do plano cognitivo do indivíduo no rural, ou seja, a suspensão de detalhes em sua visão de mundo, em certos conhecimentos prévios, significados e interpretações. Dessa maneira, ocorrem as tentativas de adaptação do sujeito da comunidade envolto com aspectos da sociedade moderna expressa pela mídia. Pelas gretas e fissuras entre as coisas instituídas na sua vida na comunidade e o vivido, desenvolveram-se identificações e diferenças e a constituição de um jeito próprio de ser e fazer do sujeito no rural – bem na direção daquilo dito por Chartier (1995) como:

um espaço entre a norma e o vivido, entre a injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde podem insinuar-se reformulações e deturpações. Nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foi capaz de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiam. O que mudou, evidentemente, foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las (CHARTIER, 1995, p. 182).

De um lado, temos o contexto daqueles que produzem narrativas midiáticas (os recortes que significam as normas de um vivido pelo outro e de um outro mundo diferente) e, do outro, o instituído pelas tradições no vivido dos sujeitos. Um espaço intermediário se constitui entre o sentido visado por uns e o sentido produzido por outros. E este ponto de interseção exige algumas articulações: os planos cognitivos de um e de outro precisam ser suspensos para permitir tentativas de comunicação ou interlocução.

Tanto na relação face a face quanto na interação mediada pela tecnologia, percebemos e sentimos o outro por estímulos e identificações, e esse momento não significa comunicação, mas sim que um percebe/sente alguma coisa e convoca o outro, indicando um posicionamento do sujeito em relação ao outro. Aos poucos, nesse movimento de perceber/sentir, o “encontro perceptivo” se estabelece e promove a comunicação, a interpretação, a valoração e o amadurecimento desse espaço de troca e contradição. Importa, então, nesse encontro, a maneira como se constituiu a comunicabilidade (mobilização de sentidos, intercruzamento de estímulos, expansão dos conhecimentos).

Naquele livro muito útil chamado *Convite à Filosofia* – ali na Parte 4 “Conhecimento”; capítulo dois, que fala sobre “Percepção” – a pesquisadora Marilena Chauí explica que esse conhecimento sensível do outro, também chamado de experiência sensível, possui duas formas principais que nunca se separam: a sensação e a percepção. Sentimos/percebemos as coisas ao mesmo tempo. Ao perceber/sentir algo que chama a atenção, somos convocados pelo outro e isso implica que escolhemos algo ao qual atribuímos significado. Com a comunicação estabelecida ao longo do tempo de relação, já podemos nos habituar a viver com aquilo (assistir ao programa favorito) ou relacionar o que chamou nossa atenção (o percebido/sentido) com algo semelhante próximo de nossa vida (o futebol na tela e na vida, por exemplo). Aquilo que “adere” pode se entrelaçar com a vida quando o percebido/sentido compõe nossa história de vida, torna firme a percepção/sensação que temos na relação com o outro. Por conta da complexidade dessa relação, diz-se que as pessoas se relacionam com um *campo perceptivo*, o lugar do “encontro perceptivo”, onde um comunicacional amadurece, constrói uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir das relações de nós com o mundo (CHAUÍ, 1995).

O termo “encontro perceptivo” que estamos utilizando é trabalhado por Duarte (2003)<sup>27</sup> quando busca explicar uma epistemologia da comunicação. Esse encontro diz respeito à existência de uma experiência sensível em um campo perceptivo dinâmico no qual se encontra o *percebido/sentido de ambos*, edificado na constante relação. Acontece que um e outro são arrastados para uma zona de interseção, na qual os valores de ambos se perdem em um movimento de desterritorialização (uma suspensão daquilo que já se sabia) e reterritorialização (daquilo que se atualiza e se ressignifica). Ou seja, ambos cedem em suas perspectivas em prol da comunicação. Por isso que a experiência sensível do percebido/sentido, nesse ponto de interseção, já se livrou ou suspendeu algo de um e de outro,

---

<sup>27</sup> O autor toma como base as explicações sobre “percepção” do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (C.f.: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de La Perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945).

não sendo nem um e nem o outro, permitindo assim uma comunicabilidade. O que se suspende nesse encontro são os planos cognitivos já estabelecidos de um e de outro, que possibilita o desenvolvimento de uma nova cognição na relação. Falas e ações em jogo na relação só estão ali por conta de um processo comunicativo instaurado após a suspensão das percepções isoladas de um e de outro. Para esclarecer melhor essa ideia de suspensão, apoiamos no que diz Braga (2012) sobre escuta e comunicação.

### **3.4. Mudança e escuta nos processos comunicacionais**

Os encontros perceptivos tratam de um trabalho explícito entre sujeitos que se relacionam no cotidiano para produzirem algo não inteiramente fornecido nos pontos prévios da interação (BRAGA, 2012). Nessa interseção, existe uma relação em vias de ser ou tentativas de comunicação: atravessamentos de sentidos que buscam estabelecer uma interlocução, mesmo que frágil e provisória. No caso dessa pesquisa, estamos observando tais encontros tendo em vista uma interação midiática.

Um comunicacional entre narrativas midiáticas e a cultura de uma comunidade tenta se estabelecer na medida da mudança visível e sutil de aspectos sociais no rural contemporâneo. Aos poucos, os sujeitos nas áreas rurais se distanciaram do rural clássico, por conta de um rural *sempre em relação* com as cidades:

até o momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou, que algo ‘está em mudança’ – sendo preciso refletir ou investigar para perceber os processos e as próprias modificações, seus sentidos, seu lento amadurecimento (BRAGA, 2012, p. 5).

Evidente que as instituições (escola, igreja, ongs, órgãos públicos) e a eletrificação rural (cabos, fios, postes, antenas) contribuíram para a intensidade da midiática no rural e da dinâmica de relação campo-cidade, todavia salientamos a influência da instituição mídia nesse processo de midiática e aproximação de culturas rural e urbana. Interessa-nos, nesse processo comunicacional, uma interlocução que tenta se estabelecer.

Nessa perspectiva, podemos considerar também que a origem do processo, de fato, pode envolver não somente a percepção e a sensação, mas igualmente a “escuta” do outro: “Contrariamente às perspectivas mais tradicionais, que enfatizam a mensagem e seu emissor, adoto a fórmula de que ‘a comunicação está na escuta’. Os estudiosos da recepção vêm estudando com boa produtividade esse ângulo da questão comunicacional” (BRAGA, 2012, p.

6). Os públicos têm sua forma peculiar de escutar, a chamada “sintonia receptiva” (ajustes, alterações etc.) na relação com as mensagens midiáticas, produzindo uma leitura social dos conteúdos da mídia de acordo com sua cultura. Todavia, os produtores de informação também produzem sentido sobre o que enquadram e codificam. Quer dizer, mesmo em um espaço e tempo estendidos, os sujeitos estão em relação, pois existe um trabalho de pensar a vida privada e coletiva na relação com um mundo enquadrado pelas mídias, que põe em movimento as expectativas, os interesses e as ações dos sujeitos em relação. Neste trabalho, observam-se discursos dos grupos sociais e posições de fala dos indivíduos, na relação com as narrativas midiáticas produzidas por sujeitos que tomam como referência o mundo urbano. Junto da instância receptora se constrói essa “sintonia receptiva” que diz muito tanto dos conteúdos midiáticos quanto dos traços da cultura. Assim, como se fossem sujeitos falando línguas diferentes, a “sintonia receptiva” se traduz na leitura social da mídia e diz muito sobre esse ponto de interseção no encontro perceptivo dos sujeitos. Mesmo apontando para um lugar intermediário, em vias de ser, a leitura social da mídia permitiria a observação dos lampejos de sentidos e valores, alimentando a dinâmica interacional. Segundo Braga (2012), a própria posição de fala do sujeito já seria um movimento na direção da escuta:

Isso significa que a própria “posição de fala” já se constitui como uma relação de atenção para a escuta (possível), que se torna, assim, produtiva. A própria ideia de um “contra-fluxo”, da recepção para a produção, se contrapõe ao risco de confundir comunicação com o “fluxo informacional”, pois este se põe apenas para “adiante”. Entendo, pois, que é da reverberação mútua entre “falas” e “escutas”, de parte a parte, que se alimentam os processos interacionais em sua produção de sentido (BRAGA, 2012, p. 6).

Aqui na pesquisa, entendemos esse movimento do sujeito na direção da escuta, que ajusta sua posição de fala, como sendo motivado por algo que desperta o interesse ou chama a atenção. Quando se trata de uma interação midiática, só damos atenção ou escutamos aquilo na mídia que seria significativo aos nossos conhecimentos. Escutamos com mais intensidade aquilo que nos emociona, estimula nossa percepção/sensação. Por algum motivo, aquilo tem significado na experiência de vida.

A reverberação (falas e escutas de parte a parte) envolve leitura social, produção de sentido e conversações sobre os conteúdos midiáticos que mais chamaram a atenção, por conta de certo entrelace das narrativas preferenciais na tessitura da experiência de vida. A atividade de assistir a um programa favorito na tevê e comentá-lo com alguém ou com o grupo se constituiria no trabalho do sentido e no exercício de dar atenção, alimentando o processo de escuta, fala e produção de reverberações no social.



Evidente que essa relação estendida no tempo e no espaço precisa amadurecer a escuta possível e as percepções e sensações que afetam de maneira significativa os sujeitos em relação. Lentas e graduais, as tentativas de comunicação se dão aos poucos em encontros perceptivos cotidianos, no ajuste dos sentidos e leituras, que variam em sua disponibilidade e acolhimento.

Acreditamos que o processo de escuta seria “ativado” por algo que chama a atenção. Nesse momento, já estamos falando de uma possível escolha preferencial, ainda indizível. Para aquilo nos dizer algo, precisamos suspender um pouco nosso plano cognitivo (visões de mundo, ideias pré-estabelecidas, normas e regras culturais que regem nossa rotina de vida, etc). Na relação com aquilo que desperta a atenção, desenvolve-se um trabalho de compreender o que se recebe em um processo de produção de sentido.

Depois de escutar, perceber, sentir e sofrer a experiência do contato com a experiência do outro e com o outro mundo na tela, há um possível trabalho do sujeito de tornar o sentido significativo e habilitado a ser visto novamente no cotidiano. Quer dizer, constrói-se o hábito de assistir determinados programas na tevê, mas, sobretudo, de acompanhar certas personagens e temas sociais escolhidos como preferenciais. Vale frisarmos que, nesse processo, o conflito nunca deixa de existir.

O desempenho do outro na tela e sua experiência, bem como os assuntos significativos, estimulam o encontro possível, mas igualmente a própria disposição do sujeito em escutar. Assim, as narrativas midiáticas estimulam a escuta nos sujeitos no campo receptivo e, ao prestar atenção, o sujeito está olhando para esse espaço constitutivo da relação que envolve reações de proximidade e de afastamento, constituindo lentamente uma possível interlocução com os sujeitos na cultura.

### **3.5. Perspectiva do sujeito em comunicação e objetivos do estudo**

A onipresença da mídia no social abre espaço para pensarmos um comunicacional que se estabelece entre os sujeitos que estão em uma comunicação estendida no tempo e no espaço. A construção social da realidade que se apresenta, em meio a conflitos e aderências, encontra-se permeada pelas mídias e seus estímulos: a presença e influência das mídias

modificaram profundamente as experiências dos indivíduos no social, o modo de lidar com o tempo e as visões de mundo<sup>28</sup>.

Essa afetação recíproca, na qual aspectos da cultura se encontram expressos nas narrativas midiáticas e traços das narrativas reverberam na sociedade, pode ser observada a partir da escolha dos sujeitos entre os diferentes temas e personagens que permeiam e constroem essa relação (atores, atrizes, apresentadores, os tipos das personagens dos noticiários). Existe um leque de conteúdos, mas somente determinados temas e personagens se destacam nessa “sintonia receptiva”.

O desempenho das personagens na tevê quase sempre está envolvido por temas, problemas públicos que despertam o interesse, entrelaçam-se com os sentidos na experiência de vida das pessoas. Podemos dizer que também existe uma escuta por parte desses sujeitos proeminentes na mídia, que, estimulando valores e sentidos, constrói seu desempenho para um público imaginado. Tanto os proeminentes na mídia quanto os sujeitos no campo receptivo estão em exercício, trabalhando os sentidos: posicionando, reinterpretando, reordenando posições, confirmando, discordando, questionando e completando os sentidos. Ou seja, estão em comunicação.

Atores e atrizes buscam comunicar algo da personagem; apresentadores e repórteres procuram estabelecer um diálogo com os públicos; celebridades do futebol desempenham atuações dentro e fora dos gramados. Eles tentam comunicar algo, de alguma maneira. Tanto no telejornal quanto na telenovela, as atividades dos sujeitos diante das câmeras significam atividades que visam uma possível comunicação, tentativas de acomodação aos sentidos do outro, de se fazer compreender, apresentando o modo como reagem a determinadas situações, temas e acontecimentos. Observamos, então, que se existe um estímulo à escuta proporcionado por aquilo que desperta o interesse, então podemos dizer que a escuta não se dá com o programa em si, mas com traços das narrativas: na telenovela, pode ser um núcleo de personagens, uma personagem em especial ou a relação entre duas personagens; um tema em específico; um tema que se entrelaça com outro tema; o jeito de um apresentador de

---

<sup>28</sup> No livro *Por que estudar a mídia?*, o midiólogo Roger Siverstone (2002) diz que estudamos a mídia para termos respostas às questões do que medeia a mídia, seu ideológico e suas consequências. O que a mídia dissemina em termos de sentidos que impregnam e afetam a experiência da *performance*, do consumo, do viver em família, em comunidade, as relações de confiança e o outro.

telejornal; a representação de determinados políticos; etc. Há, portanto, algo de significativo no desempenho de algumas personagens, associadas a temas sociais de interesse<sup>29</sup>.

### 3.5.1. *A perspectiva dos sujeitos da/em comunicação*

O sujeito da/em comunicação é um sujeito socialmente envolvido em processos interacionais. Sua posição de fala e sua prática tomam como referência as falas e ações dos outros, mas também a linguagem e o sentido existente, aspecto que lhe torna também enunciador de discursos e leitor de textos:

Ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito – a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico. Assim não falamos em sujeito no singular, mas no plural; e não somente sujeitos em relações, mas em relações mediadas discursivamente (FRANÇA, 2006, p.76-77).

No texto “*Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead*”, França (2008) mostra a noção de interação no processo comunicativo (FRANÇA, 1998; BRAGA, 2001; PINTO; SERELLE, 2007) trazendo o lugar da fala na ação conjunta referenciada pelos sujeitos em interação, substituindo e qualificando de maneira diferente a ideia de ação em seu sentido de compartilhamento e agenciamento. A interação comunicativa está no sentido social mais amplo; não se refere à interatividade<sup>30</sup>, e se estabelece quando o sujeito interage com a mensagem na mídia em seus espaços cotidianos.

França (2008) sistematizou para o campo da comunicação as contribuições trazidas pelos sociólogos da Escola de Chicago. A ênfase no objeto comunicacional está nessa

---

<sup>29</sup> Ao falarmos de algo significativo no desempenho dos proeminentes da mídia, podemos falar também em gestos significativos. Para o filósofo e psicólogo social George Herbert Mead (1993, p.88), o gesto representa a ideia que está por trás e sua ação faz com que o gesto se torne significante: “tenemos um símbolo que responde a um significado na experiência del primer individuo y que también evoca esse significado en el segundo individuo. Cuando el gesto llega a esa situación, se há convertido en lo que llamamos ‘lenguaje’. Es ahora um símbolo significante y representa cierto significado” (“teremos um símbolo que responde a um significado na experiência do primeiro individuo e que também evoca esse significado no segundo individuo. Quando o gesto chega a essa situação, se tem convertido no que chamamos de linguagem. É agora um símbolo significante e representa certo significado”). Um símbolo na cultura de cada sujeito responde ao significado de um e de outro, conforme a experiência de ambos. Essa situação de comunicação de sentidos se dá pela linguagem, na qual o símbolo significante que se constrói na relação representa certo significado. Contudo, não queremos desenvolver a noção de “gesto significativo”, pois ele seria mais alinhado aos interesses específicos do autor.

<sup>30</sup> Os conceitos de interação e interatividade sempre estiveram muito próximos, sendo utilizados durante algum tempo de maneira difusa e ampla por diferentes áreas científicas. Acompanhando o esforço inicial de Primo e Cassol (1999), que exploraram o conceito de interatividade no final dos anos de 1990, observamos essa mistura dos conceitos. Hoje, há uma distinção mais clara dos conceitos. Quando falamos em interatividade, estamos nos referindo a um produto com *hyperlink*; ao estímulo provocado para se clicar; as votações online; aos videogames que respondem ao *joystick*, entre outros. A interatividade se restringe às ações que tratam de movimentos de ação-reação, nos quais o sujeito se reposiciona na medida dos *inputs* determinados que gera sempre os mesmos *outputs*. Ou seja, o conceito de interatividade se remete mais propriamente às características do dispositivo, enquanto interação diz respeito à relação entre os interlocutores.

articulação do usuário com aquele que enuncia a linguagem midiática. Ao escutar e conseguir emitir opiniões, respostas práticas e modificar percepções, o sujeito no campo da recepção já iniciaria o processo da interação comunicativa.

Para Mead (1993), todo o ato social seria interação, ação partilhada, e o ato seria um todo formado de partes. A análise situacionista de Mead seria a análise da situação como um todo, formado pela *relação* de sujeitos implicados. França (2008) refina a discussão:

Não é possível, numa perspectiva interacional, analisar a intervenção de um emissor sem levar em conta o outro a quem ele se dirige e cujas respostas potenciais (as respostas do outro imediato e de outrem – o grupo ao qual pertence) já atuam com antecedência sobre o seu dizer; não é possível analisar o receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito da qual relação [...]. Em suma: uma perspectiva interacional e situacionista não permite analisar uma fase do ato social sem levar em consideração seu encadeamento numa sequência de outras fases (FRANÇA, 2008, p. 85).

Os sujeitos da tevê, presentes na narrativa midiática preferencial, funcionam como referência à leitura social, dialogando com a experiência dos sujeitos, levando em conta tanto o que está na pauta de cada programa quanto como reverbera na cultura. Tais movimentações já carregam consigo sentidos e práticas balizadas em respostas anteriores do público, que se agregam à experiência desses sujeitos produtores de informação.

### 3.6. Objetivos do Estudo

Enfim, se os sujeitos estão na/em comunicação, perguntamos *qual a interlocução que se estabelece entre esses dois mundos distintos?* Apontamos para o conflito, mas também para as semelhanças, nas relações: do rural com o urbano; das tradições da comunidade rural com traços da modernidade da sociedade urbana. Mais especialmente, *qual a interlocução que se estabelece na relação entre os jovens na agricultura familiar e as narrativas midiáticas produzidas por sujeitos que tomam como referência um mundo urbano moderno?*

Tendo em vista que a reverberação das informações midiáticas também responde historicamente pela aproximação e pelo afastamento dos dois mundos distintos (rural e urbano), indagamos também *como* uma interlocução midiática se delinea – de modo tenso, frágil e provisório – entre esses dois mundos, fazendo parte da tessitura da experiência de vida dos jovens no rural, em seu momento vivido, mas também tentando dialogar com algumas tradições de uma cultura rural de base familiar.

Portanto, o momento vivido por esses jovens no terceiro ano do ensino médio da escola rural e a cultura rural de base familiar afetada pela presença e influência dos conteúdos midiáticos (que colabora com a aproximação com o mundo urbano, assim como outras instituições) funcionam como parâmetros de análise no processo de investigação, junto com os recortes das personagens e temas preferenciais da narrativa televisiva e a prática de leitura dos jovens sobre tais recortes.

O território da agricultura familiar de subsistência contemporânea e o momento vivido hoje do jovem no rural traduzem uma *condição de entremeio* por conta do eminente desenraizamento do jovem rural do campo para a cidade, na busca por reconhecimento profissional, continuidade dos estudos e emprego com carteira assinada na cidade; a possível descaracterização do *ser jovem rural* ou o desaparecimento da categoria social; o enfraquecimento da pequena agricultura familiar de baixa renda; os conflitos da mescla dos traços da vida urbana com as tradições da família rural; as tensões de gênero e entre gerações. Trata-se de um terreno fraturado e frágil, onde os sentidos se entrecruzam e por vezes conseguem estabelecer uma interlocução entre dois mundos distintos. Quanto ao método, no processo de investigação, optamos pela técnica do grupo de discussão, associado à aplicação de questionários individuais com perguntas abertas e fechadas.

O objetivo desta investigação é realizar um estudo sobre como determinadas narrativas da mídia televisiva funcionam enquanto provocadoras de reflexividade e delineadoras de conversações na textura das experiências destes jovens rurais mineiros. Qual a interlocução midiática que tenta se estabelecer na relação entre dois mundos distintos, o rural e o urbano? Como essa interlocução procura se estabelecer por determinadas personagens e temas da narrativa midiática eleitas pelos próprios jovens no rural? Perguntas relativamente simples, mas que escondem um problema complexo.

Especificamente, (a) identificamos e mapeamos aspectos quanto ao hábito de consumo das mídias, bem como um quadro de preferências midiáticas, particularmente quanto aos programas televisivos, temas sociais e personagens; (b) descrevemos alguns temas sociais de maior interesse, as personagens mais admiradas e alguns produtos considerados como preferenciais; (c) identificamos os temas e as personagens que estimularam a conversação no grupo de discussão, bem como os sentidos em torno da produção de uma leitura social; (e) analisamos a leitura social dos participantes da pesquisa, articulando a reflexividade e as conversações produzidas e sua relação com aspectos da experiência de vida rural.

A tese defendida será qual a interlocução que personagens e temas das narrativas televisivas tentam estabelecer (em meio a tensões, conflitos e adesões) com os jovens de um contexto pobre no rural em um cenário que apresenta certo desenraizamento das tradições familiares e comunitárias rurais. Como as escolhas preferenciais dos próprios jovens ajudam a observarmos a constituição de sua experiência midiática entrelaçada com a experiência de vida?

## **Capítulo 4**

### **O RURAL E A COMUNICAÇÃO**

Antes da chegada das bandeiras luso-brasileiras, por volta da primeira metade do século XVIII, a região da zona da mata mineira (sudeste do Estado) era habitada pelos seguintes povos originários: Puris, Coroados e Coropós. No processo de desenvolvimento, a região teve uma história marcada por um período de auge e declínio, que se estendeu desde seu desenvolvimento, por volta do século XVIII, e seguiu até o século XX. O chamado “Caminho Novo” (1701-03) permitiu que a região funcionasse como área de passagem para os carregamentos de ouro da região mineradora em direção ao porto do Rio de Janeiro, bem como artigos diversos e escravos. Pela beira da estrada, surgiram os primeiros ranchos e pousos; depois povoados e vilas que se transformaram em distritos e municípios. A partir desse momento, o crescimento da região se viu marcado por um povoamento descompassado e sucessivo de colonos oriundos de diferentes regiões, mas também clérigos, pequenos comerciantes, bandeirantes e mineradores provenientes da antiga área de mineração, decadente já a partir de 1750. De uma mera região de passagem, a zona da mata mineira, a partir do século XIX, conheceu o crescimento de sua produção cafeeira, principalmente após a construção das primeiras rodovias do país. A região, nos anos de 1920, chegou a assumir parte significativa da produção nacional de café e a sustentar quase a totalidade da arrecadação do Estado. Depois disso, a zona da mata perdeu seu espaço para a produção de café da região do sul de Minas. Portanto, a zona da mata teve importante papel em distintas épocas, desde a colônia até o século XX, primeiro com a exploração minerária e depois com a atividade cafeeira.

Dos 142 municípios que compõem atualmente a região, aproximamos nossas lentes para um deles e, com isso, a história oficial desaparece, pois são pouco conhecidas as origens do povoado que precedeu à atual pequena cidade de São Miguel do Anta, município rural situado na microrregião de Viçosa, na bacia do Rio Doce, perto do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Esse foi o lugar que escolhemos para desenvolver nossa pesquisa.

Do nome “São Miguel do Anta”, a curiosidade fica por conta do nome “Anta”. A história não-oficial diz que existiam muitas antas na região, mas na história oficial o nome da cidade foi criado pelos devotos de São Miguel e o nome “Anta” foi escolhido por causa do povoado que estava ligado, na época, à Paróquia de São Sebastião de Pedra do Anta – o que

não explica muita coisa. Se não quisermos apenas acreditar que “Anta” se refere ao paquiderme, podemos observar em diversos dicionários vários significados para a palavra “Anta”. A palavra “anta” tem origem indígena, da tribo dos *tapiranas* e significa viril. No mundo científico, a anta é o animal, o paquiderme. No linguajar cotidiano brasileiro, anta pode designar um adjetivo pejorativo, preconceituoso, usado para menosprezar as pessoas consideradas “de pouca inteligência”. No português de Portugal, a palavra significa um monumento formado por grandes pedras na horizontal e na vertical, que serviam para demarcar terrenos e túmulos. Uma “anta” circunscrevia a fronteira de um mundo comum, como um dólmen ou uma obra tumular do período Neolítico. Nesses túmulos, sabe-se que paleontólogos encontraram restos de esqueletos, mas também utensílios que serviam para cultos, observatórios e até de relógio solar. Ou seja, “Anta” pode significar algo viril, “primitivo”, “de pouca inteligência”, referir-se a um animal selvagem ou ao templo do homem das cavernas. No cotidiano da linguagem comum do brasileiro, tais significações podem ser facilmente associadas ao “caipira”, ao “homem do campo” e ao “Jeca Tatu”.

Existem diferentes maneiras de estabilizar a diferença entre o rural e o urbano e significar o que seria rural e sujeito morador do campo. A principal delas seria o enquadramento dado ao rural pelas instituições, em seus sistemas terminológicos e classificatórios institucionais, que desenvolveram a noção de acordo com os interesses e objetivos do uso prático do termo<sup>31</sup>. Por essas diferentes maneiras de “encaixotar o rural”, ramificaram correntes de pesquisadores, que pensavam o rural de um e de outro jeito, com perspectivas que, até certo ponto, ajudaram a conhecer (mas também complicar) um pouco o que sabemos sobre o rural moderno brasileiro.

No início do século XX, a sociologia norte-americana definiu a cultura rural em contraste com a cultura urbana. Ali, já podemos observar a consolidação da clássica teoria dicotômica, que ao longo de seu crescimento simplificou o terreno ao encarar o rural no contraste e na comparação com o urbano e vice-versa. Inevitavelmente, surgiram comparações do rural e do homem do campo associadas à ideia do “primitivo”, do “velho” e “de pouca inteligência”, já que as cidades se desenvolviam como templos do saber da civilização moderna e das grandes novidades tecnológicas.

Essa perspectiva posteriormente foi questionada por autores que apenas inverteram o lado da moeda: começaram a afirmar e defender a homogeneização da cultura rural com a

---

<sup>31</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, considera área rural toda a região externa ao perímetro urbano legal, e utiliza para tal argumento uma extensa fonte de dados, de conteúdos estatísticos e de contagem populacional.



cultura urbana, produzindo a chamada teoria do *continuum*, com base no fenômeno da urbanização das áreas rurais no país. O contínuo que transformava o campo em pequenas áreas urbanizadas abriu caminho para pensar a tendência de um rural fadado a desaparecer, por conta da urbanização – sem considerar as raízes da tradição no rural e a própria condição híbrida em que vive a população rural, enquanto aspectos culturais que remetem à resistência desses povos ao desaparecimento.

Durante muito tempo a cultura rural foi concebida como um conceito autoexplicativo (apenas como o lugar das atividades estritamente agrícolas) e que estava em vias de ser destruída pelo avanço da cultura dominante, a urbana. A preservação das duas perspectivas, a dicotômica e a do *continuum*, obscureceu o entendimento sobre o rural. E assim ficou até o final do século XX: a cultura rural entendida como um território de dimensões específicas, restrita às atividades agrícolas e à economia de base familiar; lugar da produção de alimentos por meio da criação de plantas e de animais. A essa atividade econômica se vincularam todos os outros traços de um rural visto como de contato constante com a natureza. A população rural seria mais tradicional do que a urbana, com pouca mobilidade social, menos lazer e mais personalização das relações entre seus moradores.

#### **4.1. O rural contemporâneo**

Tentando libertar um pouco o rural, enquanto refém desses sentidos institucionalizados, o rural contemporâneo seria uma cultura semelhante a qualquer outra cultura transformada, que desenvolveu modos de ser e de fazer não mais ligados estritamente às atividades oficiais e não-oficiais do campo; que resiste ao desaparecimento crendo nas tradições e nessa forma própria de viver híbrida; que manteve diferentes formas de negociação com os produtos da cultura de massa e com a cultura urbana dominante, capazes de modificar posicionamentos, organizar experiências e fazer emergir os sentidos identificados com uma condição “rurbana”.

Do rural moderno do século XX para o rural contemporâneo de hoje, observamos um conceito ainda em estado de reelaboração. Como desde o século passado não existia consenso em torno do termo, Siqueira e Osório (2001) recomendaram que, ao se empreender um trabalho de fôlego que envolva a utilização desse conceito, o pesquisador explique em que sentido a noção de rural será entendida e a quais fenômenos e aspectos se refere.

Pois bem, frisamos que a noção de rural que estamos trabalhando é de um rural que se constrói sempre em constante relação com as culturas dominantes e hegemônicas: com o mundo urbano (a sede-municipal, a capital do Estado, a cidade média ou grande próxima etc.) e com as mídias (ao alcance de cada realidade rural). A relação do rural contemporâneo com a cultura midiática nos interessa particularmente.

A experiência com a mídia se entrelaça com essa comunicação situada no centro da vida, provocando reflexividades e delineando conversações na interação com outras experiências e culturas. Cada rural vem se reinventando na sociedade a partir de suas tradições oficiais (danças, músicas, comidas típicas, artesanatos), das imagens dessas tradições e suas reelaborações nos produtos da cultura de massa (na literatura, na propaganda, no cinema, nos jornais), mas também no cotidiano das diversas formas de transferência oral de informação (memória de família, de migrantes da comunidade etc.) entre uma geração e outra. O rural foi inventado e reinventado tanto nas narrativas não-oficiais quanto em narrativas oficiais (relatórios, livros técnicos, projetos e programas institucionais), formando todo um conjunto de concepções, perspectivas, pontos de vista e pensamentos sobre o rural. Temos, então, a noção atrelada aos discursos oficiais das instituições e às narrativas não-oficiais do folclore, das expressões populares e da conversação cotidiana da população rural.

Camadas de sentido em narrativas e discursos construídos ao longo do tempo se entrecruzam e formam as diversas representações do rural hoje. Não precisamos andar muito por aí para percebermos traços das clássicas narrativas literárias de um “rural bucólico” (que via a cidade como a decadência do campo) adornando o discurso de alguns ambientalistas e ecologistas; ou observarmos discursos que retratam o rural em contraste com o urbano, como penduricalho tanto das conversações informais quanto dos relatórios técnicos e discursos governamentais.

As representações do rural estão alinhadas ao ideológico, às visões de mundo, e nossas práticas discursivas reforçam tais discursos e narrativas impregnadas no tempo, enquanto linhas de força, algumas fortes e outras mais fracas. Podemos utilizar uma ou outra noção de rural para atender aos interesses políticos, poéticos, acadêmicos, estéticos etc.

Portanto, essa tese é uma narrativa acadêmica sobre o rural, que busca entrelaçar nossa experiência empírica com um determinado rural mineiro, trabalhando sob uma perspectiva comunicacional, para entendermos a relação de um segmento de público rural, a juventude, com a cultura midiática (a mídia ao seu alcance). Nesse sentido, não podemos privar nosso olhar de um rural que nunca sobreviveu sem interagir ao mesmo tempo com a área urbana de

referência e com a mídia televisiva. Então, o rural sempre foi “relacional”, ou seja, sempre manteve relações com o urbano e com as experiências do outro urbano via mídia de massa. Essa seria uma característica marcante de um rural já distante de suas tradições e bem próximo da sociedade moderna.

Trata-se de uma condição sociocultural de um rural entre dois mundos, pois alguns povoados, vilas, distritos e municípios rurais ainda conservam problemas básicos de infraestrutura. Isso faz com que o morador da roça sempre tenha que depender da área urbana do município para suprir suas necessidades básicas, bem como atender as expectativas dos projetos de vida.

A grande incidência de jovens que moram no campo e trabalham na cidade pode ser interpretada também como decorrência de uma nova realidade na qual o jovem procura combinar a residência na localidade de origem com o trabalho na cidade. Permanecer no campo implica contar com o apoio da família na diminuição dos custos de sua reprodução, comparados aos custos dos que optam por migrar definitivamente para a cidade (CARNEIRO, 2004, p. 250).

Nessa relação campo-cidade, os sentidos e práticas se edificam, pois, se, como disse Williams (1989, p.228), “a transição do campo para a cidade – de uma sociedade predominantemente rural para uma predominantemente urbana – é um processo de transformação e um processo significativo”, a condição “rurbana” seria uma forma de vida sempre em relação permanente com a vida urbana, sempre em estado de transição campo-cidade, que denota igualmente constantes ressignificações e transformações.

#### **4.2. A população rural e as instituições: experiências de desenvolvimento da noção de rural**

Enquanto nos estudos culturais britânicos se desenvolvia observações em torno das articulações entre a cultura de massa e a cultura do povo, nos estudos rurais brasileiros, apontava-se uma tensão constante entre a cultura dominante e a cultura do povo. A estagnação das discussões do conceito de rural dificultou ainda mais a situação, pois houve um descompasso ou um atraso das pesquisas acadêmicas no tocante à dinâmica da realidade rural brasileira. Os projetos acadêmicos estavam atrasados com o que acontecia no mundo rural e os projetos políticos destinados ao campo andavam em descompasso com a realidade social e cultural.

No final do século XX, a luz elétrica começou a chegar paulatinamente nos lares rurais, assim como os televisores coloridos e as antenas parabólicas. E não se constituiu

nenhum grupo de pesquisadores brasileiros preocupados com a produção de um observatório sistemático da realidade do mundo rural, que fosse multidisciplinar e procurasse entender essa relação da cultura midiática (a cultura de massa) com as populações rurais, visando arejar os conceitos.

Nos anos de 1980, a produção acadêmica no campo da sociologia rural foi marcada pela fragmentação dos estudos e pela dificuldade da constituição de novos conceitos mais sintetizadores a respeito da noção do rural. O campo da sociologia rural se fechou em vários estudos sobre a realidade dos sem-terra, dos atingidos por barragens, dos assentados rurais, sempre articulados aos processos dos movimentos sociais e populares em curso. Tais objetos empíricos ajudaram apenas na constatação dos problemas e questões comuns envolvidas com o espaço rural. Mesmo assim, os pesquisadores sociais conseguiram pagar o atraso da sociologia rural na relação com o empírico, trazendo novos recortes, atualizando temáticas, revisando alguns conceitos e categorias, propostas epistemológicas e metodológicas. As discussões que começavam a arejar as teorias sociais se situaram em torno das temáticas da identidade social, da cidadania, das relações de gênero e da violência (SIQUEIRA; OSÓRIO, 2001). Mas os problemas sociais do campo marcaram também os discursos relacionados ao meio ambiente e à ecologia, tanto que produziu um pensamento em torno do desenvolvimento de uma sociologia ambiental. Essas preocupações e discussões foram motivadas por um contexto no qual já se constatava o fracasso do projeto político de modernização do campo brasileiro.

A experiência desse fracasso, demonstrado nas décadas anteriores, apontou uma problemática centrada no encontro perceptivo de mundos diferentes. Isso porque a política de difusão de informações foi marcada pela ausência de um *diálogo* com as populações rurais

que resultou no insucesso dos projetos de desenvolvimento rural<sup>32</sup>. Esses projetos empreendiam formas verticais e instrumentais de transferência de informações tecnológicas para o campo. Estava implícito um complexo problema de relação, entre o moderno/tecnológico (representado pela importação do maquinário agrícola) e o tradicional/artesanal (a forma de vida rural). A ausência de uma troca de saberes entre os conhecimentos técnico-científicos e o senso comum foi motivada pelas ideias evolucionistas e positivistas que, como vimos, encarou a cultura rural como “selvagem”, “primitiva” e miúda.

A combinação entre tecnologias obsoletas, políticas que não dialogaram com a cultura do povo, a heterogeneidade da vida rural, a força impositiva das instituições financiadoras (que depois investiram no agronegócio dos grandes produtores rurais) e a dependência do Brasil carente de uma saída para o atraso do desenvolvimento rural conduziu principalmente a realidade do pequeno produtor rural familiar ao desamparo econômico, social e educacional. Não importava a proximidade com a vida rural do pequeno agricultor, mas sim a propaganda da modernização, a espetacular mensagem da tecnologização que pré-definia uma ordem imposta à forma de vida simples das pessoas do campo (o chamado “visível desencontro” salientado por Luis Ramiro Beltrán, no artigo “Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal”, de 1981). Vale lembrar que a perspectiva *difusionista*<sup>33</sup>, que respaldou a chamada *transferência de tecnologias para o campo*, esteve calçada teoricamente nos estudos da *Mass*

---

<sup>32</sup> A noção de desenvolvimento rural está atrelada às propostas impostas pelo Estado na direção da melhoria do bem-estar socioeconômico das populações rurais, pois o Estado “sempre esteve presente à frente de qualquer proposta de desenvolvimento rural” (NAVARRO, 2001, p.88). Durante a II Guerra, os EUA desenvolveram no Brasil alguns programas destinados à área da agricultura, por conta da própria economia de guerra: o Programa de Produção de Alimentos e o Programa da Borracha. Na época da grande expansão capitalista (1950-1975), o Estado brasileiro, em parceria com os organismos internacionais, impôs a estratégia de desenvolvimento rural, priorizando processos específicos e enfatizando uma metodologia. A Guerra Fria proporcionou um desenvolvimento científico e tecnológico considerável na agricultura brasileira em função do chamado plano “Ponto 4” na América Latina: uma estratégia de presença dos EUA na região (FIGUEIREDO, 1981). O pragmatismo político dos EUA desenvolveu a estratégia de transferência do projeto político-econômico estadunidense do pós-guerra para os países da América Latina a partir do envio do seu excedente tecnológico. A “sucata” tecnológica foi empacotada na chamada “política da modernização do campo” que foi financiada por organismos internacionais (Instituto Interamericano para Assuntos da América - IIAA/EUA; Fundação Ford; Organização dos Estados Americanos - OEA; Banco Bird; FAO; Fundação AIA, da família Rockefeller). A Fundação AIA inclusive criou associações ligadas à exportação de café no Brasil (Acar Minas Cereais, Ancar Nordeste e a Abcar), como também fomentou empresas como a Agrocereis e a Cargill (em São Paulo e no Paraná), bem como patrocinou pesquisadores da ESAV (hoje UFV) em estudos de extensão rural em Santa Rita do Passo Quatro e São José do Rio Preto/SP, entre 1947 a 1956 (FIGUEIREDO, 1981). Apesar da intenção de incluir a intensificação tecnológica e a crescente absorção de insumos modernos, com o objetivo de aumento da produtividade e renda no campo, a estratégia da difusão do projeto político de modernização do campo equivocou-se duas vezes: primeiro ao tomar como referência relatórios que não traduziram os modos de ser e de viver do agricultor brasileiro no microsistema da época; segundo, ao adotar, de modo instrumental, o uso dos meios de comunicação de massa, na perspectiva da M.C.R./EUA.

<sup>33</sup> A perspectiva difusionista não somente inspirou o modelo de transferência de tecnologias no rural, mas também outros modelos, pois o difusionismo estava presente nas propostas de desenvolvimento para o meio rural que gravitavam na órbita socialista. Os modelos socialistas não eram diferentes dos modelos que adotavam formas tecnológicas e verticais de difusão, sendo apenas diferentes quanto aos aparatos institucionais, formas de propriedade e redistribuição dos eventuais resultados produtivos (NAVARRO, 2001).

*Communication Research (MCR)* <sup>34</sup>, em especial a área da *comunicação e persuasão*, que constituiu o fundamento teórico da campanha de adoção das tecnologias no campo brasileiro.

Com base nessa infeliz experiência do projeto modernizador e as revisões e atualizações da sociologia rural, que mostravam os conflitos e problemas sociais do meio rural, o Brasil rural ingressou os anos de 1990 sem pensar muito nos problemas das dicotomias “urbano/novo/moderno” e “rural/velho/atrasado” ou com relação ao rural como *continuum*. O chamado “Novo Espaço Agrário Brasileiro” estava motivado pelas atividades empreendedoras não-agrícolas no meio rural, propondo um “novo mundo rural” que ia além do estritamente agropecuário (GRAZIANO DA SILVA, 1993,1996, 1997). Com isso, o projeto acadêmico deu novo fôlego aos projetos políticos de urbanização das áreas rurais. Eis a já clássica citação sobre o assunto:

É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais (tais como culturas e criação de animais) e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer, turismo, preservação do meio ambiente, etc) e de bens não-agrícolas, como, por exemplo, moradia, artesanato, incluindo aí também as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos (GRAZIANO DA SILVA, 1993, p. 11).

Contudo, a heterogeneidade do mundo rural revelou ao projeto acadêmico e político a impossibilidade de implantação do “novo espaço agrário” (e da urbanização do rural) em todas as regiões do país. O “novo espaço agrário” foi desenvolvido em áreas rurais que já ofereciam infraestrutura e apoio das comunidades rurais: um hotel-fazenda, por exemplo, ofereceu emprego fixo para os jovens rurais da região e se instalou tendo em vista a geografia do lugar, o acesso, o casarão já existente etc. O escaldado anterior, tomado pela experiência de fracasso do difusionismo, produziu preocupações entre os pesquisadores sociais no tocante à eficiência dos futuros projetos de desenvolvimento rural. Com isso, nos lugares em que o projeto do “novo mundo rural” não chegava, outro tipo de desenvolvimento precisava acontecer, a partir do empoderamento da população rural, de modo a envolver efetivamente as

---

<sup>34</sup> Escola hegemônica nas pesquisas em comunicação nos EUA entre os anos de 1920 e 1960, onde se desenvolvia a corrente teórica dos Estudos dos Efeitos que adotava o modelo da conhecida “Teoria Hipodérmica”: a sociedade industrial do século XX era vista como uma grande massa disforme de indivíduos sem relações interpessoais. Sob a influência das teorias behavioristas de estímulo-resposta, a corrente teórica entendia que os meios de transmissão da informação seriam onipotentes na sua função de provocar efeitos de ação direta nas sociedades, sem a interferência de outros fatores, como uma “agulha hipodérmica”. A partir dos anos de 1940, a “abordagem da persuasão” superou a “teoria hipodérmica” e promoveu estudos empírico-experimentais sobre fenômenos psicológicos individuais. Enquanto a “hipodérmica” falou em *manipulação*, a “persuasão” abordou mais a *influência* que se definia por processos psicológicos entre a ação dos meios de massa e seus efeitos na estrutura do sistema social. No entanto, essa abordagem ainda carregou consigo a concepção de causa-efeito, bem como a mesma negligência quanto às relações interpessoais dos indivíduos. Em 1958, as pesquisas sobre “Comunicação para o Desenvolvimento”, de Daniel Lerner e Wilbur Schramm (1973), e Sola Pool (1963), visualizam a saída do subdesenvolvimento por meio da passagem linear da sociedade *tradicional* (“selvagem”, “primitiva” e com todos os seus defeitos) para a *moderna* (civilizada, tecnológica e com todas as vantagens). Essas pesquisas conceberam os meios de massa como estratégicos para o desenvolvimento urbano e rural e estiveram de acordo com a noção de transferência de informação desenvolvida por Harold Lasswell, da Corrente Funcionalista da MCR (ARAÚJO, 2001).

peessoas em processos de participação para fortalecer cooperativas, associações e outros grupamentos coletivos.

Uma das poucas análises preocupadas com os problemas relativos à produção de sentidos na participação dos pequenos agricultores em reuniões extensionistas foi produzida por Santos (1994). A autora trouxe os estudos de recepção para o rural, tentando analisar a resposta de uma população rural em face de um programa governamental. A pesquisadora questionou se o modelo dialógico-participativo daria conta de compreender as expectativas simbólicas dos agricultores nos encontros com os extensionistas e técnicos<sup>35</sup>. Outros estudos rurais observaram as dinâmicas da pluriatividade no rural, as novas sociabilidades e as identidades que questionaram a submissão do rural ao urbano (CARNEIRO, 1998, 2004).

Com uma abordagem crítica, alguns estudos observaram os impactos sociais e culturais do “novo espaço agrário” no cotidiano da população rural. O projeto provocava uma transformação significativa nos modos de ser e de fazer dos jovens no meio rural, como a troca do trabalho duro na roça por um trabalho “mais leve” no setor de serviços (o ordenhador de leite virou recepcionista do hotel rural; o vaqueiro passou a garçom de restaurante pesque-pague); o trabalho coletivo na lavoura familiar pela venda da força de trabalho no empreendimento não-agrícola; a diminuição da força de trabalho na lavoura de subsistência da família. Mesmo tendo tempo livre depois do serviço, o trabalhador da atividade não-agrícola não conseguia tocar o trabalho em sua roça de subsistência, pois o roçado demandava mais horas de trabalho, ainda mais duro, no tempo dedicado ao descanso.

#### ***4.2.1. A dicotomia ainda presente nas perspectivas atuais***

De um lado, pessoas que defendem o projeto político do “novo espaço agrário”, do contínuo cidade-campo e da implantação de indústrias agropecuárias. Do outro lado, aqueles que buscam outro tipo de desenvolvimento rural e local, mais integrado

---

<sup>35</sup> C.f.: Callou (1995) e Santos (1996, 1998). A pesquisadora Maria Sallet Tauk Santos, no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, orientou diversas dissertações sob a perspectiva teórico-metodológica dos autores latino-americanos que influenciaram os “estudos de recepção” no Brasil (Canclini, Martín-Barbero e Orozco Gómez).

socioeconomicamente, com respeito às culturas locais e ambientalmente sustentável<sup>36</sup>. Esses embates ofuscam um pouco a discussão da dicotomia do “rural/tradicional/velho” em relação com o “urbano/moderno/novo”. O rural parece mesmo refém de perspectivas preservacionistas ou desenvolvimentistas que não se interessam em discutir conjuntamente a problemática sociocultural do rural contemporâneo (rurbano) heterogêneo e relacional.

Depois que o relativismo desbancou visões evolucionistas e eurocêntricas, duas visadas produziram reflexões e discursos populistas e miserabilistas, ofuscando a compreensão das táticas e desvios que revelam a autonomia relativa e as identificações da cultura das minorias sociais na interação com a cultura dominante. Olhar para essas táticas e desvios significa compreender a cultura do povo e suas próprias maneiras de ser e de fazer que acontece na relação com a cultura dominante, mais especialmente a cultura de massa ou midiática. Nessa relação, os sujeitos de contextos pobres da vida social transformam seus sentidos e percepções, internalizando traços da cultura midiática necessariamente a partir das experiências de vida em seu mundo comum.

Essa perspectiva das culturas transformadas (um rural em constante transformação) continua latente e urgente, convocando as pesquisas sociais que têm como objeto de estudo o meio rural a se debruçarem especialmente sobre a forma de vida desses sujeitos e o contexto da midiaticização tecnológica. O desafio é encarar um rural que não tende ao esvaziamento, mas de transformações de suas tradições em vias de ser algo próprio e escolhido pelos seus habitantes. Tendo em vista a característica brasileira da heterogeneidade dos rurais<sup>37</sup>, podemos imaginar a possibilidade de uma multiplicidade de perspectivas e realidades em cada região. Em sua maioria, essa forma de vida específica no campo está sendo fomentada pelas

---

<sup>36</sup> O assunto da comunicação no meio rural tem relação histórica com a palavra *desenvolvimento* (agrícola, agrário, rural, local e sustentável). Neste sentido, interessante observar que a palavra em si “desenvolvimento” tem um sentido “mecânico” e “instrumental” já no próprio significado. *Desenvolvimento* se forma a partir do prefixo *des-*, que significa uma oposição, e se associa à palavra “envolver”. Também existe uma relação com a palavra em latim “*volvere*”, que significa “rolar, fazer girar”. Portanto, algo estaria envolvido, no sentido de tolhido, e precisaria se *des-envolver* e “rolar, fazer girar”. *Desenvolvimento*, neste caso, tem uma característica de movimento, certo dinamismo, mas sua associação com a palavra em latim daria à palavra “desenvolvimento” uma ideia mais “mecânica” (rolar, fazer girar), possivelmente impedindo uma percepção de *desenvolvimento rural* a partir de um movimento diferente: de sustentação, de circularidade ou de relação dinâmica (nunca sem conflitos) entre as partes envolvidas.

<sup>37</sup> Apesar dos respectivos censos do IBGE indicarem sempre queda da população rural brasileira e o possível esvaziamento populacional decorrente da industrialização e do abandono de áreas em alguns países como México, Chile e Argentina (NAVARRO, 2012), a realidade brasileira sempre se caracterizou por essa heterogeneidade das formas de vida rural (diversos tamanhos de produção familiar, grandes empreendimentos do agronegócio, comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, alternativas, latifúndios improdutivos, assentamentos rurais etc.).



famílias rurais<sup>38</sup>, que atualmente possuem a responsabilidade pelo abastecimento da população urbana e rural; configura-se fragmentada em classes sociais distintas e diferentes, exigindo políticas públicas diferenciadas; e estão sempre sob pressão, na linha de fogo do conflito ideológico das perspectivas majoritárias que defendem formas diferentes de se desenvolver o rural. No conjunto desses aspectos, podemos dizer que as famílias rurais precisam resolver a seguinte equação: desenvolver suas atividades com menos impacto ambiental, fazer mais uso de energias limpas e sustentáveis com aumento da produção e crescimento econômico.

Algumas organizações não-governamentais vinculadas ao agroecológico anunciaram os perigos de uma industrialização no campo, já estabelecida pelas monoculturas agrícolas (da cana-de-açúcar, da soja, do milho, das florestas plantadas de eucalipto, entre outras) e que se ramifica pelas indústrias de beneficiamento dos produtos da roça (suco, leite, carne, grãos). Na visada dos agroecologistas, essa industrialização do rural parece ter transformado alguns produtores e trabalhadores rurais em operários, na medida em que se tornam fornecedores de matéria-prima para as empresas, aumentando, com isso, a dependência econômica das famílias rurais. Mesmo que os bens de produção ainda estejam nas mãos do produtor familiar, o tempo despendido com uma ou duas culturas impede a família de produzir para sua própria subsistência, tendo que recorrer aos mercadinhos. O discurso agroecológico se juntou aos ambientalistas e culturalistas de vários países, que apresentaram também o discurso da ameaça da “febre” dos biocombustíveis, convocando movimentos sociais no campo para fazer parte do debate.

O agronegócio brasileiro parece ter o apoio de alguns intelectuais que defenderam a grande e média produção agrícola-industrial do país, salientando seu significativo desenvolvimento no Brasil: segundo eles, nos últimos 30 anos, tais empreendimentos do agronegócio fizeram aumentar a produção de grãos em 238%, reduzindo em 50% o custo da cesta básica para os brasileiros, sem aumento da concentração fundiária e nem de novos desmatamentos, garantido pelos avanços tecnológicos, de crédito, das agroindústrias e do cooperativismo<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> O Censo Agropecuário 2006 (publicado em 2009), do Ministério do Desenvolvimento Agrário/IBGE, apontou a importância da agricultura familiar brasileira, que englobaria 84,4% do total dos estabelecimentos rurais – incluindo neste número diferentes escalas: das grandes propriedades modernizadas e integradas aos circuitos produtivos até os menores estabelecimentos (Disponível em: <[http://www.fao.org/fileadmin/templates/ess/ess\\_test\\_folder/World\\_Census\\_Agriculture/Country\\_info\\_2010/Reports/BRA\\_BRA\\_REP\\_2006.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/ess/ess_test_folder/World_Census_Agriculture/Country_info_2010/Reports/BRA_BRA_REP_2006.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2014).

<sup>39</sup> Um exemplo representativo desse embate ideológico está no texto de Xico Graziano e Zander Navarro, dois renomados especialistas na área rural no país que defendem o agronegócio. Os autores criticam as pessoas da cidade que têm olhares bucólicos para o rural, chamando-os de cegos e obsoletos. Ao final, são emblemáticos: acabou o tempo da enxada na roça:

Longe da volta à enxada, como também nem tão próximo da sofisticada máquina de colheita agrícola, o desafio para as famílias rurais brasileira está na preservação da diversidade das várias culturas rurais e dos contextos específicos em que vivem as famílias rurais, de modo a garantir a relativa autonomia social, econômica e cultural de seus habitantes<sup>40</sup>. O conflito ideológico, apesar de amadurecer as ideias em torno dos modelos econômicos para o desenvolvimento do rural, não contribui para esclarecer culturalmente a relação do mundo rural com o urbano midiaticado, pois restringe o debate ao conflito, enquanto que os sujeitos dos contextos pobres da vida rural tentam empreender suas próprias maneiras de sobrevivência.

### 4.3. A midiaticação tecnológica no rural

Não podemos falar da midiaticação tecnológica, cada vez mais expressiva nos lares das famílias rurais sem observar o que está impulsionando tal midiaticação em três campos: no plano *tecnológico*, o crescimento dos aparatos técnicos nos últimos anos; no plano *político social*, o aumento dos programas de assistência social dos governos, direcionados aos mais pobres; no plano *sociocultural* (que nos interessa), a necessidade de diminuir o isolamento social e cultural no campo, na medida em que seus habitantes desejam manter a herança da relação com o mundo urbano.

Atualmente existe uma preocupação governamental e das instituições vinculadas ao campo com a saída do jovem rural para as áreas urbanas. Alguns programas institucionais de crédito para a casa própria e a expansão da eletrificação rural estariam permitindo fixar mais qualidade de vida para as famílias rurais de baixa renda. Ao melhorar as condições de moradia, realizar benfeitorias na propriedade, ampliar a rede elétrica residencial e a força de luz em casa, as famílias começaram a adquirir bens de consumo duráveis, como geladeira, fogão, televisores, celulares, rádios e computadores. Algumas famílias passaram a ter dois

---

“Certas vozes, todavia, teimam em desqualificar essa trajetória virtuosa [do agronegócio]. Manifestam opiniões negativas que, desafiando os fatos, invertem o raciocínio científico, enquadrando a realidade agrária às suas (obsoletas) teorizações. Desconhecem um dos setores mais dinâmicos da economia, menosprezando as mudanças sociais e culturais de nossa sociedade. Olham no retrovisor (...). Os críticos, estranhamente, optam pela cegueira. Não conseguem se desvencilhar do raciocínio típico da década de 1950, repetindo expressões conservadoras como “fixar o homem no campo” ou “sem reforma agrária não haverá justiça social”, como se as mudanças operadas fossem ficcionais. Tornaram-se arautos do reacionarismo. Urbanos, desconhecem que agricultor virou uma profissão cada vez mais desafiadora. Sem competência, diante dos incontáveis riscos – seca, pragas, doenças, mercados –, fracassam no equilíbrio da renda. Acabou o tempo da enxada na roça” (GRAZIANO e NAVARRO, 2012, p.139).

<sup>40</sup> Iniciativas são bem vindas, como o estímulo à construção de propriedades auto-sustentáveis e casas com aproveitamento da água da chuva; produção de biocombustível para o transporte familiar a partir do óleo de cozinha, uso da energia solar residencial; proteção das nascentes e matas ciliares; recuperação de áreas degradadas, entre outros.

pontos de antena parabólica, canais por assinatura, *notebooks*, *iphones*, *modem*, tevês de plasma de 40 polegadas, entre outros equipamentos eletrônicos. Com isso, houve uma aceleração não só da presença, mas também da influência das mídias eletrônicas no meio rural<sup>41</sup>.

A midiatização no rural dependeu da constituição desses campos aliados, o tecnológico, o político-social e o sociocultural, mas o custo da expansão dessa parafernália tecnológica ainda é alto, tanto para algumas famílias rurais (padrão de luz, cabos, fios etc.) quanto para as empresas de telecomunicações e operadoras de celular.

Os meios digitais cresceram no rural<sup>42</sup>, contudo ainda de maneira bastante lenta, pois esbarram nos desafios enfrentados pelos serviços de telecomunicações destinados a essas áreas<sup>43</sup>. Nas metrópoles com grandes e médias cidades, existe uma significativa densidade de cobertura, bem como maior número de tecnologias móveis, o que tem atraído a maioria dos investimentos. No rural, há custo alto para interligar as comunidades aos grandes centros, bem como no atendimento a cada região, utilizando tecnologia adequada ao relevo e à infraestrutura disponível que contemple canais de alta capacidade de transmissão de dados.

Esse crescimento das transmissões de energia, dos sinais de celular e da internet, e a aquisição de veículos de transmissão de informação têm sido um fenômeno bastante recente

---

<sup>41</sup> No último decênio, chamaram a atenção os investimentos em torno da expansão da eletrificação no meio rural. Desde 2003, o governo federal teria investido na ampliação da oferta de energia elétrica em várias regiões rurais do Brasil. Atualmente, a maioria dos pequenos e médios agricultores familiares já contaria com o apoio do chamado “Luz para Todos”, que diz em seu *site* oficial ter beneficiado 2,5 milhões de domicílios rurais. Essa universalização da oferta de energia teria focado nas regiões e populações carentes, mais especialmente assentamentos rurais, escolas rurais, casas rurais com ligações monofásicas, bem como populações atendidas pelos planos institucionais “Brasil Sem Miséria” e “Territórios da Cidadania”. Na região Sudeste, 2,3 milhões de domicílios já teriam recebido eletricidade. O cenário de expansão da oferta de energia não significa que 13 milhões de pessoas beneficiadas viviam na escuridão, mas também que os domicílios rurais trocaram os pequenos geradores de energia pela luz elétrica, permitindo o aumento da força do quadro de luz capaz de permitir o uso de vários aparelhos eletrônicos ao mesmo tempo (C.f.: [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br) e informativos do Programa no <http://luzparatodos.mme.gov.br>).

<sup>42</sup> Segundo dados de 2011 do Comitê Gestor da Internet no Brasil, o percentual de casas com computadores cresceu de 32% para 35%, entre 2009 e 2010. A pesquisa, que analisou 24 mil domicílios em todas as regiões do país, revelou que na área rural apenas 27% das casas têm acesso à internet, sendo mais presente nas famílias rurais da classe A. A banda larga móvel (3G) cresceu 63% nas áreas rurais, mas diminuiu o número de pessoas que acessam a internet via *lan house*. Em geral, as pessoas acessam a internet em casa, depois na *lan house*, no trabalho e na escola. Segundo o Comitê, o uso da internet se estabilizou nas áreas rurais em relação à medição anterior: atualmente apenas 15% dos domicílios rurais possuem computadores portáteis. Em compensação os telefones celulares tiveram crescimento expressivo, especialmente entre os segmentos sociais menos favorecidos economicamente. Os maiores crescimentos proporcionais dos domicílios com telefone celular ocorreram na zona rural – crescimento de 10 pontos percentuais em relação a 2009 (RODRIGUES, 2011). Dados divulgados em 2014 pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA) revelam que o celular está cada vez mais presente na vida das pessoas: 38,1% dos indivíduos já acessam à internet exclusivamente pelo celular.

<sup>43</sup> A agência UIT/Onu (União Internacional de Telecomunicações), especializada em tecnologias de informação e comunicação, afirma ter o compromisso com a conexão de todas as pessoas do mundo e defende o direito fundamental de todos de se comunicar. Segundo as informações da agência, poucos seriam os habitantes do rural (em todo o mundo) beneficiados com as tecnologias da informação que são utilizadas para as atividades de educação à distância, monitoramento ambiental, controle e prevenção de desastres, telemedicina, serviços de emergência e desenvolvimento rural (Disponível em: <<http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/uit/>>. Acesso em: 10 mai. 2014). Dados do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA), em 2014, mostram que 15,5% da população brasileira ainda não têm celular; 59,9% não têm computador; e 9,1% ainda não têm acesso a quaisquer tipos de tecnologias da informação.

no rural, ocorrendo de modo mais intensivo na última década<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo, cresceu a preocupação das pesquisas da comunicação no tocante à midiática dos processos sociais e comunicacionais em um cenário urbano de constantes transformações das tecnologias da informação.

Tendo em vista que a presença e influência da mídia de massa no meio rural vêm se desenvolvendo há décadas (primeiro com o rádio, depois com a tevê), importante frisarmos o fenômeno mais recente da amplitude das mídias (digitais e de massa) no rural, produzindo uma midiática de base tecnológica mais intensa e visível nesse rural de que estamos falando. Exceto na realidade de algumas localidades isoladas no rural que, ao mesmo tempo, não se beneficiaram dos programas governamentais e não têm relação com regiões urbanas próximas, podemos dizer que o conceito de um *rural relacional*<sup>45</sup> se refere às realidades rurais: que não se mantiveram isoladas (comunicando-se com o mundo além de suas fronteiras, seja nas relações face a face ou mediada); que sempre utilizaram as tecnologias da informação para se comunicarem com os outros; e que estão em regular comunicação com regiões urbanas próximas (seja para a venda de produtos, compra de utensílios e mantimentos, para estudar e trabalhar). Tal característica define o rural do qual estamos falando: o rural relativo às famílias de baixa renda na pequena agricultura, talvez mais afetadas pela midiática de base tecnológica.

E, pensando esse rural, observamos nos jovens da pequena agricultura a preferência por um determinado veículo, presente na zona clássica de fidelização com a mídia de massa, que sempre mobilizou valores e sentidos entre os membros da família rural. Quer dizer, nesta tese, estamos diante de um “velho objeto”, o estudo da televisão no rural, porém com “nova

---

<sup>44</sup> O modelo de geração da energia sempre foi o das grandes usinas de transmissão, que atenderam diretamente aos grandes consumidores, ou seja, os aglomerados urbanos e industriais. Com isso, tal modelo excluiu durante muitos anos a expansão da energia elétrica às pequenas famílias rurais com baixo poder aquisitivo, moradores de áreas dispersas e remotas. Até o início do século XXI, algumas famílias rurais ainda viviam na penumbra do lampião de gás ou querosene e algumas pediam energia emprestada ao vizinho, o que marcou o momento de aceleração da midiática no meio rural. No plano político social, a chegada da luz elétrica ou sua expansão em pleno século XXI parece um absurdo, pois significou um atraso e um descaso secular para com as classes pobres do rural brasileiro.

<sup>45</sup> O rural relacional que estamos falando leva um pouco em consideração a noção de desenvolvimento agrário e as análises sobre novas ruralidades, dos anos de 1990, que já demonstraram um rural não mais fechado ao estritamente agrícola, centrado nas condições de produção econômica, mas sim um mundo rural em suas relações com a sociedade urbana em todas as suas dimensões. Nosso diferencial está em focalizar a vida social rural em suas transformações, dando relevância aos processos microsociais e a força produtiva das práticas e das afetividades das pessoas no cotidiano (já existem diversos painéis históricos que mostram múltiplos aspectos macrosociais do mundo rural, como diz o pesquisador Zander Navarro). E se importa mais a vida rural em sua dimensão situacional, evidente que a ênfase está no local ou comunitário, foco imprescindível diante de um cenário de estratégias previamente articuladas, que impõe mudanças no rural, promovidas pelo Estado e seus programas governamentais. Olhando para o rural relacional como um conceito que propomos (que valeria um desdobramento, desnecessário por hora) observamos a seguinte invariável que caracterizaria esta perspectiva, uma invariável possível de ser aplicada para quase todos os ambientes rurais: o rural relacional é uma característica que constitui o rural do qual se fala enquanto uma região sempre em relação com um mundo urbano além de suas cercanias rurais.

abordagem”. E essa outra abordagem sobre o objeto implica consequências epistemológicas para o estudo. A mais importante delas talvez seja como estamos encarando o meio televisão.

Vemos e compreendemos a televisão como uma importante prática comunicativa que, em uma dinâmica de reflexividade, entrelaça-se com nossas ações no terreno humano e social, no espaço do fazer de nossas práticas. Produzimos e partilhamos sentidos na experiência com a televisão, fazendo e refazendo de maneira constante nossas falas e ações. E a televisão, por sua vez, orienta tanto quanto é constituída pelas nossas falas que a efetiva.

Lugar de prática, a televisão é, portanto, um lugar de experiência, da nossa experiência cotidiana. Fazer televisão, assistir à televisão não é algo externo, mas interno à vida social; o espaço televisivo não existe paralelamente às nossas experiências, mas é uma delas – com um fortíssimo poder de penetração nos demais âmbitos de nossa vivência. Não podemos, hoje, conceber ou falar da vida cotidiana de uma sociedade, ou de uma pessoa, sem falar da presença da televisão inserindo e repercutindo imagens, representações, temas, formas de procedimento e conduta. Para alguns, ela está aí atuando unilateralmente. Se compreendermos, entretanto, enquanto interação, espaço de um lazer que se reorienta a partir da intervenção dos diferentes sujeitos envolvidos, falamos antes de uma relação bilateral, bem como de uma linguagem atravessada (poluída) pela vida, espaço e dinâmica de experiências partilhadas, uma televisão banhada em nosso cotidiano, enfim. Nesse sentido, nos damos conta do quanto a televisão é sensível ao seu ambiente e colada ao que chamamos senso comum (FRANÇA, 2006, p.33).

A televisão não esvazia a experiência. Muito pelo contrário: para sua própria sobrevivência, ela precisa inundar ou ao menos *umedecer o solo de nossas experiências na cultura*. Os temas da narrativa midiática alcançam o território da cultura, modificando sua coloração; estabelecendo interlocuções diferentes em cada localidade; preenchendo fissuras e gretas. Nesse entrelaçamento da experiência de vida com temas da narrativa midiática, os sujeitos vivenciam e são afetados em um momento especial e significativo de sua vida, quando algo na tela parece fazer sentido para ele. Essa experiência é ainda mais significativa quando falamos em juventude no rural: sujeitos que são socializados nessa ambiência híbrida, aprendendo a conjugar vivência rural e experiência com a mídia desde seus primeiros dias de vida.

A televisão hoje já representa para as comunidades rurais um bem simbólico e cultural. As narrativas televisivas preferenciais se configurariam enquanto escolhas que fazem parte desse ambiente sob influência da mídia em que a vida social limita, recorta e seleciona tais preferências tendo em vista o hábito de uso das mídias disponíveis. Prefere-se a tevê por algum motivo prático e relacionado aos sentidos naturalmente adaptado à vida cotidiana das pessoas.

As experiências do outro, em um outro mundo, informam sobre a vida vivida nesse espaço, mas também exibindo histórias de amor, família, exemplos de vida, problemas públicos, experiências de relação em sociedade, pensamentos íntimos do outro, estimulando atualizações de sentidos e conversações. Os sujeitos no rural leem socialmente tanto a telenovela quanto o telejornal conforme suas experiências.

Isso é o que significa o que dissemos anteriormente: *a televisão não esvazia a experiência*. O solo da cultura rural é rico em experiências, mas enquanto realidade ele possui uma textura diferente em relação às narrativas televisivas (um pouco mais fluidas) que, lentamente, tentam se adaptar ao território, sendo por vezes mais intensas em algumas localidades – assim como a metáfora de um frágil filete de água que percorre a montanha com dificuldade, tentando estabelecer uma interação com partes do solo.

Assim temos outra metáfora: as experiências do outro e do outro mundo diferente, expressas pelas narrativas televisivas, “mudam de coloração” no contato com a experiência da população rural e o momento vivido pelo grupo juvenil, pois quem assume presença e influência determinante na leitura social da mídia são os valores e sentidos no solo da experiência do sujeito, do seu coletivo e da sua cultura. Isso significa dizer que o caráter condicionante da limitação, do recorte, da seleção e da eleição de uma narrativa televisiva como sendo preferencial seria a própria vida social, o seu coletivo dos sujeitos. E o próprio ato de selecionar uma narrativa de interesse e não outra revela os limites do uso prático e dos sentidos que o indivíduo faz da mídia preferencial (apesar de hoje a tevê apresentar mais opções de canais, os preferidos podem continuar sendo os mesmos, como também os mesmos gêneros e formatos).

#### **4.3.1. Narrativas não-rurais na televisão**

Quando alguns setores da sociedade falam do “público rural”, por vezes, associam este público a algum conteúdo especializado na área rural (gêneros, formatos, conteúdos). Contudo, durante todas as sessões desta pesquisa, constatamos exatamente o contrário sobre esse “público rural”: os jovens no rural não escolheram narrativas rurais como sendo as que mais chamam a atenção. Preferiram discutir sobre *narrativas não-rurais*, por isso que tais escolhas revelam um pouco do que eles são, de um conflito e do social vivido no rural junto a sua família.

Essas narrativas não-rurais funcionam como uma espécie de “prosa do mundo” além do rural. Elas captam um sentido no social urbano e tenta um diálogo com o jovem no rural; tentam se acomodar (se arranjar como podem) ao cultural e ao sentido do momento vivido e do cotidiano rural. Ao longo do tempo de influência e presença na constituição social da realidade no mundo rural, os conteúdos televisivos preferenciais já não mais dialogam estritamente pela linguagem da narrativa dos programas, mas também *pelo espírito* no desempenho das personagens na tevê e na circulação de determinados assuntos (nas novelas, nos telejornais, nos programas de auditório etc.). São esses “espíritos” que conseguem estabelecer uma interlocução com o jovem no rural.

Os atores de uma novela preferida estão em um programa de auditório; um jogador famoso de futebol aparece como ator em algum momento da novela; a novela vira meio de notícia, quando trata de problemas públicos. Dessa maneira, os “espíritos” tentam dialogar com o público, pois o que chama a atenção é menos a linguagem do que o sentido. Assiste-se ao que já se sabe (em uma nova novela, em novas notícias, em novos eventos), pois interessa o sentido por trás do que é dito ou visto simplesmente.

É o artifício pelo qual o escritor ou o orador, tocando em nós essas significações, faz que emitam sons estranhos, que parecem a princípio falsos ou dissonantes, e depois nos alia tão bem a seu sistema de harmonia que doravante o consideramos como nosso. Então, dele a nós, não haverá mais que puras relações de espírito a espírito (MERLEAU-PONTY, 2012, p.43).

Da linguagem já se sabe quase tudo. O que interessa é saber qual a interlocução o sujeito no campo da emissão tentará estabelecer a cada novo programa televisivo. *Qual* a interlocução que tenta estabelecer os espíritos que se encarnam nas personagens e no tema social, tendo em vista o momento vivido das pessoas e sua cultura. As novelas mudam, as notícias passam, outras personagens da tevê se aproximam e desaparecem, mas o que permanece é o sentido que sempre circula ao redor dessas narrativas.

## Capítulo 5

### SOBRE JUVENTUDES NO MEIO RURAL

Em primeiro lugar, importante esclarecer por que escolhemos utilizar os termos “jovem *no* rural” e “juventude *no* rural” (e não “jovem rural” e “juventude rural”).

Podemos dizer que “jovens no rural” significa que o indivíduo está imerso em uma cultura rural com suas especificidades, com relações e interlocuções que se constituem de maneira própria, que difere de um rural para o outro. Ele não é “jovem rural” enquanto um ser universal que pode ser encontrado com as mesmas características em quaisquer áreas rurais no país e no mundo. Primeiro, ele é jovem com as necessidades típicas da juventude, para depois *no* rural adquirir uma tonalidade diferente dos outros.

A forma de vida humana jovem se diferencia quando imersa em experiências, seja no campo ou na cidade. As fronteiras já um tanto borradas entre o mundo rural e urbano, e a presença de um jovem cada vez mais desenraizado em relação a sua família e sua cultura, apontam para a necessidade de se observar a forma de vida juvenil em relação com as experiências: nas comunidades dos morros, nas vilas da periferia, nos bairros de classe média no subúrbio, nos condomínios fechados, nos apartamentos de luxo, nas grandes fazendas, nos minúsculos sítios, na pequena propriedade rural, nas cidadezinhas do interior. Os jovens estão aí compondo uma forma própria de vida, tentando se arranjar como podem em meio às tensões geracionais, de gênero, com as instituições sociais, políticas, entre outras. Entendemos, com isso, que ao utilizarmos os termos “jovem rural” ou “juventude rural” estamos encapsulando essa forma de vida aos modelos convencionados pelas instituições na sociedade ou demarcando de maneira hegemônica a forma de observar a vida juvenil inseparável de suas relações campestres. Enquanto o jovem está “no” rural, ele desenvolve uma maneira própria de perceber, sentir, significar e ressignificar os conhecimentos tanto sobre o mundo rural quanto urbano. Se observarmos ele apenas “no” rural, podemos perceber não mais o “jovem rural” enquanto categoria social, mas sim, em primeiro lugar, um jovem como qualquer outro.

Esse contexto da mediação no rural – não somente o recente uso frequente da mídia digital, mas também o histórico relacionamento das pessoas com a televisão – tem afetado especialmente o jovem no contexto pobre da pequena agricultura familiar situada distante da



região metropolitana da capital, que talvez seja a expressão mais interessante desse rural em transição. Escolhemos trabalhar com esses jovens em um momento especial de suas vidas, no qual se coloca a expectativa pela possível transição do mundo coletivo familiar para o mundo individual; da juventude para o mundo do trabalho; eventualmente, do campo para a cidade. Antes do método da pesquisa, em que apresentaremos o recorte do estudo, precisamos situar a questão da juventude no rural e seu universo.

### **5.1. Juventude como objeto de estudo**

Estudar o tema “Midia e Juventudes” hoje no Brasil está na moda. Não apenas pelo aspecto do frequente uso das mídias digitais, mas principalmente pelo momento em que o país vive, no qual tanto oportunidades de trabalho quanto de ingresso no ensino superior se espalham por diferentes regiões – estimulando a migração juvenil. Em termos mais pontuais, o ano de 2013 talvez tenha sido emblemático em relação à juventude: em janeiro, mais de 240 jovens morreram asfixiados no incêndio de uma casa noturna; meses depois os chamados “Jovens de Junho” lideraram as manifestações de rua por todo o país, mobilizadas pelas redes sociais; em julho, houve a visita do Papa Francisco ao Brasil, durante encontro mundial da juventude católica, que deu visibilidade as reivindicações dos jovens pela paz<sup>46</sup>.

Ao longo de todo o ano, os telespectadores dos telejornais populares assistiram diariamente pelo menos a uma notícia sobre assassinato de jovem inocente ou jovem na prática do crime filmado por câmeras de vigilância. Os fatos da mídia apenas confirmaram a

---

<sup>46</sup> No início de 2014, a juventude continuou sendo assunto nas mídias, com o acontecimento dos chamados “rolezinhos” nos *shoppings* de São Paulo e na manifestação de jovens no centro do Rio de Janeiro, que resultou na morte de um cinegrafista atingido por um rojão (e, no desdobramento do fato, surgiu a suspeita de aliciamento por parte de organizações que supostamente estariam remunerando jovens pobres para participarem das manifestações). Também ganharam as mídias, em 2014, duas estatísticas interessantes relacionadas com a juventude de baixa renda no urbano. Pesquisa divulgada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) revelou que os jovens e as crianças estão começando no crime entre 15 e 17 anos de idade (47,5 % da população jovem) e entre 7 e 11 anos (9% da população de crianças) – sendo que as crianças com menos de 12 anos estão fora da idade mínima para se manter internado em casas de detenção. Do total, 60% dos jovens e das crianças não estavam estudando quando cometeram o primeiro crime; 67% usam drogas, praticam roubos e furtos. No Brasil, 54% dos jovens infratores são reincidentes. Já na cidade de Belo Horizonte, segundo a Polícia Militar de Minas Gerais, a modalidade “roubo ostentação” cresceu 30% enquanto os crimes relacionados ao tráfico de drogas caiu 12%. Esse tipo de roubo é quando o jovem de baixa renda invade lojas de roupas e acessórios de marcas famosas para roubar e, depois, ostentar o fruto do roubo nas redes sociais e se distinguir pelo consumo nas festas e rolezinhos (Fonte: “Bom Dia Brasil”, TV Globo, exibido em 10/04/2014).

estatística do "Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes do Brasil"<sup>47</sup>. Na esfera da celebridade midiática símbolo da juventude, destaques para a morte por overdose do cantor "Chorão", ícone da juventude urbana da classe média; e a ascensão do jovem jogador Neymar, que foi destaque na Copa das Confederações.

Apesar de todos esses eventos serem típicos do espaço urbano, a midiaticização no rural – que faz chegar ao campo todas essas notícias – também produz um jovem no rural indignado, comovido, alegre ou triste diante de todos esses fatos relativos à juventude. Nas conversações, eles reclamam da injustiça, exigem novas posturas por parte do poder público, admiram e rejeitam personagens e temas midiáticos. Eles opinam sobre temas que envolvem a juventude e sobre personagens que lhes afetam de alguma maneira. Dessa forma, mesmo longe do mundo urbano, eles produzem identificações a partir da sua experiência juvenil na vida rural.

O *ser jovem* está na vida e na narrativa midiática, como também nas estatísticas recentes, desenvolvendo-se junto com a dinâmica dos processos sociais (a industrialização, a urbanização, a ampliação da educação pública, do emprego, do trabalho e do lazer). Nesse processo constante de interação social e mediada pelas tecnologias, a ideia de juventude foi se constituindo, tendo como referências variáveis a idade, o biológico e o vínculo escolar. Com o desenvolvimento do processo, ser jovem também começou a levar em conta o vínculo com uma cultura juvenil associada à cultura de massa, cultura *pop* ou cultura midiática. Nisso, temos a adoção de modismos difundidos pela indústria cultural; as formas de lazer e estilo de vida, rotulados a uma contracultura ou subcultura desviante da vida oficial. Entra nesse conjunto a condição social, as alterações psicológicas e biológicas comuns a todos indivíduos dessa faixa de idade; a maturidade para o engajamento social e político.

Nessa cultura juvenil, o jovem passou a ser rotulado por diversas narrativas e discursos na sociedade como questionador, de vanguarda, reinventor ou rebelde; sujeitos em formação, inexperientes, apáticos, apolíticos, sensíveis, em situação de risco social e que precisam ser controlados e encaminhados pelas instituições. O *ser jovem* também sempre esteve associado aos assuntos da violência, da delinquência, dos movimentos sociais;

---

<sup>47</sup> Todos os dias do ano de 2013, durante os noticiários policiais mais assistidos na tevê (*Cidade Alerta*, com Marcelo Resende; *Brasil Urgente*, com José Luiz Datena), despontaram notícias de jovens que mataram outros jovens. Com relação as estatísticas, observa-se que desde 1980 os dados sobre a morte de crianças e adolescentes no Brasil indicaram um aumento de 376%. No período entre 1980 e 2010, os homicídios como um todo cresceram 259%. Os dados são do "Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes do Brasil", lançados em 18/07/2012. O levantamento analisa informações do Ministério da Saúde sobre as causas das mortes de pessoas entre zero e 19 anos de idade. De acordo com os dados, em 1980, os homicídios de jovens representavam pouco mais de 11%. Já em 2010, subiu para 43% (WAISELFSZ, J. J. "Mapa da Violência 2012 – Crianças e Adolescentes do Brasil". Rio de Janeiro: Cebela/Flacso Brasil, 2012. Disponível: <[http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_Crianças\\_e\\_Adolescentes.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2014).

vinculado à ideia de um grupo social homogêneo, com desejos de pertencimento ao grupo e que tenta se diferenciar; sujeitos de noção provisória, com os próprios significados e relações sociais que se baseiam no gênero, na situação socioeconômica, por vezes na etnicidade. *Ser jovem* pode ser definido: cronologicamente, pelo período entre as faixas de idade; sociologicamente, no período de transição do estado de dependência para o de autonomia; psicologicamente, em uma fase considerada crítica à mente, em que acontece a definição do ego, com grandes mudanças no corpo e na personalidade.

Contudo, a reprodução sem crítica ou reflexão de algumas dessas perspectivas, em narrativas e discursos, por vezes, ossificam rotulações nos sistemas disciplinares, nas práticas pedagógicas, influenciando rotinas familiares, programas e políticas públicas que desejam controlar o ímpeto juvenil, sua subjetividade, seu corpo, seu comportamento público e privado visando garantir o adequado ingresso no mundo do trabalho (FREIRE FILHO, 2006).

Sobre juventude do meio urbano, um grupo coordenado pela pesquisadora Silvia Borelli elaborou um interessante resumo sobre os estudos acadêmicos que trabalharam o tema ao longo de algumas décadas. A partir de Borelli et. al. (2009) observa-se, em geral, um imaginário do público juvenil associado, no decorrer do tempo, à consciência política, ao consumo, a estética, à formação de tribos, a uma vida entre o estudo e o trabalho e as políticas públicas<sup>48</sup>. Interessante também que Borelli et. al. (2009) mostra um resumo sobre as políticas públicas destinadas à juventude urbana, entre 1950 e 2000. Entre 1950 e 1970, a juventude foi marcada pela necessidade de ampliação da educação e do uso do tempo livre, em um momento de crescimento das Instituições de Educação Superior (IES) no Brasil e a

---

<sup>48</sup> Realizamos um pequeno resumo do resumo feito pela pesquisadora, apenas para ilustrar a trajetória das noções sobre juventude urbana ao longo dos anos dos estudos. Não acessamos os trabalhos citados pela autora, aqui mencionados. Nos anos de 1960, a produção acadêmica apresentou uma noção de juventude vinculada à militância estudantil e de vanguarda (Octávio Ianni, 1963; Arthur Poerner, 1968). Já nos anos de 1970, esta noção permanece, mas surgem noções de juventude oscilando entre o comportamento radical e o conformista (Gouvea, 1971), problemas de pesquisa relacionados as mudanças nas condições de sociabilidade depois que o jovem entra na vida universitária (Azevedo, 1978), no mundo urbano (Whitaker, 1979), estudos de representação social, sobre preconceitos e estereótipos da juventude (Orsini, 1977). Nos anos de 1980 cresce a preocupação com a decadência dos movimentos estudantis, com a necessidade de participação política dos jovens e aumento de sua consciência crítica (Maria Célia Paoli, 1985; Gonzaga Motta, 1986). Diante disto, surgem alguns estudos sobre grupos urbanos contestadores (Antonio Bivar, 1982; Janice Caiafa, 1985), na esteira da emergência dos grupos juvenis da época (*punks*, *metaleiros*, *rappers*, *darks*, *rastafáris*, *funkeiros*, entre outros). Nos anos de 1990 segue a tendência, com ênfase nos chamados “caras-pintadas”, de 1992, que retoma a velha oposição entre juventude “apática ou crítica” e a discussão sobre novas identidades juvenis (Alberto Tosi Rodrigues, 1993; Rodrigues, Ann Mische 1997). A noção de juventude e trabalho se relaciona ao momento de conseguir um emprego, a ideia de autonomia, de descolar-se da família e efetivar o projeto de vida (Danielly dos Santos Queirós, 1999), mas também ao consumo Felícia Reicher Madeira e Alicia Bercovich (1992). O destaque, neste período, foi para a produção acadêmica da pesquisadora Marília Pontes Sposito (1992, 1997, 1999, 2002) no campo das políticas públicas da educação para a juventude. Nos anos de 2000, alguns estudos sobre juventude mostram uma vida juvenil marcada pelo trabalho exaustivo, a necessidade de sobrevivência (Ana Cláudia dos Santos (2008) e o cotidiano no tráfico (Marisa Feffermann, 2006), como também as exigências sociais e educacionais para ingresso no mercado de trabalho (Tiago Lopes de Oliveira, 2008) e jovens que trabalham e estudam ao mesmo tempo (Dirce Maria Falcone Garcia, 2002). Outros estudos nesta época enfocam o ambiente escolar (Carlos Augusto Callegaro, 2007), a relação do jovem com o folclore (Vanilda Ferreira Carneiro Pereira, 2007), com a música, identidade e a cultura *hip hop* (Tânia Maria Ximenes Ferreira, 2005; Sandra Regina Adão, 2006).

consolidação estrutural da educação privada. Entre 1970 e 1985, houve a necessidade do controle social de setores juvenis mobilizados. Deste período até o ano de 2000, cresce a preocupação com o enfrentamento da pobreza e com a prevenção do delito, com destaque para os anos de 1990, quando as políticas públicas se preocuparam também com a inserção dos jovens de fora do mercado de trabalho. Entre 2003 e 2010, estabeleceu-se legalmente a faixa etária entre 15 e 29 anos para a definição de jovem no Brasil, como também o programa Projovem, atuando no campo social e do trabalho, e o Prouni, no campo da Educação Superior.

As considerações acima refletem o universo institucionalizado do jovem no urbano. E o jovem no rural? Procurando tangenciar tais ossificações e perspectivas sobre o jovem no urbano, sem deixar de considerar os aspectos mencionados sobre o universo juvenil, procuramos uma abordagem do tema da juventude pelo aspecto do comunicacional, de sua relação com as mídias, considerando especialmente o jovem no rural – de uma faixa de idade específica (reconhecendo a existência de várias idades da juventude), que revela não somente expectativas relacionadas a um momento especial da vida, mas igualmente falas envolvidas que delineiam um ser jovem no rural em sua experiência de vida midiaticizada.

De um modo geral, os processos de compreensão, de expectativas e possíveis vivências no mundo além das cercanias do rural (aquele que permite emprego fixo, renda estável, variadas opções de lazer, reconhecimento, liberdade dos pais etc.) se desenvolvem tendo como referência uma rede de relações com a família, a comunidade e as instituições. A mídia e a família foram nossas escolhas. Duas experiências se interpõem, produzindo tensões: a experiência de vida sob a influência da vida familiar coletiva (na qual estão os guardadores dos saberes da cultura rural familiar) e a experiência midiática (por vezes desintegradoras, outras vezes maravilhosas). Nesse entrelaçamento de experiências, definem-se as expectativas e os sentidos do jovem no rural contemporâneo mediante a interlocução que a mídia estabelece na cultura juvenil.

## **5.2. Aspectos sobre juventude no rural**

Ao que parece três cenários tradicionais que envolvem a população rural ainda merecem estudos mais detalhados e qualitativos: o esvaziamento do rural, a migração campocidade e a noção de juventude no meio rural. Somam-se a isso as controvérsias sobre os dados demográficos sobre a população rural e a ausência de conceitos bem desenvolvidos.

Apesar do IBGE mostrar nos censos de 2000 e 2010 que o meio rural está se esvaziando, o rural não vem perdendo em número de habitantes na velocidade das estatísticas, se observarmos que comunidades rurais, e até mesmo indígenas, podem habitar o perímetro urbano de uma cidadezinha do interior – o IBGE geralmente considera morador de área urbana o indivíduo que habita o perímetro urbano. Também interessante observar que não existe hoje só a migração campo-cidade, mas igualmente a migração de retorno ao rural; pessoas que trocaram a vida na cidade pela vida no campo; e as diversas situações em que o indivíduo se mantém indo e voltando do campo para a cidade próxima. Além disso, para o instituto de pesquisa, a simples mudança domiciliar de um município para outro, na mesma região metropolitana, já configura migração. E, se olharmos apenas para o número de moradores das áreas rurais, ainda seria expressiva a quantidade de pessoas hoje no rural, cerca de 29 milhões no Brasil. Desse universo, dois milhões de pessoas ainda estão no meio rural de Minas Gerais e tanto a população jovem no rural brasileiro quanto a mineira ainda continuam expressiva<sup>49</sup>.

Sobre as noções de “juventude” e de “juventude rural”, podemos observar as controvérsias dos institutos de pesquisa e organismos internacionais. E, se ajustarmos nossas lentes para o universo juvenil no rural, temos um quadro ainda mais complexo, pois no Brasil há uma diversidade significativa de culturas rurais juvenis e diferenças de classe social: existem jovens nos assentamentos rurais, jovens no movimento dos sem terra, *agroboys*, filhos de pequenos produtores rurais, jovens nas comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhos, jovens no trabalho rural, entre outros<sup>50</sup>.

Neste estudo, encaramos o desafio de definir juventude no rural (mais complexo que tentar definir juventude no urbano) por meio de recortes. Em um recorte horizontal, podemos observar os territórios da família, da escola, da comunidade e dos espaços de lazer que se entrelaçam com a experiência midiática e colaboram para a produção de sentidos e expectativas do jovem. Em um recorte vertical (específico no tema da juventude no rural), temos outros entrelaçamentos que produzem ainda mais tensão: (a) a experiência da juventude como um todo, seja no urbano ou no rural (relativo ao biológico, ao psicológico);

---

<sup>49</sup> Segundo o IBGE (2010), existem aproximadamente 7.807.627 jovens no rural e 43.522.942 de jovens no urbano no Brasil. Em Minas Gerais, existem 700.826 jovens no rural.

<sup>50</sup> Curiosa a observação de Weisheimer (2005) de que o estereótipo universal do “caipira”, sempre vinculado ao “jovem rural”, nunca foi devidamente analisado e refletido pelos principais estudos no mundo sobre o campesinato, pois o material empírico de construção da categoria analítica “jovem rural” sempre esteve influenciado pelas experiências dos jovens urbanos. Nesse sentido, ele cita alguns trabalhos que pesquisou (BOURDIEU, 1962; ARENSBERG E KIMBALL, 1968; HEREDIA, 1979; THOMAS E ZNANIECKI, 1974).

(b) a experiência da juventude no rural como um todo, independente de cultura ou classe (relativo ao social); (c) o jovem na pequena agricultura familiar (relativo à cultura rural local).

Entre as gretas e fissuras desse recorte vertical, temos primeiro a camada mais ampla, as características relativas ao período da juventude, seja urbana ou rural, que, naturalmente, estão presentes na vida do jovem no rural: sua experiência se relacionando com o mundo do trabalho, do cotidiano escolar, da cultura de lazer e do sonho pelo primeiro emprego fixo. Mas também possíveis reflexões incompletas, os interesses comuns da idade (namoro, ídolo jovem, modismos etc.), algumas ideias mais amadurecidas que outras, a necessidade de questionar, de participar das atividades ofertadas pelas instituições próximas. Também de modo geral sua experiência está imersa na situação de dependência dos pais, um estímulo à independência normal da idade (ter o próprio salário, morar sozinho, com amigos etc.). A segunda e a terceira camada serão os assuntos abordados a seguir. Na segunda camada, temos a diferença do jovem no urbano para o jovem no rural. Em seguida, temos a camada mais singular do jovem no contexto pobre da agricultura familiar da zona da mata mineira, seus aspectos relativos à cultura de lazer e a condição socioeconômica. No capítulo seguinte, teremos especificamente os jovens no ensino médio da Escola Rural José de Assis Pinto situada na região rural de Capivara, localidade situada no município rural de São Miguel do Anta.

### **5.2.1. A noção de “Juventude Rural” no Brasil**

Em seu levantamento<sup>51</sup>, Weisheimer (2005) organizou as constatações das pesquisas sobre “juventude rural” no Brasil em quatro categorias temáticas: 1) Juventude e educação rural<sup>52</sup>, 2) Juventude rural, identidades e ação coletiva<sup>53</sup>, 3) Juventude rural e inserção no trabalho<sup>54</sup> e 4) Juventude e reprodução social da agricultura familiar<sup>55</sup>. Ele ressaltou algo comum entre os temas: a participação dos jovens nas dinâmicas migratórias e a persistência da invisibilidade social dessa minoria social. O caráter de invisibilidade do “jovem rural” se deve à falta de importância que o meio acadêmico dá ao tema, à própria condição de

---

<sup>51</sup> O levantamento organizado pelo autor (1994-2004) é fundamental como ponto de partida para a discussão sobre juventude rural no Brasil. Mas salientamos que não nos demos o trabalho de estudar cada um desses trabalhos pesquisados, pois eles não fazem parte dos planos e objetivos de nosso estudo; dizem respeito a outras perspectivas epistemológicas. No entanto, achamos interessante citar, nas próximas notas de rodapé, alguns autores que foram enquadrados nas respectivas categorias temáticas sobre a juventude rural, organizadas por Weisheimer (2005). Nas referências bibliográficas, reservamos uma lista de referências exclusiva de alguns autores citados pelo autor.

<sup>52</sup> C.f.: CAMPOLIN, 2000; FREIRE, 2002; SILVA, 1992; SILVA, 2000, 2002; TURQUINO, 2003.

<sup>53</sup> C.f.: BENEVENUTO, 2003a, 2003b; VIEIRA, 2002; MENASCHE, 2004; SPANEVELLO, 2002.

<sup>54</sup> C.f.: BRUMER et. al., 2000; DESER, 1999.

<sup>55</sup> C.f.: CARNEIRO, 1998; PEREIRA, 2004; SIQUEIRA, 2004; SPANEVELLO, 2002; STROPASOLAS, 2003.

marginalidade do jovem em relação às políticas públicas centradas no urbano e o não-reconhecimento de suas demandas. O caráter das dinâmicas migratórias reflete a mescla de culturas urbano-rural, mas também remete ao desejo de visibilidade do “jovem rural”: ao migrar à cidade, esses jovens se juntam à luta e as demandas dos “jovens urbanos”.

No grupo temático da *Juventude e Educação Rural* a problemática está nos parâmetros curriculares da escola pública, que utiliza um modelo educacional pautado pelo paradigma das sociedades industriais urbanas. Com o fim da escola rural, a escola urbana se distancia das necessidades do “jovem rural” e do trabalho agrícola, introduzindo valores de vida urbanos. Essa linha temática analisa as percepções e os significados atribuídos à educação pelos “jovens rurais”, a partir da visão de que o estudo garante o passaporte de entrada na forma de vida urbana. Já no item da *Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva*, a construção das identidades coletivas se encaminha por meio da ênfase no contraste com os padrões de comportamento do “jovem urbano”. As pesquisas se voltam aos espaços de sociabilidade e às formas de organização para o lazer, em que os sujeitos afirmam sua identidade em locais não-agrícolas caracterizados como espaços lúdicos. No grupo *Juventude Rural e Inserção no Trabalho*, o tema da identidade do jovem está vinculado às formas de inserção no processo de trabalho na agricultura familiar. Quando valorizado, o jovem percebe que vale a pena o trabalho na agricultura. No entanto, a necessidade de independência financeira motiva os jovens na busca por trabalho fora do ambiente agrícola familiar. E, no *Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar*, destacamos um grupo de pesquisas que estuda a noção de “projeto de vida” individual em face dos projetos familiares, as representações e a socialização. Os jovens reivindicam projetos de vida calcados em padrões de vida urbanos, construindo uma matriz valorativa diversa e contraditória. Ainda no levantamento, os “jovens rurais” se interessam pelo estudo<sup>56</sup> enquanto meio de acesso a uma profissão melhor remunerada, menos sacrificante em relação ao trabalho na roça, pois a atividade na agricultura está sempre repleta de incertezas (financeiras, climáticas, econômicas, políticas etc.).

### **5.2.2. Juventude no contexto pobre da agricultura familiar**

Podemos dizer, desenvolvendo algumas noções de autores citados anteriormente, que na pequena agricultura familiar de baixa renda ou no contexto pobre de uma agricultura familiar a presença e influência de processos migratórios para a cidade transformam aos

---

<sup>56</sup> C.f.: ABRAMOVAY, 1998; CARNEIRO, 1998, 2004; SILVESTRO, 2001; PEREIRA, 2004.

poucos a cultura e os sentidos na experiência da comunidade rural, enquanto força produtiva no rural. Em geral, o jovem no rural procura relações com os processos sociais em curso relativos a cidade: primeiro emprego fixo na cidade, um curso técnico, mais opções de lazer. E, na intenção de diminuir o isolamento e a distância em relação ao universo juvenil predominantemente urbano, os sujeitos no rural desenvolvem uma experiência com as mídias, mas também utiliza o assunto na mídia como maneira de se identificar como diferente do jovem no urbano (vide o quadro no final do capítulo 6).

O jovem no rural, em geral, acumula a experiência dos estudos com o trabalho na lavoura, já na transição entre infância e adolescência<sup>57</sup>, tornando-se um indivíduo um pouco mais maduro e longe da visão clássica do jovem com um “indivíduo incompleto” e “inexperiente”. Sabe-se que a dependência do jovem a sua família seria algo inerente à sua condição; que no término do ensino médio, ele precisa decidir ficar ou não na roça; ter emprego fixo ou cursar o ensino técnico.

Na comparação com outros, o jovem na pequena agricultura de base familiar, situada mais afastada dos grandes centros urbanos, geralmente, seria um indivíduo de baixa renda. Aqueles que buscam migrar para a cidade desejam um reconhecimento profissional e visibilidade de suas demandas juvenis. Buscam a dependência do salário estável, sair do seio familiar para depois ser também reconhecido entre seus familiares; deseja projetos de vida calcados em padrões de vida urbanos; um trabalho menos sacrificante e incerto (como vimos ao longo das sessões).

O último ano do ensino médio para o jovem no rural torna-se um momento especial da sua vida, quando nutre expectativas e intenções de futuro significativas. Alguns já visitaram cidades próximas e retornaram para a roça para contar sobre a vida urbana, diminuindo seu estranhamento e aumentando a aderência com certos valores da sociedade urbano-industrial. Se novos valores se somam à experiência do jovem, aos poucos, algumas práticas sociais, estabelecidas por gerações anteriores, alteram-se de maneira gradativa ou de forma substancial, fazendo com que os jovens aproximem suas expectativas e intenções do mundo juvenil do estudo, do trabalho e do estilo de vida típico da juventude de classe média urbana (CARNEIRO, 2004).

---

<sup>57</sup> Segundo dados do IBGE/2010, aproximadamente 12,4% das crianças e adolescentes de 10 a 17 anos estão no mercado de trabalho no Brasil, com carga horária de 27 horas por semana. Na última década, programas como o “Bolsa-Família” reduziu em 60% a proporção do número de crianças e adolescentes trabalhando no mercado.



## a) Aspectos em torno da cultura de lazer

Não somente na escola e na família, mas também nos momentos de lazer, os jovens configuram suas expectativas e intenções de futuro. Um dos motivos para se deslocar do campo para a cidade está na falta de lazer na roça, que se resume a assistir à tevê ou jogar bola no campinho. As instituições, como escola, família e mídia, funcionam para a experiência juvenil como instâncias por onde o jovem alimenta suas expectativas e intenções de futuro, que permitem o sujeito diminuir a distância de seu conhecimento na relação com o mundo moderno (necessário para arrumar emprego fixo e curso técnico), ascender socialmente (para obter o reconhecimento da família) e participar do universo juvenil do qual o jovem rural também se sente parte (processo fortalecido pelo consumo dos produtos midiáticos).

Em pesquisa anterior (SILVA, 2002), falamos sobre o que existe por trás de uma possível “farra juvenil”<sup>58</sup> na migração para a cidade. Tal farra ou festa significa um sentimento que oculta uma estratégia do jovem na pequena agricultura familiar. Ele vai como turista para a cidade para a qual pretende um dia migrar definitivamente. Além da viagem ser um momento de lazer diferente na sua vida monótona na roça, o jovem aproveita para conhecer a vida na cidade e o mercado de trabalho. Se por ventura conseguir algum trabalho, ele acaba ficando por lá, mas se voltar para a roça não retorna rotulado pelos membros da comunidade como mais um jovem fracassado ou que “quebrou a cabeça” no urbano. Na condição de turista na cidade, o jovem rural pode ajustar a sua percepção/sensação também com relação a uma decisão importante que ele precisa tomar: largar sua família, o sentido de coletivo no rural, a vida próxima da natureza, a convivência com os amigos e parentes.

Viajar como turista para a cidade se torna algo diferente e significativo no momento de lazer do jovem rural, mas na sua vida cotidiana o tempo livre sempre foi ocupado com os programas de televisão ou de rádio. Longe das obrigações do estudo e do trabalho, a cultura de lazer dos jovens rurais sempre esteve midiaticizada pelas narrativas da mídia. Fazer o que gosta ou ficar à toa faz parte dessa segunda vida relaxante e informal, capaz de acomodar sentidos e valores da mídia junto a experiência de vida, em uma linha tênue que separam as experiências (com a mídia e na vida). Assistir à telenovela e ao telejornal favorito significa estar com a família, adquirir subsídios informacionais para conversar com os amigos, aproximar-se ou se afastar de valores e sentidos pautados pelos programas. No chamado

---

<sup>58</sup> Martins (2012, p.129), a nosso ver de modo um pouco apressado, diz que “Para muitos jovens que em geral são filhos de pequenos agricultores do Nordeste, de Minas e da região amazônica, sair de casa, mesmo nessas condições, supostamente por um período de seis meses, um ano, é uma farra, é parte de um certo sentido de festa que existe na vida. Sair de baixo da autoridade paterna, da obrigação do trabalho regular sem remuneração, que é o caso do trabalho no interior da família”.

“tempo social morto” do ócio – considerado potencialmente negativo às atividades produtivas do trabalho e do estudo – a interação com as mídias permite a juventude comentar, emitir opiniões, atualizar assuntos e ressignificar posturas morais, construindo, assim, as próprias formas de expressão, ritos, sentidos e modos de ser e fazer, que diferencia o jovem do mundo adulto.

Quer dizer, assistir à tevê é um ato além do ócio, um ato vital e produtivo ao jovem no rural, na tentativa de diminuir seu isolamento social <sup>59</sup>. Quando ele ocupa seu tempo livre assistindo a seus programas favoritos na tevê, por exemplo, está satisfazendo suas necessidades materiais mais objetivas, em um momento em que se libera das obrigações do estudo e do trabalho, constituindo esse espaço de lazer o lugar da organização dos conteúdos culturais que dão sentido à experiência de vida do jovem.

Mas é preciso lembrar que esse momento da cultura de lazer não mais enclausura o sujeito na experiência de relação com a mídia enquanto uma contemplação, uma anestesia ou no simples momento de descanso, mas sim amplia os horizontes do sujeito nessa experiência, na direção do estímulo a sua reflexividade sobre a experiência do outro; experiência que cutuca a vontade do sujeito de se expressar socialmente; permite acesso à informação significativa que atualiza sentidos e valores nos espaços de sociabilidade; possibilita a produção de conhecimentos além do conteúdo escolar; consolida o diálogo no espaço familiar e as identificações com narrativas midiáticas, capazes de se entrelaçar com algum aspecto da experiência de vida.

Também não se trata apenas de “consumir mídia” ou do “uso social”, mas de um pestanejar, de solavancos e arrepios que marcam a sutileza da percepção/sensação com vestígios nos produtos das mídias e segue pela interação mediada no social, indo até o espaço da cultura de lazer dos jovens no rural. Assim, de maneira sorrateira, os sentidos e valores buscam abrigo nas mentes e corações dos sujeitos imersos na experiência midiática.

## **b) Aspectos em torno da condição socioeconômica**

A eminência da migração para a cidade e as futuras alterações nos aspectos sócio-econômicos são aspectos que afetam de maneira especial esse jovem. Se observarmos a história, a migração para a cidade sempre fez parte da cultura juvenil rural. Migrar é normal

---

<sup>59</sup> Alguns pesquisadores de juventudes defendem o lazer como “tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2004, p. 176).

para o jovem rural. Para um dos maiores especialistas sobre o meio rural, o sociólogo José de Souza Martins<sup>60</sup>, migrar é o normal na sociedade moderna como um todo, pois “o que não é normal é a não migração. O sujeito que nunca saiu do lugar dele para ir para outro lugar para se reajustar nesse ciclo de exclusão/reinclusão não é normal. Normal é quem migra” (MARTINS, 2012, p.126). Daí, o problema não é migrar, mas a condição de desenraizamento que configurou o quadro atual (e, nesse cenário, a presença e influência mais intensa das mídias), decorrente dos múltiplos tipos de migração. Nesse ambiente social de desenraizamento, temos culturas e identidades que se mesclam, produzindo tensionamentos, com implicações profundas para a condição socioeconômica do jovem, de sua família e do mundo rural.

Como a pequena agricultura familiar não pode viver isolada, temos o vínculo do jovem no rural com o mundo além do rural: com o mercado e com outros valores. O trabalho do jovem é na roça e o que ele vende é o fruto do seu trabalho em uma economia que gira em torno do trabalho familiar independente. Se o jovem no urbano trabalha sozinho, o jovem no rural não pode trabalhar sozinho. O trabalho dele não é solitário, nem de indivíduo e nem de empregado. A força de trabalho juvenil está empregada nos bens de produção de sua família. Então, ele é dependente socialmente (pois necessita do outro para tocar o trabalho na roça), apesar de independente economicamente.

Para atender ao mercado, a juventude na cidade vende sua força de trabalho excedente. O vínculo da família do jovem no rural com o mercado se dá pelo seu produto excedente. O jovem no urbano está em busca de trabalho, oferecendo à venda sua força de trabalho. Mas, no caso da família rural, o jovem participa da decisão da família pelos frutos que vão ser convertidos em meios de vida e aqueles que serão excedentes. Ao focar no aumento da produção de um único produto na roça, a família no rural reduz os produtos que vão para a sua mesa, podendo ocasionar um reposicionamento da economia e da cultura da família no rural: mudanças alimentares, redução da independência econômica e migrações. Podemos dizer que, ao produzir somente naquilo que interessa ao capital, a família precisa adaptar seus modos de ser e de fazer.

Existem relações visíveis e invisíveis em torno do jovem no rural. Para o jovem no urbano que trabalha no comércio, a igualdade jurídica é condição fundamental para a

---

<sup>60</sup> Nesse item, utilizamos somente as considerações do autor, tendo em vista sua preocupação ao longo da carreira com a vida cotidiana do que ele considerou como “os mais simples”: os operários e os trabalhadores rurais. Pelo conjunto de sua obra (dezenas de livros, centenas de artigos científicos), José de Souza Martins recebeu diversas premiações, com destaque para o “Prêmio Florestan Fernandes”, concedido pela Sociedade Brasileira de Sociologia, e o título de “Professor Honoris Causa”, concedido pela UFV/MG.

definição social dele enquanto um jovem na cidade – ele é igual nos relacionamentos e desigual economicamente. O que define socialmente o jovem no rural é sua liberdade, que não é vista por ele. Apesar de dependente da família, ele é dono de sua vontade e de seus instrumentos de trabalho. Outra invisibilidade está no seu trabalho, oculto no produto, nas relações com o mercado de produtos e com o capital. Já a parcela visível está nas relações de família. Para quem mora na cidade, o tipo tradicional de família é o núcleo duro pai, mãe e filhos (que se estende para, no máximo, alguns parentes próximos). Para o jovem no rural, a família é mais extensa, constituída por pessoas que moram nas proximidades: várias gerações de parentes, grupos de compadrio, vizinhos, famílias do genro e da nora. São também relações de comunidade, de povoado. Por isso que, quando na cidade, o jovem manifesta seu sentido mais individual da vida, no campo, o jovem manifesta-se como pessoa, extensão da sua família, da sua comunidade e de seus laços comunitários. Trata-se mais de uma consciência afetiva de pertencimento a um sujeito coletivo visível, a um corpo natural de que se faz parte desde sempre, desde o nascimento.

Por conta do isolamento natural e da distância em relação ao mundo urbano mais desenvolvido, o jovem na roça compreende o mundo urbano de forma residual e fragmentada, pois ele está confinado à sociabilidade imediata de sua família e de sua comunidade. Está voltado para dentro, para o pequeno mundo concreto que conhece e identifica.

Quando deslocado de seu mundo comunitário para o interior de relações contratuais de mercado e de trabalho, o camponês tende a se confundir. Não é raro que atribua ao patrão virtudes patriarcais próprias de seu mundo de origem e que interprete como relações paternalistas as relações que de fato são contratuais (MARTINS, 2012, p.80).

Para o jovem no urbano, o mundo não está fechado em si mesmo, mas também não está mais referencializado pelo trabalho coletivo familiar e comunitário. No urbano, o mundo das múltiplas mercadorias está ao alcance do jovem e de seus relacionamentos derivados desta multiplicidade. As relações deixam de ser coletivas e familiares para se voltarem ao interesse individual, com relações afins que podem ser sociais ou da tribo. O mundo urbano é orientado para o individualismo, em que o outro entra por interesse comum e circunstancial.

A compreensão do jovem no rural não é residual e fragmentada, mas é própria dele, com referência na experiência que conseguiu desenvolver, sendo uma consciência que toma como referências outras classes sociais e instituições – inclusive a mídia. Nem sempre sua consciência e expectativas de resolução para seus conflitos se direcionam para fora do rural, fora de sua condição rural, mas tendo em vista um mundo rural em transformação.

Se a intensidade da relação com o mercado produz um assoreamento da economia e da cultura da família rural, natural que existam traços de um pensamento social conservador no jovem rural, por conta da necessidade de preservação das tradições da cultura local e da família. O mundo dele pode ser compreendido nas condições e limites da expansão capitalista, a partir do entendimento sobre suas próprias formas de consciência a respeito dessa relação com o capital (e não um entendimento adquirido de maneira externa ao seu mundo, mediante grupos de mediação que discursam a partir de uma intelectualidade própria sobre o mundo rural – como igrejas, sindicatos, organismos do governo, ONGs etc.). Em geral, a consciência social conservadora do jovem rural está voltada para valores e concepções centrados na família, na terra, na religiosidade, na comunidade e no trabalho. A ligação da cultura rural com o capital reduz a autonomia do sujeito e sua família para uma autonomia relativa e pode proporcionar tanto uma consciência de resistência ao capital (que assoreia alguns valores da família) quanto de aderência (identificação com alguns valores do mundo moderno). Este último aspecto se dá pela capacidade, em especial da cultura midiática, de ampliar as relações sociais com o mundo moderno, fazendo os jovens pensarem na possibilidade de se libertarem “dos laços patriarcais que o prendem ao outro. Laços que o tornam sujeito de dominação pessoal e de uma economia limitada e limitante” (MARTINS, 2012, p.110).

Portanto, pensando na juventude rural e sua relação com a cultura midiática, sua autonomia relativa existe tanto em um movimento de afastamento quanto de aproximação com os produtos midiáticos. Mas esta última se relaciona mais com a mudança de vida individual do jovem, e não com o social e coletivo que depende muito mais da mediação das instituições, de dinamismos que não são próprios do modo de viver camponês.

### ***5.2.3. As forças produtivas da cultura e do símbolo ancoradas na família***

Tanto quanto o socioeconômico, as forças produtivas da cultura e do sentido influenciam de maneira significativa, condicionando e determinando as práticas, as reflexividades e conversações. Tais forças estão ancoradas na experiência na família da pequena agricultura. Podemos chamar também essa experiência de um *capital*, fruto do investimento afetivo que sedimenta e faz circular os valores e os sentidos mais significativos no chamado pela sociologia de “mundo social primário” (a família).

Esse capital familiar seria motivado pelo acúmulo de experiências entre as gerações e, de modo clássico, caracteriza-se pela transmissão dos exemplos de vida do velho para o

jovem, como o valor do trabalho duro, a necessidade da continuação dos estudos, da vida coletiva no rural etc. O capital familiar – conceito cunhado pelo sociólogo Jessé Souza (2012)<sup>61</sup> – se configuraria como um trunfo da chamada “nova classe trabalhadora” ou “nova classe social moderna”, que reside entre a chamada “ralé” e as classes superiores, média e alta (SOUZA, 2012).

Para o autor, os “batalhadores” e os sujeitos da “ralé” seriam indivíduos das “classes inferiores” – a nosso ver, tipos de sujeitos que residem tanto no campo quanto na cidade, respeitando as diferenças de cada grupo – que não tiveram acesso privilegiado aos capitais cultural e econômico; foram impedidos, pelas circunstâncias, de acessarem o trabalho em bons empregos; não alcançaram um estudo qualificado que garantisse uma profissão tipicamente urbana. O ideal de “vencer na vida” ou “melhorar de vida” se consegue, em geral, pela dedicação, resistindo ao cansaço do trabalho árduo, a duplas jornadas de escola e trabalho, resistindo ao consumo imediato.

Chamamos esse conjunto interligado de disposições para o comportamento de “capital familiar”, pois o que parece estar em jogo na ascensão social desta classe é a transmissão de exemplos e valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas. Se o capital econômico transmitido é mínimo, e o capital cultural e escolar comparativamente baixo em relação às classes superiores, média e alta, a maior parte dos batalhadores entrevistados, por outro lado, possuem família estruturada, com incorporação dos papéis familiares tradicionais de pais e filhos bem desenvolvidos e atualizados (SOUZA, 2012, p.50).

A família rural, portanto, não poderia deixar de preservar traços conservadores e próximos dos valores mais tradicionais dos “batalhadores”, por conta da necessidade de garantir o capital familiar ou, como preferimos chamar, a *experiência* fruto dos investimentos afetivo e prático dos membros da família (incluindo o círculo de parentesco e compadrio: avós, tios, primos, enteados, padrinhos, madrinhas, membros da família do genro e da nora). Cabe aos sujeitos que sofrem essa experiência ajustarem uma ordem que toma como referência os valores, o que alimenta a racionalidade prática de classe ou da forma de vida desses indivíduos. No jovem no rural, essa experiência medeia e serve para antecipar a ordem do mundo além do rural, em conformidade com a estrutura de sua forma de vida familiar.

Souza (2012) mostra algumas histórias de vida dos batalhadores, apontando a importância de atitudes não toleráveis na família, tais como brigas entre irmãos e parentes (pois o primogênito precisa servir de exemplo ao irmão caçula e o mais novo respeitar o mais

---

<sup>61</sup> Aqui selecionamos em Jessé Souza (2012) apenas aquilo que acreditamos dialogar de forma mais significativa com o nosso trabalho: as características da classe dos “batalhadores brasileiros” (a chamada “nova classe trabalhadora”); o conceito de capital familiar; e as considerações nos capítulos 3 e 4, que falam sobre as unidades familiar e produtiva dos membros dessa nova classe.

velho). Existe um sentido de responsabilidade pelo grupo familiar, pois a família também estimula a experiência da noção de humanidade<sup>62</sup>.

A relação da família com a esfera produtiva se dá em uma organização da experiência na direção de preparar o jovem para ser um batalhador: por exemplo, valoriza-se o trabalho, a divisão sexual do trabalho e os papéis familiares enquanto trunfos desse investimento (mais do que um simples conformismo ou dominação patriarcal). Outro aspecto desse investimento seria necessária a presença de uma mão-de-obra familiar informal, que possibilita uma renúncia do sujeito aos interesses individuais em favor do grupo<sup>63</sup>. Isso permite relações duradouras que perpetuam a experiência em família. Souza (2012) diz que isso seria o “vínculo de reciprocidade”, fator fundamental que permite o batalhador se arranjar na vida de alguma maneira. Essa nova forma de vida chamada pelo autor de “nova classe” não costuma mudar de bairro (do bairro popular para um bairro nobre, por exemplo<sup>64</sup>), pois os sujeitos mesmo ascendendo socialmente preferem os lugares mais populares, em que estão as pessoas simples e o “espírito comunitário e familiar”. Escolher ficar no mesmo lugar ou se mudar para um espaço urbano em que já vivem amigos e parentes fortalece os laços desse espírito e possibilita a continuidade do investimento afetivo e prático na experiência em família – a circulação dos valores e das escolhas morais em comum<sup>65</sup>. Essa experiência familiar, então, seria uma espécie de alicerce fundamental que ajuda o batalhador no processo de aquisição de outros capitais: o cultural (com o curso técnico, a universidade) e o econômico (o emprego fixo)<sup>66</sup>.

---

<sup>62</sup> A chamada “família moderna” está circunscrita a uma classe específica, a burguesa, mas a família não é só o lugar da procriação, da reprodução social e da experiência da humanidade. Ao longo dos séculos, a vida familiar deixa o lugar do profano (na tribo ou no feudo) e se tornava o lugar do sagrado (associada a ideia da Sagrada Família católica); o lugar do patriarca que concentrava todos os bens; lugar da transmissão da herança (material e simbólica) ao primogênito (ARIÈS, 1981).

<sup>63</sup> Em uma longa entrevista com a produtora rural Pompéia Aparecida da Silva de Paula (ex-presidente da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Região de Capivara), compreendemos a noção de “batalhadora empreendedora rural”. Entre diversos assuntos interessantes (vide Anexos), Pompéia ressaltou que seu sogro não quis vender as terras para ela, pois preferiu deixar a terra para uso e fruto dos filhos, netos, genros e noras.

<sup>64</sup> Morar no bairro popular na cidade – não morar na favela – configura-se como esse lugar em conformidade com a estrutura de classe da família rural da pequena agricultura familiar.

<sup>65</sup> Esse e outros aspectos podem ser visualizados, de alguma maneira, no livro clássico da antropologia social brasileira “A Utopia Urbana”, do antropólogo Gilberto Velho, de 1989, um estudo no meio urbano em que o pesquisador analisa moradores de um prédio de apartamentos do tipo conjugado em Copacabana, após realizar o sonho de morar naquele bairro como símbolo de ascensão social. No livro, as pessoas ao mesmo tempo em que conquistavam um *status* social não deixavam de estar próximas da área mais popular do bairro (o prédio conjugado), em que moravam todos aqueles que compartilhavam dos mesmos gostos e costumes da classe popular.

<sup>66</sup> Entre as histórias de vida dos batalhadores em Souza (2012), a mãe, por exemplo, funciona como mediadora dos desentendimentos em família, assumindo um sentido de responsabilidade pelo grupo familiar, pela formação individual de sua prole, pela incorporação através dos afetos da moralidade familiar, cabendo-a fazer florescer nos filhos o sentimento de amizade, apoio e responsabilidade um pelo outro, sempre lembrando a dívida moral para com os pais.

O batalhador visa à superação “de uma condição de vida anterior ou atual e, conseqüentemente, à projeção do batalhador para outra situação de vida vista por ele como melhor, tanto para ele próprio quanto para seus familiares” (SOUZA, 2012, p. 99), projetando seus filhos à ascensão e tornando-se exemplo de vida. Isso é bem diferente da forma de vida ou classe imediatamente inferior, a da “ralé brasileira”, que se caracteriza por uma experiência de fortes incompletudes:

A família típica da “ralé” é monoparental, com mudança frequente do membro masculino, enfrenta problemas graves de alcoolismo, de abuso sexual sistemático e é caracterizada por uma cisão que corta essa classe ao meio entre pobres honestos e pobres delinqüentes. É a classe vítima por excelência do abandono social e político com que a sociedade brasileira tratou secularmente seus membros mais frágeis (...). Vários dos batalhadores são oriundos da “ralé” [ou da “elite da ralé”] e conseguiram a duras penas ascensão material e alguma dose de autoestima e reconhecimento social (SOUZA, 2012, p. 50-51)

Existe uma semelhança da forma de vida rotulada como “ralé brasileira” com os temores dos jovens no rural – que veremos no capítulo 7. Ao que parece, a família da “ralé” seria desestruturada, sem referência, em que seus membros estariam em uma constante condição de risco social por conta da violência, das drogas ou de doenças físicas e mentais. Nesse ambiente, parece ser um pouco mais difícil os valores circularem e sedimentarem um capital familiar. Mais adiante, voltaremos a falar sobre o assunto, mas *a priori* importante destacar que existe um temor entre os jovens batalhadores em não “cair de classe” diante da necessidade de se afastar do seio familiar, que lhe garante ao menos o capital familiar.



## Capítulo 6

### ASPECTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS DA PESQUISA

Este capítulo parte do específico do local da pesquisa até o geral dos aspectos teórico-metodológicos que orientaram o estudo. A primeira parte foi composta por informações coletadas em relatórios técnicos, conversas com moradores e extensionistas, que ajudam na descrição da região de Capivara (em que está situada a escola rural) e do município rural. Na segunda parte, utilizamos as informações de nossos relatórios de campo para justificar o uso do método do grupo de discussão, descrever nossos operadores de análise, o *corpus* da pesquisa e como funcionaram as sessões do grupo.

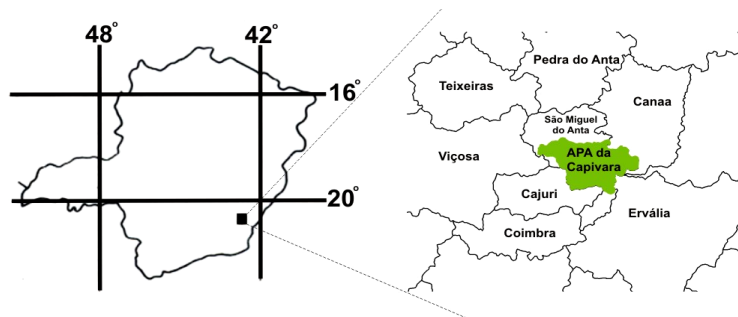
#### 6.1. O local da pesquisa

Após o desenho em torno dessa juventude rural da pequena agricultura familiar, fomos buscar esse jovem na região de Capivara, município rural de São Miguel do Anta, situado entre as montanhas (680 metros de altitude) nos limites de sete municípios da zona da mata mineira – Ervália, Coimbra, Cajuri, Viçosa, Teixeira, Pedra do Anta e Canaã – com acesso pelas rodovias federais 040, 356 e 120. Está distante de Belo Horizonte cerca de 250 km e de Juiz de Fora 173 km.

Figura 1: Na área escura, região da Zona da Mata (Fonte: Google Image)



Figura 2: Localização do município de São Miguel do Anta e, na área escura, região de Capivara (Área de Proteção Ambiental) – Fonte: Almeida; Lisboa; Teixeira (2008).



Capivara é o nome dado a uma sub-bacia regional que abriga algumas comunidades rurais distribuídas entre cinco córregos em que habitam 523 famílias (vide tabela nos Anexos). Em todo o município de São Miguel do Anta, existem 20 comunidades rurais, distribuídas em quatro associações ou conselhos comunitários<sup>67</sup>.

Em Capivara, a partir da conversa com os moradores, observamos a presença intensa da pequena agricultura familiar, nas lavouras de café, milho e feijão, bem como o manejo de animais (aves e bovinos), que garantem um pouco a independência econômica da família rural. O vínculo de reciprocidade familiar também funciona no campo, já que as famílias se unem com o casamento dos jovens, aumentando a mão-de-obra em lavouras geralmente compartilhadas por todos do grupo familiar. Portanto, o trabalho em Capivara é trabalho de família, não de indivíduo, pois ninguém na comunidade trabalha sozinho – mesmo quando o jovem trabalha como *meeiro* ou na lavoura do outro, ele tem sempre um tempo livre para se dedicar à produção familiar. Como ressaltamos no capítulo anterior, o trabalho independente familiar constitui o jovem rural um indivíduo menos restrito economicamente. Se o jovem se sente dependente das tradições e dos laços da família, o que significa uma restrição social, ao menos ele é também dono de seus instrumentos de trabalho ou pelo menos em algum momento pode decidir o que plantar e colher.

O vínculo de Capivara com o mercado (a cultura rural com o capitalismo) se dá com o apoio da Associação Comunitária que ajuda, por exemplo, alguns produtores de leite na negociação com pequenas indústrias de beneficiamento do produto localizadas em outro município próximo. A população economicamente ativa é de 64%, que dependem diretamente

<sup>67</sup> Dentre eles, o Conselho de Desenvolvimento Comunitário da Capivara (Codecap) é o mais antigo, com data de criação no ano de 1984. Os demais foram criados a partir de 1997: o Conselho de Desenvolvimento do Buraco do Tanque (Codebu), Associação Comunitária da Fundação (Ascofu) e a Associação Comunitária da Fartura e do Sem Peixe (ACFAS) – estes dois últimos pertencentes a sub-bacia de Goiana.

da agropecuária<sup>68</sup>, sendo essa atividade-base que mobiliza excedente para os outros setores. O principal produto excedente é o café (com 1.300 hectares plantados, chegando a produzir por volta de 20.000 sacas), seguido do milho (1.300 hectares, podendo chegar a 56.000 sacas), do feijão (1.400 hectares, chegando a 16.000 sacas) e do leite (com produção de 900 mil litros em média). Outro excedente estimulado é a criação de frangos para abate por conta da proximidade com indústrias abatedoras de aves. Além disso, também vem sendo estimulado o plantio de árvores de eucalipto e do pinus americano (ALMEIDA; LISBOA; TEIXEIRA, 2008). Alguns programas do governo do Estado, como o “Minas Sem Fome”, estimulam a produção de alimentos para a merenda escolar na região.

Não existe uma história oficial da região de Capivara, mas conversando com moradores locais, assistentes sociais e extensionistas que atuam na região, podemos observar uma região rural muito simples, cercada por famílias rurais, sem maiores crescimentos em termos de renda. Os cursos de capacitação acontecem em uma espécie de “base familiar” para os extensionistas e assistentes técnicos: a propriedade rural de uma pequena comerciante local, com tradição no campo do empreendedorismo rural (a família possui uma mini-fábrica de fazer doces caseiros, uma pequena mercearia, um restaurante artesanal muito simples e coordena a associação comunitária da região). Segundo informações, não houve progresso em termos de renda na região de Capivara. As famílias possuem benfeitorias nas propriedades e bens de consumo durável, proporcionado pelos programas governamentais de assistência social, mas em geral as famílias não possuem renda construída a partir do próprio trabalho. Em geral, aquilo que se produz na roça da família vai para a mesa do pequeno produtor. A exceção é uma família em Capivara, que produz doces caseiros, vende produtos na pequena mercearia e oferece serviço de restaurante nos finais de semana.

Apesar de a cultura de lazer do jovem se resumir basicamente em assistir à tevê e jogar bola, existem dois estabelecimentos na região que colaboram com essa cultura de lazer: o restaurante de dona Pompéia e o espaço do Nandinho. O primeiro é frequentado por muitas famílias da comunidade, da região e de outros municípios, pois, nesse lugar, as pessoas dizem que se sentem mais livres para assar o peixe que pescam nos córregos e rios da região; podem jogar cartas; reunir-se para uma cavalgada, realizar um almoço de casamento, além do tempero especial da comida. Existe uma informalidade que atrai as pessoas. Já o espaço do Nandinho tem pouca tradição e é frequentado mais pelo pessoal do futebol, logo depois do jogo: tem bar, piscina, salão de jogos e área para churrasco.

---

<sup>68</sup> Aproximadamente 23% das pessoas do município dependem do setor de serviços da sede-municipal, seguido de 7% do comércio e 6% da indústria (ALMEIDA; LISBOA; TEIXEIRA, 2008).

A percepção de quem já trabalha há tempos com a população rural da região é que não há como mensurar exatamente quem saiu e quem ficou na roça. Alguns optaram em sair do campo, enquanto outros se casaram e permaneceram na região.

Nos últimos dez anos, muitos jovens têm permanecido em Capivara, muito por causa dos programas institucionais. Segundo a Emater do município, em setembro de 2011, teve início o cadastramento no programa “Minha Casa, Minha Vida Rural” e, em 2013, foram entregues 36 casas, de um total de 50 inscritos. Na próxima lista, já estão inscritas 73 pessoas (o problema continua sendo a documentação das propriedades: terrenos sem escritura e com impostos a serem pagos). Alguns poucos jovens conseguem ingressar na universidade, fazer pós-graduação e se posicionar no mercado de trabalho, enquanto os outros que não conseguiram continuar os estudos tentam a vida no polo industrial de produção de móveis do município de Ubá ou em indústrias agropecuárias da região. No entanto, por conta da precarização da qualidade de vida proporcionada por esses trabalhos, alguns jovens acabam voltando para o rural.

A violência na região é mínima. Segundo informações, a violência em Capivara se concentra em pequenos furtos esporádicos. Casos de homicídio atualmente são inexistentes e sempre foi assim, mas como Capivara é uma região tradicionalmente pacata, quando acontece algum homicídio, logo se produz um medo artificial em relação à violência entre os habitantes das comunidades. A comunidade de Buraco do Tanque se constituiu, por algum tempo, como o lugar do tráfico de drogas da região, mas o alcoolismo ainda aflige mais algumas famílias do que as drogas ilícitas.

O Censo do IBGE de 2000 mostrou que a população urbana de São Miguel, ao longo dos anos de 1990, igualou-se em relação a população rural (Figura 4). Apesar de ser considerado um município rural (com grande parte da população urbana mantendo ainda um forte vínculo com a zona rural), o Censo do IBGE 2010 apontou um leve crescimento da população urbana em relação à rural. Hoje, segundo o instituto, a população urbana de São Miguel do Anta é de 3.752 habitantes, enquanto que sua população rural é de 3.008 habitantes. O município possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,717, considerado médio alto em comparação ao país e pouco abaixo da média do Estado que é de 0,766. Isso significa baixo índice de analfabetismo e razoável qualidade de vida. A região conta com duas escolas municipais de ensino fundamental, sendo uma delas a Escola José de Assis Pinto na região de Capivara e duas estaduais, uma de ensino fundamental e outra que vai até ao ensino médio. A população economicamente ativa, que em sua maioria depende da

agropecuária, trabalha ou é proprietária de pequenos estabelecimentos agropecuários. Esses proprietários representam 67,09% das propriedades com área de 5 a 50 hectares. Nesse percentual, a maior concentração de propriedades encontra-se entre as áreas de 20 a 50 hectares (ou seja, a região se caracteriza pela pequena agricultura familiar).

Figura 3: Distribuição percentual dos estabelecimentos rurais em São Miguel do Anta, em função da categoria de área (Fonte IBGE/2000).

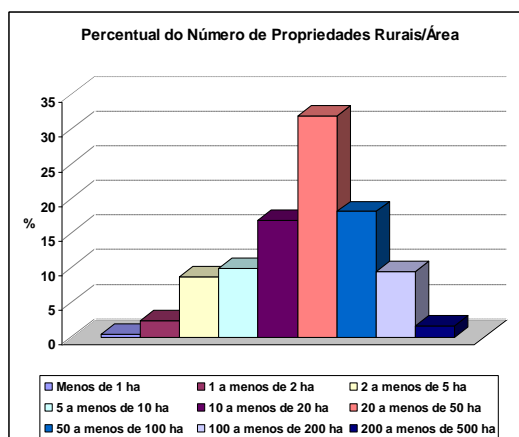
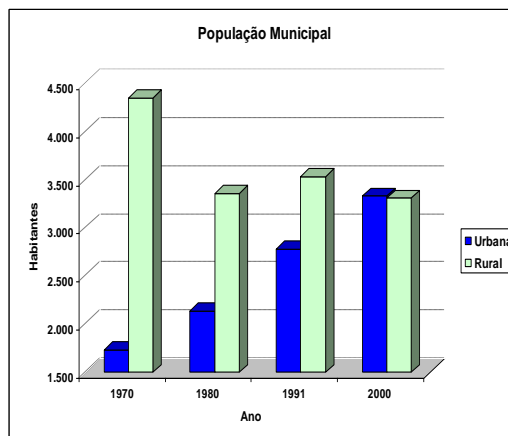


Figura 4: Dinâmica das populações urbana e rural em São Miguel do Anta (Fonte: IBGE/2000).



O extrativismo vegetal é atividade econômica que vem diminuindo ao longo dos anos no município, pois tem apresentado baixos índices. Os pequenos proprietários de terra têm investido na silvicultura do eucalipto e do pinus americano, mantendo as matas nativas, as minas de água e estimulando a participação das pessoas em programas de fomento do Instituto Estadual de Florestas em parceria com a Prefeitura Municipal.

Por conta desse cenário de preservação ambiental promovido pelos pequenos produtores, o município mantém iniciativas de proteção aos remanescentes florestais e conservação ecológica, ações também motivadas por uma lei municipal que criou a Área de Proteção Ambiental (APA) da Capivara, com uma área de 7.152,66 hectares (Figura 2). Na APA, o Rio Casca é o mais importante, com seus principais afluentes: o Córrego Goiano (que recebe as águas dos córregos Sem Peixe e Fartura, dentre outros) e o Ribeirão Capivara (que recebe as águas dos córregos Capivara da Fumaça, Santana de Ana Rita, entre outros).

## 6.2. Metodologia da pesquisa

Na aventura de pesquisa pelas estradas de barro, caminhamos com um problema: como determinados temas da narrativa da mídia televisiva funcionam enquanto provocadores de reflexividade e delineadores de conversações entre esses jovens rurais mineiros? O nosso movimento metodológico se deu a partir do chão das experiências dos jovens no contexto da região rural de Capivara<sup>69</sup>.

Nessa região rural, existem oito comunidades rurais e centenas de famílias. Nesse universo tão vasto, tivemos dificuldade de encontrar os jovens espalhados por suas propriedades rurais e optamos por um lugar mais central, de encontro cotidiano desses jovens: a Escola Rural José de Assis Pinto, situada na comunidade de Ana Rita. Depois dos encontros informais, iniciamos o processo de coleta de dados, utilizando como método o grupo de discussão. Interessava-nos delinear a prática de leitura da mídia a partir das reflexões e falas dos sujeitos.

Já chegamos para desenvolver as sessões do grupo tendo em mente que a experiência daqueles jovens estava imersa no solo da família no rural da pequena agricultura mineira (e a relação geracional), lugar por excelência da presença e influência da televisão no cotidiano das pessoas já há bastante tempo.

No território dos estudos sobre “recepção midiática”, tomamos como referência pesquisas sob a perspectiva comunicacional desenvolvidas, no último decênio, no âmbito do Grupo de Pesquisas em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG): *A questão do popular na TV: interlocuções entre programas populares e telespectadores*, de Pietra Cunha (2005); *Possibilidades do feminino: as telespectadoras de Ponta Porã e as mulheres do Mais Você*,

---

<sup>69</sup> Sobre metodologias qualitativas na sociologia, quando Haguette (1997) falou dos “princípios metodológicos do interacionismo simbólico”, tem-se o ponto central de preocupação do pesquisador que adota uma abordagem das interações: a experiência humana, localizada em um mundo real que “aparece somente sob a forma de como os seres humanos ~vêm’ este mundo” (p.40).

de Teresa Scofield (2007); e *Juventude e escola: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens*, de Cirlene Sousa (2007)<sup>70</sup>. Em todos os trabalhos, houve uma preocupação com a interlocução produzida pela narrativa dos programas televisivos. As pesquisadoras buscaram entender o modo de interação na reciprocidade entre as intervenções midiáticas e as expectativas das pessoas.

No geral, o procedimento metodológico dos trabalhos se desenvolveu da seguinte forma: após a coleta, ocorreu uma sistematização e uma análise de dados (que veremos a seguir) referentes aos programas pesquisados e aos sujeitos da pesquisa. A nosso ver, os estudos articularam três aspectos – já citados anteriormente – para apreender como a interlocução se organizou em torno das narrativas dos programas: a experiência dos sujeitos na cultura; o momento especial vivido pelo grupo pesquisado, em que os valores são convocados; a experiência com a mídia.

Scofield (2007) escolheu a semana que antecedeu o dia das mães para analisar as várias imagens da mulher no programa *Mais Você* (TV Globo), a partir do olhar sobre o feminino das mulheres de Ponta Porã/MS. O momento especial convoca valores específicos da mulher e do ser mãe que circulam tanto na vida quanto na mídia. Sousa (2007) escolheu a escola, lugar no qual se convocam valores relacionados ao ser jovem, e analisou a interlocução dos estudantes com a novela infanto-juvenil *Malhação* (TV Globo) – que envolve o cotidiano escolar em sua narrativa. Cunha (2005) escolheu os finais de semana, momento significativo na vida das pessoas de contexto popular com suas famílias na interlocução com programas populares na tevê<sup>71</sup>.

Importante considerar o instante situacional ou o momento especial na abordagem comunicativa, pois o momento aciona os valores que são convocados a estarem ali, vibrantes e circulantes entre a narrativa midiática e as falas das pessoas na cultura, numa dinâmica de reflexividade. Apresentadores, personagens e temas eleitos pelo público jovem rural suscitam conversações porque fazem parte das escolhas das pessoas. Tais escolhas são motivadas pelo momento especial: podem estimular interpretações em torno dos valores do feminino na mídia durante a semana da mulher; em torno dos valores do popular na mídia, convocados a estarem ali, no instante de descanso do trabalhador (o final de semana); em torno dos valores em uma

---

<sup>70</sup> Todos os trabalhos foram produzidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG.

<sup>71</sup> Ao que parece, os trabalhos utilizaram a técnica do *retelling*, um procedimento diferente do *recall* que se baseia na fala do sujeito que reconta aquilo que viu e permite uma autonomia do discurso narrativo na escolha do trecho e/ou na forma acionada para recontá-lo. Ou seja, adotou-se um procedimento partindo das experiências do sujeito, em que se desenha sua autonomia relativa e suas identificações em relação ao que se escolhe na tela. Esse procedimento não é novidade. Trata-se de uma leitura social da mídia e foi utilizado por Ondina Fachel Leal (1986, p.121) quando explica ser o *retelling* “o discurso que se organiza a partir do texto televisivo, uma narrativa a respeito de outra narrativa, que como tal tem autonomia”, permitindo uma organização da narrativa que convoca os elementos mais significativos a serem observados.

novela juvenil que acontece na escola em meio aos estudantes de uma escola pública. Os valores são convidados a fluírem em cada momento especial, fazendo parte da vida das pessoas e da instituição mídia, busca estabelecer uma interlocução com tal experiência.

### **6.2.1. O corpus da pesquisa e os operadores da análise**

Em nosso estudo, a escolha do momento especial tem estreita relação com a faixa etária selecionada para compor o *corpus* da pesquisa<sup>72</sup>. A escolha por jovens do ensino médio, com idade entre 17 e 19 anos, deve-se aos estudantes se situarem no último ano do ensino médio, momento de decisão sobre seu futuro. Esse momento para o jovem no urbano na mesma idade não é tão decisivo.

Essas experiências do ser jovem no rural em Capivara e o momento especial vivido por eles se entrelaçam com a experiência de interlocução estabelecida com programas preferenciais, personagens e temas na mídia. A fase na vida desses jovens convoca os valores a estarem ali, circulando no grupo de discussão, escondidos por trás dos temas mais interessantes, daquilo que chamou mais a atenção, das personagens que incomodam e daquelas que eles mais admiram.

Tendo em vista os estudos citados anteriormente desenvolvidos no Gris, propusemos quatro parâmetros de análise para compreender as articulações dos temas da narrativa midiática nas experiências dos jovens:

1. **Recortes:** temas e personagens (personalidades e figuras) da narrativa da mídia televisiva (telejornais e telenovelas);
2. **Prática de leitura:** descrição da experiência midiática com certas personagens e temas eleitos;
3. **Momento vivido:** relação com um momento especial na experiência de vida do jovem rural;
4. **Cultura rural local:** vida coletiva familiar rural.

---

<sup>72</sup> Em 1964, a Conferência Internacional sobre Juventude de Grenoble/Suíça definiu um corte etário do “jovem” entre 15 e 17 anos. Já Organização Mundial da Saúde e a Unesco definiu o período entre 15 e 24 anos, baseado na entrada do jovem no mercado de trabalho e nos limites máximos de término da escolarização formal. A ONU e o IBGE adotaram a faixa etária entre 18 e 24 anos. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) entendeu como “jovem rural” o indivíduo com idade entre 16 e 29 anos (C.f.: nos *sites* das organizações citadas). Entendemos que esse corte etário definido pela Emater ofusca a compreensão do jovem no rural em suas peculiares fases da vida. Quando um jovem rural se torna efetivamente um jovem interessado nas atividades do campo? E é justamente entre 17 e 19 anos onde se situa a fase crítica na vida do jovem no rural, quando ele precisa confirmar seus interesses pela vida rural ou se transformar em jovem urbano.



Esses parâmetros são camadas se entrelaçando e formando o conjunto das experiências. Partimos do foco da experiência junto aos temas da narrativa da mídia, visível na “prática de leitura”. Contudo, tal prática só está ali visível por conta do estímulo provocado pelos “recortes”. E os “recortes” foram eleitos como os que mais chamam a atenção da juventude em função do “tempo vivido”, que convocam valores a participarem da experiência de um momento especial na vida desses jovens – valores que podem se relacionar com a cultura rural local. Dessa maneira mesclada, os temas da narrativa midiática deslizam pela tessitura das experiências, ao nosso ver funcionando como mediação para a juventude no rural compreender o mundo além do rural.

O único aspecto que, neste estudo, difere dos trabalhos citados anteriormente está na opção em não trabalharmos com um único gênero, formato ou programa televisivo. Recortamos temas e personagens admiradas e rejeitadas, de temas de maior interesse, bem como os valores que fazem sentido em torno dessas personagens e temas.

### **6.2.2. Método do grupo de discussão**

O método do grupo de discussão funcionou para além de um simples método de coleta de dados, pois colaborou na aparição da prática juvenil de leitura da mídia e na visualização do processo comunicativo. O grupo de discussão (assim como qualquer outra técnica que reúna pessoas em um fórum de discussões presenciais, como, por exemplo, a técnica do grupo focal) permitiu observarmos o “conhecer” desse sujeito enquanto fruto do processo de sua interação comunicativa. Neste fruto, estão visíveis os valores que fazem sentido em torno das narrativas midiáticas; o posicionamento de cada jovem diante daquilo que lhe interessa conhecer; e o espaço de discussão sobre os assuntos<sup>73</sup>.

Observamos que o método se constitui por questões fundamentais para o pesquisador, conduzidas no desenvolvimento da discussão em conjunto com os participantes. Aos poucos, vai surgindo um delineamento do discurso do grupo. O delineamento do tipo de grupo ou subgrupo não se orienta por amostra representativa quantitativa, mas por um *corpus* formado a partir do conhecimento e da experiência dos membros do grupo. Na tradição qualitativa de

---

<sup>73</sup> Um grupo de discussão pode ser visto como a metáfora da taça com alça de Goffman: a taça (o grupo) pode ser enchida com substância de qualquer âmbito (discussão dos temas eleitos), mas a alça (a saliência da experiência de vida em que o grupo está inserido) pertence ao âmbito que a qualifica como realidade (C.f.: GOFFMAN, 2012, p. 309). E essa relação da produção de sentido, que caracteriza o grupo, com as experiências ao seu redor significa o método do grupo de discussão funcionando basicamente de duas maneiras: como o encontro de pessoas que, a cada sessão, estavam preparadas para refletir e conversar sobre assuntos da mídia com base na compreensão de seu mundo; para associar ideias entre os membros do grupo, em um processo no qual cada membro indicava sua opinião com base na opinião do outro, reinterpretando e ajustando o sentido do assunto em pauta.

pesquisas, alguns autores defendem que, para funcionar, a pesquisa qualitativa precisa apenas de *corpus*, descrição detalhada e combinação de métodos (WELLER, 2006).

Em nosso trabalho, a coleta de dados utilizando o método do grupo de discussão se tornou possível por conta dessa dinâmica de execução das sessões do grupo, que possibilitou o controle da coleta que se desenvolveu no processo. Mas a aplicação do método também abriu espaço para adaptações, modificações e ampliações dos resultados, principalmente quando executamos as comparações constantes entre as sessões e analisamos os pontos em comum.

Acompanhando Weller (2006), observamos o modelo para transcrições das falas gravadas captadas durante a discussão. Preferimos a transcrição completa de cada sessão para sentir o movimento dos assuntos “entrando” e “saindo” do debate (a autora sugere apenas uma espécie de roteiro de como foi cada sessão, que dispensa a transcrição total). Também observamos que no método (seja grupo de discussão, grupo focal ou outro) interessante o pesquisador identificar “quem falou o quê” em cada sessão<sup>74</sup> (no nosso caso, podemos identificar os participantes apenas nos questionários e nas questões abertas. Nessa transcrição, a autora também propõe o uso de siglas entre os pares de fala (perguntas e respostas) para sentir algumas passagens de temas ao longo da discussão e perceber alguns assuntos tendo mais espaço que outros. Como nosso objetivo não foi uma análise dos temas, da conversação ou do discurso em si, preferimos não utilizar muitas siglas na transcrição total de cada sessão. Utilizamos algumas recomendadas por Weller (2006), necessárias apenas para indicar quem está falando no grupo de discussão, respeitando o anonimato: “Y” para indicar a fala do pesquisador; “m” para participante do sexo masculino e “f” para participante do sexo feminino; e as letras do alfabeto em maiúscula para indicar os membros do grupo. Para fins da pesquisa, concentramo-nos apenas nos assuntos mais recorrentes, entendendo que existe um movimento dinâmico da conversação – em que derivações podem acontecer para subtemas ao longo da discussão –, todavia nosso foco estava nos trechos das falas mais importantes para os objetivos do estudo.

---

<sup>74</sup> Isso quando o participante permitir a divulgação de seu nome. Mas, no nosso caso (em que o participante não tem o nome divulgado), tivemos a preocupação com “quem falou o quê” no tocante aos questionários, as questões abertas e, com isso, conseguimos construir um pequeno perfil individual dos participantes (Anexos, Quadro 9) somado às impressões pessoais, utilizando apenas o primeiro nome para cada participante. O perfil foi construído apenas com os participantes que se mantiveram até o final das sessões do grupo. As impressões pessoais foram elaboradas com base na proximidade estabelecida com esses jovens que ficaram até a última sessão. Essa proximidade com os membros de participação mais efetiva permitiu conhecer cada jovem pelo nome e associar sua fisionomia a suas opiniões e gostos.

### ***6.2.3. As estratégias de Descrição e de Interpretação do estudo***

O capítulo 7 começa com a apresentação dos resultados de um questionário aplicado durante as análises prévias do estudo – antes das sessões oficiais do grupo de discussão. Em seguida iniciamos a análise de cada sessão e de cada subgrupo, junto com o conteúdo das questões abertas aplicadas em uma das sessões. Na sessão 4, descrevemos primeiro o resultado do questionário 1 aplicado para depois descrevermos o debate da sessão. Na sessão 5, descrevemos o resultado do questionário 2.

Ao final de cada uma das sessões, fizemos algumas considerações sobre a sessão, já tentando organizar os aspectos significativos que brotaram da discussão. No final do capítulo 7, construímos um quadro com um resumo de todas as considerações, com categorias e aspectos que se desdobraram nos debates. Esse quadro serve para balisar um pouco o texto interpretativo do capítulo 8, sobre os pontos em comum em cada sessão.

O capítulo 7, então, inicia-se com um texto descritivo-interpretativo que analisa alguns aspectos das sessões do grupo de discussão, a partir de categorias mais significativas aos objetivos do estudo e que despontaram das falas dos jovens. Trata-se de um texto que, ao salientar alguns aspectos em cada sessão, prepara o terreno para o desdobramento das categorias e suas análises em um texto interpretativo no capítulo 8, que tem o objetivo observar os pontos em comum.

No capítulo 8 procuramos unir os achados dos questionários 1 e 2 ao quadro com o resumo das considerações de cada sessão. Separamos as personagens por conjuntos: personagens da política, do futebol, das novelas, apresentadores de tevê e aquelas que geraram debates polêmicos. Analisamos as personagens admiradas sem rejeição, salientando sua afinidade com os aspectos do grupo e da família do jovem no rural. Depois, procuramos analisar as personagens menos admiradas em dois conjuntos: jogadores de futebol e personagens da novela das nove.

Estando cada figura envolvida com algum tema, observamos contrastes que variavam desde o desempenho de cada figura na tela até no confronto de uma figura com a outra. Dos contrastes, que revelavam o movimento de semelhanças e diferenças, desponta um atravessamento de valores, sentidos, desejos, certezas e afirmativas em comum do grupo, e dissonante entre moças e rapazes, que juntos participavam da interlocução das personagens e temas das narrativas não-rurais preferenciais junto aos jovens no rural.

Vale salientar que o texto da transcrição das falas e o texto descritivo são dois textos diferentes e complementares. O transcrito é composto pelas falas do grupo, tendo em vista um determinado momento, compondo um quadro de diálogos específico da discussão. Trata-se de um texto mais vivo, construído na medida da execução de cada sessão. Já o texto descritivo procura organizar os assuntos de cada debate e sessão em categorias que revelam trechos significativos à pesquisa. O texto da transcrição reserva o movimento corrido da discussão; o texto da descrição funciona organizando aquilo que brotou do debate vivo. Com isso, entendemos que a Descrição é de complementariedade: o transcrito apresenta as escolhas, as percepções, sensações e significações dos sujeitos participantes, no calor do debate, enquanto que a descrição ajuda a enxergar melhor aquilo que percebemos como mais significativo. Dessa forma, tanto a descrição quanto a interpretação se debruça sobre o que foi mais intenso nas falas transcritas e sobre o que houve em comum entre todas as sessões.

#### **6.2.4. O operacional da pesquisa**

Realizamos ao todo 10 visitas de campo para investigações preliminares e coleta de dados e fizemos a opção pelo método de grupo de discussão – associado à aplicação de questionários individuais com questões abertas e fechadas – por conta tanto da questão operacional da pesquisa quanto pela riqueza do método<sup>75</sup>.

Durante as sessões do grupo, em 2013, aplicamos três questões abertas nos subgrupos da sessão 2 (Anexos, Quadros 2 e 3); dois questionários fechados, um na sessão 4 (Anexos, Quadros 4, 5 e 6) e outro na sessão 5 (Anexos, Quadros 7 e 8). Com as informações do questionário aplicado na visita prévia, conseguimos elaborar um plano de trabalho para iniciarmos a sessão 1. E, a partir dos resultados e questões trazidas em cada sessão, elaborávamos o roteiro da seguinte.

A dinâmica do trabalho de planejamento, execução, transcrição e pré-análise das sessões do grupo de discussão seguiu a rotina conforme sequência abaixo:

---

<sup>75</sup> Ao longo de nossa trajetória acadêmica, sempre inclinada para o estudo de sujeitos no rural, consideramos com relação à ética de pesquisa em comunicação junto a pessoas apenas dois pontos necessários: obter o consentimento da pesquisa e esclarecer os possíveis benefícios à comunidade pesquisada. Tivemos sempre uma postura educada, ética e responsável com a comunidade escolar. Cada visita foi acordada e agendada previamente por e-mail com a direção e confirmada *in loco* junto aos professores e estudantes. Antes da execução das sessões (durante as análises prévias), retornamos algumas vezes à escola e sempre fomos muito bem recebidos pela comunidade escolar. A cada retorno havia sempre uma expectativa por nossa volta e pela continuidade do estudo. Finalmente, para a realização da pesquisa oficial, solicitamos da diretora e dos estudantes a assinatura de um termo de consentimento de participação da pesquisa (vide nos Anexos). Acreditamos que o benefício aos jovens (e à escola) estava implícito na própria experiência: no debate sobre valores, mídia e condição do jovem no rural que foi levado para dentro da sala de aula; na visibilidade do problema enfrentado por este jovem no rural, materializada nesta tese e nos artigos científicos já publicados. Ao final, deixamos nossos contatos com a diretora da escola e nos colocamos à disposição para a realização de futuras parcerias.

1. Planejamento do plano de trabalho com vistas a execução da sessão 1;
- 2. Execução da sessão 1 do grupo de discussão;**
3. Transcrição do áudio da sessão 1;
4. Produção de um roteiro para a sessão 2; Planejamento do plano de trabalho com vistas a execução da sessão 2, com base no roteiro produzido a partir da transcrição da sessão 1;
- 5. Execução da sessão 2 do grupo de discussão;**
6. Transcrição do áudio da sessão 2;
7. Produção de um roteiro para a sessão 3; Planejamento do plano de trabalho com vistas a execução da sessão 3, com base no roteiro produzido a partir da transcrição da sessão 2;
- 8. Execução da sessão 3 do grupo de discussão;**
9. Transcrição do áudio da sessão 3;
10. Produção de um roteiro para a sessão 4; Planejamento do plano de trabalho com vistas a execução da sessão 4, com base no roteiro produzido a partir da transcrição da sessão 3;
- 11. Execução da sessão 4 do grupo de discussão;**
12. Transcrição do áudio da sessão 4;
13. Tabulações e Análises do questionário aplicado na sessão 4;
14. Produção de um questionário para sessão 5;
- 15. Execução da sessão 5 do grupo de discussão;**
16. Tabulação e Análise do questionário aplicado na sessão-extra.
17. Reunião com a orientadora para conversa sobre os resultados dos questionários.

Ao todo, realizamos cinco sessões do grupo de discussão, tendo cada uma os seguintes aspectos:

- a) **Sessão 1** – *Objetivo*: levantar temas, personagens e grupos de interesse; Duração da discussão: 40 minutos; Número de pessoas: 20; Característica da participação: poucos que participaram de modo efetivo;
- b) **Sessão 2** – *Objetivo*: trabalhar pontos específicos em dois subgrupos, telenovelas e telejornais, conversando separadamente com cada subgrupo; aplicação de três questões abertas em cada subgrupo: resumo da novela, personagens que mais chamaram a atenção e justificativa (telenovelas); notícias que mais chamaram a atenção, a quem interessa a notícia e personagem destaque (telejornais). *Subgrupo telenovelas* – tempo para responder as questões abertas: 15 minutos; duração da discussão: 25 minutos; número de pessoas: 8; característica da participação: 5 pessoas com participação efetiva e 3 de maneira esporádica; *Subgrupo telejornais* – tempo para responder as questões abertas: 15 minutos; duração da discussão: 25 minutos; número de pessoas: 9; característica da participação: 7 pessoas com participação efetiva e 2 de modo esporádica.

- c) **Sessões 3** – *Objetivo*: aprofundar pontos específicos em dois subgrupos, telenovelas e telejornais, conversando separadamente com cada subgrupo. *Subgrupo telenovelas* – duração da discussão: 35 minutos; número de pessoas: 6; característica da participação: 4 pessoas com participação efetiva e 2 de modo esporádica; Subgrupo telejornais – duração da discussão: 33 minutos; número de pessoas: 8; característica da participação: todos com participação efetiva.
- d) **Sessão 4** – *Objetivo*: reunir os jovens mais falantes para discutir assuntos em comum debatidos nos subgrupos e outros. Nessa sessão, utilizamos 15 minutos para a aplicação do questionário 1. Duração da discussão: 45 minutos; número de pessoas: 13; característica da participação: todos com participação efetiva.
- e) **Sessão 5** – *Objetivo*: Aplicação do questionário 2. Duração da sessão: 30 minutos; número de participantes: 13 participantes; característica da participação: todos com participação efetiva.

Como podemos observar, nossa amostra variou um pouco ao longo das cinco sessões, em termos de quantidade de participantes, duração e participação efetiva dos membros. Todavia, os 13 participantes das sessões 4 e 5 estiveram presentes em todas as sessões e, curiosamente, estão entre os jovens com participação mais efetiva (mais falantes).

Ao longo desses encontros, fomos coletando uma lista extensa de nomes de personagens da mídia que foram citadas e organizamos em seis categorias (para facilitar a visualização nos Quadros 6, 7 e 8, indicamos cada categoria por uma cor): proeminentes dos noticiários (azul), cantores (roxo), apresentadores de tevê (bege), jogadores e narradores de futebol (verde), ator atriz novela (amarelo) e pessoas próximas (preto). Essa lista de nomes ajudou na composição de uma das questões do questionário 1, aplicado na sessão 4. Nesse primeiro lote de nomes, incluímos junto com os nomes das celebridades da mídia as pessoas próximas do jovem (funcionários da escola, professores, familiares, namorado/a, e o próprio jovem). Em sua maioria, as pessoas próximas foram indicadas como as mais admiradas e poucas foram às personagens da mídia eleitas junto aos nomes das pessoas próximas. O questionário 1 também foi composto por outras questões. Procuramos identificar: *a*) qualidade humana mais apreciada; *b*) defeitos humanos maiores e menores; *c*) O que gostaria e não gostaria de ter, conhecer, estar e ser (Quadros 4 e 5).

Seguindo esse percurso, buscamos focalizar apenas as *personagens midiáticas* mais admiradas, examinando a relação com as falas nas sessões do grupo para encontrarmos o fio condutor da análise. Também houve um segundo lote de nomes e, repetindo o procedimento anterior, elaboramos uma questão para o questionário 2, aplicado na sessão 5. Nesse segundo questionário, elaboramos duas questões: sobre uma figura midiática em específico e sobre o “tipo de pessoa admirável” (Quadro 8). Para as questões sobre as personagens midiáticas admiráveis e o tipo de pessoa admirável, elaboramos critérios de pontuação para avaliar tais personagens midiáticas<sup>76</sup>.

Como estratégia na execução da sessão, utilizamos estimulantes à discussão, assuntos que se baseavam somente naquilo que chamou a atenção do jovem na mídia. E, assim, caminhamos pelos gêneros e formatos preferidos dos sujeitos: a telenovela das nove (na época, a novela *Salve Jorge*), os telejornais noturnos popularescos e referenciais (*Cidade Alerta*, *Brasil Urgente*, *Jornal Nacional*, *SBT Repórter*) e o telejornal esportivo (*Jogo Aberto*). Mas também percorremos programas de auditório e de variedades exibidos nos finais de semana. Os diversos nomes de personagens da tevê e temas sociais foram surgindo e compondo as discussões mais centrais.

Ao final, fazendo um balanço da dinâmica das discussões nas sessões, observamos que, na maioria das vezes, os temas foram iniciados por nós e só em alguns momentos outros temas ou assuntos foram abordados pelos participantes. Contudo, os temas iniciados por nós serviram como estímulo para o surgimento de subtemas, assuntos ou por curtas reações físicas (risos e silêncios), que atravessavam o tema sugerido, produzindo a dinâmica comunicativa da discussão.

O grupo de discussão se constituiu como um método pulsante e dinâmico. A discussão de uma sessão mudava a forma de abordagem e o roteiro de trabalho da sessão posterior, mas existia também a dinâmica própria de cada sessão. Nesse sentido, observamos três aspectos do movimento dessa dinâmica comunicativa. Os temas ou assuntos podiam: alvoroçar entre eles uma conversação inaudível, como um enxame de abelhas; provocar uma conversação continuada, por vezes inflamada, mas audível, estabelecida entre três ou quatro participantes (inclusive motivando a fala dos mais tímidos); ou agitar um bate-papo audível com o pesquisador e mais dois ou três participantes, interessados em certos aspectos. Ao optarmos pela transcrição total de cada sessão, procuramos registrar esses trechos audíveis.

---

<sup>76</sup> Como critério de pontuação dos Quadros 6 e 7, utilizamos 10 pontos para cada figura citada em 1º lugar em admiração; 5 pontos para cada figura citada como admirada pelo grupo; o 1º lugar em rejeição recebeu menos 10 pontos cada citação e os rejeitados pelo grupo recebeu menos 5 pontos cada citação. No critério de pontuação do Quadro 8 estabelecemos 10 pontos para a pessoa nota 10; 6 pontos para a pessoa nota 9; 2 pontos para a pessoa nota 8 e para as outras 1 ponto cada.

Acreditamos no método como sendo um “bate-papo informal” gravado, em que fizemos os mesmos tipos de perguntas que pessoas podem fazer em uma conversa entre amigos; procuramos explorar alguns assuntos indicados pelos participantes (e não os do pesquisador); estimulamos juntadas e contrastes de falas dos participantes entre si e conosco. A análise da conversação e das falas do grupo de discussão aconteceu da seguinte maneira:

- a) *Em cada sessão*: optamos por observar e comentar tanto uma única fala em específico, do início ao fim, quanto o *par de falas*<sup>77</sup> sobre o mesmo assunto: a partir da pergunta, a fala de quem responde vai sendo complementada pelas outras, na medida em que os participantes concordam ou discordam do tema em debate;
- b) *Nas sessões como um todo*: observamos e comentamos os padrões de repetição regulares dos pares de falas ao longo das sessões. Na medida em que os pares de falas, associados a determinado tema, indicavam um padrão de repetição regular de certas conversações, fomos constituindo categorias e, assim, viabilizando nossa observação e comentário.

Alguns temas estimulavam mais a conversação do que outros, permitindo a observação da dinâmica dos participantes ao concordarem, reforçarem ou discordarem entre si. Nas repetições desses temas, ocorria o retorno de conversações e falas semelhantes e, conseqüentemente, reforçavam as mesmas categorias e sentidos. Ao final, entendemos que o grupo assumiu falas aceitas, em concordância. Assim, focalizamos nossa investigação nesses padrões de repetição, mas também não deixamos de observar – em poucos momentos – exemplos de dissonância de opiniões entre os participantes, o que nos motivou a examinar quais as perspectivas estavam em conflito naquele instante.

O conteúdo das sessões será apresentado nos capítulos que seguem. Na seqüência, no capítulo 7, buscamos alinhar e interpretar os achados de cada uma das sessões.

---

<sup>77</sup> Nossa pergunta forma um par com as respostas dos participantes em determinado momento da discussão e, assim, forma-se o par de falas. Esses pares combinam com outros adjacentes (que surgiram na mesma sessão ou em outras sessões), que vão se complementando e definindo os sentidos ao redor do assunto discutido ao longo da conversação. Dessa maneira, vão tomando forma as categorias de análise. No entanto, Myers (2008) observa que existe um padrão regular nesses pares: por exemplo, um valor implícito ou uma avaliação clara contida na pergunta pode gerar, em seguida, outro valor ou outra avaliação objetiva contida nas respostas. E uma resposta na seqüência da outra pode apontar outro valor ou outra avaliação. É preciso, então, atentar às complementações da resposta do outro (que pode discordar ou concordar e apresentar outro aspecto): primeiro tentando compreender a leitura que o outro realiza para, só depois, entender que essa complementação significa um desdobramento que ajuda a salientar as categorias mais importantes.



## **Capítulo 7**

### **ANÁLISE DESCRITIVA-INTERPRETATIVA DE CADA SESSÃO**

Neste capítulo, as sessões de um a cinco são apresentadas separadamente e o andamento de cada uma tem um compasso próprio. O que há em comum em todas as sessões é um texto, em formatação diferente, costurando a descrição e que relata um pouco como foi a execução do instante da sessão. Também, ao final de cada sessão, abrimos um espaço para considerações, destacando alguns assuntos mais debatidos e alinhando eles em categorias.

Na primeira sessão, temos as falas do grupo todo, coletado a partir de um levantamento dos aspectos específicos sobre o que chamou mais a atenção na mídia televisiva. Telenovelas, telejornais e notícias sobre o futebol formam as três categorias que norteiam o debate.

Nas sessões dois e três, apresentamos o debate distribuído em dois subgrupos: “telenovelas” e “telejornais”, incluindo neste último o assunto sobre futebol. Na sessão 2, no subgrupo “telenovelas”, inserimos a sinopse da novela mais assistida pelo grupo, seguida da descrição do relato de cada jovem sobre a novela. Em seguida, apontamos algumas categorias para análise. E, no subgrupo “telejornais”, apresentamos a descrição do relato de cada jovem sobre duas notícias que mais chamaram a atenção deles naquela semana. Em seguida, aprofundamos o debate em torno de dois personagens proeminentes na mídia que tiveram maior destaque no debate.

Na terceira sessão, no subgrupo “telenovelas”, a descrição se concentra nas personagens femininas mais citadas na discussão e comentamos um pouco mais sobre o assunto da migração para a cidade. No subgrupo “telejornais”, continuamos a conversar sobre as duas personagens proeminentes na mídia, mas surgiu também uma discussão sobre personagens polêmicas e aspectos relativos à vida cotidiana dos jovens. E, na quarta sessão, apresentamos os resultados do questionário 1, com a presença de algumas tabelas. Em seguida, oferecemos o debate da sessão com todos os integrantes juntos. Na quinta sessão, são apresentados os resultados do questionário 2.

Antes, iremos falar sobre o resultado das análises prévias. Previamente, ao início das sessões oficiais do grupo de discussão, aplicamos (no segundo semestre de 2012) um

questionário fechado para uma primeira apreensão do mapa de consumo de mídias, entre os alunos do 2º ano do ensino médio (Quadro 1, Anexos)<sup>78</sup>. Tais análises são importantes para delinear a maneira como os jovens pesquisados lidam com as mídias que estão ao alcance; como eles preferem determinadas narrativas que têm acesso.

## 7.1. Análises Prévias

Aplicamos o questionário prévio<sup>79</sup> (Quadro 1, Anexos) com o objetivo de coletar as primeiras informações que iriam nortear especificamente a pesquisa junto aos jovens no rural em Capivara. O material foi apresentado, no ano de 2012, aos alunos do 2º ano e do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual José de Assis Pinto, na comunidade de Ana Rita. Interessava à pesquisa o resultado dos alunos do 2º ano (que iriam participar da pesquisa no ano seguinte, quando eles estariam no 3º ano). Por isso, apresentamos, abaixo, os resultados no conjunto e, em seguida, os resultados dos alunos do 2º ano.

Ao todo foram 25 jovens, entre 15 rapazes e 10 moças. No campo sobre as mídias preferenciais, deixamos o jovem escolher até duas opções. A televisão obteve a grande maioria dos votos, seguida do celular. Do total, como 1ª opção: 21 indicaram a televisão; 20 preferem a TV Globo (mas há opção por outros canais, principalmente SBT, Record e Band). A telenovela ficou em primeiro lugar como gênero preferido, com nove votos (14 pessoas disseram acompanhar diariamente as novelas), seguida de “filmes”, com sete votos. Sobre a frequência em que assistem à tevê, 21 disseram assistir todos os dias, dos quais 14 fazem uso

---

<sup>78</sup> As análises prévias tiveram início em 2012, com a definição da empiria, como parte da fase exploratória da pesquisa. Naquele ano, começamos a participar dos eventos destinados à “juventude rural” em Viçosa, nos quais estabelecemos contatos com jovens e extensionistas rurais da Emater. Algumas visitas informais às propriedades rurais foram realizadas e conhecemos a realidade de alguns jovens em municípios e distritos próximos. As anotações de campo serviram para ajustar nosso *corpus* de análise, bem como definir a viabilidade da pesquisa. Optamos pelo método do grupo de discussão pela riqueza da metodologia, mas também pela dificuldade de deslocamento entre as propriedades para conversarmos com cada jovem rural. O espaço físico da escola rural se apresentou como o local ideal para conversar com os jovens em grupo. Entramos em contato com a direção da escola rural e pedimos autorização para conversarmos informalmente com os alunos. Estabelecemos, então, o compromisso com a direção da escola de realizar, no ano seguinte, um grupo de discussão com jovens do da turma do terceiro ano.

<sup>79</sup> Este questionário prévio tomou como referência outros dois questionários que aplicamos com jovens de outras regiões rurais, muito antes de iniciarmos o grupo de discussão. Para simples levantamento de informações, aplicamos um questionário com os jovens rurais dos municípios vizinhos à Viçosa, durante o Encontro Regional da Juventude Rural, em junho de 2012. Depois, com base nos resultados do primeiro, elaboramos um segundo que foi apresentado em julho aos jovens da Semana da Juventude Rural (que reuniu jovens de diversas partes do Estado). O objetivo era obter um quadro simples do consumo de mídia da juventude rural mineira. Os resultados desses dois questionários (que não cabem aqui apresentar) nortearam a construção do questionário prévio aplicado meses depois junto aos alunos da escola rural. Nesse questionário mais elaborado, identificamos (e confirmamos) a mídia televisiva como preferencial entre os jovens. Os conteúdos da televisão se apresentam para os jovens rurais de maneira mais intensa que outras mídias, mas isso não significa, por outro lado, que o foco específico na televisão daria uma primazia ao veículo no meio rural. Como confirmado em nossas avaliações, o celular vem conquistando espaço na preferência do público jovem no rural, mais do que a internet. E, em diversas regiões rurais do Brasil, sabe-se que a televisão ainda disputa com o rádio local (que presta um serviço mais próximo da realidade dos moradores). Preferimos entender que a preferência pela televisão entre os jovens da região de Capivara seria algo específico daquele lugar e aponta para aquele grupo estudado.

por duas a quatro horas por dia e sete assistem por mais de seis horas ao dia. Dos 25, 14 assistem sozinhos aos programas da tevê, oito assistem acompanhado de familiares e três com grupo de amigos.

Organizamos uma lista com alguns assuntos da tevê e perguntamos quais chamam mais a atenção do jovem: “A história, os atores e atrizes nas telenovelas”; “Escândalo político nacional”; “Tragédias ambientais no Brasil (enchentes, desabamentos etc.)”; “Escândalo envolvendo pessoas famosas”; “Tudo sobre Futebol: Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e Campeonatos Estaduais”; “Variedades nos programas de auditório (Faustão, Gugu, Silvio Santos, Rodrigo Faro, outros)”; “Previsão do tempo, arroba do boi, rodeio, informações sobre agricultura e meio ambiente”; “Como montar o próprio negócio, economia para microempresas etc.”. Dos 25, 15 disseram gostar mais dos programas de variedades, enquanto que futebol teve quatro votos, empatado com notícias sobre escândalos envolvendo pessoas famosas. Nas duas últimas perguntas, procuramos esclarecer um pouco a intenção do jovem ao consumir mídia. Basicamente, indagamos sobre formas de uso dos conteúdos midiáticos: mais intensas, aplicando algo observado na tela na vida prática, compartilhando mensagens, conversando com o outro sobre os assuntos das mídias; menos intensas, apenas para se distrair, manter-se informado e saber um pouco mais. Dos 25, 15 optaram pela *forma mais intensa*, enquanto que 10 pela forma menos intensa.

Quando comparamos os resultados, separando a turma do 2º ano do 3º ano, temos um perfil diferente entre uma turma e a outra. Dos 25 jovens, o 2º ano participou com 14 pessoas. Desse total, 13 preferem a televisão (uma indicou “rádio”); 11 assinalaram a TV Globo (outros, Band e Record); telenovelas e noticiários esportivos receberam quatro votos cada, seguidos de “filmes”. Sobre a frequência, 12 jovens assistem à tevê todos os dias, entre duas a seis horas diárias, alguns acompanhados dos familiares (cinco), outros sozinhos (sete) ou com amigos (2). O que mais chama a atenção desse grupo são os programas de variedades (nove) e o futebol (três). Do total, 11 jovens optaram pela *forma mais intensa* quanto ao uso das mídias (comentando, compartilhando ou fazendo uso dos conteúdos na vida prática).

Os que optaram pela internet como mídia preferencial disseram acessar mais o *Facebook* e o *Orkut*, afirmando que possuem e-mail. Em nossas investigações posteriores, procuramos os endereços do *Facebook* dos jovens, mas, por falta de mais informações, não conseguimos identificar se eram deles as páginas encontradas. Enviamos algumas mensagens para aqueles que disseram ter endereço de e-mail, na busca de identificarmos a frequência de acesso a internet. Contudo não tivemos resposta. Ao que parece, o e-mail seria como ter o

número de um Registro Geral ou uma maneira das instituições localizarem o jovem (ter *mail* talvez signifique mais identidade do que interatividade).

## 7.2. Primeira Sessão

*Método/A experiência da execução:* Logo quando cheguei chamou minha atenção a grande estrutura do prédio da escola rural: no meio de todo aquele conjunto do lugar, formado pela estrada de barro, mato, árvores, casinhas simples e gado pastando, surgia um espaçoso edifício todo em térreo, com uma enorme quadra de esportes, que tinha no telhado três parabólicas. Na frente do prédio, quatro ônibus escolares. Funcionava pela manhã o Fundamental I, sob a gestão do município, e o Ensino Médio, sob a gestão do Estado. Dois espaços, lado a lado, dividiam as secretarias das duas gestões.

Quais os tipos de personagens e temas na televisão mobilizam sentidos e chamam mais a atenção dos jovens pesquisados quando assistem aos seus programas favoritos? Diante do estímulo provocado por essa indagação, começamos a observar a formação de grupos e suas preferências dentro do próprio grupo de discussão. O objetivo na Sessão 1 foi levantar discussões e personagens preferidas para identificarmos alguns vestígios da experiência dos jovens com a mídia televisiva. Para tanto, identificamos os temas mais gerais no calor do momento, pinçando aquilo que agrada e desagrada nas personagens, bem como os sentidos que fluem na discussão, motivados por cada tema.

Uma votação, logo no início da Sessão 1, serviu para levantar temas e personagens. Identificamos duas categorias: telejornais (referenciais, populares e esportivos) e telenovelas (que serviram para organizarmos subgrupos de discussão para cada categoria na sessão seguinte). Também, observamos as diferenças na preferência entre meninos e meninas. Entre os rapazes, destaque para o futebol na tevê (programas esportivos, campeonatos e jogadores nacionais e internacionais). Entre as moças, a preferência pelas telenovelas noturnas, das sete e das nove (Globo). E outro conjunto de participantes, um misto de meninos e meninas, interessado nos noticiários noturnos em geral – *Jornal Nacional* e *SBT Brasil* (referenciais); *Brasil Urgente/Record* e *Cidade Alerta/Band* (populares).

*Método/A experiência de execução:* Fui para a sala de informática. Aos poucos eles foram chegando. Eu já conhecia alguns, pois no ano passado estivemos naquela mesma sala duas vezes. Para minha surpresa, seis alunos novatos, o que aumentou o número de participantes do grupo de discussão para 20 pessoas. “Bom, vamos conduzindo a sessão para ver o que acontece”, pensei. Mesmo novamente naquela sala, surpreendeu-me a estrutura: computadores conectados com a internet, televisão e vídeo. Quando todos já estavam sentados, iniciei a conversa novamente explicando a pesquisa, convidando os jovens a participar, deixando-os à vontade também para recusar a participação.

Nossa preocupação estava no levantamento sobre gêneros e formatos televisivos que despertavam a atenção, sem foco na discussão sobre a notícia, a personagem ou a trama da novela em si, porém atentando para observar como tais conteúdos insinuam sentidos junto à experiência juvenil. Procuramos ficar atentos, em um primeiro momento, para a votação que realizamos e, em um segundo momento, com os sentidos mobilizados por cada assunto da pauta.

Na votação, quando alguns rapazes preferem falar de futebol na tevê, a escolha está intimamente associada às experiências deles: assistir aos programas esportivos; jogar futebol na roça nos finais de semana; zoar com o amigo do outro time. Quando algumas moças optam por conversar sobre as novelas, ocorre o mesmo tipo de associação. Elas comentam sobre o último capítulo da novela, enquanto colhem café na lavoura; sobre as personagens da novela que servem de exemplo na vida. Portanto, neste capítulo, vamos seguindo as falas dos jovens na busca de marcas que permitam *falar junto com o que eles dizem*, ou seja, descrever interpretando.

Antes importante frisarmos dois aspectos. Primeiro, o grupo de discussão serviu como estimulante dos sentidos em torno dos programas eleitos. Os jovens tiveram a oportunidade de – naquele momento mais intenso de reflexão e conversação sobre assuntos da mídia – se posicionarem criticamente por estarem bem informados sobre os acontecimentos expostos na mídia; ouvir o outro jovem; debater questões, temas sociais e comentar sobre personagens proeminentes na tela. O grupo funcionou como uma “sala de bate-papo” ou provocando debates semelhantes ao que acontecem em uma “lista de discussão” na internet, que possibilitou “curtidas” (concordância em relação a opinião do outro), “cutucadas” (opiniões contrárias, provocações) e compartilhamentos (o uso da opinião do outro para emitir a própria opinião ou entrar em outro assunto), configurando a própria mídiatização da pesquisa. A diferença é que o sujeito estava sendo identificado e participou da discussão com sua experiência pessoal, apresentando seu mundo, mobilizando sentidos e credenciando seu argumento no conjunto da leitura social da mídia realizada pelo grupo. Segundo, os temas sociais da novela também estão nos programas dos finais de semana (*Fantástico e Domingo do Faustão*), ou seja, os jovens traziam informações de outros programas, não necessariamente daquele indicado como preferido. Isso mostra o que falamos anteriormente, que os jovens se mantêm informados por diversos programas e se posicionam criticamente, contudo buscando temas que lhe interessam: temas atuais, polêmicos e que despertam a atenção.

**Cf** – O *Fantástico* de domingo tava abordando uma coisa da novela também. É que os pais luta pela guarda da menina [na novela]. Mas ao invés do pai ajudar a menina, ele manipula a menina pra ela ficar contra a mãe. Muito interessante isso aí (sessão 1)<sup>80</sup>.

Esses temas de interesse despertam no jovem sentidos que ele considera como os três mais importantes com base na sua experiência pessoal. Assim como os assuntos que instigam sentidos importantes na vida, em seu cotidiano, o jovem também considera importante circular pelos canais, pelos programas da tevê, para se manter informado e, com isso, dar sua opinião e comentar alguma coisa com os amigos.

Em meio a essas derivações por assuntos variados na mídia, o jovem se guia por sua percepção/sensação, construída a partir da tessitura de sua experiência. Vamos seguindo por esse fio descritivo-interpretativo. Observamos determinadas personagens e assuntos como sendo mais recorrentes na discussão e, naturalmente, alguns produtos foram priorizados, como os encontrados na novela *Salve Jorge*. No trecho abaixo, que envolveu o pesquisador e três participantes na discussão, podemos compreender um pouco a reverberação dos assuntos da mídia pela tessitura do solo da cultura juvenil rural: eles assistem a tudo, cada um tem sua preferência e, quando em debate, os assuntos de interesse de cada um se complementam com a fala do outro:

**Af** – Tem gente que vê tudo, mas só que a preferência dele é uma coisa (sessão 1);

**Y** – Foi levantada a questão do que foi tratado na novela Cheia de Charme, Salve Jorge. Então vamos passar por cada um pra cada um conversar um pouco (sessão 1).

**Bm** – Tráfico de crianças também. A Lívia Maria tem um menino dentro da bolsa.. (sessão 1);

**Cm** – Mas a Vanda também, não só a Lívia (sessão 1).

Quer dizer, a fala deles atravessa o nosso roteiro e compõe um movimento que nos diz sobre jovens que compreendem os detalhes dos assuntos na mídia. Em especial, detalhes sobre o assunto do tráfico de pessoas, tema central de *Salve Jorge* (mais especialmente de jovens mulheres)<sup>81</sup>. O tema central envolveu as personagens principais envolvidas com a questão do tráfico de pessoas, personagens que renderam mais discussão do que o tema

---

<sup>80</sup> Como já dissemos, no capítulo 4, iremos utilizar nas citações – a partir desse ponto e ao longo de toda a análise – as siglas utilizadas na transcrição total do grupo de discussão, a letra em maiúscula (“A”, “B”, “C” etc.) identifica a fala de um determinado jovem rural e a letra minúscula identifica se quem fala é um menino “m” ou uma menina “f”. A letra “Y” para o pesquisador. Indicaremos também a seção em que tal citação pode ser encontrada (vide Anexos).

<sup>81</sup> A novela esteve em exibição ao longo de quase todo o primeiro semestre de 2013. O último capítulo foi exibido no dia 17 de maio.

central de outra novela, *Cheias de Charme*, exibida em 2012 – novela que discutiu a situação das empregadas domésticas no país.

Nas falas coletadas, podemos observar a afirmação do jovem de que novela também informa e, nesse sentido, podemos associar a fala da jovem com a necessidade dela de se manter informada.

Ao olharmos para o tema central das novelas (que vai se desdobrando diariamente por meio da ação das personagens), percebemos que sentidos também estão sendo reforçados cotidianamente. Em citações mais adiante, iremos observar a discussão em torno não somente dos temas centrais, mas dos sentidos que eles mobilizam junto aos participantes: a novela *Cheias de Charme* deu visibilidade à profissão de empregada doméstica, insinuando a ideia de uma profissional que vai à luta por melhoria de vida (muitas jovens mulheres da roça trabalham como diarista ou empregada doméstica com carteira assinada na sede do município ou em cidades vizinhas); *Salve Jorge* alertou as pessoas no tocante ao crime do tráfico de pessoas, estimulando algumas mulheres a denunciarem o tráfico de mulheres na vida real.

A especificidade da história de jovens mulheres traficadas para a Turquia não tem tanta relação com a vida daqueles jovens e nem mesmo a história de três empregadas domésticas que viraram *superstars*. Os recortes que chamam mais a atenção dos jovens insinuam sentidos e mobilizam reflexões e conversações em torno de referências comuns na experiência das pessoas: migrar como condição para melhorar de vida; o medo da violência na cidade; superação pelo trabalho honesto; valorização da família e do trabalho doméstico; a importância em ter uma profissão.

A partir do recontar em torno das especificidades da trama, fomos pinçando alguns sentidos-chave nas duas novelas (e, depois, mais intensamente em *Salve Jorge*), para entender o pensamento dos participantes: melhorar de vida; superação; vencer na vida, trabalho duro etc. A partir das discussões, observamos que o processo da trama em *Salve Jorge* (o tráfico de pessoas; a vida de uma personagem em especial) mobiliza sentidos partilhados, ou seja, que dialogam com sentidos na experiência, formados por aquilo que interessa aos jovens em termos de informação significativa: a violência contra os jovens pobres que desejam vencer na vida ao migrar para o estrangeiro dialoga com o cenário atual da violência urbana sofrida pelo jovem – visualizada nos telejornais noturnos. A jovem pobre do Morro do Alemão (Morena) que, na eminência de ser despejada da pequena casa onde mora, resolve tentar a vida como

garçonete em uma cafeteria em outro país, na busca de ajudar a comprar uma casa para morar com sua mãe e seu filho<sup>82</sup>.

*Método/A experiência de execução:* Procurei sempre uma aproximação, tentando construir uma confiança recíproca com os participantes. De início avisei que precisaria gravar as sessões e todos, ao que parece, entenderam e concordaram em gravar tudo o que eles falavam. Recebi a sinalização de aceite do grupo como uma autorização para realizar a pesquisa. Não procurei deixar oculto o gravador para que ficasse claro para os jovens de que aquilo se tratava de uma discussão gravada para uma pesquisa, que se estenderia por mais algumas sessões. Ali eu estava sendo conhecido e reconhecido pelos membros do grupo enquanto pesquisador, relacionando-me com os sujeitos da pesquisa apenas, e somente apenas, como pesquisador.

### **7.2.1. Conversando sobre Telenovelas: o sentido ao redor dos temas sociais**

Um dos participantes indicou “Morena das nove” como uma personagem que chama a atenção dele, pois existe “muita coisa ao redor dela”:

**Y** – Novela. Podemos eleger uma pessoa na novela? Não precisa nessa novela de hoje, pode ser do passado. Podemos eleger uma pessoa? (sessão 1);

**Gm** – A Morena das nove. Salve Jorge. Ninguém conhece novela, mas se falar o nome dela, todo mundo sabe quem é. Ela chama mais a atenção da gente, envolve muita coisa ao redor dela... (sessão 1).

Observamos, aqui, o foco da atenção direcionado à protagonista da novela das nove, pois a personagem da “Morena das nove” reúne informação ao redor dela. Se observarmos com mais cuidado, trata-se de informações que, de certa forma, são de utilidade pública, pois a novela “é meio de notícia também”, trazendo à tona assuntos como tráfico de pessoas, ofertas de emprego, estimulando denúncia, deixando as pessoas em alerta com relação aos comportamento das pessoas, aos seus direitos etc.

**Af** – Igual a...novela é meio de notícia também. Ela mostra o tráfico de pessoas, isso aí incentiva as pessoas a num aceitar um emprego que você num conhece, assinar um papel que você num conhece (sessão 1);

**Df** – E através da novela também teve uma reportagem que a mulher que assistia à novela viu e teve coragem de denunciar (sessão 1);

**Af** – Isso alerta as pessoas a conhecer realmente o que é aquilo, ficar alerta (sessão 1);

**Df** – Igual aquela lá que falava sobre as domésticas, a cheias de charme, falava muito sobre carteira de trabalho. Os direito de empregado e dever do patrão ... (sessão 1);

---

<sup>82</sup> Vale ressaltar aqui que, apesar de os jovens rurais gostarem de *Salve Jorge*, a crítica da novela na mídia não refletiu o mesmo gosto dessa juventude.



Olhando um pouco para alguns sentidos que despontam nesse trecho, observamos admirações: na “coragem da mulher” em denunciar e no valor daquele que fica em alerta para “não ser enganado”. Tais valores e temas sociais se juntam para explicar um pouco aquilo que “envolve muita coisa ao redor” da “Morena das nove”<sup>83</sup>.

*Método/A experiência da execução:* Naquela altura da discussão, notamos os jovens mais falantes: só três garotos e seis garotas, em um total de 20 pessoas. Outros três ou quatro jovens deram opiniões esporádicas, enquanto o restante permanecia calado. Respirei fundo me tranquilizando, pois logo me lembrei que Weller (2006) afirmou que isto pode ocorrer e naturalmente faz parte da aplicação do método. Também lembrei que o silêncio funciona como resposta; quer dizer alguma coisa. Logo imaginei que seria algo inevitável em qualquer grupo de discussão, seja grande ou pequeno. Procurei não pensar mais nisso e me concentrar naquela experiência de contato com os jovens. A discussão estava ficando boa e aos poucos os mais calados foram emitindo alguns sinais. Surpreendeu-me que, no decorrer da discussão, determinados aspectos que eu julgava importante não foram citados pelos jovens. Por exemplo, quando conversamos sobre a novela *Cheias de Charme* não importou para os jovens a questão do ser celebridade empregue ou a superação encontrada pelas empregadas somente como *popstar* do *showbusiness*. Não houve uma contestação por parte dos jovens sobre a forma, talvez enviesada, de superação dos problemas da vida mostrada pela novela.

O assunto da novela derivou da “Morena das nove” em si para os temas do social envolvidos na narrativa da protagonista.

Há um debate sobre “o convite fácil” para emprego, a necessidade de desconfiar daquilo que se apresenta de maneira fácil, o valor do esforço e o tema do tráfico de pessoas na trama da novela enquanto uma possibilidade que pode acontecer na vida real. A sequência da discussão, abaixo, envolveu quatro participantes:

**Bf** – Dependendo... se vier uma proposta muito fácil você pode desconfiar, bobo, nada na vida é fácil, tem que se esforçar um pouquinho. Outro foi trabalhar lá, pensou que fosse num restaurante, era uma casa de programa. A menina mesma falou mesmo na novela que já tinha até desconfiado que quando uma coisa é muito fácil a gente tem que desconfiar, porque nada na vida é fácil (sessão 1);

**Am** – Se você tomar uma injeção, se bobear, você tem que pagar, imagine uma oferta de emprego (sessão 1);

**Cm** – A gente ser humano é assim pensa que nunca vai acontecer isso com a gente (sessão 1);

**Af** – E pode acontecer (sessão 1).

---

<sup>83</sup> A figura e o tema compõem uma narrativa contida na trama da novela. Se a protagonista está em evidência na trama, evidente que ela chama mais a atenção do que outras – como também a capacidade do assunto ao redor da personagem em convocar outros assuntos do social. A “Morena” de *Salve Jorge* convoca valores e temas do social que são diferentes daqueles convocados pela loira “Carminha” da novela *Avenida Brasil*, ou pelas empreguetes “Penha” e a “Rosário” da novela *Cheias de Charme*. E aí não somente as figuras em si ganham visibilidade, mas também se tornam destaques os valores e os assuntos associados e convocados em virtude do desdobramento da narrativa em cada trama novelesca.

O “convite fácil” é motivo de desconfiança, daí novamente surge o alerta para “não ser enganado”. Confia-se no trabalho duro, em algo que exige algum tipo de esforço, pois “nada na vida é fácil”.

A valorização do trabalho dedicado como percurso que se contrapõe ao convite fácil continuou guiando a discussão. Os jovens trazem o assunto para si, escolhem o tema e põem em discussão. E aí observamos que a vida não seria fácil *para eles*, sempre tendo que pagar o preço com dedicação, superação e trabalho árduo. Eles não estavam mais falando de *Salve Jorge*, mas estavam falando deles próprios.

**Bf** – Porque tudo tem um preço, ué. Você tem que ir atrás pra conseguir, lutar pra ter. Nada vem na sua mão assim de bobeira só porque você quer. Você tem que correr atrás (sessão 1);

**Y** – O que fez você que tem 16 anos pensar dessa maneira? (sessão 1);

**Bf** – Faz parte da minha vida. Se eu quero uma coisa, eu tenho que correr atrás pra conseguir, porque nada é fácil nessa vida. Eu falo mesmo, tem que correr atrás. Eu vou por mim, eu sei o que é bom pra mim. A partir do momento que eu quero, eu corro atrás (sessão 1).

Novamente, nesse trecho, percebemos a confiança no valor daquilo que tem um preço, o que não é de graça e que exige certo esforço ou luta para se conseguir. Ao que parece, confiar naquilo que exige esforço faz parte da vida daqueles jovens.

O assunto gerou intenso debate. Ao trazer o tema para junto da realidade, um dos jovens começou a vincular os assuntos em debate na comparação que fez de si com outros jovens na classe superior, identificando-se como pertencente a um grupo de jovens “mais simples”, talvez sem herança (sem “papaizinho” ou pai rico).

**Am** – Nem filho de rico ultimamente tem tudo o que quer, imagina a gente que é mais simples, porque tem muito filho de papaizinho que tem tudo o que quer, mas num batalha nada no futuro. A gente num tem pai e mãe pra sempre (sessão 1).

E aí o assunto derivou, mais uma vez, para um cenário em que até o jovem rico precisa batalhar pelo seu futuro, mais ainda o jovem mais simples, buscando uma vida independente dos pais. O vai e vem do debate continuou e fomos parar na novela *Cheias de Charme*. No breve debate sobre as empreguetes, os jovens abordaram um aspecto interessante: não importava, na trama novelesca, a condição de ser empregada doméstica, mas sim a oportunidade que surgiu de melhorar ainda mais de vida, proporcionada pelo emprego como doméstica.

**Am** – Se elas não fossem empregadas domésticas, elas não iam ter sucesso... por exemplo, se elas tivessem à toa, elas num iam conseguir (sessão 1).

Só se tem sucesso se não estiver à toa, ou seja, se a pessoa estiver empregada. O emprego traz outras oportunidades de melhoria na vida (uma profissão mais reconhecida, uma carreira profissional<sup>84</sup>).

Conservando a linha do debate em torno da novela *Cheias de Charme*, provocamos o grupo com uma pergunta sobre superação na vida. E outra afirmação curiosa surgiu: não era pela fama que as empregadas domésticas se transformaram nas empreguetes, mas sim para melhorarem de vida<sup>85</sup>. As três empregadas sofriam o mesmo “problema”, a pobreza, e se uniram para formar o grupo musical. Uma das participantes observou que as domésticas viraram amigas quando estavam juntas na cadeia e na pobreza, lá resolvendo “o problema da pobreza” com a criação do grupo as empreguetes:

**Y** – Há sempre uma superação. Como foi isso na *Cheias de Charme*? (sessão 1);

**Bf** – Com certeza, porque todas elas tinham o mesmo objetivo. Num era ter a fama, mas melhorar de vida. Igual, por exemplo, juntou as três, porque todas as três tinha um problema, por causa que todas as três eram pobre, aí reuniram as três num só, no mesmo objetivo e viraram as cheias de charme (sessão 1);

**Cf** – E as três viraram amiga dentro da cadeia [superação da situação] porque uma foi presa e depois as outras, e todas se encontraram na cadeia, e todas eram tudo pobre [começa ali uma união para superar a condição de pobreza] (sessão 1).

### 7.2.2. *Conversando sobre Telejornais: o sentido ao redor das notícias*

Sobre as narrativas telejornalísticas, chamou a atenção mais os temas na pauta dos telejornais do que o desempenho dos apresentadores em si. Mesmo assim, provocamos o debate em torno das personagens e foram lembrados os apresentadores do *Jornal Nacional* (Globo), do *Brasil Urgente* (Band), do *Balanço Geral* (Record) e do *Jornal do SBT*.

O telejornal popular e o seu típico apresentador (sempre indignado com os atos criminosos e as injustiças) foram lembrados, com destaque, neste momento, para o José Luiz Datena, do programa *Brasil Urgente*:

---

<sup>84</sup> Ter uma profissão significa *status* social e expectativa de vida. A profissão de empregada doméstica – mesmo depois de sua regulamentação, a partir de abril de 2013 –, ainda carrega o estigma de um trabalho menos importante e parece não ser vista com bons olhos pelas próprias domésticas. Com o salário de doméstica, muitas delas pagam uma faculdade ou um curso técnico para se qualificarem ao emprego em uma grande empresa que lhe proporcione uma carreira profissional com promoções salariais.

<sup>85</sup> Na trama da novela das sete, o ponto de virada do roteiro – quando as empregadas domésticas se transformam em empreguetes *superstars* – só acontece mais ou menos da metade para o final da trama. Antes desse ponto, a novela mostrou a vida sofrida das personagens que se uniram para formar o grupo musical quando estavam presas juntas em uma cadeia – momento emblemático da trama para representar a vida sofrida das três mulheres.

**Cf** – Datena. Trabalha na Band. A maioria do que ele fala num tem medo de enfrentar o que tem que enfrentar. Alguns fala pela metade, outros fala tudo. Ele num defende o filho de delegado... Teve aquele ciclista [que teve o braço arrancado por um motorista em São Paulo] e para ele todo mundo é igual. Num defende nem rico e nem pobre (sessão 1).

Para os jovens, independente de classe social, o apresentador do telejornal popular tem a coragem de enfrentar tanto o rico quanto o pobre, pois “para ele, todo mundo é igual”. Mesmo, como se sabe, que o sentido da “coragem” faz parte por vezes de uma encenação programada desses apresentadores, importante observarmos a leitura do jovem: a admiração está naquele que busca uma igualdade de classes “sem medo de enfrentar o que tem que enfrentar”, falando não pela metade, sem defender ninguém, pois para o apresentador “todo mundo é igual”.

Se alguns são corajosos ao falarem sobre os casos de polícia, outros são divertidos ao falarem de “um punhado de coisa”, sempre fazendo “uma graça lá”. Trata-se de um tipo de apresentador de telejornal popular mais divertido e grotesco, como o exemplo do Geraldo Luiz, do programa *Balanço Geral* da Record.

**Fm** – Quem eu mais gosto é o Geraldo Luiz, pois fala um punhado de coisa, os acontecimento, o Balanço Geral. Ele faz uma graça lá, né? Tem um anão... (sessão 1).

Esse apresentador traz “um punhado de coisa” ou várias informações (em geral acontecimentos banais do cotidiano popular urbano). Mas existem outros tipos de apresentadores, aqueles dos telejornais referenciais com “a postura séria, sabe falar”:

**Bf** – Eu assisto mais o Jornal Nacional. Pra mim, a postura deles são ótima. Todo o ano assim ele ganha como melhor programa. A postura séria, sabe falar (sessão 1).

Seria isso que se espera de um jornal referencial, a apresentação séria das notícias. Outros tipos de apresentadores talvez ainda mais sérios: os juízes, que dão opinião sobre o que é certo ou errado, como Rachel Sheherazade, do *SBT Brasil*.

**Cf** – Eles [apresentadores do SBT Brasil] abordam o assunto e dão opinião. Muitas vez passa lá que a pessoa fez algo de errado, vai ser julgado na lei, mas muitas vezes a lei num é exercida. Porque se dá uma pena de 4 anos ele paga a fiança, com 2 anos dele sai. A característica deles é essa: apresenta, passa a notícia e depois diz se é certo ou não (sessão 1).

Portanto, não é somente a informação, mas também o desempenho dos apresentadores de telejornais que chama a atenção dos jovens. Nesses desempenhos, estão os sentidos de coragem, de seriedade, o lado engraçado e a capacidade de julgamento.

### **7.2.3. Conversando sobre jogadores de futebol: o sentido ao redor das celebridades**

Procurando atender ao grupo de meninos que demonstraram gostar de futebol na tevê, a sugestão foi seguir a mesma linha de debate: falar sobre o sentido em torno dos jogadores de futebol. Imitando o que uma das participantes havia falado sobre a novela das nove, alguns meninos logo salientaram que o assunto futebol também pode sair da área de esportes e virar assunto da página policial. Assim, alguns jovens lembraram o caso Kevin Espada, torcedor boliviano morto por um sinalizador lançado por um torcedor do Corinthians; a briga de torcedores do Palmeiras com os jogadores, naquela semana. Procuramos discutir sobre as celebridades do futebol na tevê para tentarmos uma articulação com os debates anteriores.

A pergunta de estímulo foi por que os jovens gostam tanto desses jogadores? E logo um deles se lembrou, de maneira inusitada para nós, de um jogador não muito famoso.

**Am** – Por causa que são bão, ué? (sessão 1);

**Dm** – O jogador que sou fã mesmo é o Luiz Suárez, do Uruguai (sessão 1).

Tentamos instigar a discussão sobre se a vida de jogador de futebol é fácil ou difícil.

**Y** – Vamo pensar agora no jogador de futebol. O jogador de futebol tem a coisa difícil ou fácil? (sessão 1);

**Am** – Difícil (sessão 1);

**Cm** – Difícil (sessão 1);

**Em** – Difícil (sessão 1);

**Y** – Alguém acha o contrário? (Y, sessão 1);

**Bm** – Não, é difícil (sessão 1);

**Cm** – Muitas pessoas acha fácil. Se fosse fácil, qualquer um seria jogador hoje em dia. Muitas pessoas tenta (sessão 1).

**Em** – Num é fácil porque é um trabalho, tem que treinar todo dia, tem que se apresentar, concentrar, num é só chegar e jogar os 90 minuto e receber o salário dele que é alto. Ele tem que trabalhar e se preparar pra aquilo (sessão 1);

**Cm** – E mostrar futebol (sessão 1).

Novamente, estamos observando na fala deles a ideia da confiança no valor do que é difícil, daquilo que exige esforço e também o espaço da conquista que resulta do esforço como sendo um espaço para poucos. Trabalho, treino todo o dia, apresentação, concentração, preparação e exibição fazem parte desse esforço do jogador. Provoquei o debate mais uma vez:

**Fm** – É fácil depois que a gente aposenta (sessão 1);

**Y** – Muitos num têm nem o ensino médio e ganham milhões. Vocês acham que o estudo fica onde? (sessão 1);

**Bf** – Depois que a pessoa tem a fama, bobo, ninguém importa com isso mais não [os estudos ou se o jogador tem estudo]. Só quer ver ele lá no campo jogando bola e fazendo gol (sessão 1);

**Cm** – Mas a fama uma hora acaba, né? (sessão 1);

**Dm** – Exatamente. Conheço vários jogadores que ganharam milhões e hoje em dia tá pobre (sessão 1);

**Cm** – Ele tem que aproveitar enquanto ele tá famoso e investir (sessão 1);

**Af** – No meio do futebol num conta o estudo, no meio do futebol conta o talento. Acho assim, por que se chegar um jogador talentoso ele pode ter a 4ª série que é chamado. Se ele saber jogar bola mesmo... (sessão 1).

Os jovens apontam para dois aspectos: os rapazes mostram o valor de se precaver para o futuro quando se tem fama, pois “a fama uma hora acaba”; uma das meninas apontou para o esforço para se desenvolver um talento e que, nesse sentido, o estudo pouco importa. Ficamos curiosos em saber se o talento seria uma qualidade admirada pelos jovens, mais do que o esforço e o trabalho.

Já que o assunto era talento, fama e craque do futebol, em discussão a personagem do Neymar. Jogadores como ele fazem com que as pessoas se importem mais com as belas jogadas do que com aquilo que ele estudou ou aprendeu na escola. No trecho, a seguir, existe uma sutil percepção prática, pois “ninguém tá preocupado de saber se ele estuda ou não” só deseja saber se sabe jogar bola. Essa percepção aponta para aquilo que o Neymar representa para a juventude no social, mais do que sua trajetória como bom aluno nos estudos. Há uma reverência ao talento, a fama, pois isso interessa ao público:

**Bf** – Igual Neymar, tenho certeza que ninguém vai ver aí o que ele estudou, o que ele fez de estudo, até que série, se ele estudou, por que ele é famoso, uai, joga muita bola! Vem aí a copa de 2014 no ano que vem todo mundo quer que ele jogue, ninguém tá preocupado de saber se ele estuda ou não (sessão 1);

Outra moça se pronunciou em defesa de outro tipo de jogador, lembrando do valor da família para um jogador que tem o esporte como profissão para sustentar a família:

**Cf** – Tem também o outro lado do jogador. Esse jogador que ela tá falando aí ganha fortunas, ganha milhões e tem aqueles jogadores que jogam pra sustentar a família dele. Joga pra construir uma casa pro pai... (sessão 1).

#### 7.2.4. Considerações

Discutimos sobre os sentidos ao redor dos assuntos que despertam a atenção: o problema público e a personagem da novela; comentários sobre as notícias que mais chamaram a atenção e sobre as celebridades brasileiras do futebol. Ali, já conseguimos identificar vestígios da experiência de vida juvenil, que sistematizamos em categorias e subcategorias.

- a) **O lugar de destino da migração.** *Melhorar de vida:* migrar para este lugar (o ambiente urbano) como condição para melhorar de vida; *Violência urbana:* o medo da violência na cidade; a importância da denúncia de um crime (a coragem da mulher em denunciar); o alerta para não ser enganado (e sofrer algum tipo de violência).
- b) **O convite fácil:** confiança no trabalho duro, em algo que exige algum tipo de esforço, pois nada é fácil na vida. Para superar uma vida sofrida, o jovem de uma classe pobre precisa pagar um preço, pois exige algum tipo de sacrifício. O convite fácil contrasta com um preço a ser pago: se fácil, pode ser perigoso ou se difícil, exige uma superação na vida. Confia-se no valor daquilo que tem um preço.
- c) **O trabalho duro.** *Trabalho e Emprego:* importância do esforço para se conseguir melhorar na vida; a importância do emprego e de estar empregado para aproveitar outras oportunidades em uma profissão melhor ou uma carreira profissional.
- d) **A superação dos problemas da vida:** *Superação pelo trabalho:* a superação pelo trabalho honesto, sacrificado e dedicado para melhorar de vida; *Condição de pobreza e Momento Vivido:* a superação dos problemas em função da situação de pobreza e do momento especial vivido (Morena pobre e trancafiada; empregadas pobres na cadeia);

- e) **A família:** *Valor da família:* valorização da família; a família que se sacrifica para realizar o sonho do jovem; o jovem que se sacrifica para sustentar a família. *Informações significativas:* informações de utilidade pública que alertam para perigos sociais que podem desestruturar a família ou pôr a família em risco social; *Juventude no rural:* jovem simples, que busca uma vida mais independente dos pais.

Já podemos perceber que os recortes da mídia (personagens e temas de interesse) são capazes de produzir uma leitura que leva em conta o momento vivido (pensando em migrar para melhorar de vida; consciente da necessidade do trabalho duro pela frente; a indignação em relação à violência) e a cultura local (a valorização da família).

Com mais intensidade, conseguimos observar a personagem da Morena como interlocutora junto aos jovens: a personagem se articula, de alguma maneira, com as cinco categorias citadas. A Morena migra para melhorar a sua vida e da sua família como forma de enfrentamento de sua situação social, pois a vida é dura para a personagem que, além da condição social, ainda tem que superar as dificuldades da circunstância da violência contra o jovem (problema público típico nos dias atuais), sendo vítima do tráfico de pessoas.

Do tráfico de pessoas de *Salve Jorge* para os direitos das empregadas domésticas em *Cheias de Charme*, o universo dos sentidos ao redor do tema central das novelas diz respeito a uma necessidade de superação, que pode até levar a reboque a ideia de indignação, mas o importante está na necessidade de superar os problemas da vida: a ausência de direitos legais para os trabalhadores domésticos, a crueldade com o ser humano. E os temas sociais que são centrais nas tramas novelescas também estão nos noticiários.

Nesse cenário atual de injustiças e crueldades, entra em discussão de modo mais intenso, o valor da superação, por onde jovens de contextos pobres da zona rural também precisam atravessar como meio do caminho para se vencer na vida. A personagem Morena em *Salve Jorge* é assim também igual ao jogador de futebol que dá duro para conseguir melhorar sua vida e de sua família. Isso produz uma identificação com a juventude pobre do mundo rural, que valoriza o trabalho honesto e o vencer na vida para ajudar a família.

Para jovens pobres da zona rural, em que a vida se caracteriza pelo trabalho coletivo familiar, o trabalho duro é o preço a ser pago para conseguir algo na vida. Eles se apoiam na ideia do trabalho duro, algo aprendido nessa experiência do trabalho coletivo familiar. Nisso, podemos observar o valor da superação. O preço pago pela família de um jovem aspirante a jogador de futebol talvez seja a negligência com relação aos estudos do filho. Está se falando do sacrifício em torno tanto da superação das dificuldades financeiras (alcançar um capital



econômico) quanto das dificuldades relativas ao conhecimento do mundo (o capital cultural; fazer um curso técnico, uma universidade).

Contudo, vamos observar o que eles disseram sobre a novela *Cheias de Charme*: “*Se elas não fossem empregadas domésticas, elas não ia ter sucesso... Por exemplo, se elas tivessem à toa, elas num iam conseguir*”. Se as empregadas domésticas estivessem desempregadas, não apareceria a oportunidade de serem famosas. Aqui a leitura dos jovens expressa a importância do estar empregado, pois, nessa situação, surgem mais oportunidades de vencer na vida. Pouco importa se o emprego é de doméstica. O foco não é a fama ou o trabalho precarizado, mas na fala do jovem o importante é estar no lugar certo para aproveitar oportunidades de ascensão social. O medo de ficar à toa, desempregado, reflete esse obstáculo à ascensão social que permite vencer na vida.

O cenário atual da violência observado na leitura dos jovens é eminentemente urbano, exposto todos os dias a partir de diversas notícias nos telejornais populares e referenciais. A violência na mídia se transforma em um perigo para o sonho de vencer na vida no meio urbano.

As opiniões demonstram jovens bem informados e que sabem comentar não somente sobre o que aconteceu, em seus detalhes, mas também refletir sobre os valores que fazem sentido envolvidos naquilo que mais chama a atenção deles na mídia. Isso reforça a ideia de que as mídias diminuíram o estranhamento do mundo urbano. Mesmo que ainda de maneira incompleta ou descompassada em alguns momentos, a discussão mostrou que as mídias suscitaram junto a esses jovens um olhar mais crítico sobre as informações, articulado com outros programas televisivos, refinando seu olhar para a vida.

Então, a sessão 1 mostrou que o agendamento da mídia funciona para os jovens rurais que, bem informados dos detalhes das narrativas midiáticas preferenciais (seja telejornal, futebol ou novela), conseguem selecionar informações significativas e se posicionarem criticamente a partir de suas experiências de vida. Partindo das notícias e das personagens midiáticas, derivamos para os programas em si, para a circularidade dos assuntos de interesse entre programas, e saímos da especificidade dos produtos da mídia para considerações mais amplas sobre aspectos relacionados a interesses e preocupações do jovens. A sessão 1, então, mostrou-nos que essa seria a dinâmica das outras sessões.

## 7.3. Segunda Sessão

### 7.3.1. Subgrupo telenovelas

Com a alteração da dinâmica do grupo de discussão e o planejamento das sessões, conseguimos, com um número menor de participantes, realizar dois encontros sucessivos que compuseram a sessão 2: em um mesmo dia de sessão, discutimos telenovela e telejornais. Seguimos a mesma orientação da sessão 1: focalizar não nos produtos em si, em alguma personagem ou um apresentador em específico, mas continuar o processo de levantamento dos sentidos ao redor das personagens e temas, refinando as discussões tanto a partir das categorias organizadas na sessão anterior quanto buscando outras categorias.

*Método/A experiência da execução.* Eu tinha dois pequenos desafios naquela sessão: organizar os grupos e controlar o tempo. Em uma hora e quinze minutos eu teria que reunir todos na sala de informática; convidar apenas aqueles que gostariam de continuar a participar da pesquisa; esperar o pessoal sair; depois dividir os grupos em dois subgrupos; em seguida convidar os participantes do subgrupo telejornal para se retirarem da sala, com o compromisso de retornarem em 30 minutos. E só depois disso começar a sessão do subgrupo telenovela, de olho no relógio. Durante o intervalo, procurei conversar com o assistente da direção sobre a necessidade de liberar as duas últimas aulas e pedi para que me ajudasse a chamar os participantes do subgrupo telejornais que tinham ficado na quadra de esportes, após o encontro com o subgrupo telenovelas. Depois desta negociação toda (com alunos, funcionários e professores do horário). Finalmente fiquei sozinho com os membros do subgrupo telenovela.

Logo no início, aplicamos três questões abertas. Os oito participantes do subgrupo telenovelas tiveram dez minutos para executar três tarefas: fazer um resumo simples da novela das nove, indicar a personagem que chama mais a atenção e explicar o porquê de sua escolha. Apesar de discutirmos na sessão 1 sobre a novela *Cheias de Charme*, optamos por debater sobre a novela mais assistida por eles e que estava sendo exibida naquele semestre. Antes de apresentarmos o que os jovens escreveram, interessante observarmos a sinopse oficial da novela *Salve Jorge*<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> C.f.: site oficial da novela. Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html>>. Acesso em: 10 jun 2012.

### Sinopse novela *Salve Jorge*

A novela falou sobre a fé e a devoção a São Jorge e abordou os crimes de tráfico de pessoas e cárcere privado de garotas no exterior, mostrando o *modus operandis* dessas máfias. A trama teve como núcleo central o Morro do Alemão (fictício), além da Capadócia, região da Turquia onde nasceu São Jorge. A personagem Morena (Nanda Costa) foi uma das vítimas do tráfico de pessoas e se apaixonou pelo Théo (Rodrigo Lombardi), oficial da cavalaria do exército e devoto de São Jorge. Morena é uma garota do Morro que foi mãe aos 14 anos. Filha de Lucimar (Dira Paes) e mãe de Júnior (Luiz Felipe Mello). É no Complexo do Alemão que ela encontra Théo. Pressionada por graves problemas financeiros, Morena antevê uma grande oportunidade no convite de Wanda (Totia Meireles), uma traficante de pessoas da quadrilha de Lívia (Cláudia Raia) para trabalhar, por alguns meses fora do país. Lívia Marini é uma mulher sofisticada, estilosa e inteligente, acima de qualquer suspeita. Apresenta-se como agenciadora de talentos artísticos, com contatos preciosos no mundo da moda. Em função dessas atividades, costuma passar longas temporadas fora do Brasil. Oculta está a atividade de agenciadora para tráfico de pessoas. Peça chave na engrenagem do tráfico, Lívia contrata olheiros e providencia as falsificações necessárias para viabilizar a viagem das vítimas, seduzindo as pessoas com promessas de turnês esplendorosas e ofertas de empregos, muito bem pagos, no exterior. Assim como Morena, Jéssica (Carolina Dieckmann), Rosângela (Paloma Bernardi), Waleska (Laryssa Dias) entre várias outras meninas acabam caindo na armadilha preparada por Wanda. As jovens embarcam acreditando que rapidamente teriam dinheiro suficiente para mudar de vida e ajudar a família, mas acabam sendo presas e escravizadas. Elas permanecem em um alojamento pequeno dentro de uma boate na Turquia, onde são obrigadas a trabalhar se prostituindo. A quadrilha responsável pelo tráfico é formada pela aliciadora e auxiliar direta, Wanda, a gerente de boates, Irina (Vera Fischer), e o chefe da segurança, Russo (Adriano Garib). Além disso, ao longo da novela, Rosângela consegue mudar de lado e alia-se aos traficantes. Ainda entre Morena e Théo, existe outro obstáculo: a Tenente Érica (Flávia Alessandra), ex-namorada dele. Théo e Érica trabalham juntos, servindo no mesmo regimento da Cavalaria do Exército. Eles têm em comum a paixão pelos animais, a disciplina militar e o temperamento justo e generoso. Os desencontros do casal serão usados constantemente nas armações do capitão Élcio (Murilo Rosa), que tem uma imensa inveja de Théo por ele ser seu rival nas competições de hipismo. No entanto, no caminho de Lívia estará a competente delegada Heloísa (Giovanna Antonelli) que, no decorrer da história, se tornará delegada federal e encarregada de investigar os crimes de tráfico de pessoas. Por ironia, o ex-marido de Helô é Stênio (Alexandre Nero), advogado de Lívia. No final, Morena ficou grávida do Théo e tentou fugir a qualquer custo dos traficantes para voltar para sua família, contando com a ajuda da polícia federal e da delegada Helô. A polícia federal invade a boate na Turquia que servia de cativeiro para as garotas traficadas e prende toda a quadrilha.

*A novela Salve Jorge foi produzida e exibida entre 22 de outubro de 2012 e 17 de maio de 2013, em um total de 179 capítulos, escrita por Gloria Perez e Malga Di Paula.*

O resumo da história da novela *Salve Jorge*, escrito pelos participantes deste subgrupo, abordou o tema central da novela, mas também outro assunto não descrito na sinopse oficial da trama. Vamos observar o resumo feito por cada jovem (os grifos são nossos)<sup>87</sup>:

A novela retrata a história de um casal que se conhece e se apaixonou dentro de um regimento, esse casal faz vários planos mas são separados ao longo do relacionamento. A protagonista é traficada para se prostituir na Turquia. Ela passa

<sup>87</sup> Nas questões abertas, identificaremos o autor em cada resposta apenas com as iniciais “QA” (questão aberta) e um número, para a compreensão das diferenças de opinião. As perguntas estão no Quadro 2, nos Anexos.

por várias situações desagradáveis, longe da família, dos amigos e ainda por cima grávida do seu namorado que agora esta namorando com outra mulher no Brasil. A protagonista foi dada como morta, mas na verdade ela conseguiu fugir dos traficantes durante uma explosão, agora ela esta ajudando a polícia federal a desmascarar os traficantes e resgatar as outras meninas traficadas (Q.A. 1).

A novela começa com a morena e com o tel que os dois conheceram na favela onde a morena morava com a sua mãe e seu filho. O tel andava pela favela de cavalo combatendo os crimes. A morena viu o tel pela primeira vez e já se apaixonou. Morena foi morar com o tel alguns dias e tinha uma outra que trabalha com o tel e gostava dele e a morena e o tel acabou se apaixonando. A morena foi trabalhar em uma boate onde as mulheres vendiam seu corpo mais ela não sabia disso ela foi judiada passou muito aperto mais fugiu da capadocia e estava grávida do tel (Q.A. 2).

A novela salve Jorge foca principalmente mostra que o tráfico de pessoas existe na vida real e não é uma coisa simples de se tratar, por que muitas pessoas não acredita que isso acontece. Trata-se também do caso de um pai que fica julgando a filha contra a mãe, chamado de (alienação paternal) (Q.A. 3).

A novela salve Jorge trata se de tráfico de pessoas, eles iludem as pessoas, falam que fora vão ganhar , mas quando chegam lá vão para boates de prostituição ou até mesmo nas ruas. E de lá eles controlam o que acontecem com as famílias dessas pessoas, descobrem como vivem o que fazem e se tentarem fugir ameaçam suas famílias, podendo até matar (Q.A. 4).

Uma novela que retrata o tráfico de mulheres que saí iganadas com propostas de emprego de modelos, mas quando chegam lá a realidade é outra. São ecravizadas sexualmente. Se tentam fugir suas famílias saí ameassadas de morte. Sendo assim, a sociedade fica mais alerta o que é uma coisa boa porque quando você receber uma proposta de emprego certifique-se de conhecer bem o local e ter auguem de referencia que já trabalhou por lá (Q.A. 5).

Entre uma disculsão entre a morena e o teo surgia um amor entre os dois. Mas cempre há algo que atrapalhem. Tudo começou atrapalhar a relação deles quando apareceu uma mulher chamando e induzindo com o serviço lá fora, mais era pura mentira, ela levava as moças para fora do Brasil e ela tinha que vender seu próprio corpo para viver (Q.A. 6).

A novela salve Jorge fala sobre tráfico de pessoas, tráfico de bêbes, fala dos custume da capadocia e entre outros (Q.A. 7).

A novela salve Jorge conta a historia de uma minina que recebe um conviti para trabalhar no estrangeiro mas na verdade quando chega lá eles a obrigam a se prostituir ameaçando sua família caso ela queira fugir (Q.A. 8).

De fato, é muito interessante a variação da forma como a história da novela é contada por cada um dos jovens. Alguns começam falando dos planos e o romance do casal Morena e Teo, que se conheceram na favela quando Teo andava “de cavalo combatendo os crimes”; outros disseram sobre uma história que alerta para temas públicos (tráfico, alienação parental); alguns lembram logo de uma história de traficantes que iludem as pessoas com promessas de emprego; outros tomam o alerta social para si.

Contudo, nos grifos que realizamos, alertamos para duas categorias em comum, que refletem aspectos lembrados, que despertaram mais o interesse e, por isso, estão mais vivos na memória: o tema do tráfico de pessoas (que existe na vida real e é difícil de combater; que exige das mulheres o trabalho em uma boate em que elas são obrigadas a vender corpo; a promessa de trabalho fora do país como estratégia do tráfico); e o tema da família (o romance de dois jovens casais que desejam constituir família; Morena que precisou ficar longe de sua família; o controle das famílias exercido pelos traficantes – assunto que não foi mencionado na sinopse da novela).

- a) Sobre a primeira categoria, podemos construir um pequeno resumo com base na fala dos jovens: *Morena, jovem que morava na favela, é enganada pelo tráfico de pessoas. Ela é separada do namorado e de sua família e se vê obrigada a se prostituir para sobreviver. Isso aconteceu porque ela recebeu um convite de trabalho no estrangeiro, mas não sabia que na boate em que ia trabalhar as mulheres tinham que vender seu corpo.*
- b) Sobre a segunda categoria: *Morena passa por situações desagradáveis e não tinha ninguém para recorrer, pois estava longe da família e dos amigos. Os traficantes controlavam as famílias das mulheres traficadas, ameaçando de morte os membros das famílias.*

No recontar oralmente a história da novela, os participantes sinalizaram de maneira mais intensa para os assuntos envolvendo as duas categorias citadas acima; se lembraram, apesar disso, do romance entre o militar Teo com a jovem Morena.

Na discussão, eles voltaram a se mostrar informados, ao lembrar que a história se relaciona com o processo de pacificação que está acontecendo nas favelas do Rio de Janeiro:

**Am** – Só teve agora [gravação de telenovela em favela] por causa da interceptação do exército que desarma as favelas (sessão 2).

Na comparação com a novela anterior (*Avenida Brasil*), os jovens afirmaram que *Salve Jorge* era melhor (mesmo que o interesse dos jovens não tenha refletido os baixos índices de audiência da novela):

**Af** – Essa é melhor, né? Ah, porque fala melhor das coisa...[pausa] (sessão 2);

**Bf** – Também acho melhor (sessão 2);

**Am** – Porque retrata mais a situação do dia a dia, abre mais os olhos da sociedade, porque as propostas de emprego lá, as meninas saem pensando que vai ser modelo, que vai ter vida fácil e quando chega lá a realidade é outra, né? E se tenta fugir tem a família ameaçada, ou seja, tá num buraco sem saída (sessão 2).

Independente dos baixos índices de audiência, a novela *Salve Jorge*<sup>88</sup> se tornou, então, um objeto interessante de discussão, com tema central que falava de um problema público relativo à juventude: o alerta sobre a violência do tráfico, de não ter vida fácil, que tem como vítima a mulher jovem<sup>89</sup> e que envolve um núcleo social importante para o jovem, a sua família.

*Método/A experiência da execução.* Dos 19 alunos presentes naquele horário, apenas oito ficaram na sala para participar do subgrupo sobre telenovela. Com os jovens que ficaram na sala, fiz um semi-círculo, com cadeiras próximas, e a presença de oito participantes facilitou o trabalho de gravação das falas. Três meninos e cinco meninas fizeram parte do grupo.

Pinçamos trechos das respostas das questões abertas, que mostram o alerta da novela para a necessidade de se manter informado sobre um crime pouco conhecido; o modo de operar do tráfico; e a esperta e determinada Morena que, mesmo depois de traficada, conseguiu fugir dos perigos que a cercavam e ajudou a prender os traficantes.

**QA3** – Muitas pessoas não acreditam que isso acontece;

**QA6** – Quando apareceu uma mulher chamando e induzindo com serviço lá fora [no exterior], mas era pura mentira, ela levava as moças para fora do Brasil e ela tinha que vender seu próprio corpo para viver;

**QA8** – Uma menina que recebe um convite para trabalhar no estrangeiro, mas na verdade quando ela chega lá eles obrigam a se prostituir;

**QA2** – A Morena foi trabalhar em uma boate onde as mulheres vendiam seu corpo, mas ela não sabia disso;

**QA1** – Ela [Morena] é trancafiada para se prostituir na Turquia (...) conseguiu fugir dos traficantes durante uma explosão e agora ela está ajudando a polícia federal a desmascarar os traficantes.

---

<sup>88</sup> Segundo o Portal R7, com base em informações do jornal O Estado de São Paulo, a novela *Salve Jorge* chegou a 34 pontos no Ibope, no último mês de exibição (maio de 2013), muito próximo da novela *Passione*, que obteve o pior índice de audiência já registrado para uma novela das nove. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/salve-jorge-e-o-pior-ibope-da-historia-do-horario-nobre-da-globo-segundo-jornal-20130514.html>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

<sup>89</sup> O tema do tráfico de pessoas não é novidade enquanto “ação socioeducativa” da novela das nove. Na novela *Belíssima* (2005-2006), a personagem Taís interpretada pela atriz Maria Flor foi traficada para a Grécia. O autor, Silvio de Abreu, ganhou um prêmio da ONU por ter abordado o assunto na trama das nove. Em *Belíssima*, a jovem traficada também conta com a ajuda, dessa vez, de Nikos (Tony Ramos). No entanto, o tema do tráfico de pessoas em *Belíssima* não foi tão central quando em *Salve Jorge*. Disponível: <[memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com)>. Acesso em: 10 mai. 2013.

Podemos dizer que a trama de *Salve Jorge* se divide em antes e depois da personagem Morena migrar para a Turquia pela primeira vez, quando, naquele momento da trama, o tema social se tornou mais visível na novela, dando ênfase ao desempenho de algumas personagens centrais<sup>90</sup>. Então, entre os participantes importou o tema central de *Salve Jorge*, servindo de alerta aos jovens quanto aos perigos de algumas ofertas de emprego para trabalhar fora de seu mundo comum. Observe, na sequência abaixo, que o mesmo aspecto abordado na sessão 1 se repetiu na sessão 2, tanto nas questões abertas quanto nas falas durante a discussão (questões do emprego, de assinar um papel, da coragem, de conhecer pessoas de confiança):

**Af** – Num aceitar um emprego que você num conhece, assinar um papel que você num conhece (sessão 1);

**Df** – através da novela também teve uma reportagem que a mulher que assistia à novela viu e teve coragem de denunciar (sessão 1);

**QA5** – O que é uma coisa boa porque quando você receber uma proposta de emprego se certifique de conhecer bem o local e ter alguém de referência que já trabalhou por lá;

**Am** – É isso, as pessoas nunca acham que existe (sessão 2);

**Af** – Pensa que comigo num vai acontecer... (sessão 2);

**Cf** – E nem a polícia acredita. Igual lá, a Helô ela não acreditava que existe isso. Ela era da polícia civil e ela não acreditava que existia isso (sessão 2)<sup>91</sup>.

Nesses trechos, o tema social parece mobilizar os sentidos dos jovens em torno de um momento vivido, em que se faz necessária a informação de utilidade pública que alerta a juventude para os perigos da vida social – que podem estar ocultos até mesmo das instituições de segurança pública<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> Acompanhamos os capítulos da novela de modo regular, a partir do momento em que iniciamos o grupo de discussão, em março de 2013. Também monitoramos as críticas na Internet: a cada capítulo a que assistimos, observamos o burburinho da crítica sobre a novela.

<sup>91</sup> Um dos erros de roteiro mais criticado nos *blogs* e nas redes sociais se refere a esse aspecto: como Teo, um militar do Exército (e também a delegada Heloísa), não sabia da existência do problema do tráfico de pessoas no mundo se existe uma campanha institucional da ONU alertando para o assunto (sob o título: “*Human Trafficking is Modern-Day Slavery*”)? Em sua coluna, a jornalista Patrícia Villalba, do portal da *Veja on-line*, disse que “Mais desinformado do que se pode aceitar de um capitão do Exército, o Teo (Rodrigo Lombardi) de *Salve Jorge* virou alvo fácil de piadas no *Twitter* ao dizer a Morena (Nanda Costa) que o tráfico de pessoas é lenda. Vinda de um galã qualquer, a falta de informação poderia ser perdoada, mas para um capitão do Exército ficou feio. E a vaia no *Twitter* foi grande. Se tivesse assistido a *Belíssima* (2006), ou pelo menos se lembrasse da discussão que a novela levantou na época, o capitão saberia o suficiente sobre o assunto para perceber que algo vai muito mal com Morena” (Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/maestro-uma-nota/theo-duvida-do-trafico-de-pessoas-salve-jorge/>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

<sup>92</sup> De fato, a dificuldade da internet em Capivara dificultou o acesso dos jovens rurais às diversas críticas sobre *Salve Jorge*, o que lhes deixou por fora das informações sucessivas a respeito dos erros de continuidade, de estética e roteiro desenvolvidos pela crítica nos *blogs*, nas redes sociais e nos portais de internet. Seguindo os comentários sobre a novela na Internet, observamos que a trama rendeu muitas piadas nas redes sociais e até um *ranking* com os 100 erros de *Salve Jorge*. Destacamos, nos Anexos, alguns desses erros, a partir do chamado pela Revista *Veja on-line* de “Os doze maiores furos de *Salve Jorge*”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/os-12-piores-erros-de-salve-jorge/>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

*Método/A experiência da execução.* Depois de discutirmos os aspectos mais gerais da novela – em especial o problema público da violência do tráfico de pessoas jovens – seguimos com a discussão sobre as personagens. Portanto, nesta sessão, realizamos o levantamento da leitura da mídia através de três questões abertas; em seguida, abordamos aspectos do tema central da novela; depois começamos a discutir sobre as personagens.

#### **a) Personagens femininas e o tema social**

Há na trama um núcleo de personagens que, a partir do ponto de virada no roteiro da novela (quando Morena migra para a Turquia em busca de trabalho e se vê traficada), tiveram mais visibilidade do que outros. O núcleo é das personagens responsáveis pelo desenrolar da trama do tráfico de pessoas: a delegada Heloísa (Giovana Antonelli), a jovem Morena (Nanda Costa), vítima do tráfico, e a empresária Lívia Marine (Cláudia Raia), chefe do tráfico. Curiosamente, a charmosa delegada (que tem um jeito de ser mais parecido com uma “perua rica”) é chamada pelo apelido carinhoso de Helô, mas Morena não tem sobrenome e a traficante tem nome e sobrenome, Lívia Marine.

Cada personagem empreendeu falas e ações envolvidas na temática do tráfico. No questionário, os participantes lembraram a personagem da delegada Heloísa, como uma pessoa dedicada na forma como trabalha; a jovem Morena, como uma pessoa determinada, esperta e corajosa; e Lívia, como um tipo de vilã que deixa a trama mais interessante.

##### **[Sobre Helô]**

**QA1** – Muito dedicada ao seu trabalho;

**QA8** – A forma que ela trabalha, descobrindo os crimes e encontrando os verdadeiros suspeitos;

##### **[Sobre Morena]**

**QA5** – Muito determinada e sabe sair de qualquer tipo de situação;

**QA4** – E mesmo com todas as dificuldades ela não se abaixou para a quadrilha;

**QA2** – Ela é muito esperta para se defender;

##### **[Sobre Lívia Marine]**

**QA7** – Deixa a novela mais interessante.

Também foi lembrado o capataz da Lívia, o Russo (Adriano Garib), como sendo um pessoa com um “*jeito duro de ser*” (QA3). Contudo, como o único rapaz que defendeu a personagem do Russo não quis mais participar do subgrupo das telenovelas, a discussão naturalmente derivou e se concentrou nas personagens femininas da Morena, da Helô e da Lívia.



A admiração pela pessoa dedicada e firme ao trabalho, competente na sua profissão, constitui sentidos mobilizados pela personagem da personagem Helô. A personagem da delegada despertou a admiração também por levar tudo na lei e na firmeza até mesmo na relação com seus familiares.

**Ef** – Pra mim, é a Helô, né, porque sendo da forma como ela... Ela é firme no trabalho, no que ela tá fazendo ali, igual à delegada quando investiga, ela é firme, ela vai fundo naquilo, levanta os suspeitos e se ela achar que aquela pessoa é suspeita a pessoa até confessa que é, então foi o que ela fez com a Lívia... Ela [Helô] fez um esquema lá e descobriu que ela [Lívia] era a chefe mesmo... (sessão 2).

**Af** – Eu também coloquei Helô, porque eu gosto do jeito dela, a mesma coisa que ela [Ef] falou, porque ela [Helô] leva as coisas assim na lei mesmo, porque até com a filha dela e com o genro dela age assim... Eles [a filha e o genro] estavam arrumando um jeito de ser deportado. A filha queria que ela pagasse a fiança pra ele sair, mas ela num pagou não, tava agindo dentro da lei... (sessão 2).

Imperfeições e vícios são toleráveis na Helô, pois compõem uma imagem mais humana da personagem. Mas isso compõe a imagem da personagem contraditória, de uma mulher que sempre exhibe o desejo de ficar sozinha, longe de membros de sua família. O vício em compras surge como válvula de escape dessa vida solitária:

**Bf** – Aquele negócio da Helô [o seu consumo compulsivo por roupas e acessórios] acontece na vida real também, porque tem pessoas que gostam muito de comprar... Ela é muito sozinha, ela é muito durona, por isso que nem a filha dela fica com ela. Eu acho ela muito durona e, nisso [no consumo compulsivo], ela encontra uma maneira de enfrentar... Ela num quer ficar com ninguém, ela quer ficar sozinha... Nem Stênio [ex-marido] num quer ficar... (sessão 2).

Helô e Morena são diferentes personagens de mulheres. Sobre a mocinha da novela, os jovens se lembram do desempenho da esperta (sabe se defender) e determinada Morena, que também se preocupa com a família, pois tenta um trabalho no exterior para ajudar sua família<sup>93</sup>:

**Cf** – Eu acho ela muito esperta, isso sim. Ela sabe se defender... (sessão 2);

**Df** – Dela tentou, foi tentando, tentando, até conseguir fugir da deles lá, da quadrilha que ela tava presa lá... (sessão 2).

---

<sup>93</sup> De fato, as personagens da Helô e da Morena são tipos femininos associados à sociedade de consumo. Iremos desenvolver melhor esse aspecto no capítulo 7, mas lembramos que Holanda (2007, p.118-119) já observou esses tipos femininos admirados por pessoas de distintas classes sociais. São tipos que tentam agregar “características consideradas pelos publicitários como *tradicionais* (a boa dona-de-casa, mãe e esposa dedicada) junto com aspectos que consideram *modernos* (mulher que trabalha fora, independente, elegante e sensual) e que é também muito explorado pelos anúncios publicitários, de forma a agradar vários tipos de público, tanto o tradicional, como o moderno, sem incomodar e nem bater de frente com valores que consideram ser importantes e quase imutáveis nos seus públicos-alvo”. Em se tratando de um meio massivo, as mensagens alcançam um público heterogêneo e, reconhecendo essa diversidade entre tipos femininos, os produtores de informação, tentam reunir elementos simbólicos e culturais aparentemente distintos (de um lado, a delegada Helô, que mora em um apartamento de luxo; do outro lado, a jovem pobre Morena, que mora na favela), promovendo a imagem – como diz a autora – de uma “super-mulher-ideal”. (C.f.: HOLANDA, H.B. de Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. Estudos Feministas, Florianópolis, n.15, jan-abr/2007, p. 177-192).

Interessante lembrar que, na sessão 1, ao debatermos sobre a novela *Cheias de Charme*, o grupo discutiu sobre o sonho das empregadas domésticas em vencer na vida e, ao olharmos para a história da Morena, percebemos a semelhança com as protagonistas da outra novela, no sentido da superação dos problemas da vida: Morena migrou para o exterior, para um mundo além dos limites do Morro do Alemão, também tentando buscar um futuro melhor na vida, assim como qualquer jovem pobre da cidade:

**Bm** – Mas aí ela foi tentar um futuro melhor pros filhos dela, pra mãe dela (sessão 2).

A vilã Lívía foi lembrada por conta de sua pessoa dissimulada, que não demonstra exatamente o que é, semelhante à dissimulação do próprio tráfico que alicia pessoas. Lívía, assim como o tráfico, pode se esconder por trás de situações e pessoas sob os holofotes da mídia que ninguém imagina estar envolvida com criminalidades – já era rica, não precisava ser chefe do tráfico:

**Df** – Pra ninguém descobrir que ela é a chefe, ela fazia negócio de moda e ninguém sabia que ela era a chefe do tráfico... (sessão 2);

**Am** – Acho que por ela ser uma pessoa ser muito vista na mídia, assim, sei lá, né? Ela parece uma coisa e ninguém imagina que ela ia mexer com isso. Já era rica, já tinha dinheiro... (sessão 2).

*Método/A experiência da execução.* Ao final desta sessão – e também ao final da sessão do subgrupo telejornal – observei aqueles jovens mais interessados em participar da pesquisa. Sugeri que os mesmos participantes fizessem parte da sessão 3, quando novamente o subgrupo telenovela iria se reunir. Olhando apenas à sessão 2, observamos que as discussões estavam sempre voltando para o mesmo lugar dos mesmos sentidos em torno do tema social, do comportamento e do jeito de ser de algumas das personagens principais da novela, em especial a delegada, a jovem vítima do tráfico e a traficante. A conversação estava ajudando eles a refletir e discutir sobre os assuntos, mobilizando os sentidos ao redor das personagens e dos temas. Percebi, no entanto, que entre a mídia e a cultura do lugar não havia um entrelace exato, mas que se estabelecia pelas sensibilidades que deslizavam das especificidades dos assuntos para a experiência deles no rural. Já em termos metodológicos, fiquei pensando que um grupo de discussão pode funcionar melhor se o pesquisador conseguir identificar os mais falantes e os tímidos, para tentar estímulos que permitam uma discussão mais homogênea em termos de participação.

### 7.3.2. Considerações

Considerada pelos institutos de pesquisa como uma das piores novelas já exibidas no horário das nove – e talvez a pior já escrita pela autora Glória Perez – a novela teve um ponto de virada no roteiro, motivado pela intensa crítica que sofreu na internet e pelos baixos

índices de audiência. Depois desse ponto de virada, foram ampliadas a participação e a importância da delegada Heloísa na trama de *Salve Jorge*. Na história, podemos observar o momento em que a delegada deixou a Polícia Civil para tomar posse como agente da Polícia Federal e, naquele cargo, passou a investigar indícios do crime de tráfico internacional de pessoas. Com as mudanças no roteiro da história, não somente a Helô, mas também outras personagens tiveram mais visibilidade: Wanda, Russo, Théó, Morena e Lívia. E o problema social do tráfico igualmente ganhou um realce (contudo, a partir daí a novela começou a ser criticada também por deixar de lado outros núcleos de personagens da trama<sup>94</sup>).

A mudança no roteiro da história influenciou na leitura dos jovens e nas escolhas das personagens preferidas (Helô, Morena e Lívia). Na discussão, fomos caminhando por essas personagens e o tema central da trama, buscando as reflexões e conversações entre os jovens<sup>95</sup>. Ao focalizarmos apenas duas personagens, Helô e Morena, conseguimos identificar dois assuntos discutidos mais intensamente, recorrentes nas falas. Organizamos da seguinte maneira:

**Violência contra o jovem** – *Mulher jovem*: O tráfico de pessoas se refere à questão da violência contra a mulher jovem; *Subtração do sonho juvenil*: a violência significa a subtração do sonho juvenil de vencer na vida e de ser feliz com a pessoa amada, subtraindo a autoestima do jovem (ser enganado e obrigada a se prostituir);

**Família** – *Violência que interfere na família*: a opressão exercida pelo tráfico sobre as famílias; *Valor da família*: a necessidade da família como apoio nos momentos difíceis da vida.

Mesmo sendo uma interpretação sobre o jovem no urbano, a novela estimulou a reflexividade sobre os dois temas: “violência contra o jovem” e “família”. Ambos despertaram o interesse da juventude pesquisada e se associaram a um problema público, visível em nossa sociedade: a violência contra a mulher jovem no urbano e que reflete na sua família. Essas categorias também se associaram aos achados da sessão 1. Cada vez mais

---

<sup>94</sup> Esse foi considerado pela crítica como um erro estrutural de *Salve Jorge*, que teve um elenco gigantesco (com grandes atores, como Vera Fischer, Stênio Garcia e Eva Todor) e a autora não soube o que fazer com eles. “Até a própria autora parece ter se perdido em meio a imensidão de personagens. Ela esqueceu de dar maior relevância a alguns deles, que apareceram quase como figurantes”, escreveu a Redação da Veja on-line. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/os-12-piores-erros-de-salve-jorge>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

<sup>95</sup> Apenas salientamos que os jovens produziram sentido sobre a novela *Salve Jorge* tendo como referência a narrativa televisiva disponível. Nenhum dos participantes mencionou as críticas direcionadas a novela na internet.

observamos o valor da família e a importância das informações significativas de utilidade pública que alertam para os perigos sociais.

O alerta sobre o tráfico desperta o aspecto da violência sobre a mulher, obrigada a vender o corpo como mercadoria, assim como na época da escravidão, além do cárcere privado e da prostituição. Trata-se de uma sequência de crimes associados à mulher jovem. O foco da atenção dos participantes estava nas personagens femininas que funcionam reforçando a compreensão desse problema <sup>96</sup>.

Todavia, tendo em vista o contexto da experiência dos participantes da pesquisa, podemos associar todas as categorias até o momento listadas (“lugar de destino da migração”, “superação dos problemas da vida”, “violência contra o jovem”, “família” e “trabalho duro”) a uma situação peculiar vivida pela juventude rural: o sonho juvenil de vencer na vida, subtraído pela violência (urbana) – tendo em vista que Morena foi enganada por uma boa proposta de emprego que nunca existiu.

Aqui lembramos algumas características do mundo urbano (lugar de destino da migração) imaginado pela juventude rural: a presença de uma ilusão da prosperidade no mundo imaginado; o medo da violência urbana que pode usurpar o sonho e a promessa de uma vida melhor; e a promessa de prosperidade que, por vezes, não se completa no real. O clássico sonho do urbano como o lugar de prosperidade na vida se mescla ao receio da violência urbana na contemporaneidade, capaz de usurpar esse sonho tão caro para as classes pobres e que subtrai também a vida juvenil e prejudica suas famílias.

*Salve Jorge* não fala do rural, mas quando o jovem pobre no rural se apropria de sua narrativa, a novela parece estabelecer um diálogo com essa juventude, falando da tentativa de vencer na vida para ajudar sua família, os perigos do mundo estrangeiro, proposta de emprego usurpada pela violência. Com isso, mobilizam valores na experiência juvenil no meio rural. Em Capivara, os índices de violência são praticamente inexistentes, segundo os extensionistas que lá trabalham. Essa sensação de violência é produzida pela mídia, que trata de uma violência urbana – lugar desejado pelos jovens rurais. Esse nos parece um ponto importante.

O momento vivido dos jovens no rural, como já foi dito, é o de decisão entre ficar na roça ou migrar para a cidade. Por isso, chama a atenção o alerta da novela quanto aos perigos existentes nesse mundo urbano relativos às ofertas de emprego. Lembramos, aqui, os sentidos

---

<sup>96</sup> Na novela, podemos observar que existem outros tipos de violência contra a mulher jovem: a dissimulação das mulheres traficantes, que aliciam as garotas; a brutalidade dos homens capatazes (em especial, Russo), que por vezes espancam as garotas traficadas; o sofrimento por não conseguir se comunicar com a família, pois as garotas são trancafiadas no interior da boate; elas são obrigadas a fazer faxina na boate; à noite elas são obrigadas a se prostituírem para sobreviver e render lucro aos traficantes.

que discutimos na sessão 1: a ideia de que nada é fácil na vida do pobre. Por isso, esse alerta significa um pé atrás na relação com o sonho juvenil de vencer na vida no lugar de destino da migração (o mundo urbano): é a recusa do convite fácil para emprego, que contrasta com a característica do trabalho duro experimentado na roça; é mais um obstáculo na vida sofrida do pobre, que exige além de dedicação e força de vontade também ser esperta para viver a vida na cidade, longe da família. Ser esperta igual a Morena.

A categoria “família” se associa ao perfil da Morena e da Helô de maneira diferente: trata-se de duas personagens que produzem sentidos distintos por retratarem mulheres muito diferentes. De um lado, Helô com profissão definida e carreira; jeito de ser admirável, assim como suas roupas e acessórios; mora sozinha. Do outro, a Morena, jovem pobre e desempregada; admirada pela forma como enfrentou e superou os problemas da vida; deseja constituir família e mora com a mãe e o filho. Cada uma, portanto, mobiliza sentidos diferentes em função da classe social, do momento da vida, da faixa de idade, do trabalho etc. Vamos tentar fazer essa distinção e observando para qual sentido as personagens apontam – tendo em vista o que os jovens falaram:

- a) **A personagem e seu sentido “individual”** – *Helô* pertence à classe média alta (trajes sofisticados, sempre elegante, charmosa), que mora sozinha em um amplo apartamento e que tem condições financeiras para alimentar seu vício em compras. A solitária Helô tem problemas com sua filha, com seu ex-marido e com ela mesma. Ela enfrenta o tráfico de pessoas com dedicação e firmeza, assim como enfrenta seus problemas familiares e afetivos, levando na lei ambos os setores de sua vida. Os valores de dedicação e firmeza surgem a partir da personagem admirada pelas moças: talvez Helô pareça inspirar um ideal a ser alcançado em um futuro mais distante: ter profissão, ser independente, etc.; *Helô e sua família*: evita o marido, vive sozinha, não se relaciona bem com a filha e o genro.
  
- b) **A personagem e seu sentido “coletivo” familiar** – *Morena* (apelido ou nome próprio?): representa as morenas anônimas que sofrem a violência urbana. Ela enfrenta os problemas de sua vida individual e familiar de maneira esperta, determinada e sabendo se defender. Morena precisava arranjar dinheiro para comprar a casa onde morava ela, sua mãe e seu filho, pois a família estava na eminência de ser despejada. Mãe solteira da classe pobre, a jovem desempregada Morena queria vencer

na vida. Os valores de “ser esperta”, “determinada” e “saber se defender” surgem a partir da personagem admirada pelas moças: talvez Morena pareça inspirar um ideal a ser alcançado em um momento mais próximo; *Morena e sua família*: A jovem tenta recuperar o sonho subtraído pelo tráfico de pessoas: o sonho da casa própria, de constituir família com o Teo, de morar com a mãe e seu filho.

Preferimos não entrar na discussão sobre a personagem da Lívia Marine. Ela representa o tráfico, a violência que se camufla no convite fácil (associada à categoria “superação dos problemas da vida”), na proposta do emprego fixo, na promessa de prosperidade apresentada pelo outro, pelo estranho. Lívia Marine é a solitária celebridade rica e famosa na mídia que age de forma dissimulada, pois esconde, por trás do trabalho de agenciar jovens modelos, o esquema do tráfico de mulheres. Na relação com o convite fácil que aprisiona e usurpa o sonho de vencer na vida, a jovem pobre precisa ser esperta e determinada para recuperar seu sonho; dedicar-se a superar as dificuldades.

Então, a sessão 1 mostrou, no geral, jovens que realizaram uma leitura da novela das nove apenas pela mídia televisiva, informados nos detalhes da narrativa da trama – alheios às críticas que a internet produziu em torno de *Salve Jorge* – por conta de traços no conteúdo que umedecem a experiência de vida das pessoas.

### 7.3.3. *Subgrupo telejornais*

Neste subgrupo, aplicamos três questões abertas. Perguntamos (a) quais foram às notícias que mais chamaram a atenção dos jovens nos últimos dias; (b) quais as personagens principais dessas notícias; e (c) a qual público cada notícia interessa (as perguntas estão no Quadro 3, nos Anexos).

*Método/A experiência da execução.* Depois do grupo de telenovela, esperei uns cinco minutos até que 9 jovens entrassem na sala e se sentassem. Procedi da mesma forma: quinze minutos para responder a três questões abertas, com no máximo 5 linhas para cada notícia. Diferente do grupo sobre telenovelas, os temas e personagens deste grupo provocou discussões mais calorosas e intensas por parte dos participantes.

(a) Seria a morte de uma menina que foi morta por sua colega em sua casa. O fato ocorrido foi que ela estava com um revólver [revólver] calibre 38 e puxou o cão [o gatilho] e ficou mais fácil o disparo; (b) a colega que matou acidentalmente sua colega; (c) as autoridades porque é um fato que ocorre pouco no Brasil (Q.A. 1).

(a) A morte do cantor Chorão; (b) [?]; (c) aos jovens e outros (Q.A. 2).

(a) O julgamento do goleiro Bruno que durou aproximadamente 4 dias da semana e isso me chamou a atenção por causa que ele era um jogador famoso, que mandou matar a ex-mulher por causa de dinheiro; (b) O goleiro Bruno; (c) Autoridades (Q.A. 3).

(a) O recordista da Itália que morreu justamente no mesmo dia do mês que nasceu e no jogo da Itália contra o Brasil; (b) O recordista; (c) A quem gosta de assistir jogo de futebol e esporte em gerais (Q.A. 4).

(a) A morte do presidente da Venezuela, Hugo Chaves; o abuso dos universitários em relação aos trotes nas universidades em Minas Gerais, que gerou muito preconceito com os estudantes; (b) Hugo Chaves e os universitários; (c) Autoridades, aos jovens, aos pais, professores (Q.A. 5).

(a) A mãe de 14 anos que matou sua filha de oito meses. A mãe e o pai foram presos acusados de espancar a filha. No enterro só foi a avó da menina (que chorava muito) e os repórteres da Record, levando um simples buquê de flor; (b) A criança, ela não tinha culpa de nada; (c) A todas as pessoas, principalmente aos pais, pois é cruel aquele pai que mata o filho, mesmo sendo um recém-nascido, que não sabia ainda como era a vida (Q.A. 6).

(a) A escolha do novo Papa Francisco I, argentino. Me chamou atenção por sua grande humildade, convivendo no meio de todos sem diferenciar ninguém; o caso em Juiz de Fora, um ataque de jovens a um ônibus que levava crianças para a escola, muitos saíram machucados; (b) O Papa Francisco I; as crianças que estavam dentro do ônibus; (c) A todas as pessoas do mundo inteiro, devotos que querem um bom representante; a todas as pessoas que querem e desejam uma justiça melhor, respeito e segurança (Q.A. 7).

(a) O Neima [Neymar] que tingiu os cabelos, ele foi convocado para dois amistosos brasileiros, também ele é um grande ídolo dos fans que assistir ele jogando futebol pela TV e em campo, todos os dias quando tem jogo na seleção brasileira; (b) Neima; (c) Aos jovens que gosta muito de ver seu grande ídolo jogando futebol pela TV Globo nacional brasileira (Q.A. 8).

(a) Julgamento do goleiro Bruno e a escolha do novo Papa. O julgamento durou vários dias, que fez o goleiro pegar uma penalidade mais de 20 anos de prisão, que praticamente acabou com sua brilhante carreira. Um novo papa, novas ideias e a promessa de uma igreja melhor; (b) Bruno e Francisco I; (c) Bruno: os fãs do futebol; Papa: aos católicos (Q.A. 9).

Depois das questões abertas, iniciamos a discussão sobre as notícias que mais chamaram a atenção dos jovens. Na dinâmica do debate, geraram mais discussões os fatos envolvendo sujeitos proeminentes na mídia e o tema da violência. Portanto, duas categorias se destacaram na sessão: pessoas proeminentes e a violência contra jovem, praticada por outro jovem.

Ao todo, foram citados os acontecimentos envolvendo a morte do cantor Chorão, da banda Charlie Brown Jr; a morte do ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez; o desempenho do jogador Neymar na seleção brasileira de futebol; a posse do Papa Francisco; o julgamento do ex-goleiro Bruno. Nem todos acompanharam todas as notícias citadas. E, por

isso, optamos por perguntar a que notícias todos assistiram. Assim, sobre a primeira categoria, a discussão não transcorreu em torno de todas as personagens citadas, mas apenas envolvendo duas, discutidas com mais intensidade.

Com relação à segunda categoria, foram lembrados vários pequenos fatos policiais ocorridos no início de 2013. Aqui destacamos a morte de uma jovem, vítima do disparo acidental de uma arma de fogo dado pela amiga; o assassinato de um bebê, morto por uma mãe jovem; o trote violento dos estudantes de Direito da UFMG; o ataque violento aos estudantes de um ônibus escolar.

A discussão transcorreu, com pouca participação, começando pelo acontecimento da morte do cantor Chorão. Lembraram que o cantor tinha muitos fãs e era muito conhecido pelas pessoas. Reconheceram que a mídia mostrou apenas a “boa imagem” do cantor, como sendo uma pessoa alegre, de bem com a vida, humilde e prestativa para com os necessitados. Apenas um comentário ressaltou o problema do cantor com as drogas:

**Dm** – Quando passou lá [a notícia] só passou falando coisas boas, né? Na reportagem dele, alegre, de bem com a vida (sessão 2);

**Em** – Pessoa humilde... vamo supor, se ele visse uma criança assim com *skate* velho, ele pegava e comprava um novo pra ela...(sessão 2);

**Bf** – falou [a mídia] que ele [Chorão] tinha muito problema com droga...Aí a mulher disse que tentou internar ele, só que num conseguiu, ele num quis ficar lá. Porque já sabia do problema dele... aí queriam ajudar ele, só que ele num queria ser ajudado... então deu no que deu [...]. Aí a mulher disse que tentou internar ele, só que num conseguiu, ele num quis ficar lá. Porque já sabia do problema dele... aí queriam ajudar ele, só que ele num queria ser ajudado... então deu no que deu (sessão 2).

Como dissemos, utilizamos a estratégia do foco nas personagens proeminentes a que todos assistiram nos noticiários da televisão. A estratégia deu certo, pois conseguimos estimular a participação de todos (não se opina sobre algo que não se assistiu ou acompanhou).

Perguntamos qual notícia, dentre todas aquelas citadas, a maioria deles conseguiram acompanhar pela televisão. Ou seja, quais as informações que todos tiveram mais acesso. E, a partir desse ponto, a discussão transcorreu com mais intensidade em torno de duas personagens da mídia: o ex-goleiro Bruno e o Papa Francisco. Um dos participantes chegou a dizer que as notícias envolvendo os dois proeminentes estavam por todos os lados. E, seguindo a pista, estimulamos o debate sobre os sentidos ao redor dessas personagens.

*Método/ A experiência da execução:* Após entregarem o questionário aberto, deixei primeiro eles falarem, sem olhar para o que eles haviam escrito e quem escreveu. Comecei a gravar os



comentários deles a respeito do que tinham escrito. O objetivo seria um levantamento das personagens e dos temas sociais que chamaram a atenção nos últimos dias, bem como provocar uma conversação, identificando questões polêmicas e assuntos que interessam à experiência juvenil. Fiquei muito satisfeito com a participação dos membros deste grupo: no primeiro momento da discussão, sobre o cantor Choro, só três participaram; no segundo momento, sobre o ex-goleiro e o Papa, ocorreu o inverso: apenas duas pessoas permaneceram o tempo todo caladas, enquanto que os demais sempre opinavam. Procurei, também, evitar conversas paralelas para que o gravador captasse a opinião de cada um e a complementação da opinião de um jovem por outro.

### a) *Proeminente 1: o Papa Francisco e a mobilização do sentido da humildade*

A narrativa da mídia que mais chamou a atenção dos jovens foi sobre a posse do novo Papa da Igreja Católica, no mês de fevereiro. A mídia deu visibilidade à chamada “quebra de protocolo” do pontífice, pois era novidade um Papa se recusar a executar alguns protocolos oficiais da Igreja<sup>97</sup>.

Na discussão, os jovens realçaram a humildade e a preocupação do Francisco com os pobres e os jovens. Já nas questões abertas uma jovem lembrou que o novo Papa procurou não se diferenciar de ninguém.

*Método/ A experiência da execução:* Buscando apenas nortear a discussão, deixei que eles destacassem as notícias envolvendo o Papa Francisco e o ex-goleiro Bruno. E nisto a personagem do Neymar não foi lembrada na discussão – e nem do ex-presidente Hugo Chávez – o que para mim foi surpresa, pois eu achava que a personagem do Neymar iria gerar extensa discussão. Apenas um jovem brincou de lembrar sobre o novo cabelo do jogador, mas sem referência ao que ele acha de sua personagem pública.

O sentido da humildade ao redor dos gestos da personagem do Papa foi continuamente lembrado durante as discussões:

**Bf** – Ele [o Papa] andou no meio da praça lá, em Roma, ele atende as pessoas, não andou de limusine que o papa andava... (sessão 2);

**Dm** – Humilde, como nós, assim, vamo dizer assim... (sessão 2);

---

<sup>97</sup> Várias notícias produziram uma visibilidade significativa para o Papa Francisco, sempre motivadas pelos momentos da “quebra de protocolo” do novo Papa. Acompanhando no Google podemos contar, nas primeiras 10 páginas, mais de 100 *links de blogs e sites* de notícias que apareceram sob o título “quebra de protocolo” do novo pontífice. As mídias mostraram que o Papa Francisco: pagou a própria conta em um hotel de Roma (após ser eleito papa); não quis ficar nos aposentos luxuosos reservados para a autoridade máxima da Igreja; andou de ônibus junto com os outros cardeais; preferiu dispensar o trono dourado e o crucifixo de ouro por uma discreta cadeira branca e uma cruz de aço; pediu para confeccionar o tradicional anel de São Pedro em prata, substituindo o anel de ouro; preferiu manter o solidéu branco na cabeça na maior parte dos eventos em que a tradição recomendaria a mitra; não usou sapatos vermelhos com bordados em ouro na Missa Inaugural do pontificado; abraçou fiéis na rua, antes da Hora do Angelus; beijou no rosto a presidenta Cristina Kirchner; abençoou um cão guia; desceu do carro aberto dando sua benção a um bebê e a um homem com deficiência no meio da multidão da Praça São Pedro; lavou e beijou os pés de doze detentos de uma prisão juvenil italiana (entre eles mulheres e muçulmanos); deitou no chão para rezar durante missa da Paixão de Cristo no Vaticano; celebrou a missa vespertina do Jantar do Senhor em um centro penal de menores (e não na Basílica de São João de Latrão, como era habitual aos papas).

**Bf** – Gosta muito dos pobres, né? (sessão 2);

**Af** – Gosta dos jovens também, porque ele vem pro encontro no Rio, o Dia Mundial da Juventude... (sessão 2);

**Bf** – Acho que [a notícia no novo Papa] interessa a todo mundo...(sessão 2);

**Em** – Acho que envolve todo mundo sim... (sessão 2).

**Dm** – Ele [o pontífice] ficou o mais interessado no momento, né? (sessão 2);

Tais opiniões sugerem algumas reflexões sobre o sentido de humildade associada à condição social do jovem rural (“humilde assim como nós”), pois o Papa gosta dos pobres e dos jovens. E em se tratando de diferenças sociais, os sentidos em torno da personagem papal reforçam, também, a ideia de uma autoridade que desce do pedestal de chefe da Igreja para se juntar aos pobres lá embaixo.

Mas o que exatamente teria chamado a atenção dos jovens e mobilizado tais sentidos?

**Bf** – O que chamou a atenção foi no dia em que, nem o roupa do papa ele quis vestir, ele num andou na limusine do papa, nossa... muito bom. Os amigo dele, levou junto, tentaram barrar os amigo dele e ele disse que não, todos iam entrar... (sessão 2);

**Af** – O quarto lá [do papa] que cabia umas 5 pessoas, ele quis um quarto que só cabia um ... (sessão 2);

**Bf** – Porque é bom a gente saber que tem alguém assim humilde. O outro [o papa Bento 16] eu nem... eu pessoalmente nem queria saber. Mas agora esse já deu o que falar. Ele parece igual a gente mesmo, né? Bom a gente saber que tem uma pessoa lá em cima que trata o outro assim com a mesma igualdade, como pessoa igual nós. É bom, pelo menos tá de igualdade com as pessoas. Tem gente que tá no poder que nem olha, né? (sessão 2);

**Em** – Todo mundo espera também que em relação a pedofilia na igreja católica isso mude, né? Porque tem acontecido muito isso... padres, né? (sessão 2).

E lembraram que os políticos poderiam ser assim como o papa:

**Dm** – Acho que os prefeitos e presidentes tinham que ser assim (sessão 2);

**Gm** – Também acho porque o papa mostrou uma tranquilidade imensa e, na cabeça dele, ele tem tudo aquilo que ele deve fazer e assim deve ser os político, ter noção e responsabilidade do que vai fazer (sessão 2);

**Bf** – Ah, eu também acho, porque a pessoa pode tá lá em cima, mas tem que ser assim (sessão 2) .

Houve uma identificação de todos em relação ao sentido da humildade. Assim, reconheceram que, na narrativa da mídia sobre o pontífice, outros assuntos deixaram de ser levantados, apontando que a mídia não abordou os casos de pedofilia, por exemplo. Também

salientaram não entender o porquê da troca de Papas; e a preferência por um pontífice talvez mais midiático:

**Gm** – Primeiro não vejo motivo claro assim pro antigo Papa ter abandonado a Igreja. Problema ele tinha, ele tem, vai continuar tendo, e num tem como resolver tudo de uma vez, tem que acabar com os pouco (sessão 2);

### **b) Proeminente 2: Ex-goleiro Bruno e os sentidos em torno do ex-ídolo**

Observamos no caso do ex-goleiro a oportunidade para discutirmos também os pequenos fatos policiais lembrados no questionário aberto.

As notícias de violência articularam o retorno da discussão iniciada na sessão 1 sobre a violência contra o jovem. Os pequenos fatos policiais citados na redação dos participantes do grupo serviram como pano de fundo para discutirmos a personagem principal do caso Bruno, suspeito de matar a jovem ex-namorada Elisa Samúdio (lembramos do tema discutido no subgrupo telenovelas, a violência contra jovem mulher).

No mês de março, o julgamento do ex-goleiro repercutiu nos noticiários regionais mineiros, bem como na mídia nacional. Acompanhando o caso na mídia<sup>98</sup>, podemos observar que ele sempre apareceu nos noticiários, algemado e com rosto de arrependimento. Na redação, os jovens lembraram que o ex-goleiro matou a ex-namorada por ganância, abalando a “carreira brilhante”.

Portanto, o assunto da violência (discutido no subgrupo telenovela) se relaciona tanto com os pequenos casos quanto o caso do ex-goleiro, assunto que sempre mobiliza o sentimento de indignação e frustração em relação as penas da justiça sobre os criminosos. Vamos observar os trechos da discussão:

**Em** – Porque eles faziam faculdade de Direito e, no caso, estão fazendo tudo errado, ao contrário (sessão 2)

**Am** – Tem muito pai que acha que o filho tá na escola estudando direito, mas não, tá na rua fazendo outras coisa errada, enquanto os pais pensa que ele tá na escola (sessão 2) [sobre os estudantes de Direito];

**Bf** – uma falta de respeito muito grande [...]. A pessoa fica indignada com uma coisa assim, porque é jovem menor de idade e o outro é o jovem indo pra escola, pequenininho... Foi uma falta de respeito... tinha até uma idosa que eles bateram nela... (sessão 2) [comentário sobre a invasão de jovens a um ônibus escolar];

---

<sup>98</sup> Acompanhamos o caso do julgamento do ex-goleiro Bruno pelos jornais impressos populares e pela tevê, mais especialmente pelo programa *Brasil Urgente* (Band), apresentado por José Luiz Datena, bem como os noticiários estaduais *MG TV* (Globo) e *Jornal Alterosa* (SBT). No entanto, notícias sobre atos violentos de Bruno já circulavam pelas mídias em anos anteriores ao caso Elisa Samúdio. Como Bruno era goleiro do Flamengo – um dos times de maior torcida no Brasil –, o crime ganhou repercussão, bem como a prisão do ex-goleiro e os desdobramentos de toda a história, culminando em 2012 no julgamento do Bruno nos tribunais de Minas Gerais.

**Af** – Porque criança de 8 meses não tinha culpa de ter nascido. Se não quer cuidar, não tem. Ter o filho e matar como ela matou, melhor num ter o filho (...). Ou dá pra outra pessoa, pois você matar um recém-nascido que num sabe nada da vida...! (sessão 2)

**Cm** – Tinha que falar mais [as reportagens] da consciência da pessoa, né...? A consciência da pessoa, onde que ela tá...(sessão 2) [sobre a jovem mãe que matou o filho recém-nascido];

**Af** – Acho que eles fazem o que fazem e ainda saem de lá rindo, porque tá na cadeia, chega lá arruma um advogado bom, paga a fiança e sai! Sai rindo ainda do que fez. Se faz isso eles num pensa no que fez não. Uma pessoa vai lá hoje e mata, vai preso, vai no julgamento e tem uma pena de 20 anos reduzida pra 4 (sessão 2) [comentando todos os assuntos anteriores].

Alunos que cursam Direito não podiam fazer o que é errado; pais acham que os filhos estão estudando direito, mas não estão na escola, mas sim na rua “fazendo outras coisa errada”, como, por exemplo, desrespeitar as pessoas na rua, causando indignação e agindo com irresponsabilidade. Nisso, então, há uma descrença quanto às instituições, que não agem corrigindo o erro dos jovens. E, assim, bem informados sobre o desenrolar dos fatos policiais, os participantes debateram sobre os sentimentos e a moral envolvida nesses fatos, que remetem para uma afirmação “fazer a coisa certa”: a necessidade do jovem fazer o que é direito; valorizar o compromisso do estudante em estar na escola (e não na rua); respeitar os inocentes; ter consciência de família; existir leis mais duras contra jovens delinquentes.

Essa discussão também se associou ao debate em torno do caso do ex-goleiro e que retorna a perspectiva conservadora do “fazer a coisa certa e direita”: merecer pagar pelo que fez, perdeu tudo por causa de algo mínimo. Alguns comentaram sobre a decisão do tribunal:

**Am** – Foi reduzida [a pena do Bruno] pra 3 anos. Vai cumprir mais três fechado e pra ele cumprir o regime semiaberto tinha que arrumar um time de futebol pra ele jogar e já arrumaram um time pra ele jogar... (sessão 2);

**Em** – Acho que é uma segunda chance que ele não merecia. Acho que ele tinha que pagar o que ele fez (sessão 2);

**Bf** – Era [o valor da pensão] uma coisa mínima que ele tinha que pagar para ela [Elisa Samúdio], agora perdeu tudo por essa coisa mínima que ele achava que era demais, né? Perdeu tudo por causa disso. Era muito mais fácil pagar o que ela pedia (sessão 2);

**Bm** – que de uma hora pra outra se envolveu na morte daquela ex-mulher dele (sessão 2);

**Gm** – não precisava fazer o aquele fez, foi uma coisa sem necessidade. Isso significa que as más companhias pode ter influência na sua vida também (sessão 2).

Levar tudo na lei parece ser um traço desse grupo juvenil, indignado com a segunda chance não merecida pelo Bruno e por todos aqueles que praticam crimes violentos. Tudo tem

um preço e a pessoa precisa pagar pelo que fez. No caso do Bruno, os jovens acreditam que ele devia uma coisa mínima e não quis pagar, por isso não merece segunda chance. As más companhias em torno do ex-goleiro também foram lembradas.

*Método/ A experiência da execução:* aqui também senti que a discussão voltava sempre para uma leitura sobre os valores e os sentidos em torno do comportamento das personagens das notícias. Apesar de ter sido um grupo de 10 pessoas, foi mais fácil trabalhar com este grupo, pois a maioria tinha opinião sobre as notícias, demonstravam estar informados sobre o assunto e com vontade para comentar. Cada notícia estimulou um debate diferente, valores e sentidos diferentes. Uma dúvida: a cada sessão manter a discussão sobre os mesmos personagens ou variar conforme as notícias da semana? Acho que talvez rendesse ainda uma discussão sobre o Papa e o goleiro Bruno.

#### **7.3.4. Considerações**

Os rapazes salientaram na discussão o sentido da humildade em torno do cantor Chorão, um sentido associado à pessoa que ajuda os mais necessitados. Em seguida, para afunilarmos o debate, recortamos as personagens mais vistas na mídia, aquelas que permitiriam mais participação dos membros do grupo. Os pequenos fatos policiais se associaram a um proeminente, o ex-goleiro Bruno, enquanto que outro destaque foi para o outro proeminente, o Papa Francisco.

As duas personagens produzem sentidos antagônicos na experiência juvenil. A personagem do pontífice apontou à discussão sobre humildade. A humildade vista como alguém que ajuda os necessitados, mas também se posiciona humilde diante do outro, enverga-se e se torna “gente como a gente”, tratando as pessoas com certa igualdade, inclusive os jovens. Essa perspectiva do envergar-se significa comunicabilidade, pois revela uma tentativa de comunicação ou de tentar ser quase igual ao outro em condição social inferior. Só quem se enverga é o sujeito que está em posição social elevada na sociedade. Segundo as falas dos jovens rurais, isso é um assunto que interessa ao mundo todo: a personagem do novo papa e suas atitudes humildes interessam em um mundo marcado pela ganância, ambição e violência. Ganância e violência foram sentidos indicados pelas moças no debate sobre o julgamento do ex-goleiro Bruno.

Francisco e Bruno (“anjo” e “anjo caído”; “céu” e “inferno”) revelam uma forte oposição de personagens que se articulam com a experiência juvenil. As mídias expõem a personagem do Papa empreendendo um discurso em favor dos jovens e dos pobres; o ex-goleiro no banco dos réus se posiciona como um ex-ídolo de uma juventude amante do futebol. Quer dizer, as narrativas midiáticas representadas por tais personagens deslizam e

umedecem o solo da cultura rural, mas também do momento vivido pelos jovens que buscam melhoria de vida fora do rural. Fazem sentido em um cenário de violência contra a mulher; de violência de jovem contra jovem, que gera uma indignação por parte das moças e rapazes (lembramos da violência contra a mulher jovem mostrada pelo tema social do tráfico de pessoas na novela, discutido no subgrupo telenovela, nesta sessão 2). E aí personagens midiáticas que tocam certos valores se destacam mais do que as outras, conforme a cultura do lugar e o momento vivido por cada grupo social.

Todos esses valores que fazem sentido em torno dos anônimos personagens dos pequenos fatos policiais (indignação, desrespeito, injustiça, falta de consciência, falta de apoio da justiça, maus exemplos nas instituições de ensino superior) e dos proeminentes da mídia se associam ao *primeiro núcleo de relações de sujeitos*, a família com o “núcleo duro” (pais e filhos) e que reverbera para o segundo núcleo, a comunidade de parentesco, compadrio e dos amigos. Envolve tensões na tessitura das experiências das pessoas formada por conflitos geracionais, de gênero e de circunstâncias que caracterizam certas uniões familiares (famílias monoparentais, relações com padrasto ou madrasta etc.).

A descrença em relação aos indivíduos da comunidade não indica um descrédito com relação aos membros do primeiro núcleo de relações do jovem, mas sim aponta, de maneira significativa, para os valores com sentido estimulados pelas personagens e temas da mídia, que produzem interlocuções com os sedimentos da experiência familiar.

A proximidade da pessoa pública, em posição social elevada, que se curva para os mais necessitados, produz valores que fazem sentido (alegria, de bem com a vida, humildade, prestativo com os necessitados, responsabilidade, atenção aos pobres, tranquilidade ou serenidade, igualdade) nesse cenário juvenil marcado por esperanças e expectativas de pessoas públicas que deem exemplo: exemplos de uma pessoa divertida (assim como eles, os jovens rurais), de bem com a vida, mas também prestativa, que cuida do outro necessitado com serenidade e igualdade.

A leitura mostra consonâncias e dissonâncias de sentidos com as atitudes dos proeminentes na mídia. Os jovens, por exemplo, não apontaram as intenções políticas das atitudes midiáticas do representante mais importante da instituição secular de maior influência na história da humanidade. Para eles, importaram outras intenções políticas, mais situacionais e que interessam às expectativas juvenis do momento: por uma personagem que reforcem valores alinhados às experiências do seu primeiro núcleo de relações, a família.

Para eles, parece causar uma frustração os “ídolos caídos”, aqueles que poderiam dar exemplo: do pedestal de celebridade jovem, Bruno e Chorão desceram para o subterrâneo da vida – o cantor “boa praça” que sucumbiu às drogas; o goleiro-celebridade do Flamengo que estava, agora, cabisbaixo e algemado no tribunal. É preciso envergar-se do pedestal da fama e da visibilidade midiática na direção dos pobres e jovens e necessitados de emprego fixo, trabalho e estudo no início de suas vidas.

O ato de se curvar significou, na discussão, a recusa das regalias promovidas por esse pedestal – no caso do Papa, a liturgia do cargo (a vestimenta, o carro papal). Os jovens salientaram que sempre é bom saber que existe uma pessoa humilde lá em cima que trata a pessoa com igualdade, pois tem gente que está no poder e nem olha para quem está embaixo. O valor da humildade esconde um sentido apurado na experiência desses jovens: significa esperança e expectativas em torno da recusa da pompa oficial em todo o cargo político; a valorização das atitudes simples, enquanto mensagem para o jovem de hoje – principalmente de contexto de vida popular – e suas preocupações em torno dos objetos materiais (que podem levar o jovem às drogas e a criminalidade).

Quando inserimos tudo isso a um universo rural marcado pela experiência da migração de jovens para o mundo urbano, tornam-se ainda mais claras as considerações acima. E, aí, saímos do primeiro núcleo familiar na direção da vida social, rumo às coletividades em conflito.

O contexto mediatizado da violência (crime, drogas, bens materiais) se mostra mais intenso na cidade, lugar de destino da migração. A mídia mostra um contexto urbano contemporâneo em crise, marcado por um ambiente que põe em risco de vida toda a juventude (em especial, a de contexto popular). A clássica prosperidade proporcionada pela cidade cede espaço para uma frustração que se produz quando o jovem não enxerga mais exemplos na sociedade, motivando esperanças em torno de autoridades que se preocupam com os mais necessitados (os jovens pobres).

Nesse conflito dos jovens com as autoridades, inspirado pelas narrativas da mídia, Francisco sugere paz e humildade entre os jovens e entre os jovens com as autoridades que se curvam aos problemas juvenis; Bruno mobiliza o receio da violência contra mulher jovem e o clamor por mais justiça contra crimes passionais.

Nesta sessão 2, no primeiro encontro do subgrupo telejornais, destacamos entre as notícias que mais chamaram a atenção dos jovens os assuntos relacionados aos proeminentes e a violência contra o jovem.

## 7.4. Terceira Sessão

### 7.4.1. Subgrupo telenovelas

Começamos a sessão 3 conversando sobre os sentidos ao redor das personagens femininas Helô e Morena. O que é ser dedicada na vida?

**Af** – Dedicada é assim...ela [Helô] tem amor e carinho pelo que ela faz, ela dá o melhor dela praquilo dá certo. Se ela tem um caso e ela quer que dê certo, num importa as coisas pra ela, então ela tem carinho e amor pelo que ela faz, acho que é isso (sessão 3).

Não importam os problemas da vida, mas sim “ter amor e carinho pelo que faz” para superar os obstáculos do caminho. A trama abordou o vício em compras da Helô em tom de comédia. Na leitura dos jovens, no entanto, a dedicada Helô é vítima de um vício que ela não consegue superar, motivado por outro problema difícil de resolver, a relação com sua filha. Essa personagem e seus sentidos juntam-se em um perfil contraditório:

**Y** – Voltando para a delegada Heloísa, na novela, vocês disseram que ela é durona, dedicada, mas é sozinha. Leva a filha e o marido na lei pra aguentar a vida que ela tem. Então o vício em compras seria uma resposta a essa vida dura e sozinha. Uma de vocês falou isso (sessão 3);

**Cf** – Esquecer dos problemas. Da própria família dela (sessão 3);

**Y** – Mas vocês acham que isso torna a delegada boa, ruim, o que vocês acham? (sessão 3);

**Cf** – Acho que torna...boa. Ela quer que a filha dela seja assim...direita! (sessão 3);

**Af** – Só que ela tenta, só que não consegue que seja certa [a filha dela], e aí ela acaba levando pras compra (sessão 3);

**Cf** – Ela é uma vítima das compra. Ela num olha preço quando tá comprando. Acho que é pra ela esquecer um pouco os problemas, pra desabafar (sessão 3).

*Método/A experiência da execução:* Começamos a entender, a partir desta sessão 3 – tanto no grupo de telenovela quanto de telejornais – como funcionava o método do grupo de discussão. Primeiro percebi a dinâmica, que vai refinando os membros do grupo. Ao longo da execução das sessões, o *corpus* vai se definindo e, ao final, nas últimas sessões, só ficam os membros interessados em participar da pesquisa (aqueles que desde o início já estavam ali presentes e atuantes). Depois, entendi aqui que o grupo de discussão funciona como um provocador de conversações que, sem ele, entraríamos em contato apenas com o universo restrito das interpretações do indivíduo (como em uma entrevista individual, por exemplo), sem a possibilidade de visualizarmos os estímulos nas interpretações de grupo provocado pelas narrativas midiáticas; as interações entre os sujeitos e suas aproximações e afastamentos na relação com o produto de mídia. Pensei logo naquelas ideias que dizem: o caminho se faz ao caminhar ou quando interagimos socialmente. Portanto, imagino que o “projeto de mundo” onde a personagem se situa na narrativa da mídia, articula-se pela linguagem (do telejornal e



da telenovela) e das características da personagem em ação, que provoca um pensar da experiência de vida do público, onde a conversação no grupo de discussão exerce papel fundamental como mediador que articula as narrativas das experiências.

Procurando alguém dedicado e firme próximo aos jovens, que causa admiração, alguns jovens lembraram os professores da escola em que estudam. Explicaram que certos professores são dedicados e firmes (realizam o trabalho com amor e carinho pelo que fazem), preocupados com o aprendizado dos jovens, algo importante na vida quem deseja conseguir um emprego fixo ou trabalho no futuro.

**Y** – Então quem vocês conhecem na vida que é dedicado ou dedicada ao trabalho, durona ou durão, pra entender melhor o que é ser dedicada ao trabalho. O que vem na cabeça de vocês? (sessão 3);

**Bf** – É a professora de português [risos]. Leila (sessão 3);

**Am** – Tem também o de matemática... (sessão 3);

**Y** – Quem são esses professores de português e matemática, descrevam como eles são... (sessão 3);

**Af** – Ela quer que os alunos dela tire nota boa, se algum aluno tira nota ruim ela volta na questão explica de novo até o aluno entender. Assim também o professor de matemática, eles querem que o aluno saia da escola sabendo. Não empurrada (sessão 3).

Dedicação no sentido de amor e carinho tem a ver com cuidar do outro. Talvez não o outro que está ao lado, mas sim o outro que se posiciona em situação de necessidade, que precisa de cuidados. Ao associarem o sentido da dedicação aos professores, podemos observar que “dedicação” parece se inscrever em uma espécie de relação hierárquica, de alto e baixo (de sua posição social, Helô luta e ajuda Morena; do alto de seus conhecimentos, o professor ajuda o aluno). Observamos nas falas que a dedicação pode não ser do jovem, mas do outro que se dedica a ele. Trata-se daquele que reparte o conhecimento com o outro, que ajuda junto ao longo do caminho para que o jovem não atravesse a experiência escolar “empurrado”.

**Y** – Uma pessoa dedicada é uma pessoa que supera as dificuldades na vida? (sessão 3);

**Af** – Com certeza porque, se ela acredita naquilo que ela quer, uai, vai conseguir (sessão 3);

**Y** – A dedicação tem a ver com superação na vida? (sessão 3);

**Bf** – Com certeza (sessão 3);

**Y** – E os professores vocês acham que estão lutando com vocês nesse sentido? Por quê? (sessão 3);

**Bf** – Eles lutaram muito pra tá onde eles tão hoje, né? (sessão 3);

**Af** – Tem muito professor que num tá muito ligando pro aluno, não, passa empurrado... tem uns que dá nota pro aluno passar, e eles não, eles quer que o aluno estudo, se esforce e aprenda (sessão 3).

Percebemos que a dedicação no mundo juvenil tem a ver mais com dedicar-se àquilo que lhe interessa no momento da vida. O jovem no rural se interessa por roupa nova, pelo tipo de celular, por escutar música no último volume ou pelo lazer do final de semana (ou em assistir aos programas preferidos na tevê). Na citação abaixo, podemos confirmar a perspectiva de que a “dedicação” não do jovem, mas sim do outro que me ajuda. A dedicação só é dele quando se associa ao sentido de superação dos problemas da vida.

**Y** – Ela é firme, dedicada, porque leva tudo na lei. Certo? (sessão3);

**Cf** – Certo. (sessão3);

**Y** – E vocês levam tudo na lei também? (sessão3);

[Risos]

**Bf** – Acho que pela idade nossa a gente leva entre aspas, né gente, porque a gente num esquento muito com as coisa não, esquento em comprar roupa, se tem celular bão, se tá comendo, se tá saindo de casa (sessão3);

**Cf** – Tem gente que esquento, mas num desabafa com ninguém, só fica com a pessoa mesmo. Eu penso assim (sessão 3);

**Y** – Bom, vocês admiram a pessoa firme, dedicada ao trabalho, como os professores de vocês, mas vocês admiram, mas não são assim, é isso? Leva tudo na lei, na dedicação... (sessão 3);

**Af** – Eu sou dedicada pra umas coisa, pra outras não... (sessão 3);

**Y** – Mas vocês acham que dedicação e firmeza superam dificuldades, né? (sessão 3);  
[risos]

**Y** – Como é isso? Vocês admiram, mas têm feito alguma coisa pra ser assim? (sessão 3);

**Bf** – A gente muitas vezes é dedicada quando quer uma coisa, aí a gente se dedica pra conseguir aquilo. Eu acho que é o caso da professora, ela dedicada pra a gente aprender, enquanto a gente num aprende, ela num sossega. Acho que a mesma coisa com a gente, enquanto a gente num aprender, a gente tenta se dedicar (sessão 3).

Helô é vista mais como dedicada e firme, aquela que ajuda o outro mais necessitado. Seu vício em compras não desmerece a associação desses valores à personagem. Helô é vítima das compras e isso legitima ainda mais os valores ao redor dela. Já Morena é compreendida por ser esperta e determinada, mas, na trama, ela supera seus problemas na Turquia, sem a ajuda do Théo (a personagem masculina). Apesar das diferenças, Helô e

Morena se assemelham por esta perspectiva: elas são solitárias na superação de seus problemas. O que legitima ainda mais os valores ao redor da personagem da Morena?

**Y** – Então, gente, o príncipe [Théo] não salvou a mocinha [Morena] como nos contos de fada. A Morena foi que se salvou. Não foi? O que vocês acham? (sessão 3);

**Df** – Ele num salvou ela porque num sabia onde que ela tava, sabia que ela ia trabalhar fora, mas num sabia...por isso que ele num salvou ela. Se ele soubesse acho que ele salvaria ela sim (sessão 3);

**Y** – A Morena não se salvaria primeiro já que ela é esperta? (sessão 3);

**Af** – Se ele soubesse... (sessão 3);

**Cf** – Ele foi até no aeroporto. Quando ela foi viajar, acho que ele sabia, e foi atrás dela, só que num deu tempo. Talvez se tivesse chegado tinha evitado (sessão 3);

**Bf** – Como ela num sabia, ela tinha que se virar sozinha porque até mensagem pra ele pelo celular ela mandou (sessão 3).

**Y** – Mas, vamos lá, ela é esperta. Nisso vocês concordam, então, em quais momentos na vida a mulher precisa se virar sozinha, ser esperta? (sessão 3);

**Af** – Quando num tem ninguém do lado dela pra ajudar. Quando tá numa dificuldade, num aperto... (sessão 3);

**Y** – Em que momento a gente tem que ser determinada, sem precisar da ajuda do homem. Ela falou quando a coisa aperta (sessão 3);

**Cf** – Quando a gente tá sabendo assim de uma coisa que num pode contar pra ninguém, a gente tem também que se virar sozinha, num pode contar com a ajuda de ninguém (sessão 3).

O que legitima os valores individuais da Morena é a circunstância em que se envolve a personagem. Por não ter ninguém ao lado para lhe ajudar nas dificuldades (para conversar, para compartilhar, para ajudar), Morena precisou ser esperta, determinada, saber se defender e se virar sozinha. Ela também tinha que guardar segredo, pois não podia contar o que estava acontecendo com ela por conta da ameaça sofrida pela família.

Resolvemos, então, iniciar uma discussão sobre a necessidade da personagem masculina (pai, irmão, namorado, marido) na vida da mulher no meio rural e vice-versa, para compreendermos se algo na experiência de vida daquelas jovens, relacionado ao assunto, poderia estar motivando tais falas. Encontramos a consciência, entre as moças, do valor do trabalho doméstico e do papel social mais tradicional da mulher na família (distante da personagem da Helô, enquanto mulher moderna), com suas funções “do lar” bem definidas e diferentes das funções do homem. E tanto um quanto o outro se complementando, como parceiros de uma vida familiar.

**Y** – Vocês acham que a mulher de hoje é assim? Precisa do cavaleiro [Théo, o militar que andava a cavalo pelo morro carioca], do mocinho, (Y, sessão 3);

**Bf** – Não, sem brincadeira, mas acho que muita gente hoje dia depende de homem, a maioria sim (sessão 3);

**Af** – Não, o homem que depende da mulher, porque a mulher lava, cozinha e ainda trabalha, tem homem que faz arroz e feijão joga na parede e aí gruda (sessão 3);

**Df** – Num sabe fazer nada. O homem num sabe lavar, passar, cozinhar... (sessão 3);

**Af** – É raro um homem que limpa a casa direito, é raro um homem que sabe passar roupa direito, é raro homem que sabe lavar roupa direito, é raro homem chefe de cozinha... (sessão 3);

**Bf** – Acho que tanto a mulher quanto o homem precisam um do outro, porque tem coisa que homem sabe fazer que a mulher num sabe, tem coisa que a mulher sabe fazer que o homem num sabe. Então, num tem essa de que a mulher num precisa do homem, nem o homem num precisa da mulher (sessão 3).

A personagem da Lívia Marine é vista como uma personagem com estilo frio e calculista, sutil, que se utiliza de maneira bem feita, sem deixar rastros, por meio dos mecanismos de dissimulação (presença falsa, choro falso), sem deixar pistas:

**Am** – Ela tem estilo, né. Mata uma pessoa, vai no velório e ainda chora (sessão 3);

**Af** – Ela é fria e calculista. Tudo que faz, faz bem feito (sessão 3);

**Cf** – Num deixa rastro (sessão 3);

**Bf** – Sabe desviar do problema quando acontece... (sessão 3).

*Método/A experiência da execução:* Aos poucos fui percebendo que poderia utilizar os gestos das personagens da novela para discutir com eles assuntos da vida. Reconheço que somente no decorrer do grupo de discussão percebi as personagens como articuladoras de reflexões e conversações. Em alguns momentos, apresentavam-se alguns aspectos típicos da vida juvenil, mas me interessava também aspectos de grupo, relativos especialmente ao “ser jovem rural”. Notei uma articulação interessante entre a novela e a vida: ser esperta na vida, agir com firmeza ou dedicação para conseguir o que deseja na vida, o foco no lado positivo das ações, o que as personagens femininas na novela fazem pensar sobre a condição da mulher na sociedade, etc. Passei para perguntas mais relativas a condição do jovem rural e a vida no mundo fora do rural (ou vida no exterior, assunto também tratado na novela). O roteiro da discussão, então, seguiu pelas personagens que mais chamaram a atenção, por seus aspectos de sentido e terminando com as articulações com a vida e com o tema social na novela.

Os valores da dedicação, da firmeza se associam ao ser esperta, determinada, saber se defender e se virar na vida para não se deixar ser enganada pelas promessas de melhoria de vida. Isso nos aproxima da figura da Morena, a personagem da trama mais identificada com os jovens. E aí propusemos um debate: de um lado, Morena procura melhorar sua vida saindo das cercanias de seu mundo, o morro do Alemão, para se aventurar em outro mundo

completamente estranho, a Turquia. Do outro, procuramos fazer uma relação com o momento vivido na experiência de vida deles, o momento de sair do rural para tentar melhorar de vida na cidade. Faz-se necessário ser esperta e determinada, como a Morena, quando o assunto é a migração do jovem rural do campo à cidade?

**Af** – Se for um serviço muito fácil pra ganhar dinheiro, tem que desconfiar, né? Por que na vida nada é fácil tudo tem um preço, pois ela [Morena] achou que ia trabalhar, que ia ganhar monte de dinheiro chegou lá a vida era muito diferente. Ela pagou um preço, né? Tem que desconfiar (sessão 3).

Depois da resposta da “Af” (que retoma a perspectiva de que tudo tem um preço na vida do pobre), falamos sobre o momento vivido deles, que envolve a decisão de ficar ou sair da roça; seguir além das fronteiras do rural, rumo à cidade, representada na novela pelo mundo exterior, a Turquia. Deixamos a novela de lado para conversarmos sobre o presente e o futuro daqueles jovens. Só uma jovem comentou minha pergunta. E o silêncio continuou na pergunta seguinte:

**Y** – Vocês estão no terceiro ano, daqui a alguns meses vocês irão terminar uma etapa da vida de vocês. Acho que vocês já estão pensando muito nisso, né? Acabou o terceiro ano, tem uma decisão a ser tomada: ou seja, vocês terão que ser, em algum momento, esperto, firme, dedicado para superar as dificuldades, para viver no mundo fora do local onde vocês moram. Vocês moram aqui, existe uma vida fora desse mundo que vocês vivem, e vocês acham que, assim como na novela, vocês tem que tomar certo cuidado quando for sair daqui, para o mundo fora do lugar onde vocês moram? (sessão 3);

**Bf** – Tem que tomar cuidado, pois tem muita coisa boa, mas tem muita coisa ruim. As companhias que você arruma. Você tem também que pensar. Por conta que depois que você encontra um caminho ruim, num tem como voltar para casa mais não. Se for um caminho ruim, aí você nunca vai dormir sossegado. Você sempre vai ter uma preocupação. A gente tem que tomar muito cuidado. Tem coisa boa e ruim (sessão 3).

**Y** – Alguém aqui já tem algum plano pra sair? Ou sonho até? [silêncio] (sessão 3).

*Método/A experiência da execução:* Eu esperei até aquele momento para “jogar” a pergunta que tanto queria fazer para aquele grupo de discussão. Perguntei se alguém ali já teria algum plano para sair do rural ou sonho de sair do rural. O grupo de discussão calou-se por alguns segundos com aquela pergunta. Um silêncio que demonstrava a seriedade do assunto em pauta, mas também um silêncio que explicava um tema não afligindo tanto os corações dos jovens. Na tentativa de tornar o assunto menos sério, procurei brincar com a situação, tentando retirar o olhar sobre eles mesmos. “Eu tenho um sonho, sabiam?”, e aí chamei os olhares deles para mim. E brinquei dizendo que gostaria de conhecer a Turquia, mesmo sem dinheiro para conhecer aquele país. Depois de algumas brincadeiras, os risos e as conversas paralelas voltaram ao grupo de discussão. E retomei a pergunta, desta vez no clima de risada: “E aí vocês tem sonho assim, eu quero ir e vou, ou não?”. E a discussão voltou. Foi um momento de silêncio que eu não esperava acontecer e que me obrigou a ter um pouco de “jogo de cintura” para contornar o assunto sério com uma brincadeira e retomar o assunto depois. Um aprendizado neste caminho de execução do grupo de discussão.

Duas jovens foram determinadas ao enfrentar a pergunta, uma dizendo que deseja continuar os estudos e a outra trabalhar na cidade grande. Outra jovem também foi firme, mas com opinião contrária. A conversa transcorreu mais entre elas do que motivado pela minha presença. Uma jovem mais quieta comentou a fala da moça que estava na dúvida entre sair da roça ou ficar: ao dizer “se vai voltar pra roça, né?”. A menina explica a fala da outra: o receio de voltar fracassada para a roça, sem o reconhecimento dos familiares e amigos. Para que planejar se já sabe que vai voltar? Pela fala da jovem, a migração à cidade não é definitiva, e nem precisa ser planejada, pois os jovens sempre voltam para junto dos pais depois de não se acostumar com a vida na cidade ou não dar certo no trabalho na cidade.

**Af** – Eu tô aqui e ano que vem eu quero tá na universidade (sessão 3);

**Bf** – Eu tô naquela, se eu num conseguir bolsa na UFV, eu vou trabalhar em Juiz de Fora (sessão 3);

**Df** – Eu num tenho sonho não [risos]. Eu num vou sair não. A gente num sabe o que acontece com a gente, o dia de amanhã e o dia de depois...! Acho que tem que tocar a vida pra frente, meu filho, quando tirar meu terceiro ano vou ver ...num vou fazer plano, não, a gente faz plano e dá tudo errado! Vou deixar o que Deus mandar, se eu vou pra fora ou se fico aqui. Pra que você vai sonhar em ir pra fora se você volta pra roça (sessão 3);

**Ef** – Se vai voltar pra roça, né? (sessão 3);

**Df** – E se sabe que vai voltar pra roça... Como é que vou pensar que vou pra universidade, que vou pra rua [cidade], se a gente num sabe o dia de amanhã? Num tem como! Mas a gente pode pensar no que a gente tá fazendo. Muito difícil... (sessão 3).

Os aspectos levantados por “Df” estimularam as outras meninas à discussão. Duas perspectivas em conflito na experiência de vida dos jovens rurais: planejar o sonho de vencer na vida migrando para o urbano; a dúvida se esse sonho se completa mesmo no real, já que os jovens voltam para a roça. As duas outras meninas sustentaram o planejar do sonho, a necessidade de se planejar o futuro pelo menos um pouco.

**Bf** – Eu acho que a gente tem que planejar um pouquinho sim, porque aí a gente vai ter um objetivo, né? Porque a gente num vai ficar naquela de esperar acontecer, a gente vai viver pra fazer aquilo (sessão 3);

**Af** – A maioria das coisas que a gente tem na vida, a gente planejou pra ter aquilo ou a gente pensou muito... por exemplo, quero um celular digital. Aí a gente foi juntando dinheiro, juntando, juntando, e consegui comprar aquilo... se você num planejar, for no impulso, talvez num vá dá certo também (sessão 3);

**Bf** – É. Por que aqui é uma coisa, depois que a gente sai daqui... (sessão 3).

Ao final daquela sessão, procuramos arrematar a discussão em torno dos sentidos articulados pelas personagens femininas da novela com os projetos de vida dos jovens rurais. Indagamos sobre a necessidade do jovem que migra ou do jovem que fica no rural em ser firme ou dedicado, com o objetivo de ajudar a família a melhorar a propriedade e a casa onde mora; ou construir sua própria família.

**Y** – As ideias que os personagens da novela passam de firmeza, dedicação, esperteza, inspiram os projetos de vida de vocês? (sessão 3);

**Bf** – Sim, porque a gente cresce mais. Com os serviços, a gente tem que ser sempre dedicado, porque se não a gente nunca vai conseguir o que a gente quer (sessão 3);

**Y** – Os que vão esperar as coisas acontecerem, é preciso ter firmeza pra tocar a vida por aqui? (sessão 3);

**Df** – Num sei... (sessão 3);

**Y** – Penso assim, se eu vou ficar, tenho que pensar em melhorar minha casa... (sessão 3);

**Af** – Por exemplo, se você ficar na roça aí, a vida toda, eu também tenho que arrumar meu serviço também pra ajudar minha mãe, talvez ela precise de alguma coisa também, um dinheiro, eu tô trabalhando, aí posso ajudar também em alguma coisa... (sessão 3);

**Df** – Num planejo nada antes...seja o que Deus quiser... (sessão 3);

**Bf** – Mas nem um pouquinho? (sessão 3);

**Df** – Eu num sei o que vou fazer! (sessão 3);

**Bf** – Você pode ajudar ela [a mãe da garota], trabalhar pra ajudar em casa... (sessão 3).

Na conversação acima, observamos que a dedicação não existe apenas para o jovem alcançar objetivos individuais, mas há uma preocupação também em ajudar a família. No entanto, olhando de perto a fala de “Af”, podemos observar certo desprezo pela vida na roça: “Por exemplo, se você ficar na roça aí, a vida toda...”.

Podemos constatar que o momento vivido do jovem rural no 3º ano do ensino médio da escola rural é constituído por uma escolha difícil, que gera muitas dúvidas e motiva planejamentos para se alcançar objetivos futuros.

*Método/A experiência da execução:* Depois da fala das garotas acima, houve um breve silêncio. Preferi encerrar aquela sessão e desliguei o gravador, mas senti a necessidade de ajudar aqueles jovens com alguns conselhos: talvez tenha sido neste instante que percebi aquele momento importante na vida deles. Notei na última fala da Df que ela estava ansiosa com o assunto, pois parecia que lhe angustiava o fato de precisar decidir sobre algo tão importante. Notei que ela esboçou uma vontade de chorar. Senti-me tocado no sentimento, pois de fato é duro aos 16 ou 17 anos tomar decisões tão importantes. Não é somente decidir o

curso que deseja fazer na universidade – decisão de um jovem urbano de classe média nesta faixa etária – mas decidir em deixar os amigos da escola rural, da circunvizinhança, o lugar próximo da natureza onde nasceu e cresceu, bem como saber como ajudar a família que fica na roça. Por vezes quando uma decisão tão importante como esta aparece, paralisa o sujeito. Notei que as meninas tentavam ajudar a amiga (Df), também dando-lhe conselhos (observe as falas finais acima), procurando fornecer alguma saída. Naquele dia não sabia que só na sessão seguinte eu iria entender melhor a importância que o jovem rural dá ao emprego fixo e ao trabalho em profissões fora do rural. Para eles é crucial ou passar em uma universidade pública ou conseguir um emprego fixo na cidade. As falas destas garotas me parecem delinear bem sobre o seria uma “condição rurbaria”: se o jovem não sai definitivamente do rural, ele se vê na obrigação de ajudar a família, arruma emprego na sede urbana do município e continua a morar na zona rural.

#### **7.4.2. Considerações**

Já podemos tecer considerações mais encorpadas a partir das discussões desta e das outras sessões anteriores. Visualizamos a relação do valor da dedicação enquanto “amor e carinho” pelo que o outro faz. Dedicação que se espera do outro, do sujeito em condição social melhor, capaz de ajudar o mais necessitado em suas dificuldades. O sentido da dedicação se aproxima do jovem quando se associa ao valor da superação dos problemas. Aí o jovem precisa ser dedicado para alcançar os objetivos na vida, superando os obstáculos.

O valor de ser esperta e determinada na vida se justifica enquanto valores individuais que se sobressaem na pessoa por causa das circunstâncias da vida: quando não se tem a família junto para ajudar ou alguém para conversar os problemas, compartilhar as dificuldades.

Dois aspectos são interessantes: a vida longe da família exige esperteza, dedicação e determinação; a vida em família, no rural. Ambos os aspectos apresentam valores que só fazem sentido quando se considera uma história de vida de pessoas do meio rural marcada pela necessidade de fomentar uma vida coletiva familiar como forma de subsistência. Observando a personagem na novela, mesmo vivendo sozinha no mundo estrangeiro, a jovem pobre Morena não deixou de sentir a falta do apoio da família; de ter alguém para compartilhar as dificuldades.

Outro aspecto importante encorpa a categoria do lugar de destino da migração ou o lugar além das fronteiras do rural. Salientamos que o lugar de destino não é um outro rural, mas sim o urbano, lugar um pouco maior que uma cidadezinha do interior. Não se vê nas falas dos jovens um mundo urbano clássico, conhecido apenas como o lugar da prosperidade, nem mesmo existe o sonho de migrar para a cidade. Para eles, a cidade está logo ali, bem próxima; eles consomem quase as mesmas coisas desse mundo urbano e têm acesso quase a todas as



informações disponíveis no mundo moderno. E a qualquer momento, esses jovens rurais podem sair da roça para a cidade e depois voltar. Essa é a realidade *rurbana*. Para que sonhar com a prosperidade da vida urbana se esse sonho já é tão possível quanto banal? Existe, sim, outros aspectos: os perigos sociais desse mundo além do rural – em especial a violência contra o jovem que se camufla, desvia-se da lei sem deixar rastro; o urbano como o lugar das “coisas boas ruins”. Mas, sobretudo, um lugar que é encarado a partir da experiência juvenil no meio rural, em que lhe ensinam que existe sempre um preço a ser pago por ser mais pobre; a desconfiança em relação aos convites fáceis para emprego (que pode não se completar no real); a motivação pelas variadas opções de lazer, pela proximidade com as pessoas e pelas oportunidades de ascensão social.

A jovem “Df” não tem medo de migrar e nem ilusão de cidade. No momento, ela só está na dúvida (dúvida, claro, que angustia a menina). Ela não deseja ser reconhecida na roça como alguém que planejou tanto para sair do rural e, depois, pode ser vista pelos outros como mais um jovem que “quebrou a cara” ao migrar para a cidade. Isso sim reflete uma visão clássica: a ideia na cultura rural de que voltar da cidade para a roça é voltar como um “derrotado”; de que o jovem deve voltar “como herói” que venceu a cidade, com reconhecimento social e dos familiares. A moça “Df” está preocupada só com a imagem de alguém que retorna para a roça, pois a ideia clássica da grande aventura que precede a ilusão de cidade não existe mais. A cidade está logo ali.

Também na juventude não existe um projeto de vida para sair da roça e se aventurar na cidade. Existem pequenos e frágeis planos individuais, compartilhado por vezes com os mais velhos, mas sem as exigências de um projeto. Acima dos planos, existe o valor do *viver para alcançar objetivos na vida*.

Ou seja, existem tensões geracionais entre o grupo juvenil e as gerações anteriores. Como os jovens respondem ao convencimento pelos mais velhos de que todo o jovem migrante de retorno é um “perdedor”, “quebrou a cara”? Como “Bf” falou, planejando um pouquinho, tendo objetivos na vida e viver para realizar aquilo, sem esperar acontecer. Na roça, o jovem está junto do coletivo familiar; na cidade, o individualismo urbano, longe das pessoas da família que podem ajudar nas dificuldades.

E aí, na fala das moças, podemos observar duas perspectivas mescladas que fazem parte da experiência juvenil no rural: se, no cenário atual, o normal é migrar, o jovem rural escolhe lugares de destino mais próximos da família; lugares de destino da migração que permitam visitar os familiares na roça durante as férias e os finais de semana.

Esse é o momento vivido pela juventude rural nessa faixa etária: momento de escolhas difíceis, de muitas dúvidas e que, para a preservação do sonho da prosperidade, motiva o jovem a obter informação para planejar e alcançar objetivos futuros. E, nesse momento, os valores são convidados a estarem presentes: a dedicação, a firmeza, o ser esperta e determinada, mas também expectativas em relação ao outro.

#### **7.4.3. Subgrupo telejornais**

*Método/A experiência da execução:* Comecei os trabalhos daquele subgrupo fazendo uma chamada daqueles que estavam na sessão anterior. Convidei uma das meninas do subgrupo telenovela, para participar daquele subgrupo, pois ela se mostrou mais participativa em seu grupo – uma estratégia para fazer avançar os pontos da discussão. Procuramos discutir sobre aspectos relativos aos fatos policiais. Nesta sessão, o subgrupo telejornais se mostrou mais falante que na sessão anterior, pois o grupo já estava mais entrosado.

Continuamos no início da sessão 3 o debate sobre as pessoas proeminentes, deixando um pouco de lado os pequenos fatos policiais discutidos na sessão anterior. Tivemos o objetivo de, na segunda parte da discussão, sairmos um pouco do debate em torno do ex-goleiro e do Papa para entrarmos na discussão sobre os sentidos ocultos nessas personagens.

No primeiro momento da sessão, passeamos pelo assunto da violência, comentamos sobre o caso do ex-goleiro enquanto ex-ídolo da juventude e discutimos sobre a personagem dessa celebridade do futebol. As opiniões masculinas logo destacaram as más companhias próximas do ex-goleiro, enquanto que as opiniões femininas observaram a indignação da violência praticada pelo Bruno contra a ex-mulher.

Sobre os pequenos fatos policiais, destaque para uma discussão sobre a imagem do jovem enquanto um indivíduo irresponsável e cruel, bem como a responsabilidade da instituição jurídica que deveria corrigir esse jovem. Para estimular o debate, perguntamos quais as atitudes que os participantes tomariam se estivessem no lugar do ex-goleiro.

**Am** – Passava de uma vez o dinheiro pra ela, uai! Ele ia ganhar o triplo! (sessão 3);

**Bm** – Com o dinheiro que ele ganha, véi, num dava pra fazer uma palhaçada dessa não! (sessão 3);

**Am** – A ambição falou mais alto... (sessão 3).

Diante da dúvida se Bruno seria ou não mandante do crime, alguns polemizaram ao defender que o ex-goleiro não queria mandar matar a ex-mulher. Observamos duas perspectivas em conflito, entre rapazes e moças:

**Dm** – Eu acho que o Bruno não queria matar a Elisa. No meu modo de pensar, eu acho que ele queria só dá um susto nela, com os amigos dela (sessão 3);

**Am** – É! Ela tinha brigado com Macarrão e Macarrão já tava meio brigado com o Bruno e matou Elisa Samúdio pra prejudicar... (sessão 3);

**Dm** – Ele num ia ser bobo o suficiente pra mandar matar ela não! (Dm, sessão 3);

**Af** – Ah, eu num acho não, eu acho que se ele mandou fazer a intenção dele era matar mesmo...Na minha opinião, eu acho que é (sessão 3);

**Dm** – A intenção dele não era matar ela (sessão 3);

**Cm** – Também acho (Cm, sessão 3);

**Dm** – É muita burrice dele... (Dm, sessão 3).

Por parte dos rapazes, há uma defesa do Bruno, como se ele fosse esperto demais para não mandar matar a ex-namorada. Enquanto que as moças acreditam que ele seria de fato um assassino. Os rapazes não acreditam que o réu seria “tão burro” ao ponto de perder toda a fama e riqueza. As moças apontam para a violência contra a mulher.

Identificado o contraste de perspectivas, indagamos sobre o que seria “ser um ídolo famoso”. O que um ídolo famoso do futebol da tevê deveria transmitir para os jovens?

**Cm** – Uma boa imagem, ué (sessão 3);

**Af** – O que ele deveria fazer? Acho que passar uma boa imagem pra todo mundo...(sessão 3);

**Dm** – Fazer as coisas sobre a lei, né. Num passar por sobre as lei... (sessão 3).

**Am** – O Neymar é bem sem educação. Ainda mais se perder um jogo, num pode falar nada pra ele não... (sessão 3);

**Cm** – As más companhias, né? (sessão 3).

Utilizando as falas acima, podemos dizer que *passar uma boa imagem é mostrar que faz as coisas na lei e anda com boas companhias*. Interessante também observarmos a opinião de “Am” sobre o Neymar: ao que parece, o jovem afirmou que o jogador seria sem educação porque, quando perde um jogo, não aceita falar com ninguém. Por que “Am” estava dizendo isso em meio de uma discussão sobre “boa imagem”? Talvez porque se uma “boa imagem” significa “fazer as coisas na lei”, então Neymar não estaria fazendo a coisa certa ao não conversar com as pessoas depois do jogo.

Curioso que para resuperar a “boa imagem”, o ex-goleiro precisaria de um ato espetacular, na opinião do grupo. Vamos observar a discussão entre três jovens:

**Am** – Pegar um pênalti do Neymar. Se fizesse isso, passava uma ótima imagem pra ele! Imagina ele pegar um pênalti do Neymar na final da Copa do Brasil? É, uai, todo mundo ia comentar que Bruno pegou o pênalti do Neymar e o Flamengo foi campeão, uai! (sessão 3);

**Dm** – É, aí ele ia ter mais fãs, né...? (sessão 3);

**Bf** – O país ia esquecer o que ele fez, aí ia passar o que há de bom (sessão 3).

No segundo momento da sessão, procuramos associar os valores da responsabilidade, do respeito e da justiça (valores selecionados a partir das discussões anteriores) a possíveis exemplos de pessoas da vizinhança, da escola e da mídia. Aproveitei o assunto “futebol” da discussão anterior para estimular o debate, perguntando quando devemos obedecer a regras e “não passar por sobre as leis”, como eles disseram. Novamente surgiram duas perspectivas em contraste:

**Y** – Vamos listar algumas coisas que não posso fazer com o outro jogador, aquilo que não está na regra (sessão 3).

**Bm** – Faltar com respeito ao outro, uai! (sessão 3);

**Cm** – Respeitar regra (sessão 3);

**Bf** – Ele [apontando para Am] joga com nós [no jogo de futebol], ele joga o corpo em cima! (sessão 3);

[risos, falas paralelas, conversas inaudíveis]

**Af** – Quando a gente fica atrás dele [apontando para o Am] ele mete o pé pra trás! Segura a gente! (sessão 3);

**Bf** – Outro dia eu fui pegar a bola desse aqui, quase me jogou no chão, sexta-feira! (sessão 3);

**Af** – Num tem nem como jogar com os meninos, eles passam assim por cima da gente com a bola...! Que nem um trator! (sessão 3);

Os rapazes apontaram para o valor do respeito ao outro e às regras, mas as moças logo “desmentiram” os rapazes, mostrando momentos em que, no jogo de futebol contra as meninas, eles não respeitam as regras do jogo.

Perguntamos sobre o que não devemos fazer com o outro jogador e que não está na regra do futebol e observamos que as moças tomaram como base a experiência delas para contestar a fala dos meninos, sobre respeito a regras e ao outro. Interessante que nesse momento da discussão houve risos, várias conversas paralelas inaudíveis, uma agitação geral. As moças acusam “Am” de “jogar o corpo” e os meninos de “passar por cima das meninas que nem trator”.

*Método/A experiência da execução:* Listamos os valores da responsabilidade (ser uma pessoa responsável), do respeito (ser uma pessoa respeitada) e da justiça (ser uma pessoa que age de modo correto com as pessoas). Tentamos identificar a personagem que representa tais valores e que podemos citar como exemplo. Dentre tantas outras surpresas que tive ao longo da execução das sessões, esta discussão, que vem a seguir, tornou-se uma das mais surpreendentes. Eu não imaginava que a discussão iria tomar o rumo que tomou. Após minha pergunta, um garoto, que se declarou ao final da sessão 3 como não-evangélico, lembrou de uma personagem polêmica que andou circulando pelas mídias durante o primeiro semestre de 2013.

**Y** – Olha só, então, no outro encontro nosso eu listei três valores que tem a ver com as notícias na televisão. Primeiro, ser uma pessoa responsável, depois uma pessoa respeitada e, por último, uma pessoa justa. Amanda mostrou a notícia da mãe que matou o filho que causou muita indignação, então sobre esses três valores: onde, em que lugar podemos encontrar uma pessoa com essas qualidades: pessoa responsável, pessoa respeitada e pessoa justa? (sessão 3);

**Dm** – Eu ia falar uma pessoa aqui... Mas eu sou a favor dela, mas ela tá sendo muito comentada na mídia. Aquele pastor, Marco Feliciano (sessão 3);

**Af** – Tava comentando muito dele no TV Fama outro dia, cê viu? (sessão 3);

**Dm** – Eu sou a favor de tudo o que ele faz... (sessão 3);

**Am** – O que ele faz? (sessão 3).

Como entender as razões do rapaz em associar tal personagem<sup>99</sup> à imagem de pessoa responsável, respeitada e justa? Pela terceira vez, e com maior intensidade, observamos perspectivas em contraste. Os rapazes defenderam a perspectiva de “levar as coisas na lei; respeito às regras” associada à ideia de uma pessoa respeitada, responsável e justa. Algumas moças mais falantes posicionaram-se de maneira contrária, dando suas razões. E, assim, a discussão tomou um rumo inusitado, contudo produzindo uma conversa bastante enriquecedora:

**Bf** – Eu num sou a favor não, porque ele falou que não aceita os amigo gay, negro e que tem Aids. Ele falou que não gosta de gay (sessão 3);

**Dm** – Como ele é uma pessoa, como ele é pastor, ele tem que seguir o que tá escrito...! (sessão 3);

**Am** – Sendo mulher e sendo homem, os dois foram feito pra ficar junto, sim... (sessão 3);

**Dm** – Eu fiz o homem e a mulher, então tem que ser homem com mulher e mulher com homem, uai! (sessão 3);

---

<sup>99</sup> A figura do deputado federal Marco Feliciano ganhou visibilidade na mídia – assim como a polêmica ao redor – durante o primeiro semestre de 2013. No segundo semestre, desapareceram a figura e a polêmica dos noticiários nacionais. O político é pastor de uma igreja evangélica e sua visibilidade repentina na mídia se deu por conta da pressão de alguns movimentos sociais que insistiram em criticar a nomeação do deputado-pastor à presidência da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados.

**Bf** – Do mermo jeito que fica casamento gay, mulher com mulher, homem com homem, você também pode ficar, ué? (sessão 3);

**Dm** – Só que eu num sou a favor não (sessão 3);

**Bf** - Só que chega um tempo, em que acontece. (sessão 3);

**Dm** – Tudo bem, tem gente que depois de velho tem isso como frescura mermo! (sessão 3);

**Bf** – Eu num sou contra não. (sessão 3);

**Af** – Mas o que se pode fazer se um tá na cabeça do outro? (sessão 3);

**Cf** – Acho que desde do momento em que a pessoa tá feliz tem que viver por ela, não pelos outro. (sessão 3);

**Dm** – Tudo bem, eu num critico não, beleza,num sou contra. Agora eu num tenho preconceito, eu posso me dá muito bem com a pessoa, mas a favor eu num sou não. (sessão 3);

**Af** – Um homem gay casa com uma mulher. Ele num tá fazendo ele feliz, num tá fazendo a mulher feliz (sessão 3);

**Am** – Pior é acordar com homem todo o dia! (sessão 3);

**Bm** – Acordar com uma barba na cara. (sessão 3);

**Af** – Olha gente, cada um tem sua opinião. Eu num critico, também num sou contra. Tudo bem eu sou mulher, mas se tem que ficar com outro pra ser feliz, cada um tem vontade própria num tem que ficar criticando não! Quantas pessoas amiga minha mesmo vivia com homem e hoje mora dentro de casa com uma mulher? Mora dentro de casa com uma mulher! (sessão 3);

**Dm** – É. Tem gente que nasce já com isso (sessão 3);

**Am** – Ué, num teve um cara que viveu 35 ano com a mulher, e depois descobriu que gostava de homem! (sessão 3);

E, a partir desse ponto, as meninas usaram como exemplo a cantora baiana Daniela Mercury, que tinha anunciado sua união homoafetiva no programa *Fantástico*.

**Bf** – Igual Daniela Mercury. Ela tem neto, já, gente! (sessão 3);

**Af** – O próprio marido dela não foi contra ela. Eu vi passando naquela reportagem dizendo assim que os dois são amigo, os dois conversa... e o importante é ela tá feliz, se ela tiver feliz tudo bem... (sessão 3);

**Bf** – Igual assim, a pessoa nasceu assim fica pensando o que os outro vai pensar dela, né? Só que eu acho que bobeira...! (sessão 3);

De um simples par de falas (a pergunta de “Y” e a resposta do rapaz “Dm”) desdobrou-se outro tema, outras complementações, divergências e convergências. Mas, acima de tudo, observamos perspectivas diferentes: as moças defenderam a liberdade de ser feliz

com quem quiser (a felicidade da pessoa acima da regra) enquanto que os rapazes defenderam seguir o que está escrito [na Bíblia], reforçando seguir a regra (nada importando mais do que a lei).

Continuamos a perguntar sobre outras personagens que despertam os mesmos valores e o rapaz “Dm” lembrou outro nome. Observamos que a menina “Bf” continuou no calor da discussão anterior, em defesa da liberdade de ser feliz.

**Y** – Pronto. Feliciano. Agora outro! Outro modelo de respeito, responsabilidade e justiça. Alguém tem outro nome? (sessão 3);  
[fim das falas paralelas]

**Dm** – Lula! Lula. Ele tem uma história danada! (sessão 3);

**Bf** – Qualquer coisa é motivo pra me indignar! (sessão 3);

**Y** – Lula é uma pessoa justa e digna? (sessão 3);  
[início de falas paralelas]

**Dm** – Tantos projetos que ele fez, ajudou tanto os pobre aí... (sessão 3);

E tentamos sair um pouco das personagens da mídia, derivando para pessoas próximas do cotidiano dos jovens:

**Y** – Outra figura! Você que fala bastante. Quem seria pra você uma figura consciente respeitada e justa? (sessão 3);

**Bf** – Num tenho não (sessão 3);

**Y** – Nem um professor daqui da escola, gente? (sessão 3);

**Bf** – Pra mim, não (sessão 3);

**Cm** – Difícil. É muito difícil (sessão 3);

**Bm** – É muito difícil (sessão 3);

**Dm** – Até a polícia que defende a gente, a gente num encontra isso mais, ué... (sessão 3).

Há uma dificuldade dos participantes em identificar alguém próximo ou da comunidade com tais qualificações. As falas também refletem a descrença nas instituições próximas. Por isso, voltamos a perguntar sobre nomes da televisão com tais qualificações e os participantes foram lembrando a apresentadora Hebe Camargo, a atriz Dercy Gonçalves e a jornalista Marília Gabriela.

**Y** – E na televisão? (sessão 3);

**Bf** – Pra mim era a incrível Hebe Camargo, que morreu, né? (sessão 3);

**Y** – Mas por que você acha que Hebe Camargo é uma figura respeitada, responsável e justa? (sessão 3);

**Bf** – Ah, porque ela foi considerada a rainha do SBT. Eterna rainha (sessão 3);

**Dm** – Dercy Gonçalves, também (sessão 3);

**Am** – Gabi! Marília Gabi (sessão 3);

**Y** – Você viu Marília Gabriela onde? (sessão 3);

**Am** – Programa De frente com Gabi, no SBT, depois do Silvio Santos!; (sessão 3).

Destacamos as personagens que estão nos palcos dos *shows* que acontecem na região. Os *shows* de dois cantores famosos foram lembrados: Leonardo e Luan Santana. E os sentidos em torno de tais personagens? Leonardo foi visto como uma pessoa divertida quando deu declarações no programa *Domingão do Faustão*, enquanto o Luan foi deselegante ao dá sua opinião em cima do palco:

**Bf** – E eu num gosto mais é do Luan Santana por conta disso... (sessão 3);

**Dm** – Leonardo! (sessão 3).

**Y** – Por que Luan Santana? (sessão 3);

**Bf** – Falou que as menina daqui era tudo feia..Os menino por aqui queria tudo matar ele, uai! Ele é tão burro que falou em cima do palco! (sessão 3);

**Dm** – Leonardo falou lá no Faustão que pegou um carrapato deste tamanho aqui...! (sessão 3);

**Bf** – Ele falou super bem de Viçosa, mas falou dos carrapato...! (sessão 3);

**Am** – Carrapatinho assim deste tamanho...! Ele falou que tinha carrapato na coleira dele! (sessão 3).

[risos generalizado]

Na última parte da lista de pessoas públicas da mídia, destaque para os apresentadores dos programas de auditório dos finais de semana, mais especialmente o quadro dentro do programa que premia as pessoas com uma casa própria. Os nomes foram surgindo. E aí “Bf” afirmou que é raro encontrar alguém no cotidiano que ajude o outro. E “Af” complementou, explicando que só os programas de televisão ajudam as pessoas com a casa própria, mas mesmo assim é difícil ser sorteado nesses programas. Por fim, “Cf” arrematou, reforçando uma perspectiva observada em sessões anteriores: a de que “ninguém dá nada de graça ao outro”.



**Af** – Tem aquele Celso [Portioli] que faz aquelas coisa por aquelas pessoa que precisam (sessão 3);

**Y** – Qual o programa? (sessão 3);

**Am** – Domingo Legal (sessão 3).

**Y** – Então essas pessoas como Celso Portioli, Luciano Huck, entre outros que ajudam as pessoas vocês encontram na vida? (sessão 3);

**Bf** – É raro (sessão 3);

**Af** – É muito pouco, porque, por exemplo, igual faz essas casa, ajuda todo mundo, só essas pessoa de televisão, mas mermo assim é muita concorrência... Quantas milhares e milhões de pessoas mandam pra lá pra ganhar, né? (sessão 3).

**Cf** – Nos dia de hoje, ninguém ajuda o outro sem ter nada em troca não (sessão 3).

Derivamos dos apresentadores de tevê para o assunto da casa própria e aterrissamos no cenário atual em que vivem os jovens, momento de muitas construções de casas populares na roça motivadas pelo programa “Minha Casa, Minha Vida”. E aí retornou outra perspectiva discutida em sessões anteriores, a noção de merecimento.

**Af** – Que nem essas casa aí, essas casa do minha casa, minha vida. Fui lá, aí disseram vocês num tão precisando disso não, pra que cês tão fazendo? Fica assim criticando o outro (sessão 3);

**Cf** – Porque tem pessoas que tem condição de fazer a casa, tem o terreno e foi na prefeitura pedir, mas tem o caso de gente que precisa mermo, que nem o caso da menina que mora ali perto da minha casa, a casa dela tá quase pronta. Ela mora numa casa barreada, o chão da casa dela é de tábuas, a menina dela já pisou na tábuas, a menina dela afundou o pé lá embaixo... (sessão 3);

**Af** – Muitos têm também e num dão valor, porque ela destruiu a casa toda dela ali... (sessão 3);

**Bf** – Só que ali a casa dela era boa, mas de que adiantava se no lugar onde ela morava a família criticava ela toda, uma pessoa tentou agarrar ela a força, a cunhada dela vivia xingando ela, você num pode morar numa casinha comendo o pão que o diabo amassou não... (sessão 3).

Ao que parece, há uma problemática com relação ao tema da casa própria, envolvendo os programas governamentais. Algumas famílias no rural, com uma condição financeira um pouco melhor que outras, não estariam “merecendo” ter casa, para a comunidade ou para as instituições. Isso reforça um pouco entre os jovens a perspectiva do “nada é de graça nessa vida”.

**Y** – Vamos falar nessa questão de casa. Natália falou que ninguém ajuda os outros sem nada em troca. Quando Luciano Huck vai entregar uma casa, tem algo em troca...? (sessão 3);

**Bm** – E a audiência? E a audiência? (sessão 3);

**Dm** – Igual aquilo que ele manda os outro fazer lá no programa... (sessão 3);

**Bf** – Ah, mas tem também em Gugu e Celso Portioli. Tudo tem parceria nos programa deles (sessão 3);

**Af** – Pode até ganhar audiência, uai, o importante é dá pra quem tá precisando (sessão 3).

Já próximo do final da sessão, procuramos confirmar junto ao grupo se, de fato, as personagens da televisão transmitem essa ideia de pessoa justa, respeitada e responsável mais do que as pessoas na vida real:

**Y** – Essas pessoas da televisão passam mais a ideia de pessoa justa, responsável, mesmo que haja alguma coisa em troca. Mas você num encontra isso na vida real, é isso? (sessão 3)

[Obtivemos um sinal coletivo de concordância].

**Y** – Ele falou que nem a polícia é assim (sessão 3);

**Cf** – Mas o que a gente fala é no dia a dia. Às vez, a gente pede um favor pra uma pessoa, ela pede algo em troca. Num faz favor à tôa procê não (sessão 3);

**Af** – Mesmo que peça um favor ali agora, mas depois ela pede de volta (sessão 3).

*Método/A experiência da execução:* Neste momento fomos interrompidos. O assistente da direção pediu para dá um aviso aos jovens. Ele entrou na sala com duas agentes de saúde que pediram para dá um aviso sobre a vacinação contra a gripe H1N1 e Gripe normal. Fiquei surpreso com a visita, pois a discussão estava exatamente falando de pessoas admiráveis na comunidade, fazer um favor ou não, e aquela visita do agente de saúde me fez posicionar a discussão na direção dessas pessoas. A interrupção durou algo em torno de cinco minutos. Depois que os agentes de saúde saíram da sala, percebi que tinha ganhado um gancho para retomar o debate.

**Y** – Vocês não acham que o agente de saúde não seria uma pessoa respeitada e responsável na comunidade? (sessão 3);

**Af** – Muito pouco (sessão 3);

**Bf** – Falou pouco, falou tudo (sessão 3);

**Af** – Porque muitas coisa que é preciso eles fazer, eles num faz. Porque só vem falar, por exemplo, quando uma campanha vai ter. Se num fosse a campanha, muitas vezes, muitas pessoa num fica sabendo (sessão 3).

Observamos, nas discussões acima, o reforço da ideia de que, na comunidade, não se “faz favor à tôa procê, não”, noção que em algum momento também se associa à descrença das pessoas em relação às instituições. Com a deixa dos assuntos que envolvem as instituições e a comunidade, procuramos identificar, no final da sessão, a opção religiosa dos membros do grupo, já que em certo momento da sessão o assunto religião esteve presente.

**Y** – Desse grupo aqui tem alguém com religião? Católico, evangélico? (sessão 3);

**Dm** – Minha mãe é, minha irmã... Eu sou meio a meio (sessão 3);

**Cm** – Eu sou cristão, acredito em Deus também (sessão 3);

**Bm** – Eu também (sessão 3).

*Método/A experiência da execução:* Apesar de apenas três rapazes se auto-declararem sem religião, observei a concordância destes com os outros, com religião, que consideravam o Papa Francisco uma personagem admirável. Frisei que meu objetivo não era falar de uma religião específica, mas sobre o assunto da humildade expressada pelo Papa, observado pelo grupo. Ao desligar o gravador, perguntei o que eles estavam achando das conversas comigo. Todos se mostraram satisfeitos com a conversa. Pedi para que eles dessem sugestão sobre assunto para conversarmos na próxima sessão, mas naquele momento não tiveram nenhuma ideia. Assim como fiz com o grupo telenovela, pedi para que os mesmos participantes daquela sessão estivessem presentes na sessão seguinte.

E foi inevitável impedir novos comentários sobre o Papa Francisco, já no finalzinho da sessão. Lembraram novamente os gestos de humildade exposto nos noticiários e provoqueei a discussão sobre se outros chefes de Estado, como o Papa, agem da mesma forma. Curioso, ao final, um rapaz aproximar a imagem de determinada personagem da mídia com a dos políticos que não possuem atitudes de humildade iguais as do Papa.

**Cf** – Ah ele é humilde porque ele entrou no elevador, chamou os colega dele pra entrar, o segurança num queria deixar... (sessão 3);

**Dm** – Olha só como você vê como um padre pode ser humilde ó. Ele foi na prisão lavou o pé de cinco presos e beijou o pé deles. Um papa fazer um negócio desse. Isso já fala tudo (sessão 3);

**Y** – Falamos que ele era um chefe de estado. Será que os governantes fariam a mesma coisa? (sessão 3);

**Cm** – Claro que não! (sessão 3);

**Af** – De jeito nenhum! (sessão 3);

**Am** – O Bial [Pedro Bial, apresentador], se for fazer isso, diz assim corta o pé desse preso aí...[risos] (sessão 3);

**Cm** – O governador vai pra prisão só quando ele é corrupto... (sessão 3).

#### **7.4.4. Considerações**

A “boa imagem” da pessoa pública na mídia é construída pelo desempenho da celebridade, por seus atos espetaculares que inspirem exemplo de “fazer a coisa certa”, “dentro da regra”, tanto no instante em que performa sua atividade quanto fora da atividade. Isso estimula o aumento de fãs ao redor do ídolo e faz a mídia focar nas coisas boas da

celebridade. O desempenho do Neymar em campo deveria se estender para fora do gramado, assim como o ex-goleiro Bruno que deveria fazer a coisa certa também fora de campo. Fazer a coisa certa constitui a boa imagem do proeminente na mídia e se associa ao desempenho do ídolo.

O jovem “Am” propôs talvez uma espécie de “embate de ídolos”: o ídolo “caído” enfrentando o ídolo da atualidade – como nos filmes do cinema, em que o herói ressuscita no final. Um ato espetacular é a defesa do ex-goleiro e, neste momento situacional, o Bruno deixaria de ser (pelo menos momentaneamente) o suspeito de mandar matar a ex-mulher. A mídia suspenderia de maneira temporária o que Bruno fez e o público ficaria só com o ídolo fazendo uma coisa boa e o aumento do número de fãs.

Outra perspectiva é o valor do merecimento e que envolve um assunto importante para a população no rural, a casa própria. Em algum momento, a noção de merecimento se associa também ao “nada é de graça nessa vida”. Merecimento, então, pode se articular com a noção de ter uma “boa imagem”, merecer ser um ídolo, porque “faz a coisa certa” dentro e fora da atividade principal.

O exemplo dos jogadores de futebol Neymar e Bruno funciona, em nossa análise, como uma metáfora para tentarmos identificar os sentidos ao redor das falas dos jovens. “Fazer a coisa certa” para preservar a “boa imagem” dentro e fora do jogo significa um sentido de igualdade tanto dentro quanto fora das quatro linhas – uma proximidade do proeminente na mídia com as pessoas (refletindo uma imagem de pessoa pública “gente como a gente”).

No quadro que vimos de risos e brincadeiras na conversação, notamos um quadro de sentido implícito: os rapazes, de fato, desrespeitam as regras do jogo, usam a força física, quando o jogo é com as meninas. Aqui o que se vê na inocente brincadeira de jovens na quadra de futebol pode também esconder um conflito de gênero implícito: o exercício da força do masculino sobre o feminino. Sim, tratou-se de uma brincadeira de jogar futebol, em que eles não precisaram levar as coisas na lei (do jogo), mas por que os rapazes não cumprem a regra do respeito pelo adversário quando o jogo é com as moças? Certamente, em um jogo de meninos, as regras seriam mais visíveis na prática do jogo.

As tensões de gênero também se refletem nas opiniões diferentes entre moças e rapazes, em que podemos observar perspectivas em contraste na experiência juvenil, mas também concordâncias do grupo em torno de temas e a percepção de que as personagens

mediáticas são mais respeitadas, responsáveis e justas do que as pessoas comuns do cotidiano. Vamos observar ambos aspectos:

- a) ***Perspectivas em contraste.*** (1) Para os rapazes, as más companhias envolvem as pessoas nos atos de violência; para as moças, a índole má da pessoa gananciosa e ambiciosa leva à prática da violência. Isso foi visível nas opiniões a respeito do ex-goleiro Bruno. Os rapazes defenderam que ele não mandou matar a mulher e que foram as más companhias que influenciaram o Bruno ao crime; as meninas sustentaram que o ex-goleiro mandou matar a ex-namorada, ressaltando sua ganância ao não pagar a pensão para a ex-mulher; (2) Para os rapazes, o importante é respeitar o outro e as regras; para as moças, os rapazes não respeitam regras quando jogam futebol com eles. Em um determinado instante da discussão, um clima inocente de brincadeira tomou conta da sala, quando as meninas criticaram outro menino por usar a força física contra elas no jogo de futebol. Pode significar algo sem importância à primeira vista, mas tem muito a ver com a experiência dos jovens nessa cultura rural. No futebol, os meninos passam por cima das meninas como um trator: eles brincam de driblar as regras e de fazer uso da força quando as moças estão no jogo. Há implícita uma relação de poder que remete as posições sociais de homens e mulheres no mundo rural marcado por um ranço patriarcal; (3) As moças defenderam a diversidade cultural, o lado humano além da regra, pela liberdade das pessoas em pensar diferente e serem felizes. Os meninos defenderam a regra, a lei e a ideia de que o lado humano não importa mais do que a lei. Os valores como responsabilidade, respeito e justiça articulam perspectivas diferentes na experiência dos jovens: fazer as coisas dentro da lei; liberdade de escolha para ser feliz.
- b) ***Perspectivas em comum no grupo.*** No geral, rapazes e moças concordaram com a perspectiva de que quem pratica um crime deve pagar pelo que fez. Também houve concordância quanto à necessidade das instituições em corrigir o jovem que pratica o crime. Observamos um sentido recorrente no grupo: “fazer o que é certo” (justo, responsável): pagar a pensão da mulher, escolher as amizades, não ter ambição ou ganância, preservar o que se tem. As personagens midiáticas admiráveis foram vistas como “incríveis” e “divertidas” e que não pode ser deselegante com as moças. Os admiráveis da mídia são aqueles que ajudam as pessoas necessitadas, com aquilo que

mais precisa: a casa própria. São personagens que não se comparam com as pessoas da vida cotidiana, pois demonstram valores admirados. Na vida real, não é assim e, nisso, surgiu outro sentido recorrente no grupo: “nada é de graça na vida”. A vida exige esforço, quem ganha merece, mas tem que preservar o pouco que tem e cuidar da família, pois “não se pode morar em uma casinha comendo o pão que o diabo amassou”.

O contraste de perspectivas, evidenciada entre moças e rapazes, mostra que a reflexão e conversação sobre personagens e questões da mídia indicam tensões na tessitura da experiência juvenil, marcada por diferenciações que estão em suas famílias e na comunidade rural. Com a proliferação cada vez maior de temas sociais nas novelas e nos noticiários, observamos que a masculinidade parece estar cada vez mais sendo “pressionada” pelo aumento das opiniões em comum em torno da indignação tanto em relação à violência contra a mulher quanto pela demanda por aceitação das uniões homoafetivas. E os valores fazem sentido conforme vividos no *primeiro núcleo de relações do jovem*, a família. Ou seja, os conflitos de gênero.

Quanto às consonâncias, moças e rapazes concordam com a ideia de que ninguém dá de graça ao outro, de que nada é fácil na vida e que a vida exige conseguir as coisas por merecimento, sem convite fácil. Sobre as personagens admiradas, elas se associam com a imagem de uma pessoa pública que se preocupa com os mais necessitados – reforçando o que vimos nas outras sessões. O Papa Francisco seria uma dessas pessoas, sendo uma autoridade que até mesmo beija os pés dos presos – algo difícil de se encontrar nas instituições públicas, pois “*o governador vai pra prisão só quando ele é corrupto...*”. Em um lugar marcado pela vida coletiva familiar, há a descrença nas autoridades, a ausência da dádiva entre os membros da comunidade e o reforço da importância da família. Ou seja, as personagens da mídia mais admiradas funcionam como interlocutoras dos jovens, ocupando um lugar especial no conflito geracional entre pais e filhos – pois os pais do jovem no rural geralmente não possuem capital cultural suficiente para pôr em pauta, discutir e conversar com seus filhos sobre determinados temas sociais polêmicos na sociedade (urbana).

Nesta sessão, retomamos a discussão dos proeminentes 1 e 2. Falamos de outras personagens associadas à ideia de pessoa responsável, justa e respeitada. Adicionamos mais nomes à lista de personagens e constatamos perspectivas em contraste que se relaciona com a relação de gênero, mas também opiniões que refletem o grupo.

## 7.5. Quarta Sessão

*Método/A experiência da execução:* Na sessão 4, a estratégia foi montar um único grupo com os jovens que aceitaram participar da pesquisa desde a sessão 1. A discussão se desenvolveu em torno de assuntos comuns. Outra estratégia: como foi uma sessão única de 60 minutos, resolvi utilizar 25 minutos para aplicar um questionário fechado e individual com questões retiradas das sessões 1, 2 e 3. Antes do questionário, fiz uma chamada. E ali estavam os 13 jovens da pesquisa, peneirados ao longo das sessões e de algumas horas de conversas gravadas. Ali estavam apenas os jovens realmente interessados em participar do debate.

Começamos a sessão aplicando o questionário 1. Nele, elaboramos perguntas sobre cinco qualidades e defeitos para serem classificados por ordem de importância (Anexos, Tabela 4). Também indagamos sobre o que o jovem gostaria e não gostaria de ser, de ter, de estar e de conhecer (Anexos, Tabela 5). O objetivo foi identificar indícios de sentidos que de alguma maneira poderiam se associar aos trechos de algumas leituras realizadas pelos participantes nas sessões anteriores, na direção de nosso objetivo.

Com base nos nomes das personagens da mídia que foram surgindo ao longo das sessões, construímos um quadro (Anexos, Tabela 6) com um primeiro lote de 20 nomes de proeminentes dos noticiários, apresentadores de tevê, jogadores de futebol, narradores, atores/atrizes de novela. Juntamos a essas personagens, cinco nomes de pessoas próximas do cotidiano do jovem (no questionário 2, na sessão 5, demos continuidade a esse levantamento, elaborando um quadro com um segundo lote de nomes). Os jovens teriam que indicar, por ordem, as personagens admiradas de cada um.

### 7.5.1. Personagens admiradas: primeira parte

Optamos por inserir pessoas comuns na lista, junto com as personagens midiáticas, para tentarmos identificar as personagens que mais se aproximavam dos primeiros núcleos de relações do jovem: o núcleo familiar mais duro (pais e filhos) e o núcleo das relações comunitárias (parentela, compadrio e pessoas próximas). As pessoas comuns, portanto, fazem parte dessas experiências de vida coletiva familiar e comunitária. Destacamos as diferenças por gênero nas falas das moças e dos rapazes e identificamos traços diferenciais entre gerações.

Importante, então, identificarmos de que maneira os nomes das personagens midiáticas citadas ao longo das sessões se posicionam em um *ranking* de admirados e rejeitados. Ao focalizarmos as personagens mais admiradas entre os jovens, estaremos apontando para as

personagens eleitas enquanto as possíveis interlocutoras junto ao coletivo juvenil no rural. Após visualizarmos as personagens eleitas pelo grupo, separamos os mais admirados entre os rapazes e as moças para identificarmos traços de uma interlocução que pode se estabelecer de modo diferenciado entre os gêneros.

No questionário 1, dentre as cinco opções da lista de pessoas comuns, estavam entre os admiráveis os membros da família, a professora de português, alguém da vizinhança e da escola. Dentre as 20 opções de personagens midiáticas, duas personagens dos noticiários e uma personagem do universo dos programas de televisão foram escolhidas como as mais admiradas, sem nenhuma rejeição do grupo: o Papa Francisco (10 vezes citado pelo grupo), a presidenta Dilma (10 citações) e a apresentadora Hebe (7 citações). Quanto à posição dos nomes na lista, temos em primeiro lugar as pessoas da família, depois a professora de português e, em seguida, o Papa.

Após os nomes dos admiráveis sem rejeição, observamos as personagens midiáticas com baixa rejeição, que obtiveram uma pontuação expressiva: as personagens das novelas (9 vezes citadas pelo grupo, com uma rejeição); os jogadores Neymar (8 vezes citado pelo grupo, com 3 rejeições) e Messi (7 vezes, 3 rejeições) e a apresentadora Fátima Bernardes (7 vezes, uma rejeição).

As personagens das novelas tiveram votação expressiva do grupo por conta das moças. Entre as meninas, a votação também foi expressiva para a apresentadora Fátima Bernardes (tendo como referência o *Jornal Nacional*, pois elas não assistem ao programa *Encontro* exibido pela manhã). Os jogadores de futebol Messi e Neymar não tiveram nenhuma rejeição entre os rapazes.

### ***7.5.2. Qualidades e defeitos; e o Ser, Estar, Ter e Conhecer***

Com relação ao quadro sobre as qualidades mais admiradas e os defeitos mais rejeitados (Quadro 4, Questionário 1) temos:

- a) Qualidades **mais** admiradas *pelo Grupo*: humildade (6 votos); força de vontade (3 votos), dedicação (2 votos); estilo, firmeza e coragem (1 voto cada). *Entre os rapazes*: humildade (5 votos). *Entre as moças*: dedicação e força de vontade (3 votos cada).



- b) Qualidades **menos** admiradas *pele Grupo*: inveja e preguiça (4 votos cada), ambição e egoísmo (2 votos cada), ciúmes e medo (1 voto cada). *Entre os rapazes*: inveja (3 votos). *Entre as moças*: preguiça (4 votos).

Elaboramos no Quadro 5, do Questionário 1, as ideias do “ter/não ter” neste momento; estar/não estar”, “conhecer/não conhecer” e “ser/não ser” no futuro. Organizamos em algumas categorias, visualizadas em negrito nos quadros à seguir:

Quadro 5a, Ter e não ter, no momento.				
		Relação com o outro	Sentimento individual	Necessidade material
TER	Moças	Minha irmã de volta Meu namorado	Paciência	Dinheiro (3 votos) Uma casa Um carro
	Rapazes	Um certo alguém Uma pessoinha	Muita saúde Muita força de vontade	Dinheiro (2 votos); Um carro Um bom curso
		Relação com o outro	Sentimento individual	Necessidade material
NÃO TER	Moças	Inveja, inimigos no meu lado	Pressa, ambição	Presente
	Rapazes	inveja, má companhia.	Raiva, ódio (2 votos), rancor.	Um helicóptero, um avião, riqueza

O verbo “ter” se vincula um pouco mais intensamente às necessidades materiais, o que justifica a expressiva escolha dos jovens neste sentido. Interessante, nesse quadro, dois aspectos: o temor do jovem (não ter) mais associado ao sentimento individual – não ter pressa, ambição, raiva, ódio; e uma moça que disse não querer ter presente (ou nada de graça).

Quadro 5b, Conhecer e não conhecer, no futuro.			
		Específicos	Geral
CONHECER	Moças	O Mundo, a Itália, entre outros.	Um lugar diferente, outros países, novas cidades, outras cidades.
	Rapazes	Madri, Roma, Cristo Redentor, Mineirão, Pão de Açúcar, um estádio de futebol em um jogo entre Cruzeiro e Atlético mineiro.	O Mundo, a Europa.
		Específicos	Geral
NÃO CONHECER	Moças	A miséria.	O inferno, o “coisa ruim”.
	Rapazes	A prisão (2 votos), a fome, as drogas (2 votos), a violência.	O inferno, pessoas falsas, o lado ruim do mundo.

Nesse quadro, destaque para a vontade de conhecer outras cidades e metrópoles, ou seja, conhecer o mundo além do rural (pontos turísticos das grandes cidades, cidades da

Europa, etc). Todos os elementos citados no item “não conhecer” contribuem para a desestrutura familiar e individual (prisão); para o desemprego (fome, miséria); para sofrer uma violência (drogas, lado ruim da vida) ou ter más companhias (pessoas falsas). Tais aspectos também podem justificar um pouco as escolhas do próximo quadro, abaixo.

<b>Quadro 5c, Estar e não estar, no futuro.</b>			
		<b>Trabalho e Estudo</b>	<b>Lazer</b>
<b>ESTAR</b>	Moças	Em um emprego fixo (2 votos), na universidade (3 votos).	-
	Rapazes	Em São Paulo, estudando para entrar no mercado de trabalho, em uma universidade (3 votos), em um emprego fixo (2 votos).	No Maracanã, assistindo a final da Copa do Mundo.
		<b>Específicos</b>	<b>Geral</b>
<b>NÃO ESTAR</b>	Moças	Morta, estar na roça, em situação de violência.	Na sarjeta, estar aqui.
	Rapazes	Na prisão, no crime, nas drogas, na favela, no hospital, em uma faculdade particular.	Abandonado (no mundo).

Deseja-se estar trabalhando e estudando, aprimorando-se. Ficar na roça seria, ao que parece, o mesmo que estar desempregada, em situação de violência. Seria talvez tão ruim quanto ficar doente e não poder trabalhar ou estudar em uma faculdade particular.

<b>Quadro 5d, Ser e não ser, no futuro.</b>			
		<b>Profissões urbanas</b>	<b>Trabalho em qualquer lugar</b>
<b>SER</b>	Moças	professora de dança, de educação física, psicóloga (2 votos).	uma pessoa respeitada e reconhecida pela minha capacidade.
	Rapazes	jornalista esportivo, delegado ou advogado, um policial, piloto de avião, um profissional na área de atuação (2 votos).	o que vier ser do meu agrado.
		<b>Específicos</b>	<b>Geral</b>
<b>NÃO SER</b>	Moças	Prostituta ou uma pessoa cruel, desempregada, sozinha, marginal violenta, desempregada.	-
	Rapazes	Um traficante, um bandido, ladrão, trabalhador da prefeitura, viciado em drogas, professor de matemática.	Desonesto.

Os jovens no rural desejam ser um profissional do mundo urbano, reconhecido e respeitado. As moças temem ficar sozinhas no mundo, sem constituir uma família; os rapazes temem o mundo do crime, o trabalho mesmo na prefeitura ou na escola, ser desonesto com as pessoas.

### 7.5.3. O debate na sessão

*Método/A experiência da execução:* Em seguida ao término do questionário, iniciei os trabalhos da sessão. Toda a sessão foi entrecortada por diversas falas paralelas. Não foi possível identificar todas, mas procurei direcionar o gravador para os comentários mais interessantes que podiam ser captados durante a conversação. Consegui também transcrever outras falas audíveis. Este aspecto revelou a importância da condução do método pelo pesquisador: ao mesmo tempo em que precisei deixar os participantes falarem livremente, tive que controlar o ruído no debate, enfatizar os comentários que mais interessavam tanto aos objetivos da pesquisa quanto para o desenvolvimento da discussão. Contudo, é preciso perceber até que ponto risos, exaltações, interjeições e outras falas aparentemente sem nexo com o debate são significativas para o tema em discussão.

Na discussão, começamos pelo debate sobre o ser jovem rural naquela comunidade.

**Y** – Então vocês se consideram jovem rural? (sessão 4);

**Am** – Não! (sessão 4);

**Y** – Por quê? (sessão 4);

**Em** – Você num é da rua [da cidade], ô palhaço! (sessão 4);

**Af** – Que convive com as coisas da roça, plantas, uma coisa assim? (sessão 4).

Nesse início de discussão, podemos identificar como reação à pergunta, uma rejeição e uma dúvida – algo curioso, pois o jovem no rural necessariamente lida com roça e plantas.

**Cf** – A gente é da roça porque faz as coisa que tem na roça, apanhar café, por exemplo? Nós faz isso, ué, plantação de milho, café... (sessão 4);

**Cm** – De sol a sol é o que a gente planta aqui! (sessão 4);

**Y** – O que é jovem rural pra vocês? (sessão 4);

**Dm** – É que mora na roça (sessão 4);

**Bm** – Trabalha na roça (sessão 4);

**Em** – Convive no campo (sessão 4).

Os jovens conseguiram identificar o ser jovem no rural como sendo o sujeito ligado a atividades da roça, ao trabalho sob o sol e na plantação, aquele que mora, trabalha e convive com o campo. Na terceira parte, questionei sobre a forma do ser jovem no rural, aquele sujeito típico conhecido como quem anda a cavalo, com chapéu de palha, botina (naquela sessão, um dos participantes estava vestido com uma camisa de manga longa do Real Madri e com um corte de cabelo igual ao Neymar). Mostramos essa diferença na forma do jeito de ser jovem

no rural, com outros exemplos. O objetivo seria identificar, a partir da conversação, traços de uma mescla cultural entre o rural e o urbano. Alguns aspectos interessantes surgiram:

**Y** – Vocês são jovens rurais ou jovens urbanos...como seria isso? (sessão 4);

**Dm** – Tá meio a meio! (sessão 4);

**Af** – É porque tem as tecnologias e tem também o que a gente vive pra tirar da roça! (sessão 4);

**Y** – Ah, isso é importante! (sessão 4);

**Cf** – A gente vive aqui, mas a gente num tem as informação das coisa que acontece (sessão 4).

Discutimos sobre o ser jovem no rural mais tradicional e aquele jovem que interage com as tecnologias. Outro aspecto surgiu, então: o ser jovem “meio a meio”, rural e urbano ao mesmo tempo:

**Y** – E aí? Rural ou metade rural e metade urbano? (sessão 4);

**Am** – Não, eu sou só rural (sessão 4);

**Cf** – Nós mora aqui mas a gente faz as mesmas coisa que o pessoal da rua fazem (sessão 4);

**Dm** – Meio a meio (sessão 4);

**Cm** – Não (sessão 4);

**Em** – 70 a 30! (sessão 4);

**Cm** – Isso! 70 a 30! (sessão 4);

**Af** – Acho que é 60 (sessão 4);

**Cm** – Tudo o que o urbano usa a gente praticamente tá usando, uai! Somo diferente, somo mais divertido! (sessão 4);

**Y** – E se eu dissesse que vocês são jovens rurbanos? (sessão 4);

**Em** – Não! (sessão 4);

**Cm** – Não! (sessão 4);

**Am** – Não aceito (sessão 4);

**Cf** – Melhor rural, não? (sessão 4);

**Em** – Mas aí seria meio a meio! (sessão 4);

**Dm** – 70 a 30 eu aceito! (sessão 4).

No segundo momento do debate, conversamos sobre o hábito de assistir à tevê. O horário nobre para as moças é diferente dos rapazes. O horário delas começa por volta das 18h ou 19h e segue até a meia noite. O tempo gasto assistindo à tevê é dividido entre as tarefas de casa e, possivelmente, os estudos.

**Af** – Assistio à novela. Se eu pudesse assistia o dia inteiro! (sessão 4);

**Bf** – Eu caio no sofá pra assistir à novela (sessão 4);

**Df** – Eu vou dormir lá pras onze hora da noite (sessão 4);

**Cf** – Eu chego em casa seis hora, depois vou arrumar a minha sala, depois penso em tomar banho e assistir televisão e aí vou dormir meia noite e meia (sessão 4).

A mídia preferencial se define em função de como o jovem organiza seu tempo diante das circunstâncias de vida. A preferência determinadas por narrativas midiáticas varia conforme as mudanças no cotidiano da vida:

**Cf** – Quando eu num trabalhava, eu ouvia rádio o dia inteiro, mas agora como eu trabalho, eu ligo a televisão lá pras sete e meia na hora que começa a novela. Eu assisto à novela das sete meia, o jornal nacional e a outra novela (sessão 4).

O horário deles envolve os programas esportivos do meio dia, conforme chega da escola e segue para o trabalho no período da tarde. Alguns almoçam assistindo à tevê em dias específicos da semana ou veem os telejornais noturnos:

**Am** – Eu gosto mais do *Jogo Aberto* (...). Quando chego em casa pego até mais ou menos meio dia e meia, depois eu saio pra apanhar café (sessão 4);

**Cm** – Eu também assisto todo o dia! (sessão 4);

**Em** – Eu assisto duas vez por semana o *Jogo Aberto* (sessão 4);

**Dm** – Eu também (sessão 4).

**Em** – É dia de hoje [segunda] e quinta [na segunda o programa fala sobre os jogos do domingo] (sessão 4);

**Dm** – Quinta que dá o de quarta [na quinta o programa fala sobre os jogos da quarta] (sessão 4);

**Cm** – É os dois dia que dá os principal resultado (sessão 4);

**Bm** – Eu também assisto (sessão 4).

A preferência pelo futebol na tevê tem relação com o cotidiano de lazer dos jovens nos finais de semana:

**Bm** – Sábado é futebol, ué? (sessão 4);

**Y** – Futebol em qual horário? (sessão 4);

**Dm** – Domingo de manhã, sábado à tarde, dia de semana à noite. Sábado e domingo é a tarde (sessão 4).

**Af** – Dia de domingo nós vai pra cidade! Vê o time jogar! Por que tem campeonato (sessão 4);

**Cf** – Encontra com os amigo tudo lá (sessão 4).

À noite, a preferência é pelos telejornais populares exibidos nos finais de tarde e início da noite.

**Dm** – E assisto o Marcelo da Record, o Cidade Alerta... (sessão 4);

**Y** – Tem o tal do Percival aí, que é o comentarista jurídico do Marcelo Resende. Quem mais assiste ao Marcelo Resende? (sessão 4);

**Bm** – Eu assisto o Datena (sessão 4).

Se o horário de assistir tevê da juventude rural pode variar entre moças e rapazes, sendo em geral um horário noturno, com relação ao uso da internet também encontramos variações:

**Y** – Aquele aparelhinho ali, a internet, vocês usam com frequência ou não? (sessão 4);

**Bf** – Sim. Em casa tem (sessão 4);

**Am** – Uma na vida e outra na morte (sessão 4);

**Af** – Só aqui [na escola] (sessão 4);

**Cm** – Quem tem põe (sessão 4);

**Cf** – Sim. Eu vejo todo o dia o *Facebook* (sessão 4);

**Y** – E o que você posta lá? (sessão 4);

**Cf** – Eu posto algumas mensaginha bonita, sabe? Curto alguma coisa, adiciono, só isso (sessão 4);

**Y** – E suas amizades de onde são? (sessão 4);

**Cf** – De vários lugares fora daqui. Eu tinha uma amiga que foi pra Tocantins [município perto de Ubá], então agora eu converso com ela pelo *Facebook*. Num tem jeito de ligar pra ela mais, aí eu converso com ela pelo *Facebook* (sessão 4);

**Y** – E você? (sessão 4);

**Dm** – É de fora [os amigos no *Facebook*] e os daqui eu comento as coisa que posta, né? (sessão 4);

**Cf** – Eu entro *Facebook* só pra curtir e conversar com os outro (sessão 4);

**Bf** – Você conversa com gente que já foi embora... conectado com as coisa (sessão 4).

Voltando a conversar sobre tevê, perguntamos novamente (depois de alguns meses) o que está na mídia e que chamou a atenção deles naqueles dias. Os rapazes lembraram o futebol nacional e internacional; as moças, o final da novela *Salve Jorge*. As falas das meninas revelam um pouco como os assuntos da mídia deslizam pelo cotidiano das jovens:

**Y** – Qual o fato da semana que chamou a atenção de vocês e por onde vocês ouviram ou viram? (sessão 4);

**Cf** – O final da novela, lógico (sessão 4);

**Em** – Real Madri que perdeu (sessão 4);

**Am** – Eu assisti. Cristiano Ronaldo fez gol (sessão 4);

**Cm** – Eliminação do Corinthians (sessão 4);

**Af** – Final da novela (sessão 4);

**Y** – Dos meninos foi futebol e das meninas foi o final da novela (sessão 4);

**Af** – É, que foi ridículo (sessão 4).

**Y** – Vocês comentaram o final da novela? (sessão 4);

**Af** – Apanhando café, na escola, em casa, em todo lugar! (sessão 4).

**Bf** – Tava apanhando junto o café e aí ela [Df] perguntou e a novela vai acontecer isso e isso, comentando sobre a novela e apanhando café. Aí ficou todo mundo dizendo não, eu acho que vai acontecer isso (sessão 4);

**Af** – Tinha uma menina que num assistiu, aí a gente foi contar pra ela novela. As vez a gente parava pra comentar a novela (sessão 4);

**Bf** – Por que tem que olhar uma a paquera da outra pra poder conversar. Essa aqui [Ef] é a que mais fala sobre novela (sessão 4);

**Af** – Antes da novela acabar ela [Ef] já sabe tudo o que vai acontecer (sessão 4);

**Ef** – Agora num tô assistindo, tô apanhando café, né? (sessão 4).

Resolvemos abordar mais sobre esse cotidiano da juventude nos dias da semana, procurando diferenças na rotina entre moças e rapazes. No sábado, enquanto os meninos jogam futebol, as meninas apanham café:

**Af** – Aí no sábado é o dia em que nós vai apanhar café (sessão 4);

**Bf** – Café o dia inteiro (sessão 4);

**Y** – E no domingo? (sessão 4);

**Am** – Domingo de manhã vou pra Igreja, pro grupo de jovem, e depois eu almoço! (sessão 4);

**Cm** – Dia de sábado eu fico o dia inteiro estudando (sessão 4).

A atividade agrícola é a mais exercida pelos jovens no rural após suas atividades escolares, em especial a colheita do café que segue de maio até setembro, seja na própria propriedade ou na terra dos outros.

**Y** – Vocês vão fazer o que, agora, quando chegarem em casa? (sessão 4);

**Bm** – Apanhar café. A gente apanha café na própria propriedade (sessão 4);

**Cm** – Apanhar café (sessão 4);

**Y** – E você, William? (sessão 4);

**Am** – Tô apanhando meu café, né Ricardo (sessão 4);

**Dm** – Apanhar café, só que num é na propriedade não (sessão 4);

**Af** – Eu vou preparar a janta, porque eu só vou chegar quatro e meia em casa, por causa do ProJovem! (sessão 4);

**Y** – O que é o ProJovem pra vocês? (sessão 4);

**Af** – É um projeto pros adolescente num ficar na rua, num virar marginal (sessão 4);

**Bf** – Não, é um projeto do governo que faz atividades dos jovens que tão na escola. Aí tem um monte de tipo de atividade (sessão 4);

**Y** – Qual a frequência? (sessão 4);

**Bf** – Duas vezes por semana (sessão 4);

**Af** – Aqui é segunda e sexta, lá na rua é segunda quarta e sexta (sessão 4).

A mesma jovem que diz acessar o *Facebook* todos os dias também afirmou que trabalha, mas não na roça e sim em uma casa (provavelmente como doméstica) no meio rural.

**Cf** – Eu trabalho, né? (sessão 4);

**Y** – Na rua? [na cidade] (sessão 4);

**Cf** – Não, aqui mesmo, em uma casa que tem aqui em cima (sessão 4).

E seguimos a discussão sobre o cotidiano de trabalho, uma categoria importante para o tema da juventude no rural. O jovem que afirmou apanhar café disse, também, que o trabalho na roça não compensa e sua opinião foi reforçada logo em seguida por uma jovem. As opiniões são unânimes e seguem contrárias ao trabalho na roça, oposição que acaba justificando o jovem procurar trabalho na cidade, em outra atividade.



**Cm** – Você trabalhar pra apanhar café pros outro dá mais lucro do que você pagar pra apanhar porque tá ficando muito cara a mão de obra, porque paga pra apanhar o café pra você, depois compra o adubo caro também e depois tem o preço (sessão 4);

**Af** – E a mão de obra muito desqualificada (sessão 4);

**Y** – Quem que tá planejando sair daqui? [da roça] (sessão 4) [do total de treze participantes na sessão 4, onze jovens levantaram a mão].

**Y** – Vocês são jovens rurais, apanham café, tem a propriedade de vocês, dos pais de vocês, mas não querem ficar no rural. Querem sair da atividade. Por quê? (sessão 4);

**Cm** – Na roça num tá compensando mais, tá ficando muito difícil. Tudo o que você vai vender na roça num tem preço, é tudo difícil pro produtor (sessão 4);

**Af** – E, assim, uma pessoa que vai trabalhar pro vizinho, trabalha o dia inteiro pra ganhar 25, 30 reais (sessão 4).

Junto com o desânimo em relação ao trabalho na roça que não compensa está também a vontade do jovem de ser independente dos pais, ser reconhecido, ter uma vida social mais dinâmica, outras amizades, mais lazeres e moradias próximas umas das outras. O desejo pela experiência de cidade pode ser visualizado nas falas das meninas, algumas mais determinadas a sair do rural do que outras:

**Bf** – Eu quero sair pra ganhar meu próprio dinheiro, sair da asas dos meus pais, ser mais responsável, quero ter minha vida própria, sem a opinião deles. Eu posso quebrar minha cara total, mas aí eu vou tentando (sessão 4);

**Y** – Mas você poderia morar sozinha, e ter sua própria vida se fizesse um puxadinho na propriedade só pra você (sessão 4);

**Bf** – Mas eu não quero isso aqui não (sessão 4);

**Af** – Aqui na roça é muito difícil, num tem um lugar a noite pra você ir, de noite você num vê nem um amigo seu, você mora longe das pessoa que é amigo seu mermo. A vida é muito chata, então é melhor ir pra cidade (sessão 4).

**Cm** – Na cidade, também num é fácil não. Por exemplo, tudo o que você come, tudo é plantado aqui mesmo. E lá fora você é que vai comprar (sessão 4);

**Cf** – Você vai trabalhar, mas você vai ter que comprar também, né. Vai ganhar mas vai gastar também! (sessão 4).

No final da sessão, perguntamos aos rapazes sobre o futuro e os destinos fora do rural.

**Y** – E você, William? (sessão 4);

**Am** – Eu vou ser policial! (sessão 4);

**Y** – E vocês? (sessão 4);

**Em** – Vou pra Viçosa, Rio Branco, ficar por aqui mermo [em pequenas cidades próximas] (sessão 4);

**Dm** – Por essa região mermo. Viçosa, Ubá... (sessão 4);

**Bm** – Eu não. Vou pra Muriaé, Ubá (sessão 4);

**Fm** – Universidade, né. Vou tentar a área que eu me formar (sessão 4).

*Método/A experiência da execução:* Aquela era a última sessão gravada. Senti que os jovens estavam bem mais soltos comigo e o gravador, em relação a sessão 1. A dinâmica do grupo de discussão já era compreendida entre eles. Por conta desta afinidade entre participantes e o orientador-pesquisador do grupo, a sessão 4 me ensinou que, em um grupo de discussão com jovens que se conhecem e gostam de participar, importante a orientação do pesquisador no sentido de diminuir a falação com um mínimo de organização (sem intervenções incisivas para não perder a característica natural do momento); ficar atento aos comentários que surgem; e direcionar o gravador para tais depoimentos. Prometi voltar para uma sessão 5 no mês seguinte.

#### **7.5.4. Considerações**

Em primeiro lugar, vamos olhar para *os resultados do questionário* aplicado no início da sessão. Iremos comentar os resultados do grupo e diferenciar algumas escolhas entre moças e rapazes. Os achados dizem respeito dos sedimentos da experiência do jovem no seio da família privada e comunitária, formada tanto pelo coletivo do grupo juvenil – que pode envolver, em alguns momentos, questões relativas às tensões geracionais – quanto pelo aspecto das diferenças de gênero – nas escolhas diferentes feitas entre moças e rapazes e que, eventualmente, podem conter alguma tensão e refletirem os papéis sociais de homens e mulheres no meio rural.

##### **a) Aspectos do coletivo: o grupo juvenil**

No grupo, a qualidade mais admirada é a pessoa humilde (ser simples, ser pobre), seguida da pessoa que tem força de vontade, o que indica uma experiência marcada pelo trabalho familiar coletivo de gente humilde da roça.

Quando se fala das pessoas da comunidade (a parentela, o compadrio, os vizinhos e amigos), observamos as tensões mais identificadas na noção do “nada é de graça na vida” em contraste com uma vida comunitária em que, ao que parece, todos estão “no mesmo barco” das dificuldades, sempre compartilhando objetos no cotidiano. Nesse universo rural de trabalho duro, não pode haver preguiça para trabalhar.

Existe claramente o desejo dos jovens em estar ao lado de pessoas queridas, aquelas consideradas como “boas companhias”. E, logicamente, indicaram a necessidade de dinheiro

para suprir suas dificuldades materiais. Salientaram que não desejam riquezas ou nenhum convite fácil, porém priorizam as relações pessoais, ou seja, o convívio com pessoas que se ajudam mutuamente, longe dos rancores e do ódio, defeitos que talvez levem o jovem a uma condição de violência.

O grupo juvenil mostrou vontade de sair do lugar comum e conhecer novidades. Diante da vida monótona da roça, os jovens almejam conhecer lugares novos, de preferência cidades fora do Brasil. O futuro almejado pelos jovens envolve expectativas, esperanças e planejamentos, que sempre demandam a necessidade de estar longe da miséria e das coisas ruins provocadas pela violência urbana ou pelo lugar de destino da migração.

Para conseguir o que deseja, essa juventude sonha com o emprego fixo e o estudo, seja técnico superior ou universitário; desejam as profissões tradicionalmente urbanas de nível universitário, que proporcionem uma carreira, promoções e ascensão social. Tais aspectos envolve a autoestima do jovem, a vontade de ser alguém na vida diferente de ser “desconhecido” na roça.

#### ***b) Diferenças de gênero: moças e rapazes***

Entre as moças: observamos uma preocupação maior com a necessidade de adquirir disposição para o trabalho dedicado, um valor possivelmente reverberado em família – tanto no lar (ajudando a mãe, a irmã) quanto na lavoura (ajudando o pai, ao irmão). Ao desejarem ter paciência, revelam-se moças ansiosas para que as coisas na vida aconteçam o mais breve possível. Contudo, não se esquecem de que as coisas são adquiridas com esforço próprio, sem convite fácil. Elas foram as únicas a afirmarem que desejam conhecer um lugar longe da roça, talvez até longe do Brasil, mas também distante do que elas chamam de “inferno” da vida. Como aprenderam a dedicação no seio familiar, valorizam a força de vontade como um equipamento capaz de lhe manter em um emprego fixo e ajudar a continuar os estudos. Ficar na roça, para elas, parece significar uma estagnação. As meninas também têm o receio da violência contra a mulher, que poderia significar a solidão, o desamparo, a miséria ou a morte; elas querem ter uma profissão, digamos, “mais leve” (professora de dança, psicóloga, educadora física) do que os meninos, mas que lhe proporcionem respeito e reconhecimento social – coisa que não conseguiria sendo prostituta ou desempregada.

Entre os rapazes: observamos que eles estão mais preocupados com a ajuda mútua entre as pessoas da família e da comunidade. Ao indicar a inveja como um defeito

significativo, sinalizam para a manutenção de um ambiente de ajuda mútua entre as pessoas da localidade. A inveja pressupõe uma distinção em relação ao outro; um isolamento ou dissociação que não combina com a noção de ajuda mútua.

Eles desejam saúde e força de vontade para trabalhar e estudar ao mesmo tempo, mas também se aperfeiçoar tecnicamente para conseguir um emprego que permita ascender profissionalmente, sem grandes riquezas. Se o medo das meninas é o de ser vítima da violência, da solidão e do desamparo familiar, o medo dos rapazes é o de se tornar um criminoso ou cair nas drogas, que levariam eles para fome e miséria. Importa, para eles, um curso que lhe qualifique para o mercado de trabalho em uma grande cidade. A prisão impediria tal progresso, assim como a doença, o abandono da família. Um dos jovens mostrou o receio de estudar em uma faculdade particular, possivelmente por conta das condições financeiras da família, sem condições de pagar um curso ou as condições individuais do jovem em conseguir um emprego com salário suficiente para pagar a própria faculdade. Eles, de fato, preocupam-se com as profissões urbanas (delegado, advogado, piloto, jornalista esportivo) fora do rural.

Agora analisando a lista dos nomes (Anexos, Tabela 6), notamos que o núcleo dos admiráveis foi constituído por pessoas da família e pessoas que fazem parte da comunidade (vizinhos, professores, funcionários da escola rural). Junto às pessoas comuns do cotidiano, estão algumas personagens midiáticas convidadas a estarem juntas das pessoas consideradas como “da família”.

Então, as personagens da mídia que estão próximas desse universo familiar são a apresentadora Hebe e a presidenta Dilma. No entanto, tais personagens são protótipos que provocam reflexividades em torno mais da ideia do feminino na experiência de vida dos jovens (a mãe, a tia, a avó, a irmã, mas também as mulheres da vizinhança e as professoras). O mesmo acontece no caso da personagem do Papa e o valor da humildade (o homem humilde, no sentido de pobre e simples), aspecto que pode ser visualizado na figura do pai, do irmão, do tio e do avô.

A personagem de Hebe, por exemplo, ainda continua fazendo parte da memória das pessoas da roça, pois a dinâmica de pensamento que ela mobiliza tem a ver com a tessitura das experiências da família tradicional da pequena agricultura. Mesmo depois de sua morte, os valores em torno de Hebe continuam ali: a dedicação e a força de vontade em torno das tarefas domésticas, no reforço do papel da mulher na família, a importância do legado familiar.

Hebe, assim como o Papa Francisco, parece ser “gente como a gente”, pois as personagens e seus gestos na mídia transmitiam a sensação às pessoas de que as celebridades enfrentam os mesmos problemas dos sujeitos comuns. Hebe, apesar de rainha, amava, tinha filhos e lar, marido, dizia que ia ao supermercado, que usava cobertor e arrumava gavetas. Ela conhecia a “tecnologia doméstica”: empregadas, limpeza e consumo; bem como os ritmos da casa: refeições, recreação, horários de dormir etc. Ela era uma personagem “divertida e simples” com seus selinhos nos convidados, transmitindo a imagem de uma pessoa que tratava todos da mesma forma em seu programa.

Quando cruzamos as informações das qualidades e defeitos com as personagens eleitas, observamos tanto uma admiração quanto um desejo: admiração pela qualidade da humildade que se associa à personagem do Papa; admiração por uma qualidade como força de vontade (em oposição à preguiça) que revela a importância do trabalho dedicado. Todavia parece que tais qualidades nas personagens pertencem ao outro e não aos jovens: eles esperam do outro tais atitudes admiráveis. A autoridade humilde que precisa trabalhar de forma dedicada para os pobres; a riqueza sem inveja e sem frescura, que trata todos como igual perante a distinção das classes sociais; e a mulher posicionada na sociedade em uma condição elevada perante os homens – algo que possivelmente não parece ser comum na roça. São personagens que, em suas narrativas, articulam sentidos e estimulam junto ao público, um tipo de oscilação entre a posição social que ocupam na sociedade e suas atitudes próximas do comum, do cotidiano, tornando a personagem da mídia admirada por ser como todo mundo.

Também observamos a questão da coletividade: o grupo familiar e o grupo juvenil. Existe *um atravessamento de sentidos*, ao mesmo tempo em tensão e em consonância, ao compararmos alguns aspectos: o desejo de sair da roça significa deixar de lado o coletivo familiar em favor de uma vida individual, junto às reivindicações dos jovens no urbano. No entanto, o grupo jovem no rural sofre a influência dos valores sedimentados no coletivo familiar, como, por exemplo, a exigência por parte dos pais que os jovens selecionem suas amizades.

Outro aspecto é a do momento vivido, que convida certos valores à presença, visível nas falas dos jovens. A humildade é um desses valores. Entre os rapazes, foi nítida a preferência pela humildade, em um cenário social marcado por um ambiente masculino cercado de poder e vaidades – tanto no cotidiano dos jovens urbanos quanto em um cenário maior, marcado por corruptos, dinheiro e ganância. A inveja se contrapõe à humildade (também à ambição e ao egoísmo).

Como para o pobre e simples existe sempre um preço a ser pago, existe a desconfiança com relação ao convite fácil, pois a dedicação e a força de vontade são equipamentos que devem ser usados para enfrentar os vários obstáculos na vida, por isso não se fala em ter preguiça, pois o jovem segue rumo aos seus objetivos de sair do mundo rural, sem desejar riquezas, mas apenas o suficiente. Eles desejam ter uma profissão, seguir uma carreira profissional para ser reconhecido pela capacidade.

Agora iremos observar os *pontos importantes desenvolvidos no debate em grupo*. Destacamos o debate em torno do ser jovem no rural, das diferenças do hábito de assistir tevê entre moças e rapazes. Resolvemos passear por assuntos já abordados em outras sessões, para confirmar alguns aspectos.

O primeiro deles é a diferença entre o rural tradicional e o rural contemporâneo. Na leitura dos jovens, a reflexão sobre o assunto permitiu esclarecer o que é ser jovem no rural hoje. Trata-se de um indivíduo que mora na zona rural, convive com os costumes tradicionais da roça, trabalha de sol a sol no campo, convive com a família. Contudo, eles podem conviver com as tecnologias *no campo*; possuir informação limitada do que acontece no mundo, por conta do restrito acesso aos variados meios de comunicação; ter as mesmas coisas que a pessoa “da rua”. Eles se consideram mais rurais do que identificados com aspectos do mundo urbano e se acham mais divertidos do que os jovens no urbano. Essa discussão tornou visível *o conflito rural/urbano* que caracteriza esse jovem no rural contemporâneo.

Não importa se o jovem se considera metade rural e metade urbano; ou 70% rural e 30% urbano; ou 60% rural e 40% urbano. Ao declarar que possui algum percentual urbano em seu jeito de ser, o jovem dessa pesquisa já se distancia daquele indivíduo clássico característico do rural tradicional – do tipo “cavalo, chapéu e botina”. Já podemos associar o dizer desses jovens com um cenário um pouco mais desenraizado e presente no rural. Contudo, o percentual maior que eles mesmos destinaram ao jeito de ser jovem na roça revela a identificação com o seu mundo coletivo familiar ou às raízes e a resistência ao jeito de ser jovem no rural. Importante também observar que eles não se sentem totalmente rurais (submersos por inteiro na vida coletiva e familiar do rural tradicional), mas sim respirando e inalando aspectos da vida urbana. Os jovens entenderam que convivem não somente com as coisas tradicionais do campo, mas também com as tecnologias que permitem ampliar as informações e se aproximar do mundo além das cercanias rurais.

Temos, então, esse conteúdo midiático que aproxima os dois mundos, tentando estabelecer uma interlocução com uma experiência juvenil atravessada de sentidos: de um

lado, experiência que valoriza o trabalho dedicado, a força de vontade, a humildade, entre outros valores fomentados entre os membros da família; do outro lado, o desejo pelas profissões urbanas, a valorização das tecnologias (celulares, vestuários) e das diversas formas de lazer. Busca-se o reconhecimento e o respeito da família, mas fora do rural, em uma vida independente, individual, próxima dos amigos da cidade.

Quando os rapazes falam o que chamou mais a atenção deles nos últimos dias, lembraram não dos assuntos contidos nas narrativas dos programas rurais, mas sim e imediatamente do jogo do Real Madri, no qual o Cristiano Ronaldo fez um gol. Futebol e mundo urbano europeu se misturam entre os desejos do jovem, pois interessam mais os assuntos contidos nas narrativas não-urbanas. Ora, isso não se assemelha com nenhum aspecto tradicional daquele camponês que escuta as notícias rurais pelo radinho de pilha. As relações entre Campo e Cidade transformaram os modos de ser e de fazer do indivíduo jovem, no qual a mídia se apresenta como elemento importante para determinar qual a interlocução estabelecida entre a vida rural e fora do rural.

Na fala de “Cm”, vemos um desânimo quanto ao trabalho na roça. Durante a realização dessa pesquisa, os jovens estavam trabalhando nas lavouras de café da região, alguns com seu próprio café e outros na propriedade de outras famílias enquanto assalariados. A família do jovem humilde na roça não tem condições de pagar trabalhador para a lavoura. Além do encarecimento da mão-de-obra, existe o alto preço do adubo aliado ao baixo preço do produto. Esse aspecto se soma a outros como falta de lazer e necessidades individuais, e alimentam o desejo dos jovens em sair do rural. Não compensa ficar na roça, por conta da dificuldade de se conseguir uma renda fixa, um trabalho que satisfaça as necessidades financeiras e pessoais dos jovens.

Existe também o fato de conquistar a independência financeira e o reconhecimento. O desejo de ser mais responsável aos olhos da família; ter a própria vida longe da opinião dos pais; conquistar um emprego fixo e uma carreira profissional. Evidente que tais aspectos dependem de uma circunstância de vida para a outra (depende dos problemas existentes em cada família), mas em geral o jovem sonha em sair da aba do pai e da mãe. Mas para o jovem na roça existe uma peculiaridade. Ele precisa pagar um preço um pouco mais alto do que o jovem urbano para sair da casa de sua família. Por natureza, a vida na roça é coletiva e familiar e sair de casa significa deixar de lado essa vida por outra na cidade (lugar de destino da migração), ambiente mais individualizado e independente socialmente. As pessoas em Capivara tem o costume de dizer que o jovem migrante de retorno “quebrou a cara” na cidade,

ou seja, voltou com as mãos abanando, desempregado e sem o reconhecimento que tanto almejava. São alguns aspectos que caracterizam essa peculiaridade.

E, por último, observamos que o destino do jovem rural pesquisado parece ser as cidades próximas (o comércio de Viçosa, as indústrias de Ubá e Visconde do Rio Branco ou no mercado de trabalho de uma cidade maior como Muriaé). Talvez como estratégia, o jovem escolhe migrar para cidades próximas tanto para não enfrentar uma cidade grande, logo de início, quanto para não cortar de vez o “cordão umbilical” da família – contando com a possibilidade de visitar os pais na roça durante os finais de semana e feriados prolongados. Mas também as cidades próximas oferecem emprego fixo à altura da instrução formal adquirida pelos jovens durante sua vida escolar.

Por fim, na discussão sobre a internet na roça, alguns disseram ter acesso caseiro à internet e outros limitados à escola. Aqueles que possuem internet em casa curtem mensagens (e os valores por trás dessas mensagens) e conversa com o outro fora do rural, com pessoas que já foram embora da roça e estão mais conectados com as coisas do mundo além do rural. Aqui se trata daquela costura realizada pela informação, aproximando o mundo comum do lugar de destino da migração juvenil.

## **7.6. Quinta Sessão**

Algumas semanas depois retornamos para a execução da sessão 5. Inserimos os nomes de personagens públicas da mídia que apareceram nas falas dos jovens ao longo das sessões, mas que ficaram de fora da lista do primeiro questionário (Quadro 7). Novamente, os jovens teriam que indicar, por ordem, quais personagens eram as mais admiradas e as mais rejeitadas. Também elaboramos junto a esse último lote de nomes mais duas questões para o questionário 2. Tendo como referência as falas dos jovens durante as sessões de 1 a 4, propusemos uma questão com relação à apresentadora Hebe Camargo – pois chamou nossa atenção a votação expressiva da apresentadora, mesmo depois de falecida – e outra questão que procurava identificar um perfil de um tipo de pessoa admirável ideal (Quadro 8).

*Método/A experiência da execução:* Antes de iniciar a pequena sessão, fiquei conversando com Andrea, a diretora da escola. Ela contou sobre os bons índices da escola no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e sobre o ingresso de alguns alunos da escola em cursos da UFV. Contou que teve, em alguns casos, de tentar convencer os pais e uma aluna que foi aprovada na Universidade a migrar para Viçosa, pois um curso universitário na instituição era uma coisa muito boa para ela e sua família. A aluna não queria se separar dos pais: seu coração estava no rural, mas foi preciso a diretora da escola conscientizar a jovem da oportunidade de um curso superior na UFV.



Sobre essa última questão, elaboramos, tendo em vista a capacidade deles em refletir e discutir assuntos polêmicos e importantes na sociedade. Resolvemos, então, aprofundar a discussão de alguns aspectos. Propusemos 14 tipos de pessoas admiradas e solicitamos de cada jovem a escolha de três pessoas “nota 10” dentre os tipos disponíveis. Depois, eles poderiam escolher mais três tipos “nota 9”. E assim por diante. Cada tipo pode dizer a respeito de algumas personagens midiáticas, sobre alguém da família ou amigo próximo. Seguem, abaixo, o perfil de pessoa e para qual assunto este perfil poderia estar associado:

- a) *uma pessoa que se preocupa com os pobres* (relação com a qualidade eleita da humildade; com a personagem do papa Francisco);
- b) *uma pessoa divertida e simples* (relação com a qualidade da humildade; com a perspectiva da personagem midiática “gente como a gente”; com a apresentadora Hebe e o cantor Leonardo);
- c) *uma pessoa que não deseja o que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros* (relação com as qualidades de humildade, o contrário da inveja; com algum membro da família ou da vizinhança);
- d) *uma pessoa centro das atenções entre meus amigos e que anda sempre na moda* (relação com o defeito da inveja; com a admiração por um amigo próximo);
- e) *uma pessoa da prática, trabalhadora, que sabe fazer e põe a mão na massa* (relação com alguma figura masculina ou feminina em sua família; com o valor do trabalho útil e prático);
- f) *uma pessoa que saiu da roça e melhorou de vida na cidade* (relação com o sonho do jovem rural; com algum exemplo entre seus amigos);
- g) *uma pessoa simples no jeito de ser e que é uma estrela da televisão* (relação com as apresentadoras Hebe, Fátima Bernardes ou outras personagens);
- h) *uma pessoa que ficou na roça e conseguiu prosperar na vida* (relação com algum exemplo de jovem; com a família que prosperou ficando na roça);
- i) *uma pessoa que era pobre, e venceu na vida sem estudo, só com o talento* (relação com a importância do estudo; com os jogadores de futebol);
- j) *uma pessoa que faz um grande favor a você e não cobra nada de você em troca;* (relação com o que foi discutido em uma das sessões, sobre a disposição em ajudar das pessoas da comunidade sem pedir nada em troca);

- k) *uma pessoa justa, responsável e respeitada em toda a sociedade* (relação com as instituições, com as autoridades etc.);
- l) *uma pessoa que lhe cobra um preço muito pequeno por ter realizado um grande sonho para você e sua família* (relação com a ideia de que nada é de graça na vida e de que tudo tem um preço, mas um preço justo que pode ser pago; com alguns programas governamentais);
- m) *uma pessoa que saiu da roça, entrou na universidade e hoje trabalha na cidade em sua profissão, ganhando o próprio dinheiro* (relação com o sonho deles em conquistar a independência financeira, o emprego fixo e a universidade);
- n) *uma pessoa que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades* (relação com membros da família, com os valores da dedicação, da força de vontade e da superação dos problemas da vida).

*Método/A experiência da execução:* Hora da última conversa com os jovens. Desta vez, a própria diretora foi na sala e chamou pelo nome cada um dos participantes de nossa pesquisa para iniciarmos nosso trabalho na sala de informática. Enquanto ela chamava os alunos, percebi que a professora de português entrou na sala ao lado. Quando ela saiu, perguntei se podia falar rapidamente com ela. Expliquei sobre a admiração dos jovens do 3º ano por ela, que ficou surpresa com a notícia. Disse que é a primeira escola rural que trabalha e que os alunos do 3º ano, apesar de algumas deficiências na escrita, estão muito bem atualizados com o que acontece no mundo. Despedi-me da professora e, na sequência, agradei antecipadamente a Andrea pelo apoio dado durante a pesquisa.

Salientamos que esta sessão serviu apenas para aplicarmos o questionário 2. Na medida em que cada jovem terminava o preenchimento das questões, conversávamos informalmente sobre assuntos diversos. Vamos observar, na sequência do texto, os resultados apenas de duas questões: o perfil do tipo de pessoa e a segunda parte das personagens admiradas e rejeitadas.

#### **7.6.1. Perfil do tipo de pessoa “nota 10”**

Na sessão 5, a informação principal a ser colhida era sobre o “tipo de pessoa” que o jovem mais admira. Perguntamos: “*se você fosse dar uma nota 10 para uma pessoa que você admira, para qual das pessoas abaixo você daria?*”. Vamos observar os três tipos de pessoas admiradas pelo grupo de jovens:

- a) A personagem mais admirável: ***“Uma pessoa que se preocupa com os pobres”*, com 98 pontos.**
- b) A segunda pessoa mais admirável: ***“Uma pessoa divertida e simples”*, com 84 pontos.**
- c) Em terceiro lugar, na opinião do grupo: ***“Uma pessoa que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades”*, com 76 pontos.**

Vamos observar, agora, os três tipos *menos* indicados pelo grupo: em terceiro lugar, *“Uma pessoa que era pobre, e venceu na vida sem estudo, só com o talento”* (o estudo faz parte da experiência do esforço do jovem na busca de melhorias de vida); em segundo lugar, *Uma pessoa que saiu da roça e melhorou de vida na cidade* (visto como algo comum, pois, assim como migrar é natural, talvez também seja algo natural para eles melhorar de vida morando na cidade); e em primeiro lugar, *Uma pessoa centro das atenções entre meus amigos e que anda sempre na moda* (o que lembra o sentimento de inveja, de diferenciações pelo consumo, que pode gerar algum tipo de violência).

Separando as escolhas por moças e rapazes, podemos observar alguma variação com relação ao tipo de pessoa eleita em primeiro lugar. Contudo, os tipos indicados em segundo e terceiro lugares refletiram mais a opinião do grupo. Os resultados por gênero mostram que, entre as meninas, três tipos de pessoas diferentes empataram com 32 pontos. Tanto entre as escolhas dos meninos quanto das meninas juntamos os três perfis para compor um único perfil.

Quem seria essa pessoa admirada entre as moças no meio rural mineiro?

*Uma pessoa divertida e simples; que não deseja o que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros; que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades* (“espírito” associado a personagens como a Hebe, alguns cantores sertanejos, apresentadores de tevê, a noção da necessidade da partilha entre os pobres, ao aspecto da família e os sentimentos de superação, coragem, força de vontade e dedicação).

E quem seria essa pessoa entre os rapazes?

*Uma pessoa que se preocupa com os pobres* (68 pontos); *que seja divertida e simples* (52 pontos); *e que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para*

*superar as dificuldades* (44 pontos) – (“espírito” que se associa a personagem do Papa, mas também da Hebe, sinalizando para o desejo por pessoas na posição de poder e glamour que estejam mais próximas das preocupações dos mais pobres).

*Método/A experiência da execução:* No momento em que um grupo de rapazes já haviam terminado o preenchimento do questionário 2, observei que um deles deslizava o polegar pela tela do seu celular e mostrava algumas fotos de animais para os outros. Ao final, distribuí chocolate, conversei com outros e percebi que dois jovens estavam mais juntinhos que o habitual naquele dia. Os namorados estavam sentados lado a lado preenchendo cada um seu questionário. Perguntei: “E agora, Natália, ainda tem certeza de que vai se mudar para Juiz de Fora depois dos estudos?”. Os dois sorriram envergonhados. “É, né...não sei...” [risos]. “Agora você tem um motivo pra ficar, né?” e aponte para o namorado. Pelos sorrisos e afagos carinhosos dos namorados, tudo parecia indicar mais um casamento na roça entre aquele casal “divertido e simples”.

### **7.6.2. Personagens admiradas: segunda parte**

Na sessão 5, organizamos 17 nomes de personagens da mídia e cinco nomes de pessoas próximas do cotidiano (totalizando, entre a primeira e a segunda lista, 37 nomes de personagens midiáticas e 10 nomes de pessoas próximas). Também colocamos o item “você mesmo” entre os mais admirados.

O nome “você mesmo” ficou em primeiro lugar, com 75 pontos (9 vezes citado pelo grupo), demonstrando, ao que parece, uma vontade de acreditar no próprio indivíduo. Mas entre as personagens midiáticas admiradas sem nenhuma rejeição do grupo apareceu apenas o nome do apresentador Marcelo Rezende, do programa *Cidade Alerta*, com 40 pontos (8 vezes citado pelo grupo). Contudo, caso obedecermos ao critério de pontuação, Marcelo se posiciona em terceiro lugar no *ranking* geral, atrás da atriz Bruna Marquezine (com a rejeição de uma menina) – a atriz na atualidade seria admirada entre as meninas talvez porque ela foi namorada do jogador mais admirado entre os rapazes. Os demais, nesse *ranking*, com até quatro citações do grupo, foram: 4º lugar “meus amigos” (30 pontos), cinco vezes citado pelo grupo e com rejeição de um menino; 5º lugar para o ex-presidente Lula (com 25 pontos), quatro vezes citado e com rejeição de um menino.

Quanto à questão relativa a Hebe, perguntamos se o jovem assistia ao programa da Hebe e por que ele admirava tanto a apresentadora, mesmo depois de sua morte: “*Sobre Hebe Camargo, o que você acha dela? Dê uma qualidade sobre ela na linha abaixo*”. No total, a maioria afirmou que não assistia ao programa da apresentadora e só um jovem disse não ter nada para falar sobre ela. A maioria enquadrou Hebe como sendo “*uma pessoa irreverente,*

*comunicativa, divertida, simples, honesta, alegre, elegante, carinhosa, inteligente, educada, bonita e famosa*” – um indício de que existiu uma circulação de valores estimulados pelo conteúdo midiático entre as gerações, fomentando o capital familiar.

### **7.6.3. Considerações**

Para concluir sobre as personagens admiradas, precisamos juntar os resultados dos questionários 1 e 2. Temos, então, uma listagem geral, com o *ranking* de classificação das 10 pessoas comuns e das 37 personagens da mídia:

- a) Os dez primeiros, seguindo o *ranking* das pontuações alcançadas: alguém da família (110 pts); a professora de português (85 pts); você mesmo (75 pts); Papa Francisco (70 pts); Bruna Marquezine (65 pts); Dilma (60 pts); Hebe (45 pts); Marcelo Rezende (40 pts); ator ou atriz de novela (40 pts); Neymar (35 pts). *Possíveis sentidos*: a importância da família, o desejo por alguém na posição de autoridade que se dedica ao jovem pobre, uma vontade de acreditar nele próprio, admiração por uma autoridade máxima que se curva aos pobres, a jovem atriz da mesma idade que namorou o jogador mais admirado entre os meninos, mulher no cargo mais alto do poder no país, ricaça sem frescura, pessoa divertida.
- b) Os nomes mais admiráveis sem nenhuma rejeição: alguém da família, a professora de português, você mesmo, Papa Francisco, Dilma, Hebe, Marcelo Rezende, alguém da vizinhança (30 pontos); algum funcionário da escola (30 pontos).
- c) As personagens midiáticas mais admiradas e sem rejeição do grupo: Papa Francisco (10 citações do grupo), Dilma (10 citações), Hebe (7 citações), Marcelo Rezende (8 citações).

Observamos as pessoas do cotidiano como mais admiradas que as personagens midiáticas, mas, dentre tais personagens, continua o destaque para o pontífice, a presidenta e a ex-apresentadora de tevê, com destaque, agora, para um apresentador de telejornal popular. Essa é a escolha do grupo. Separando as escolhas por gênero, entre moças e rapazes, podemos observar diferenças. Utilizamos o critério de seleção das personagens da mídia sem rejeição com até três citações:

- a) *Nenhuma rejeição por parte das moças*: ator ou atriz de novela (4 citações das meninas), Fátima Bernardes (4 citações), Lula (3 citações; em 1º lugar para uma das meninas).
- b) *Nenhuma rejeição por parte dos rapazes*: Neymar (7 vezes citado pelos meninos; em 1º lugar para um dos meninos; rejeição de três meninas); Bruna Marquezine (8 vezes citada; em 1º lugar para dois meninos e para uma menina; rejeitada por uma menina); Paula Fernandes (5 vezes citada; rejeição de três meninas).

De certa forma, a admiração pela Bruna foi esperada entre os rapazes. A atriz não teve um papel expressivo na novela *Salve Jorge*, mas chama a atenção por ser ou ter sido namorada do jogador mais admirado pelos rapazes, o Neymar. Dessa maneira, natural que a namorada do ídolo do futebol seja admirada como mulher por parte dos meninos e pode até ser que algumas meninas tenham votado na Bruna talvez por desejarem “estar no lugar dela” ou “ser como ela”. Outra personagem admirada pelos rapazes é a apresentadora Renata Fan, do *Jogo Aberto* na Band, a bela apresentadora do programa esportivo mais assistido pelos meninos. Da mesma forma, acontece com a cantora sertaneja mineira Paula Fernandes, mais admirada entre os rapazes do que entre as moças. As personagens das três belas mulheres, portanto, estão sempre associadas a alguma coisa que interessa aos rapazes: Bruna associada ao futebol, por ter sido namorada do Neymar; Renata associada ao futebol, por ser apresentadora do programa favorito dos meninos; e Paula associada a música sertaneja de Minas.

Já entre as moças, os atores das novelas noturnas e a ex-apresentadora do JN, Fátima Bernardes, chamam mais a atenção. Destaque neste questionário 2 que, entre as meninas, as personagens do Marcelo Rezende e do ex-presidente Lula não tiveram rejeições.

A presença curiosa da personagem do jornalista Marcelo Rezende, no questionário 2, chama nossa atenção, pois se trata de uma escolha de grupo, sem nenhuma rejeição, ficando na frente inclusive do Lula. O apresentador assumiu como âncora do programa *Cidade Alerta* no ano de 2012 e começou a se diferenciar do concorrente do horário, o apresentador José Luiz Datena (*Brasil Urgente*, na Band), justamente tentando ser “divertido e simples” no jeito de apresentar as notícias (em tom pausado, como se estivesse falando para uma criança, o Marcelo faz brincadeiras de mal gosto ao vivo com repórteres; diverte-se com o comentarista

jurídico Percival, que usa como isca para suas brincadeiras; e ainda apresenta os fatos policiais).

Outra curiosidade é a presença no questionário 2 do ex-presidente Lula, junto com a presidenta Dilma (questionário 1). Nesse segundo questionário, o Lula estava entre os admiráveis, talvez por sua história de vida (do universo dos trabalhadores pobres para o universo da visibilidade internacional enquanto no poder da presidência); e a Dilma pelo significado de uma mulher/mãe/avó nesse poder (que dialoga com o universo patriarcal e machista que ainda impera na cultura rural).

Sobre a questão em torno do tipo de pessoa admirável podemos considerar, ao final da sessão 5:

- a) A escolha do Papa Francisco em primeiro lugar, dentre as 37 personagens midiáticas da listagem geral, remete de imediato à qualidade da humildade (ser simples, ser pobre), mas também à fala de uma jovem que afirmou sobre o pontífice que é muito bom ter “alguém lá em cima que se preocupa com nós aqui em baixo”. Essa perspectiva faz lembrar outras personagens citadas como admiradas, mas, sobretudo, reforça a expectativa do jovem pela atitude do outro, em especial esperada pela pessoa pública “que se preocupa com os pobres” (com ele, que é humilde no sentido de pobre).
- b) Quando os jovens escolheram, em segundo lugar, “uma pessoa divertida e simples”, logo nos lembramos da característica que diferencia o jovem no rural do jovem no urbano, quando um dos jovens afirmou que “somos mais divertido” na comparação com o jovem urbano. Também lembramos os comentários admirados em torno do cantor Leonardo (que se comporta com um jeitão divertido, no seu estilo “caipira”), da apresentadora Hebe (ricaça sem frescura) e também do apresentador Marcelo Rezende, âncora do telejornal popular *Cidade Alerta* que procura um estilo simples, grosseirão e divertido de apresentar as notícias – que erra ao vivo, mas dá um jeito de consertar. Tais personagens tentam dialogar com “as raízes” que identificam o jovem no rural, com seu jeitão próprio de ser.
- c) E ao selecionarem um tipo de pessoa “*que se dedica a família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades*”, lembramos das experiências junto às pessoas da família, dos parentes queridos e que envolve uma história marcada por

valores de dedicação e superação, em um cenário rural de trabalho duro, das dificuldades de uma vida coletiva e familiar e de incertezas em relação ao futuro. É a vida mostrada pelas personagens das novelas: a jovem pobre Morena, da novela das nove *Salve Jorge* que, ao se dedicar em encontrar um emprego para sustentar sua família, teve também força de vontade para superar as dificuldades que surgiram na sua frente e arrumar um jeito de se defender; as empregadas domésticas que, tentando superar suas dificuldades e arranjar uma maneira de sair da condição de pobreza, transformaram-se nas empreguetes *Cheias de Charme* – sentimentos de coragem, esforço e dedicação são contrários ao sentimento da preguiça.

Levando em conta a opinião do grupo, e os dois primeiros lugares, podemos dizer que a pessoa pública na mídia admirada pela juventude no rural se trata de uma personagem que desce do “pedestal” de seu glamor de celebridade ou de autoridade para se mostrar publicamente como um sujeito “gente como a gente”; que se rebaixa ao nível comum e cotidiano das pessoas pobres (“humilde que nem nós”); celebridades e autoridades que são públicas, mas se mostram simples e divertidas como as pessoas da roça (alguém que parece *querer cuidar* de nós; alguém que parece *ser igual* a nós). Mas igualmente – e agora observando o tipo de pessoa escolhida em terceiro lugar – uma pessoa dedicada no que faz e que demonstra força de vontade para superar os problemas da vida. O sentido de “superar” parece se associar a esse arranjo: “superar” sim, mas do jeito que der.

Já observando os tipos menos admirados, destacamos três aspectos. O perfil de uma pessoa que supera os problemas da vida com seu talento, sem estudo, pode não fazer parte do universo de pessoas admiradas pelos jovens. Diferentemente daquele perfil de pessoa que supera as dificuldades com trabalho duro e estudo (“*Uma pessoa que era pobre, e venceu na vida sem estudo, só com o talento*”). Sendo a migração um caminho natural para o jovem na roça (mesmo que ele vá e depois volte), o perfil “*Uma pessoa que saiu da roça e melhorou de vida na cidade*” não tem tanta importância entre os jovens – talvez porque existam dúvidas se o “melhor na vida” está mesmo na cidade ou na roça. Sentimentos como vaidade e arrogância (que também geram ódio, inveja, rancor, ciúmes ou algum tipo de violência contra o jovem) se opõem a outros mais admirados, como a simplicidade e a humildade (*Uma pessoa centro das atenções entre meus amigos e que anda sempre na moda*) – uma pessoa que seria o centro das atenções entre os colegas, andando na moda, pode ser motivo para fomentar inveja entre eles. E a inveja seria um sentimento dissociado da noção de ajuda mútua, de simplicidade e de humildade, podendo em alguns casos despertar a violência.



Ao final, os resultados de tal questionamento mostraram as características de uma pessoa pública da mídia admirada entre a juventude no rural mineiro. Uma personagem que se mostra divertida, simples e com atitudes que demonstrem uma vontade de atender os pobres, mas que compartilha o que possui com as outras pessoas, mostra-se uma pessoa “de família” e com uma história de vida de superação das dificuldades.

## Capítulo 8

### ANÁLISES INTERPRETATIVAS DE PONTOS EM COMUM NAS SESSÕES

O trabalho dos sentidos e das práticas em circulação nas culturas híbridas, tendo em vista o momento vivido das pessoas em suas localidades, colabora com a constituição social de uma complexa realidade com diversos pontos de vista que se entrecruzam, formando um atravessamento de sentidos presente e influente na experiência das pessoas. Tal cenário coloca interpretações em conflito ou em aderência, reproduzindo ideias no social, talvez até refletindo épocas de múltiplos trânsitos e constante produção de contrastes no plano da cultura e dos sentidos.

Para esclarecer de onde estamos falando, ressaltamos duas direções dos sentidos em atravessamento. Primeiro, *do rural no urbano*: os ambientalistas defensores dos telhados verdes nos prédios da cidade; os adeptos das mini-hortas nas varandas dos apartamentos, da comida orgânica e das dietas só à base de grãos. No plano estético, existem os estilos que vão desde o *country*-sertanejo das camisas quadriculadas, passando pelo forró pé-de-serra em circuitos universitários, até o forró eletrônico presente nos *shows* nas comunidades de baixa renda. Segundo, *do urbano no rural*: a presença desde os adeptos dos esportes radicais, passando pelos condomínios mais afastados do centro, formados por ecologistas e ambientalistas, até os *spas* de relaxamento com pedras, chás naturais e interação com a natureza para liberar o estresse da cidade. É essa segunda direção que nos interessa.

Quando olhamos nessa direção, em especial para o contexto mais pobre do rural, destacamos a presença mais intensa da midiáticação de base eletrônica entre a juventude e sua família. Identificamos, então, aspectos que colaboram para esse cenário de atravessamento de sentidos. Nos processos de difusão cultural clássico, o narrador experiente é aquele que sofreu a experiência da migração e voltou para a roça. Quando tais processos sofrem a influência de uma midiáticação mais intensa, o narrador experiente também pode ser o sujeito vinculado às narrativas midiáticas.

No geral, cada narrativa, à sua maneira, conta histórias do mundo além das fronteiras rurais, abrindo os sentidos dos habitantes do rural para os aspectos da cultura urbana. É cada vez mais comum, por exemplo, os jovens na roça escutar a música *funk* ou o sertanejo-pop,

como também empunhar celulares modernos. Esses costumes se somam a um cenário também muito comum na minúscula sede urbana do município rural: os estabelecimentos comerciais “híbridos”, do tipo “mercadinho-açougue-padaria” ou armazém que também vende remédios. Todos esses aspectos fazem parte dos processos de difusão da cultura urbana no meio rural, que se complexifica na medida das relações mais próximas entre as culturas. Difusão cultural pressupõe migrações internas entre culturas e, com isso, a existência do narrador experiente.

Esse atravessamento do urbano no contexto pobre do rural ocorre *com ou sem a migração* das pessoas. Ele revela aspectos de condições que se apresentam como de entremeio, tanto para uma juventude recém-migrante na cidade, que se vê em um estágio intermediário de vida, quanto para uma juventude no rural em vias de se desenraizar, que se vê em um dilema da migração em potencial. Quanto ao aspecto de um atravessamento de sentidos que ocorre sem a migração dos jovens, observamos um entremeio que se caracteriza pela situação longe das tradições clássicas e muito distante da modernidade urbana. E, de modo mais intenso, os jovens vivem um momento na vida em que essa condição de desenraizamento já não se apresenta tão distante. A vida no entremeio mais acentuado na cidade se apresenta como realidade próxima. Nesse instante, os jovens se mostram mais inclinados ao desenraizamento, no entremeio em que está aquilo que faz mais sentido, que está tanto associado às tradições rurais familiares quanto ao mundo urbano individual (em busca da profissão urbana e do estudo; tentando arrumar trabalho na sede urbana do município e em pequenas cidades próximas; morar na roça e trabalhar e estudar na cidade; fazer viagens de turismo e para visitar parentes na cidade).

Os meios de comunicação colaboram com esse trânsito de sentidos e valores urbanos que se assemelham e se diferenciam dos valores rurais. O atravessamento de sentidos que nos interessa é o da mídia televisiva. E o que chama mais a atenção do jovem no rural pesquisado são algumas narrativas não-rurais.

### **8.1. As narrativas não-rurais participando da interlocução**

Um investimento afetivo e prático compõe o quadro da experiência de um jovem no rural da pequena agricultura familiar: o trabalho na lavoura, o estudo na escola rural, os lazeres na roça e a troca de informações a respeito das expectativas de vida fora do lugar comum. As percepções e sensações desenvolvidas pelo jovem, nessa experiência, fazem parte

do processo de produção de sentido e ressignificações em meio às reverberações de informações que circulam pela cultura e pelo momento vivido dos sujeitos. Traços de algumas narrativas não-rurais se entrelaçam nessa experiência, constituindo uma interlocução.

Tais narrativas atualizam um quadro de preferências, que inclui tipos de figuras (personagens) e temas sociais mais significativos, estimuladores de uma dinâmica de reflexividade e conversações dos jovens entre si e com seus familiares. Ao optarem por determinados traços narrativos, os jovens dizem muito sobre si mesmos, pois as escolhas dos sujeitos dizem sobre seus valores morais, suas tensões geracionais, de gênero e sobre sua cultura.

Como já dissemos, sem exaltar a primazia das narrativas televisivas – sabendo que outros meios e instituições também colaboram nesse trabalho do atravessamento dos sentidos –, procuramos nas narrativas televisivas não-rurais, eleitas como as preferenciais, qual a interlocução que a mídia tenta estabelecer com o jovem nesse momento decisivo de sua vida, para sua cultura de contexto rural familiar; em um rural em que se percebe a presença um pouco mais intensa dos valores urbanos no meio rural.

O que chama a atenção nessas narrativas não está em um programa de tevê em específico e difere dos sentidos em torno dos assuntos estritamente rurais e agroecológicos. Trata-se das personagens e dos temas escolhidos como os mais significativos não somente por serem os mais admirados, mas também por possuírem força para provocar rejeições. Seus sentidos apontam para o conflito campo-cidade ou da sociedade moderna urbana e a comunidade tradicional rural. Quando o jovem explica com suas palavras algo que lhe chamou a atenção em algum programa televisivo preferencial, ele não está se referindo somente ao programa em si ou àquilo exatamente dito no programa, mas também se refere ao campo de sentido aberto pelo que foi dito. Assim, é interessante a variação, por exemplo, por onde a história da novela *Salve Jorge* começa para cada um dos jovens (na segunda sessão do subgrupo telenovelas). Os temas sociais e as personagens não são lembradas a partir do que foi dito, mas com base no que se sentiu, percebeu e significou de modo singular na experiência de cada um. E isso se expressa um pouco no modo de contar, na forma que cada um tem de explicar o que aconteceu e por que aquilo interessou.

Apesar do conteúdo da telenovela e do telejornal, chamamos a atenção não mais para esse conteúdo, nem mesmo às palavras exatas do jovem sobre o conteúdo preferido. Os indícios na fala do jovem aparecem por conta do estímulo provocado pelo debate em torno de

certo conteúdo midiático e tais indícios apontam para fora do que ele disse, na direção dos sentidos, do seu investimento afetivo, que diz muito sobre sua vida.

A interlocução se estabelece convocando valores, sentidos, outras personagens e temas, estimulando reflexividades, reverberando conversações. A explicação com as próprias palavras sobre a novela das nove, o tema social ou a personagem da tevê faz parte de um processo já desvencilhado do conteúdo específico do telejornal e da telenovela, pois pertence ao campo de sentido aberto pelo que foi dito: o jovem não diz exatamente o que ouviu/viu, mas sim o que percebeu, sentiu e entendeu, conseguindo explicar à sua própria maneira, associando os conteúdos assistidos com o seu tempo e seus sentidos.

Nesse ambiente, marcado pela presença um pouco mais intensa dos “fatores externos” (midiáticos) junto à vida da comunidade, o posicionamento dos indivíduos motivados pelos assuntos midiáticos se desenvolve em uma condição de entremeio (distante das tradições rurais, mas também longe do mundo moderno), em que a interlocução participa de um entrelace descompassado que aproxima os dois mundos, diminuindo distâncias culturais e simbólicas e aproximando a experiência do outro, no outro mundo. Talvez a principal “linha” seria aquela que se apoia em uma narrativa não-rural, com potência para significar mais do que as outras.

O rural nos programas televisivos geralmente é marcado por uma codificação que utiliza elementos clássicos: assuntos ecológicos, ambientais, agropecuários, personagens de costumes curiosos, conflitos por terra e tragédias ambientais (como inundações, geadas e secas extremas). Por um lado, as narrativas rurais na mídia se caracterizam por relações econômicas e sociais que configuram, de modo hegemônico, tanto a noção do rural ligado às atividades agrícolas, tradicionais e históricas quanto ao agropecuário empresarial e os assuntos ecológicos. Por outro lado, as narrativas midiáticas não-rurais exibem as experiências do outro urbano, nesse lugar diferente, por onde circulam com mais frequência certos temas e personagens – este outro habitante do mundo urbano moderno, ocidental e progressista (a celebridade da bola, o político de expressão nacional e mundial, os apresentadores da tevê, os artistas das novelas e do mundo da música). Em nenhum momento da pesquisa, os jovens citaram um programa especializado na área rural ou tema agropecuário, assim, optando pelas narrativas não-rurais.

O quadro de afetividades e sentido das práticas parece ser ativado na medida em que os jovens convocam valores a participarem da discussão em torno de tais narrativas, pautando

as explicações na conversação. A violência contra o jovem vista na tevê, por exemplo, está se referindo ao ambiente urbano, mas afeta o jovem no rural.

## **8.2. O espaço da família como um lugar importante da interlocução midiática**

Mesmo no tempo da formação das cidades, quando o urbano era visto de maneira, ao mesmo tempo, lúgubre e luminoso, a tradição do povo da roça se desenvolveu de maneira mais intensa na direção de significar a cidade mais como lugar da prosperidade. Talvez nas décadas finais do século passado, esse ideal teria sido, aos poucos, enfraquecido pela presença mais intensa das informações sobre a violência, sobre a miséria, as drogas (em especial, informações advindas dos telejornais populares da época, como “Aqui e Agora” e “Cidade Alerta”, que mostravam muitas vezes ao vivo os problemas da vida nas metrópoles) e o temor do desemprego nesse cenário urbano, percebido pelos migrantes de retorno. Em anos mais recentes, o cenário urbano se apresentou mais atrativo para os jovens de contextos pobres em busca de uma profissão de classe média, do estudo técnico e de uma carreira profissional – mais do que um simples trabalho ou uma carteira assinada em qualquer emprego.

As narrativas não-rurais da mídia televisiva, abrindo o campo dos sentidos na relação com o mundo urbano, contribuíram bastante para estabelecerem uma interlocução dos elementos urbanos com as tradições no rural contemporâneo, sobretudo diante de uma expectativa de vida desenraizada na cidade alimentada pela juventude. Antes de migrar, parece ser comum visitar a cidade destino para conhecer melhor o lugar, obter mais informações sobre esse lugar por meio dos amigos e parentes. Também não só se migra em definitivo, mas com a intenção de voltar em definitivo. Pode-se migrar para as cidades próximas ou morar na roça e trabalhar na sede urbana do município. Ou seja, nesse contexto, os jovens recebem a influência desses movimentos migratórios das pessoas que tentam se arranjar na vida, limitando suas expectativas.

O terceiro ano do ensino médio se apresenta como o momento crucial na vida do jovem, quando ele precisa pensar, de maneira mais intensa, sobre o futuro longe da família, dos amigos, do sossego no campo, do convívio com a natureza, de viver desenraizado de sua cultura. Ele também começa a pensar mais intensamente em si próprio, revelando em suas escolhas um pouco de sua personalidade, de suas expectativas pessoais, mas também um apego às experiências familiares. Ficar na roça pode significar uma dependência da família, o trabalho duro pouco remunerado (que pode, em algum momento, levar a uma doença), a falta de crédito e de preço justo para os produtos da roça (que pode levar à miséria). Mas a vida

longe da aba dos pais apresenta desafios pessoais. Assim, alguns jovens, nesse momento vivido, parecem viver em uma experiência constrangida para dentro de sua família (na qual ele é dependente economicamente e desenvolve o capital familiar), apontando para as possibilidades no mundo urbano.

A interlocução estabelecida com a tevê se entrelaça com essa importância dada a si próprio (depois de “alguém da família” e da “professora de português”, no Quadro 6, a pessoa mais admirada escolhida pelos jovens foi “você mesmo”, no Quadro 7), ao momento vivido e às suas expectativas de uma vida individual na cidade, mas também com a família, já que é o núcleo mais afetivo e prático desses jovens, em que a presença e influência dos conteúdos televisivos se mostram mais intensos. Então, podemos dizer que os sentidos em torno de personagens e temas da mídia “umedecem” a experiência do jovem na família rural, participando do desenvolvimento desse investimento afetivo e prático chamado de “capital familiar”.

O capital familiar é formado pela circulação de sentidos e valores na experiência dos membros da família e da comunidade, que possibilita a sedimentação de valores como o trabalho duro, a necessidade da continuação dos estudos, da vida coletiva no rural, entre outros. Assim, quando os jovens se referem à vida na cidade, recorrem a sentidos como “trabalho duro”, por exemplo, algo encontrado na sua vida junto da família. Ao que parece, essa experiência sedimentada em família pode ajudar no enfrentamento da vida na cidade.

### ***8.2.1. Distinções sociais e tensões de gênero***

Dois assuntos importantes permeiam essa experiência em família ou o capital familiar: as diferenças de classe (ou distinções na forma de vida) e as tensões de gênero ou dissonâncias entre as opiniões de moças e rapazes.

De posse da experiência em família, os jovens seguem em busca dos conhecimentos relacionados ao estudo e ao trabalho, tentando alcançar outros degraus de acesso à categoria sociocultural ou classe imediatamente superior. Na tradição, a lógica própria que caracteriza o jovem no rural difere do jovem no urbano (lembrando que, como disse José de Souza Martins, a lógica do urbano é diferente do rural), mas, ao temer “cair de classe”, o jovem no rural “se alinha” a uma expectativa de jovens batalhadores no mundo urbano: desejo por ascensão e reconhecimento social, pelas profissões urbanas, por bens materiais, sem uma ascensão direta à classe mais alta de todas (aquela com maior capital econômico), mas sim a algo possível, ao

alcance, à classe imediatamente superior (alguns dizem que não precisam de helicóptero, avião etc.), ou seja, para a “nova classe média”.

Observando as características do grupo pesquisado, notamos que eles se consideram mais rural que urbano; auto declaram-se “mais divertidos” que os jovens urbanos; e se identificam com a juventude na cidade quanto ao temor da violência. Mas, em alguns momentos, as opiniões contrárias de moças e rapazes revelaram as tensões de gênero que refletem as distinções tradicionais entre homens e mulheres na roça.

Na opinião delas, podemos notar uma afirmativa mais evidente pela migração à cidade, quando as moças colocaram o temor de ser prostituta ou de sofrer algum tipo de violência no mesmo nível de temor do desemprego ou de ficar na roça. Elas também temem ficar sozinhas, o que pode significar a vontade de formar família. Poder-se-ia mesmo visualizar, a partir das falas delas, uma admiração por um jeito de ser que se preocupa com a família, que busca um companheiro para constituir uma família. Na opinião deles, importa a ajuda mútua por parte das pessoas (o que reforça o vínculo de reciprocidade), o desejo de ter saúde e força de vontade para trabalhar e estudar ao mesmo tempo (uma exigência do mundo moderno aos jovens batalhadores).

As diferenças se acentuam quanto às preferências pelas personagens da mídia. O tema da violência contra a mulher se destacou mais entre as moças do subgrupo telenovelas, pois a protagonista da trama de *Salve Jorge* é uma jovem que se assemelha um pouco com a visão de mundo das moças: jovem pobre do morro que sofre a violência do tráfico de pessoas. Ainda no subgrupo telenovelas, observamos os sentidos em torno das personagens femininas da novela *Cheias de Charme*: as “empreguetes” despertaram comentários sobre os direitos trabalhistas para as domésticas e o valor da superação dos problemas da vida; na novela *Salve Jorge*, Morena e Heloísa despertaram opiniões sobre características dos problemas femininos: preocupações com a família, os problemas individuais da mulher mais independente da classe média. No subgrupo telejornais, o assunto das celebridades da bola se tornou central no debate, bem como o tema da violência, tanto para moças quanto para os rapazes. Mais adiante retornaremos as diferenças entre as opiniões de meninos e meninas.

### **8.3. A interlocução das personagens e dos temas da tevê**

Quando os pais cedem a terra para os filhos, genros e noras plantarem e retirarem o fruto de seu trabalho, sem conceder a um ou a outro a transmissão da terra, estamos diante de



alguns aspectos importantes que acontecem em uma família rural. A partilha da terra apenas para seu uso entre os familiares, sem transferir a propriedade, pode significar um reforço do valor da terra para o coletivo familiar (a família estendida); a divisão do pouco que se tem para uso da família mostra um investimento no capital familiar (a estrutura da família, por onde circulam os valores).

Os saberes morais que circulam e nutrem a experiência em família unem os sujeitos de outras famílias como se fossem “da família”. A noção de andar “em boa companhia” significa andar com pessoas “de família” ou conhecidas de maneira positiva na comunidade. Os exemplos de dedicação entre os membros dessa família estendida são associados ao desempenho de outros sujeitos da comunidade, como a dedicada professora de português que deseja o aprendizado dos alunos e não que eles passem de ano “empurrado”.

Tanto no social quanto nas relações econômicas, que envolvem os membros da família estendida, as instituições e outros sujeitos da comunidade, existe uma relação de confiança (nunca construída sem tensões) que envolve outros sentimentos, como admiração, rejeição, descrenças, incertezas, a colaboração com o mais necessitado, o respeito, o reforço dos papéis familiares, o valor do trabalho duro, de ajudar a família, entre outros.

Possivelmente, a dinâmica de reflexividade sobre a vida vivida, que colabora com o delineamento de conversações no cotidiano, ocorre entre sujeitos que se conhecem um pouco, em que existem laços de confiança mínimos. A família estendida e os exemplos na comunidade que podem ser associados aos membros admirados em família (amigos da escola, vizinhos, agentes institucionais etc.) constituem esse universo de relações de confiança composto por pessoas consideradas como se fossem “da família”. Por esse universo, circulam informações que são significativas para um e outro, bem como saberes morais que reforçam e atualizam valores nas tradições. Nessa circularidade de sentidos, expandem-se os conhecimentos sobre a vida (trabalho, escola, religiosidades, lazeres, expectativas, desejos de cidade etc.), habilitando os sujeitos a conversarem entre si (comentando, opinando, sugerindo, reclamando, discordando etc.) e permitindo a reverberação de uma comunicação no centro da vida. Os interlocutores aparecem aos poucos nessa comunicação face a face que se constitui no cotidiano.

Quando falamos em comunicação midiática televisiva, também estamos nos referindo a uma comunicação que se constitui no dia a dia, mas com alguns aspectos fundamentais. Primeiro, salientamos que a desconfiança nessa relação mediada é maior que nas relações face a face, pois não se conhece bem o outro em seu outro mundo estranho na tela. Esse outro

entra na sala de estar como um “terceiro” em uma relação que já existia entre os membros da família. O outro tenta participar dessa relação existente na cultura por meio de uma interlocução própria de cada público. E tal interlocução não tem pressa de se constituir, pois ele precisa mesmo é de tempo.

Tanto do lado de quem constrói as narrativas televisivas quanto do lado de quem escuta, desenvolvem-se percepções, sensações, significações e atualizações que tomam como referência o mundo em que as pessoas vivem: os produtores de informação tomam como referência o mundo urbano; os sujeitos nas instâncias receptoras entendem com base na sua cultura. Quando se desenham traços de uma interlocução entre estes dois mundos, podemos dizer que os sujeitos já estão em comunicação mediada pela tecnologia. Este seria um segundo aspecto.

No exemplo da personagem Morena, de *Salve Jorge*, talvez pouquíssimos foram os momentos em que alguém usou o adjetivo “esperta” associado à personagem. Trata-se de um adjetivo dado pelos jovens, a partir do desempenho da personagem no enfrentamento com o tema do tráfico de pessoas. A leitura que se tem de Morena se dá mais pelo *sentido de ser esperta na vida*. Contudo, Morena ou qualquer outra protagonista de novela com o mesmo perfil, possivelmente, despertaria também esse sentido. Além do modelo clássico da heroína que vence os obstáculos da vida e termina com um final feliz, Morena é a jovem pobre e mãe solteira do morro que tenta melhorar de vida ao aceitar o convite de emprego no exterior, pensando em ajudar sua família (o filho e a mãe), mas também desejando constituir família, não terminar sozinha sem alguém ao seu lado. Esse quadro de sentidos não é dito explicitamente na novela, mas está ali enquanto uma referência a ser compartilhada entre os jovens pesquisados, produzindo sentidos em torno da jovem pobre, admirada como alguém com coragem, que sabe se defender sozinha. Não seria mera coincidência do drama de Morena com o drama de todo o jovem de contexto pobre no rural, pois a trama explora exatamente as similaridades, os problemas compartilhados do jovem no anseio por melhorar de vida e para ajudar sua família, conseguindo um emprego fora de seu mundo comum e que sofre os perigos da violência; que tem receio de ficar só no mundo e deseja constituir família.

Com suas palavras, o jovem explica por que o papa Francisco é humilde. Ele não sabe dizer exatamente o que escutou e viu, mas por aquilo que percebeu e sentiu entre todas as notícias sobre o pontífice, entende o valor da humildade como importante em seu mundo juvenil, possivelmente marcado por atos de distinção social pelo consumo; em um cenário político em que a maioria das autoridades está distante dos problemas dos mais necessitados.

Admiram os presidentes da República não somente pelos projetos voltados para os pobres, mas igualmente pelos aspectos que denotam valores significativos: admiram o ex-presidente Lula pela sua história de vida (da pobreza no sertão de Pernambuco para o maior cargo de poder da nação); admiram a presidenta Dilma muito mais por sua representação de mulher pela primeira vez no cargo mais alto do país (tendo em vista um meio rural tradicionalmente patriarcal). Os apresentadores de tevê e os assuntos que os envolvem são admirados não somente por estarem na tela, mas pelo desempenho e representação que tais personagens e temas estimulam junto ao público.

As personagens e temas, portanto, são construídas com o objetivo de tentar dialogar com esse quadro de sentidos e valores significativos do público. Quando o público considera como dele alguns vestígios de sentido presentes nas narrativas televisivas, estamos observando o formato da relação. As novelas mudam, as notícias passam, os jogos de futebol também, mas, ao que parece, os tipos femininos e masculinos e certos temas abrem um campo de sentidos para a leitura social dos públicos, que apreciam, de modo mais intenso, os pontos específicos de algumas narrativas.

No caso da apresentadora Hebe Camargo, durante muitos anos, a apresentadora pautou em seu programa assuntos de família. Dessa maneira, aproximava gerações, colaborava no reforço dos valores desejados pela família. Ela reforçava e encarnava a figura do narrador experiente, abrindo o campo dos sentidos para que os membros da família comentassem os assuntos em família. O narrador experiente era um importante trunfo ou elemento significativo do capital familiar, capaz de fomentar valores na experiência em família. Ao reforçar e encarnar o narrador experiente, Hebe estabelecia uma interlocução com a família, conseguindo explicar ou interagir melhor com as expectativas dos membros da família. A apresentadora faz parte da memória dos pais que repassaram sua admiração para os filhos, sujeitos que nunca assistiram ao programa da Hebe. Quer dizer, os valores tradicionais que circulavam em família atravessam épocas e, mesmo sem a presença da Hebe ou de seu programa, os jovens de hoje nutrem essa admiração por conta de seus pais.

Quanto aos temas polêmicos, observamos no debate que o assunto que envolveu a personagem do pastor metrosssexual Marco Feliciano e a famosa cantora baiana Daniela Mercury separou de maneira mais incisiva as opiniões de moças e rapazes. Ali e em outros momentos da discussão, eles demonstraram um viés mais conservador, apegado às leis, enquanto que elas apresentaram uma perspectiva mais progressista, em favor das uniões

homoafetivas. Contudo, tanto uma tendência quanto a outra fazem parte da mesma experiência juvenil, marcada por atravessamento de sentidos.

Evidente que, observando de um modo geral as opiniões do grupo (as perspectivas em comum no grupo), há muitas máximas que refletem valores tradicionais de base familiar no rural: “quem deve alguma coisa tem que pagar”; as instituições devem corrigir o jovem que pratica o crime; fazer o que é certo, como, por exemplo, escolher bem as amizades; não ter ambição ou ganância; preservar o que se tem; e ajudar as pessoas necessitadas. Todas essas afirmativas podem ser sintetizadas na ideia de “*fazer o que é certo, direito e correto*”. E se juntam a outras, que remetem a valores como força de vontade, pois “a vida exige esforço”; merecimento, pois “ganha quem merece”; precaução, pois “melhor preservar o pouco que se tem”; e felicidade, pois “não se pode morar em uma casinha comendo o pão que o diabo amassou”. As moças, por sinal, mostraram uma faceta um pouco mais progressista e humanista dessa experiência ao se importar mais com a personalidade das pessoas do que com o social; com o sentimento humano e a experiência de liberdade em vez do respeito às regras. Especialmente quanto às personagens da tevê, outras afirmativas apareceram: eles são “gente como a gente” ou “como se fosse da família”.

### **8.3.1. As personagens midiáticas**

Procuramos agrupar as personagens midiáticas eleitas (mais lembradas e admiradas, como também as mais rejeitadas) em seis grupos distintos, conforme seu campo de atuação e especificidade: personagens da política, do futebol, alvo de polêmicas, apresentadores de tevê e personagens femininas das novelas. Em todos os grupos, chamou nossa atenção *relações de transição*, que não chega a ser um contraste entre personagens admiradas e rejeitadas, mas sim *movimentos de sentidos*.

As **personagens da política** admiradas sem rejeição são o papa Francisco, a presidenta Dilma e o ex-presidente Lula. Procuramos entender o sentido por trás dessas personagens e como um diálogo pode se estabelecer pelos sentidos. Temos, então, nessa configuração: os gestos de humildade de uma autoridade em relação aos pobres; a história de vida do ex-presidente, trajetória que segue da pobreza rural até a presidência da República; a figura da mulher alçada ao degrau mais alto da sociedade.

Em comum, observamos uma *transição* do simples, excluído e menor para um lugar de poder: o quadro de sentidos em torno do ex-presidente Lula que saiu da pobreza rural do

agreste pernambucano para enfrentar a cidade, um ex-operário que virou presidente e iniciou alguns projetos que beneficiaram os mais pobres; Dilma, observada com mais intensidade pela representação “da mulher no poder”, algo significativo em uma sociedade acostumada com presidentes homens e também para uma sociedade rural marcada pela figura autoritária patriarcal; e o papa Francisco, com a peculiaridade de, por meio de gestos de humildade, representar com mais intensidade essa aproximação da autoridade maior junto ao povo.

Aqui se observam algumas características dessas aproximações: as personagens estão ou estiveram em cargos de autoridade importantes na sociedade mundial. Por conta da posição de poder que essas personagens ocupam, um sentido relacionado a classe social desponta de cada uma e se vincula com afetividades e práticas das pessoas. Pelos seus gestos de humildade, a personagem do Francisco avisa que as autoridades precisam se curvar mais para as necessidades dos pobres. Pela sua história de vida, a personagem de Luiz Inácio Lula da Silva salienta o valor de alguém que superou as dificuldades da pobreza e conseguiu ser reconhecido mundialmente. Por ser a primeira mulher presidenta, a personagem de Dilma aponta para um contexto tradicional de vida ainda dominado pelo masculino, animando todas as mulheres diante de sua condição de “inferioridade” (distinções de salário; violência contra a mulher; reforço do clássico papel na família etc.).

As *personagens do futebol* são o atacante Neymar (admirado) e o ex-goleiro Bruno (rejeitado). Nesse conjunto, temos a narrativa do ídolo em dois momentos: o mais admirado “em pé” na cena das celebridades e o ídolo “caído”, rejeitado, nas páginas policiais. A peça de pé nesse tabuleiro seria o jogador Neymar, atualmente uma das estrelas do time do Barcelona da Espanha e atacante da seleção brasileira de futebol em 2014. Jovem rico, famoso e com namoradas bonitas. Já a peça caída no tabuleiro seria a do ex-goleiro Bruno: ex-ídolo rico e famoso de um dos times de maior torcida do Brasil, o Flamengo, julgado por ter supostamente mandado assassinar a ex-namorada, mãe de seu filho. Na discussão, perguntamos como o ex-goleiro poderia recuperar sua imagem de ídolo. Um dos rapazes disse que somente se ele defendesse um pênalti do Neymar na final de um campeonato. Feito isso, o público se esqueceria do que Bruno fez. Temos, aqui, um embate de ídolos. Apesar do confronto clássico e contrastante, observamos uma *transição* do ídolo, exaltado e maior para um lugar de rejeição. O movimento se expande do instante imaginado do confronto do atacante Neymar com o goleiro Bruno na hora de um pênalti e segue para fora do jogo (do tabuleiro). Espera-se que o ídolo permaneça “de pé”, jogando o jogo dentro e fora do campo, construindo, dessa maneira, ao público que Neymar poderia ter sido mais educado, parando para dar entrevistas;

Bruno não precisava ter feito o que fez. Nesse sentido, observamos que os rapazes esperam um jogo jogado dentro das regras, respeitando o outro com humildade, sem inveja ou ciúmes. Parece que os rapazes esperam o mesmo respeito pelo outro tanto na hora do jogo quanto fora dele. E evidente que se a violência é contra uma mulher, o ato de Bruno torna-se duplamente detestável, principalmente para as meninas.

*Personagens alvo de polêmicas*, o pastor Marco Feliciano e a cantora Daniela Mercury. Nesse conjunto, importou mais a discussão do assunto que as personagens propriamente. Aqui, tornaram-se mais visíveis duas visões de mundo distintas, entre moças e rapazes. E a polêmica foi a postura do pastor em relação às uniões homoafetivas. A cantora baiana entrou na discussão como um exemplo dentro do argumento das meninas, pois elas lembraram do anúncio da união homoafetiva da cantora. As personagens são utilizadas pelos jovens, durante a discussão, para justificar as opiniões. Notou-se entre os rapazes a importância do respeito à lei (as regras, associando-se ao conjunto anterior sobre “personagens do futebol”), enquanto que entre as moças a importância do sentimento humano, a experiência da liberdade ou talvez da diversidade. Aqui acaba se revelando duas visões de mundo diferentes que se entrelaçam: os rapazes mais associados à incisiva do “fazer a coisa certa” e as moças que saem em defesa da perspectiva do ser feliz além da regra, independente de suas orientações afetivas.

Outras personagens que estimularam debates polêmicos: o cantor Leonardo, lembrado como uma pessoa com o jeito de ser divertido ao falar em público<sup>100</sup>, e o cantor Luan Santana, que foi deselegante no palco quando se referiu às meninas da região – causando indignação por parte dos rapazes que saíram em defesa das moças<sup>101</sup>. Aqui, temos o mesmo já dito sobre a personagem da telenovela e do futebol: espera-se um ídolo que mantenha o respeito dentro e fora do “jogo” (Luan); tais cantores sertanejos exploram exatamente as similaridades com o jeito de ser e modo de falar das pessoas do rural (Leonardo).

As *personagens que são apresentadores da tevê* são Marcelo Rezende, do programa “Cidade Alerta”, e Hebe Camargo, do extinto “Programa da Hebe”. Alguns aspectos devem ser destacados no que tange a seus lugares e performances.

O “Programa da Hebe”, durante alguns anos, foi um dos maiores sucessos da televisão brasileira entre as famílias. Quando viva, Hebe encantou o público com temas familiares na

---

<sup>100</sup> Em janeiro de 2014, o cantor deu uma demonstração de que, além de divertido, também anda com munição em sua bagagem. Ele foi preso no aeroporto Juscelino Kubitschek, em Brasília, por tentar embarcar carregando 22 cartuchos de munição calibre 22. Apesar da posse desse tipo de munição ser permitida a pessoas comuns, Leonardo não possuía autorização para transporte (Fonte: [estadão.com.br](http://estadão.com.br), 03/02/14).

<sup>101</sup> O cantor é famoso por cometer gafes ou indelicadezas em público. A coluna de Gustavo Magnani (02/01/12), no Portal R7, disse que, certa vez, o cantor teria dito: “As duas profissões mais difíceis são cantor e jogador de futebol”.

pauta e uma conversa simples e “sem frescura”, além da própria personagem da apresentadora. Hebe debatia com convidados, sempre se posicionando como uma pessoa que aglutinava traços conservadores e progressistas, construindo um quadro típico da apresentadora e seu programa, que mais agradou a família no rural. Miceli (2005), sobre a apresentadora, explicou que ela funcionava para as famílias tradicionais como uma “madrinha” que conversava sobre assuntos de família. Havia uma espécie de “diálogo regular” entre Hebe e as famílias no rural que valorizava certos sentidos fomentados no capital familiar. Hebe tinha o costume de um discurso no diminutivo (mamãezinha ou vovozinha), apontando para uma mulher sempre dedicada em seu papel social junto a sua família, mas igualmente mostrando-se como uma senhora de classe média alta – joias, roupas, maquiagem, brilhos etc. (MICELI, 2005). Entendendo bem o papel que estava assumindo em seu programa, a apresentadora procurava transmitir a imagem da boa mãe, da pessoa simples que usa a linguagem do povo, de fácil entendimento, sem ser grotesca, muito sábia ou muito sofisticada. Do alto de seu pedestal midiático, a “mãezona simples” ou a “ricaça sem frescura” dava selinho em todo mundo, sem discriminação. A apresentadora continua na memória dos pais dos jovens no rural, pois os filhos reproduzem a mesma admiração por Hebe. Outras “madrinhas” surgiram, mas também “padrinhos, tentando se utilizar do mesmo tipo de apresentador, reforçando a ideia dos papéis sociais maternos e paternos da família tradicional.

O programa “Cidade Alerta” está no ar já há bastante tempo, mas o apresentador Marcelo Resende está no cargo desde 2012. O telejornal tem se mantido no ar como um dos principais telejornais populares do país. Em poucos meses, Marcelo já tem um desempenho semelhante ao de Hebe com a roupagem masculina. Começa com um preâmbulo antes das matérias, explicando a história toda com suas palavras, de maneira pausada, e depois exibe a notícia. Tenta usar a estratégia do linguajar simples para eliminar o juridiquês habitual de toda a notícia policial. Em alguns momentos, sempre interage de maneira engraçada (sutilmente inconveniente) com os repórteres e o comentarista Percival (curiosamente, Datena citado na discussão não teve uma votação expressiva, pois foi Marcelo que apareceu como um dos mais admirados no grupo). Marcelo sempre transmite um jeitão meio grosseiro, do tipo “inconveniente” e ele mesmo já se autodeclarou “meio bobo” ou “abestado” algumas vezes no programa. Ele desempenha o papel do tipo “bobo-esperto”, apresentando as notícias não como se estivesse na sala de estar (como Hebe), mas conversando na praça ou na esquina do bairro popular.

Ambos apresentadores possuem um desempenho semelhante, guardando suas peculiaridades: expõem os assuntos como se estivessem em um lugar descontraído, explicando os assuntos de maneira pausada, de maneira divertida e simples, com um linguajar sem termos técnicos.

Observando de modo mais geral, parece que as personagens apresentadoras de tevê provocam sentidos diferentes em transição, que se mostra por vezes mais “conservador” (associado à família tradicional, ao papel da mulher na sociedade, ao jeitão grosseiro de ser do simples homem da roça etc.) e por vezes mais “progressista” (quando dá selinho ao vivo, debate assuntos polêmicos etc.). As personagens de Marcelo e de Hebe se assemelham pela mesma *transição* do simples, excluído e menor (presente na história de vida de cada um) para um lugar de poder e glamour midiático, pois ambos têm aquele “jeito de ser simples e divertido”, como se fosse alguém da família.

As *personagens femininas das novelas* são a jovem de família, pobre e moradora do morro, a Morena; e a charmosa delegada Heloísa. Em ambas, temos distinções de formas de vida, pois elas possuem diferentes relações de família, de classe social, de cultura e de condição financeira. Porém, algo em comum aproxima as personagens: o valor individual do feminino, que se sobressai na medida do enfrentamento das circunstâncias sofridas pela personagem. O valor da esperteza de Morena e da dedicação de Heloísa apareceram em meio a uma situação em que ambas não tinham a família junto para ajudar: Morena enfrentou com esperteza o fato de estar sozinha no estrangeiro, sem poder revelar os traficantes para sua família; Heloísa enfrentou os problemas de sua família, dedicando-se ao trabalho de policial. A trajetória do simples, excluído e menor para um lugar melhor se assemelha às histórias do feminino na Morena e na Heloísa, pois são histórias de dedicação, coragem, superação e força de vontade.

Tanto os anônimos quanto os proeminentes na mídia estão envolvidos com algum tema importante no social e que remete a valores morais: personagens do mundo da política estimulam discussões sobre a necessária relação das autoridades que “se curvam” aos pobres; personagens do mundo do futebol, enquanto exemplos para a juventude, abrem o campo dos sentidos junto ao público a partir de suas condutas e posturas morais, dentro e fora do jogo de futebol; as celebridades despertando discussões polêmicas sobre aspectos do cotidiano dos jovens; apresentadores de tevê que estimulam o debate em família sobre assuntos diversos; valores envolvendo personagens de uma história e ocorrências do cotidiano.



### 8.3.2. *A interlocução de “padrinhos” e “madrinhas”*

Basicamente, as personagens mais admiradas, sem rejeição, envolvem duas personalidades da política internacional e dois apresentadores da tevê. As personalidades possuem um sentido importante que se associa a temas como família, autoridade, pobreza ou minoria sofrida. A partir das transições do simples para um lugar de poder, desponta um valor moral (a simplicidade, a humildade) que se relaciona com a classe social (“humilde como nós”). Esse sentido seria a ideia de “madrinha” e “padrinho”. A escolha por tais nomeações se deve à observação de traços comuns que apontam para um tipo de sujeito na mídia que agrada a um público de contexto popular, mas também escolhemos esses nomes porque um deles foi muito utilizado por Miceli (2005) para designar a personagem da apresentadora Hebe como “madrinha”.

Os padrinhos e madrinhas abrem o campo dos sentidos tentando estabelecer uma interlocução do tipo “como se fosse alguém da família” ou “gente como a gente” que sabe conversar como as pessoas simples, de maneira descontraída (sem frescura), sendo divertido e com um sutil jeitão “meio caipira”, talvez relacionado às origens tanto do masculino (“durão” ou “grosseiro”) e do feminino (no papel da dona de casa prendada, amorosa e maternal com a família).

Por esse percurso, podemos olhar as transições em outras personagens admiradas sem rejeição: a autoridade máxima da Igreja que “se curva”, simulando humildade e proximidade para com os pobres; o presidente da República, originário do Nordeste agrário dos anos de 1950, operário da indústria na cidade, que agora tem o compromisso para com os pobres; a mulher alçada pela primeira vez à posição mais alta do poder, em um cenário marcado pela presença da cultura masculina.

O papa Francisco tornou midiáticos seus gestos de humildade, em um desempenho que foi tratado pela mídia mais pela “quebra do protocolo” do pontífice nas cerimônias do Vaticano do que pelo sentimento expressado. Ele pode ser considerado um “padrinho” (“santo padre”) que enverga-se do alto de sua santidade midiaticizada para o baixo dos mortais anônimos. Aqui a transição é o inverso, do lugar de poder para o gesto de simplicidade e humildade.

A presidenta Dilma se tornou pela primeira vez uma presidenta da República e isso significou uma transição do simples ao lugar de poder não somente da mulher, mas de sentidos tradicionais na origem do feminino: a dedicação, a superação, a maternidade e amor

pela família. Ou seja, a transição da representação da mulher, a partir desses elementos tradicionais, para um lugar de poder masculinizado, significou a valorização desses sentimentos, tendo em vista tanto um meio rural, marcado por décadas por uma cultura tipicamente patriarcal quanto uma atualidade em que infelizmente se destaca a violência contra a mulher (sobretudo nos contextos pobres da vida popular, rural e urbana).

Olhando para a fala dos jovens, na sessão 3, percebemos a importância, por exemplo, do papel tradicional da mulher nas origens do feminino: o trabalho doméstico e a importância do papel social da mulher na família:

Não, o homem que depende da mulher, porque a mulher lava, cozinha e ainda trabalha, tem homem que faz arroz e feijão joga na parede e aí gruda [...] Num sabe fazer nada. O homem num sabe lavar, passar, cozinhar [...]. É raro um homem que limpa a casa direito, é raro um homem que sabe passar roupa direito, é raro homem que sabe lavar roupa direito, é raro homem chefe de cozinha (Af, sessão 3).

Mas também a importância da família, representada pela noção de interdependência na relação homem-mulher, em uma estratégia de ajuda mútua e de companheirismo:

Não, sem brincadeira, mas acho que muita gente hoje em dia depende de homem, a maioria sim [...]. Acho que tanto a mulher quanto o homem precisam um do outro, porque tem coisa que homem sabe fazer que a mulher num sabe, tem coisa que a mulher sabe fazer que o homem num sabe. Então num tem essa de que a mulher num precisa do homem, nem o homem num precisa da mulher (Bf, sessão 3).

Na leitura dos jovens, tais personagens da política se apresentam estabelecendo uma interlocução como padrinhos e madrinhas devido a um cenário marcado por tradicional indiferença das autoridades e pessoas em posições de poder com relação aos sujeitos de contextos pobres. Existe uma preocupação dos jovens com a distância, com certo alheamento daqueles que podem se dedicar a ajudar a população mais pobre.

A interlocução desses personagens midiáticos permite observarmos valores: a humildade nos gestos do papa; a simplicidade de uma mãe ou de uma avó semelhante a da apresentadora “mãezona” e “madrinha”; a exaltação do feminino no poder, em um universo marcadamente masculino; o jeito divertido do apresentador do telejornal popular. Tais valores se associam à experiência em família e se aproximam a ideia do “gente como a gente” ou “gente que parece da família”.

### 8.3.3. *As interlocuções da protagonista da telenovela e do ídolo do futebol*

Alguns sentimentos apresentados pelos jovens da pesquisa revelam indícios que revelam outros valores, o que ajuda a entender um pouco sobre semelhanças e diferenças com determinadas personagens midiáticas mais identificadas com a juventude. A humildade como valor mais admirado pelo grupo sugere a identificação com a própria simplicidade das pessoas da roça (“humilde como nós”, como disse um dos jovens ao se referir ao papa Francisco) e se torna uma espécie de exigência desse jovem para com as personagens que admira na mídia. Busca-se no outro aquilo que já está nele.

Ao indicarem a inveja como um sentimento não desejado, os rapazes apontam para um universo juvenil marcado pela narrativa da ostentação e da distinção social (aparelhos celulares, roupas e acessórios que distinguem um do outro). A inveja é um sentimento que diz sobre a relação com o outro, muito comum na juventude. Mas o jovem no rural parece valorizar com mais intensidade as necessidades materiais básicas, uma vida sem muitas riquezas ou convites fáceis. O contrário da humildade (no sentido de humanidade) seria a ostentação, novamente associando-se com a noção de trabalho dedicado, simples e humilde, para se obter somente o necessário para viver. A inveja “abominada” faz parte de uma relação com um cenário em que existem comparações de um com o outro, um universo de desejos em ser como o outro, ter/desejar algo ou estar no lugar do outro. Há uma valorização do existir na falta, no viver com pouco, mas também desejando o que não se tem sem ostentação.

Neymar e Bruno são semelhantes enquanto ídolos do futebol, mas demonstraram atitudes diferentes fora do mundo da bola (*respeito* dentro e fora do jogo). Morena e Helô são diferentes em termos de classe social, condições financeiras e relacionamento com a família, mas semelhantes quanto ao drama de não ter a família por perto para ajudar (importância da *família*). A articulação entre essas personagens diferentes instiga o aparecimento de alguns valores como respeito e outros envolvidos com a importância da família, mas também outras transições interessantes como a transição do ídolo e da protagonista da novela (que vê o sonho de melhorar de vida no estrangeiro interrompido pela violência). Tais transições estabelecem interlocuções.

Interessante que, no debate, os jovens discutiram mais sobre o caso do ex-goleiro Bruno do que do jogador Neymar. Apesar de as personagens do futebol interessar mais aos rapazes, as moças também participaram. A análise específica da interlocução do ídolo do futebol, especialmente entre os rapazes dos contextos pobres da vida rural e urbana, merecia

inclusive um estudo de maior envergadura – que não cabe nos objetivos desta pesquisa. Contudo, observando a interlocução do ídolo Neymar (o mais admirado entre os meninos), na comparação com o ídolo “caído” Bruno, temos dois aspectos: primeiro, o assunto “futebol” com uma cultura do esporte já tradicional na própria comunidade rural de Capivara (segundo informações dos moradores, a região já teve cerca de dez campinhos de futebol. Hoje só tem dois). No espaço de sociabilidade simples do campinho de futebol, os rapazes trocam informações sobre os times, comentam sobre os melhores jogadores, sobre os clubes estrangeiros e os campeonatos, mas também se exibem para as moças que estão na torcida, vestem a camisa do time e cortam o cabelo igual ao jogador famoso; segundo, os ídolos que fomentam discussões, modificam práticas e condicionam as falas dos jovens. Bruno (o mais rejeitado no grupo) está, ao mesmo tempo, associado a dois temas diferentes de interesse da juventude: os ídolos do futebol e a violência contra a mulher jovem. Neymar (o mais admirado entre os rapazes) está associado tanto com o futebol quanto à ideia do jovem rico e reconhecido.

O quadro de sentidos dos ídolos reserva um cenário sempre marcado por uma narrativa de ostentação e de distinção social juvenil, pois tais narrativas midiáticas também despertam a inveja entre o público juvenil – afinal, a narrativa do ídolo sempre trata da história de um jovem pobre que se tornou rico com seu talento, jogando futebol. Quando Neymar começa um namoro com a atriz jovem Bruna Marquezine, da novela *Salve Jorge*, tanto um quanto o outro ocupam um lugar nos sentidos das moças e rapazes (Bruna foi lembrada por rapazes e moças no *ranking* das personagens admiradas com alguma rejeição). Forma-se, então, o sucesso da *narrativa na mídia do casal Bruna-Neymar*: jogador e atriz, ambos jovens com corpo perfeito, bem sucedidos e celebridades da mídia. Existe uma admiração pelo ídolo, um sentimento de falta, mas também uma cobrança por respeito. Isso se torna mais visível quando observamos o caso Bruno.

A narrativa do casal Bruna-Neymar é oposta à do *casal Bruno-Elisa*, pois esta seria uma narrativa da tragédia, da falta de respeito, da violência contra a mulher e, conseqüentemente, da derrocada do ídolo. O ídolo do futebol aparece como réu de crime e, envolvidos na história do caso, os sentimentos, as más companhias, a crueldade no assassinato da namorada e mãe do filho do ex-goleiro.

E se, em geral, a narrativa do ídolo é de ostentação, a discussão deriva para o debate em torno do não-desejo por riquezas “além da conta”, como carro importado, aviões, joias,

helicópteros, roupas caras ou ter uma namoradinha modelo e famosa (já que, por vezes, tais elementos da riqueza estão imersos em histórias de sangue e terror).

Apesar de o grupo afirmar o sentimento de humildade como importante, também ressalta a coragem, a força de vontade, o trabalho duro e a firmeza, colocando mais tinta nos aspectos tradicionais relativos à masculinidade. Não é à toa, pois cabe aos rapazes o serviço mais duro da roça, por terem melhores condições físicas de colher mais em menos tempo e, assim, ganhar por produção no trabalho. E, ao que parece, o futebol exige tudo isto: trata-se de uma disputa de iguais que exige firmeza, coragem e humildade. Tanto dentro quanto fora do jogo.

Portanto, a transição do ídolo está na sua própria história de vida, mas também em ser “gente como a gente”, tendo que demonstrar uma performance admirável tanto dentro quanto fora do jogo, no ambiente de ostentação e riqueza.

Nesse sentido, podemos dizer que o futebol permite três tempos de experiência: a experiência das vitórias e derrotas (o jovem pobre que superou os obstáculos e conseguiu vencer na vida); da igualdade momentânea (as regras do jogo são iguais para todos) e do pertencimento (coletivo)<sup>102</sup>. O próprio jogo é a experiência de vitórias e derrotas, em um momento de pertencimento a um coletivo (o time, a comunidade). Queremos, no entanto, chamar a atenção para o outro tempo da experiência, o sentimento de igualdade momentânea proporcionada pelo jogo.

No campo de futebol, Neymar precisa obedecer às regras do jogo, assim como o rapaz no campinho de barro da roça. Neymar, no jogo, se iguala às pessoas comuns, pois “desce” de seu pedestal social privilegiado para jogar futebol como qualquer outro. Lembramos que um dos jovens disse, na sessão 3: “*O Neymar é bem sem-educação. Ainda mais se perder um jogo, num pode falar nada pra ele não...*”. Não poder falar nada para ele depois que perde um jogo seria acentuar ainda mais a distinção que existe fora do jogo. O rapaz associou o Neymar a um valor “sem-educação” por conta de o jogador não compartilhar seus sentimentos sobre a partida após o jogo. E daí, observamos um jogo também jogado fora do gramado, apesar de que, quando se acaba o jogo, as diferenças se apresentam de maneira mais nítida entre o rapaz jogador do campinho e o famoso Neymar.

---

<sup>102</sup> A obra do antropólogo Roberto DaMatta mostra temas desprezados pela historiografia oficial, mas necessários para se entender o brasileiro e o Brasil. O futebol é um desses temas. Diz o antropólogo que a praia, o carnaval e o futebol são espaços de igualdade, momentos da festa coletiva onde algumas desigualdades desaparecem. Mesmo datadas de 1982, duas publicações do autor sobre o tema são interessantes: “Universo do Futebol” e “Futebol ópio do povo x drama da justiça social”.

Essa transição do ídolo do futebol envolve a experiência da distinção fora do gramado que se apaga momentaneamente quando começa o jogo: o anônimo garoto da roça se assemelha ao ídolo rico e famoso, mas quando acaba o jogo as distinções reaparecem. Se não der entrevista, o ídolo reforça essa distinção. Neymar foi visto como um “mal educado”, mas na verdade ele estava se distinguindo, assumindo seu papel de ídolo e os jovens da roça se ressentiram da falta de humildade, pois desejavam uma posição de mais proximidade.

O ídolo precisa “fazer o que é certo e correto”, como se os jovens quisessem estender o momento de igualdade sentida no jogo com a realidade vivida, aproximando o ídolo do lema “gente como a gente”. Contudo, esse “pecado” do Neymar mal educado, que não dá entrevista quando perde o jogo, foi infinitamente menor do que o “pecado” de Bruno. O ex-goleiro subverteu a ordem do ídolo – justamente fora do gramado, lugar da intimidade em que parece não haver perdão para os pecados dos ídolos.

No caso da protagonista da novela, a transição pode ser observada no desejo de Morena em melhorar de vida e o sonho interrompido pela violência. A delegada Heloísa (em posição privilegiada na sociedade) aparece depois, como a representação do outro dedicado no serviço de ajudar os mais necessitados. Existe uma semelhança entre ambas, como já dissemos, mas aqui ressaltamos essa transição na protagonista da novela que estabeleceu uma interlocução, sobretudo, entre as moças.

Existe implícito à narrativa que envolve Morena e Helô o sofrimento juvenil e a dedicação da autoridade em posição de poder, capaz de ajudar a jovem pobre. Essa narrativa se insere no cenário social da violência contra o jovem, que se tornou um obstáculo à melhoria de vida dos sujeitos e mostra que junto com o sonho de vencer na vida existe a possibilidade de sofrer violência. A vida juvenil pode ser interrompida pelo tráfico, obrigar uma luta por justiça ao lado da luta por ser feliz ao lado de quem ama (todos esses aspectos podemos observar na novela).

Os valores (esperteza, a dedicação e o “saber se defender”) despontam a partir do desempenho das personagens, no enfrentamento da situação de violência. Ser esperta e saber se defender seriam características fundamentais do jovem no enfrentamento dos perigos do mundo além do seu mundo comum. Morena precisa ser esperta para fugir do tráfico de pessoas e, nesse foco, surge Heloísa, a delegada dedicada – que faz lembrar também a dedicação da professora de português da escola. A *relação Helô-Morena* se assemelha à *relação Aluno-Professora de Português* pelo sentido de dedicação: trata-se da necessidade das pessoas hierarquicamente melhor situadas para ajudarem pessoas mais pobres. Sendo

delegada ou professora, tais pessoas dedicadas têm a capacidade de ajudar de alguma forma os mais pobres.

Se Hebe estimulou o papel social da mulher em família, Morena ficou na memória recente da juventude como a jovem pobre que representava o esforço juvenil de vencer na vida e o enfrentamento dos perigos do mundo estrangeiro. Tudo para ajudar a família. Os desejos e temores se misturam: temem sofrer algum tipo de violência, cair no crime, mas desejam ser um profissional do meio urbano (professor, educador físico, psicólogo, jornalista, advogado, policial ou piloto de avião – profissões comuns nas novelas), na tentativa de obter o respeito e o reconhecimento dos familiares (pais, amigos e vizinhos). O aspecto em comum na relação Morena-Helô articula sentimentos de receio ou temor, como a solidão de viver só, sem família, ou a violência contra a mulher. Ser amada e constituir família são dois pontos observáveis na fala do grupo feminino. Morena não tinha ninguém da família por perto quando estava presa no estrangeiro; Helô, em seus surtos consumistas, não podia contar com a ajuda de ninguém da família. Enfim, o assunto “família” retorna, assim como as agruras do caminho em busca de vencer na vida migrando para o outro mundo.

Na fala de todas as moças, se observa o temor de ficar no rural (aspecto que pode variar de um grupo de jovens para outro; de uma faixa etária para outra). Contudo, no rural não há miséria. O temor de viver na miséria se refere à miséria urbana: morar na favela, não conseguir emprego fixo, transformar-se em uma prostituta, adquirir uma doença que impede de trabalhar ou conviver com más companhias. Contudo, a cidade também é o lugar das realizações e conquistas na vida.

#### **8.4. Analisando as frases fortes do grupo**

A ideia clássica de “*melhorar de vida*” na cidade vem sendo atualizada entre as gerações de jovens no rural, na medida da relação com as cidades de referência. O significado varia de uma localidade para a outra. Para a grande maioria dos jovens no rural, o lugar de destino da migração é a cidade, pois há um desânimo econômico (produto sem preço; adubo caro; trabalho duro, por vezes sem carteira assinada, sob o risco de alguma doença) e cultural no meio rural (longe dos amigos, sem nada para fazer, pouca opção de lazer, vida chata; tendo que seguir a opinião dos pais e depender deles).

A cidade encerra as perspectivas do individualismo progressista, em que a melhoria de vida está associada ao indivíduo. No entanto, entre os jovens batalhadores no rural,

observamos uma preocupação em ajudar a família aliada a uma preocupação com a violência urbana que pode subtrair o sonho juvenil de melhorar na vida (há um temor especial entre as mulheres, em função do cenário social de violência contra a mulher).

Para tentar minimizar o contato com a possibilidade de sofrer algum tipo de violência (até mesmo a violência do preconceito), o jovem no rural que migra para o urbano recorre à incisiva do “fazer a coisa certa e correta”. No contato e na troca, sempre em meio a coisas “boas” e “ruins” da cidade, o jovem migrante tenta se arranjar como pode, fazendo a coisa certa para tentar alcançar o que deseja. Ao que parece, a migração para a cidade está na base das experiências da família rural: apesar de a família perder a força de trabalho do jovem na lavoura, o jovem assume um compromisso de, ao melhorar de vida, tentar ajudar a família (daí a estratégia da migração para cidades próximas).

Morena é moradora da favela, com pouca condição financeira, mãe solteira morando com a mãe. A corajosa e dedicada jovem tenta melhores condições de vida para si e sua família, com o objetivo de comprar uma casa própria na favela. Está desempregada e sofre a violência do mundo estrangeiro. Contudo, essa violência também pode ser compreendida como sendo a violência da inclusão social enviesada do jovem, pois Morena consegue um emprego dentro das suas possibilidades de escrava do tráfico de pessoas: ela se torna prostituta da boate, emprego temido entre as moças no rural. A novela, de modo implícito, trata desta “vida intermediária”: Morena conseguiu emprego no exterior, mas não como desejava.

O sonho da casa própria e de melhorar as condições de vida da família se junta ao sonho de ser feliz ao lado de quem ama (não ficar sozinha, como disseram as moças) e de ter sempre o apoio da família, de familiares (de parentesco e compadrio), de alguém “de família” ou “como se fosse da família” (chamado por Jessé de Souza “vínculo de reciprocidade”) – coisa que não aconteceu com Morena que, nessa “vida intermediária”, não conseguiu avisar a família que estava correndo perigo de vida.

Como vimos na literatura do capítulo 5, existe uma tradição no rural de que as moças migram para a cidade, enquanto os rapazes ficam para ajudar na lavoura. De fato, observamos uma tendência à migração mais intensa entre as moças (por vezes até certo desprezo pelo rural), mas os rapazes também estão decididos a migrar. No debate, o grupo concordou que o jovem no rural “tem tudo que o jovem urbano tem” (informação sobre o mundo, tecnologias), além do jeito de ser mais divertido. Quem tem internet já conversa pelo *Facebook* com os



outros que migraram, para saber mais sobre esse mundo além do lugar comum da roça. Quem não tem se contenta com o principal lazer na roça: jogar bola no campinho.

Enfim, a ideia clássica da melhoria de vida na cidade parece se fortalecer ao longo dos tempos, estimulada pela interlocução das narrativas não-rurais que estão nas notícias sobre futebol nacional e internacional; nas histórias das novelas que alertam para um problema social; nos fatos policiais corriqueiros que acontecem fora do rural (no ambiente urbano); nas trocas de mensagens pela internet e pelo celular.

Melhorar de vida (um progresso individual) se associa a outra incisiva, “nada é de graça na vida” – lembrando o convite fácil recebido por Morena na novela. Atravessar a experiência da migração para o mundo além das fronteiras rurais significa pagar um preço: largar a família seria o primeiro deles. O trabalho e o emprego na cidade exigem esforço, dedicação, força de vontade e coragem para superar os problemas que aparecem (seja de ordem financeira ou psicológica). Por isso que nada é de graça nesta experiência rumo a uma melhor condição de vida. Não tem convite fácil, pois se confia naquilo que exige algum tipo de esforço no caminho. Daí personagens de novela como a jovem pobre do morro se entrelaçam de maneira significativa nessa experiência juvenil. Pensando em como seria isso no mundo do futebol, alguns rapazes também lembraram dos jogadores de futebol que se esforçam, trabalhando duro na profissão (como em qualquer outra) para ajudar a família.

A incisiva “nada é de graça na vida” se associa a outras, como as afirmativas de que, na vida, só ganha quem realmente merece e que as pessoas precisam viver tentando alcançar alguns objetivos na vida. Como no caminho não existe nada de graça, só se ganha com merecimento. Diante dessas frases fortes, mais diretas, parece-nos ser fundamental para o jovem no rural imerso nessa experiência “fazer a coisa certa e correta”.

“Fazer a coisa certa e correta” se associa com a ideia de melhorar na vida quando o assunto parece ser a violência urbana. Fazer a coisa certa e correta significa andar na lei, nas regras de conduta social na cidade, jogar o jogo dentro e fora do gramado, na tentativa de não deixar a violência subtrair o sonho juvenil de melhorar de vida. E isso tem um preço a ser pago. O temor não desaparece, pois mesmo fazendo a coisa certa não significa estar isento de sofrer violência. Mas, ao que parece, “fazer a coisa certa e correta” para os jovens já reduz um pouco o risco.

Quando a discussão foi em torno do ex-goleiro Bruno, o lema se tornou mais evidente no grupo: quem deve tem que pagar, pois nada é de graça na vida (nem mesmo tirar a vida do outro “de graça”). O grupo lembrou que o ex-goleiro não merecia ser solto nos próximos

anos, pois ele tem que pagar pelo que fez, assim como tantos jovens infratores que estampam os noticiários policiais (ganha a liberdade quem merece ser solto). Fazer a coisa certa é também escolher bem as amizades e preservar o que se tem – coisa que o Bruno não fez.

Apesar de observarmos com mais intensidade essa incisiva entre os rapazes, também identificamos o “fazer a coisa certa” entre as meninas, quando disseram admirar a personagem Heloísa, da novela. Além do *glamour* da delegada, que chama a atenção pelas vestes e a condição financeira, a profissão de delegada já é de “levar tudo na lei”, inclusive a família. Associado a essa incisiva estão os valores de dedicação e firmeza.

Interessante observarmos que o valor da dedicação foi associado tanto para a delegada Heloísa, na novela, quanto para a professora de português, na escola rural. E, no *ranking* dos mais admirados sem rejeição, a professora ficou na frente das personagens midiáticas e entre os membros da família. Quer dizer, a professora parece ser “como se fosse da família”, pois os jovens trazem a professora para o topo do *ranking*, junto com os queridos da família. Ela é da família estendida, querida pelos jovens. Mas a Helô da novela também é dedicada como a professora, pois ambas tentam fazer o que é certo e correto. A incisiva “como se fosse alguém da família” parece estar contida em outra talvez maior, o “gente como a gente”. Se não, vejamos.

Para a personagem da novela e a professora de português, ser semelhante com alguém da família significa uma transição de um lugar de poder para o simples; da posição hierarquicamente melhor situada para a posição de ajuda aos mais pobres. A incisiva está mais associada a uma humanidade mais natural e espontânea. E essa incisiva se afina com os sentidos de pessoa simples, divertida, que dá exemplo de humildade e se preocupa com os pobres, com os humildes, com a família e com a superação pelo trabalho para ajudar a família; pessoa sentida como se fosse uma mãezona, carismática entre as pessoas, ou sentida como um irmão mais experiente, falando conosco de maneira divertida; uma sensação de que aquela pessoa sabe preservar o pouco que tem e dividir com os outros este pouco, sempre passando uma boa imagem diante das câmeras e fora delas; também pessoas com uma história de vida marcada por algum sofrimento ou que representa uma minoria social sofrida. Essa seria a noção de humanidade mais natural e espontânea expressa pelas pessoas hierarquicamente situadas em posições de poder.

## 8.5 Associando as frases fortes aos perfis do tipo de pessoa

Essas frases que estamos chamando de fortes (ou máximas, espécie de provérbios) são “espíritos” ou visões de mundo que se entrecruzam e influenciam os argumentos e justificativas do jovem no rural. Podemos dizer que, na experiência em família (no núcleo duro e na família estendida), circula a noção do “*fazer o que é certo e correto*”, e os exemplos estão na vida desses jovens, como, por exemplo, a dedicada professora de português: ao que parece, ela faz o que é certo e correto (não deixar o aluno passar de ano empurrado), enquanto o jovem se esforça para tentar aprender. Tudo tem uma troca, como disse um rapaz na discussão do grupo. Espera-se dedicação e atenção por parte das autoridades e pessoas na posição de poder na sociedade, pois existe, do outro lado (já bastante claro na experiência juvenil), o trabalho duro, a força de vontade, a coragem e a superação dos obstáculos.

O lema “*nada é de graça na vida*” de certa forma se aproxima da ideia de uma comunidade da partilha ajustada à realidade do meio rural pesquisado, pois, na ajuda mútua existente na partilha, se cada um faz sua parte ninguém ganha nada de graça. Nesse sentido, tudo já estaria acertado entre os membros da família, cada um fazendo sua parte para a família. Contudo, indo além da vida no coletivo da família, pode existir outro sentido para a incisiva: a mudança da roça para a cidade tem seu preço, pois “*nada é de graça na vida*”. Por essa alça, compreendemos o que se espera do outro: a oferta de um trabalho duro, pois não existe convite fácil para se conseguir melhorar de vida; a dedicação das pessoas em posição de poder em prol dos mais pobres.

Em família tudo está quitado e as trocas feitas de graça têm seu preço: a estabilidade do funcionamento da vida em família. Enquanto o jovem está na roça, a avó faz o almoço e outra pessoa cuida dos animais; quando a avó precisa, o neto conserta a antena de tevê e o cercado das galinhas; se a torneira da casa da tia vaza, o esposo da sobrinha ajeita. Quer dizer, confia-se no outro da família para ajudar nos momentos difíceis, assim fomentando um “capital familiar” e um vínculo de reciprocidade que, em algum momento, pode se estender a outros grupos de parentesco e compadrio.

O problema é que a noção da incisiva “*fazer o que é certo e correto*” em família, em que há a necessidade da partilha, muda quando se extrapola o coletivo familiar, alcançando famílias de outras classes sociais, as instituições e as pessoas em posições hierárquicas. Surge a frouxidão das leis penais que causam o sentimento de indignação, de mais respeito e

responsabilidade na vida em sociedade. O outro em seu outro mundo é olhado com mais desconfiança.

A amiga que mata a outra amiga ou a mãe que mata a filha recém-nascida (dois assuntos nos noticiários que chamaram a atenção dos jovens no grupo de discussão) não comunga com esse universo de partilha em família. Apontam para a classe da “ralé” (reféns do “pão incerto de cada dia e dos problemas que não podem ser adiados”, como diz Jessé de Souza (2012, p. 52) e não para a dos “batalhadores”, que consideram importante a estrutura familiar e o acúmulo de experiências que forma o “capital familiar”. A incisiva “*fazer o que é correto*” parece, então, ser um dos utensílios de bagagem do jovem no rural que migra para a cidade. O jovem procura se diferenciar da experiência de alguns sujeitos da “ralé”, pois fazer a coisa certa e correta seria se distanciar das drogas, dos atos de violência, da prisão ou do hospital; respeitar o próximo, ficar na escola e não na rua, não agir com crueldade, pagar pelo que fez, ter consciência dos atos e valorizar a justiça. E se a ideia do “fazer o que é certo e correto” segue na mochila do jovem migrante, também a incisiva “*nada é de graça na vida*”, ou seja, os valores fomentados nesse “capital familiar”. No sentido da relação com o mundo exterior, podemos observar na fala dos jovens: “*Hoje até injeção na testa a gente tem que pagar*” ou “*É o preço que a gente tem que pagar*”. Fora do universo familiar, no qual as trocas se dão naturalmente, existe no meio rural um preço a ser pago pelo favor que se faz ao outro.

Algumas personagens e temas dialogam com mais intensidade com as frases fortes e, como dissemos, todas as frases se associam com o grupo, mas alguns se apresentam de maneira mais sublinhada para uns e para outros. Os sentidos se atravessam, algumas linhas são mais acentuadas que outras, porém todo o atravessamento de sentidos faz parte da experiência do jovem no rural. Queremos dizer que a opção dos rapazes por uma visão de mundo e a das moças por outra (que interfere um pouco na escolha das personagens e temas da mídia) significa uma tensão, mas que permite dizermos que as moças, em algum momento, apoiam aspectos relacionados à visão de mundo dos rapazes (e vice-versa).

Podemos encontrar leve dissonância entre moças e rapazes, mas também muita concordância de grupo, quando associamos a pesquisa sobre os perfis de pessoa mais admirada com as frases mais diretas. E, no geral, podemos observar que a experiência em família no rural parece falar mais alto.

O grupo elegeu “*Uma pessoa que se preocupa com os pobres*” como o tipo mais admirado (que se associa ao lema “*gente como a gente*”), confirmando o perfil das

personagens midiáticas mais admiradas: as autoridades, celebridades ou pessoas em posição de poder na sociedade que se curvam para ajudar os mais necessitados, os humildes, os mais pobres.

O segundo tipo mais admirado foi “*Uma pessoa divertida e simples*”, que diz respeito ao ser jovem no rural, já que no grupo de discussão alguns jovens concordaram que a diferença entre eles e o jovem na cidade é ser mais divertido (e a simplicidade e a humildade seriam características da mineiridade). Observando apenas essas duas características, podemos enquadrar algumas personagens, como os apresentadores Marcelo Rezende e Hebe Camargo – representados como pessoas em posição social superior, mas com gestos simples e divertidos – ou o cantor Leonardo (divertido, simples, de jeito caipira).

E a terceira pessoa mais admirada foi “*Uma pessoa que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades*” (aqui temos o valor da dedicação que se assemelha à noção daquilo que exige esforço, sem convite fácil e fazendo a coisa certa e correta), apontando para os valores desenvolvidos em um “capital familiar”: dedicação diária, trabalho duro, força de vontade e superação dos problemas na vida em prol da família (personagens das novelas, como a Morena e as empreguetes). Junto a esses tipos, estão também os membros da família, as pessoas em posição de poder em seu cotidiano e que são dedicadas a eles (a professora de português).

Não há muita diferença quando analisamos os três tipos de pessoas mais admirados separadamente entre moças e rapazes. Mas existe uma sutil diferença. Entre as moças, destaque para a necessidade de compartilhar com o outro aquilo que possui. Importa para as moças ser “*Uma pessoa divertida e simples; que não deseja o que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros; que se dedica à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades*”. Para os rapazes, importante ser “*Uma pessoa que se preocupa com os pobres; que seja divertida e simples; e que se dedique à família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades*”.

A diferença está na valorização por parte das moças desse universo da partilha do pouco em família, das trocas naturais presentes na experiência da ajuda mútua, em que desponta a humildade para reconhecer e dividir o pouco que se tem (aspecto que também existe em muitos bairros populares de classe média baixa na periferia da cidade). Enquanto que os rapazes valorizaram o aspecto da postura necessária das pessoas em posição de poder no social (“*uma pessoa que se preocupa com os pobres*”).

No geral, a valorização do grupo juvenil está para um tipo de pessoa parecido com eles, do tipo “*gente como a gente*”: humilde em termos de jeito de ser e classe social, simples no modo de tratar as pessoas, divertida ao estilo “caipira”, consciente da necessidade de se partilhar o pouco que se tem, que valoriza a família e se esforça para superar os problemas de cada dia. Para os jovens, a incisiva “*fazer a coisa certa e correta*” seria como se fosse um percurso na direção desse tipo de pessoa admirada, justificado pela necessidade de se confiar naquilo que exige certo esforço, coragem, dedicação e força de vontade, mas também ajuda mútua (“*nada é de graça na vida*”).

A história de vida, a performance, o linguajar e a conduta diante das câmeras e fora dela são elementos importantes das personagens midiáticas que, quando atrelados a esse espírito valorizado pelo grupo juvenil, conseguem estabelecer uma interlocução com o público juvenil no meio rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interlocução que se estabelece com o jovem no rural do contexto pesquisado é a da narrativa televisiva não-rural. O que mais chama a atenção deste jovem reflete uma escolha significativa e aquilo que interessa em tais narrativas abre o campo de sentidos do jovem, atualizando e reforçando um quadro de preferências por certas narrativas, sedimentado ao longo da experiência. As personagens e os temas escolhidos para a interlocução são condicionados por um investimento afetivo e prático que leva em conta um instante vivido por este sujeito *em vias de ser* jovem urbano.

O cenário urbano mais atrativo para o jovem pobre se caracteriza pela possibilidade da profissão tipicamente urbana, do curso técnico, do reconhecimento em uma carreira, da independência dos pais e da vida com mais lazer. A roça é o lugar do sossego, da proximidade com a família e os amigos. A experiência em família fomenta valores que se desenvolveram na roça, enquanto os elementos urbanos apontam para o lugar de destino da migração. Assim também os assuntos estritamente agrícolas e agroecológicos cedem espaço para temas associados à violência urbana e outras questões relacionadas à vida na cidade.

O urbano no rural constitui um atravessamento de sentidos nos contextos mais pobres, e a midiaticização de base eletrônica se destaca neste atravessamento, sobretudo na experiência da juventude da agricultura familiar. A difusão cultural contribuiu para a constituição de um rural relacional (que está sempre em relação com o urbano que lhe serve de referência), sobretudo o migrante de retorno que conta histórias do outro mundo moderno. Os sujeitos das instituições também contribuíram para a difusão da cultura urbana no rural. As histórias contadas pelos livros e pelas pessoas faziam parte da experiência daqueles sujeitos produtores de informação. Não se tratava de algo presente e influente na própria experiência daquele indivíduo em vias de migrar para o outro mundo. O sujeito migrou e passou por uma *mudança existencial*, uma experiência impossível de reconstruir exatamente como ocorreu.

Todavia, outra coisa tomou o lugar (ou ao menos se apresentou de maneira mais intensa) do sujeito contador de histórias e produtor de informação. Algo se acomodou ao lado do narrador e de sua experiência impossível de ser reconstruída e desinteressante de ser contada. O mundo urbano exposto na mídia, de diferentes formas e sentidos, constituía-se por ideias e imagens, bem mais interessante aos jovens em vias de migrar, indivíduos agora

capazes de entrar em relação com a vida urbana via mídia e associá-la com sua vida vivida no rural.

As personagens e temas eleitos pela juventude pesquisada, a partir de narrativas televisivas não-rurais, entram em relação com esta fase vivida antes da mudança existencial provocada pela migração, localizado no terceiro ano do ensino médio na escola rural. Trata-se de um passo antes da mudança, *o presente emergencial*.

Neste instante os conflitos e as tensões aparecem: a necessidade de continuar vivendo em família, no sossego da roça, mas também de ter a própria vida na cidade, longe dos pais. Sem a migração, eles vivem o momento do término dos estudos e início da vida que reserva trabalho duro e qualificação. Mas também surgem algumas *referências compartilhadas* pelos jovens.

Aos poucos, neste presente emergencial, a interlocução se constitui por tais referências (nos temas policiais, nos programas futebolísticos, em algumas novelas e na performance dos proeminentes) e se relacionam com ideologias, traduzida pelas frases fortes (mais diretas ou afirmativas). A ideia nestas frases participam do processo de *vir a ser*, condicionando escolhas, a maneira do jovem se emocionar (se indignar), os modos de fazer juvenil, mas também as relações em família e com pessoas da comunidade.

As referências compartilhadas indicam tanto os temas que preocupam e as personagens mais lembradas quanto sentidos que se desenvolvem na experiência em família e em juventude. Elas lembram valores como a simplicidade, que remete a uma experiência em família, mas também da necessidade de uma profissão urbana, que reflete a experiência em juventude. E as personagens e os temas aparecem em outro instante, quando algo na mídia televisiva chama a atenção, seja no desempenho da personagem ou no tema social colocado em pauta. Considerando a situação de ser convocado, importa menos como cada jovem conta de maneira diferente o que viu/ouviu na mídia do que aquilo que desperta o interesse dele. Os temas e personagens escolhidos convocam, provocam discussões e fazem emergir falas, ideias e justificativas. Faz mais sentido falar não propriamente dos temas e das personagens em si, mas viver a situação de ser convocado, compartilhando referências e debatendo perspectivas polêmicas no grupo de discussão – desta maneira, podemos observar o delineamento da experiência com a mídia.

As personagens da tevê abrem o campo dos sentidos para tipos humanos desejados ou não. A interlocução exige proximidade da experiência do outro na tela com aquele que assiste e, por este percurso, podemos clarear o ponto a partir da explicação sobre as *transições*



envolvidas com tais personagens. Identificamos dois aspectos de transição: do simples, do excluído, do pequeno para um lugar de poder; do maior que se curva ao simples e ao excluído. Estas transições indicam proximidade, instantes de “igualdade” momentânea e de identificação do jovem com um jeito de ser das personagens – autoridades em posição hierárquica que se situam no lugar dos mais pobres (dos humildes, “assim como nós”, como falou um jovem na sessão) ou personagens que representam o menor alçado à posição de poder. São eles: jogadores de futebol que mantêm o desempenho brilhante dentro e fora do jogo; apresentadores de tevê que, do pedestal do glamour, aproximam-se com seu desempenho de um tipo humano identificado com os membros da família; personagem da novela que mostra o sujeito de um lugar simples tentando melhorar de vida no estrangeiro, tendo seu sonho interrompido pela violência. Esses tipos humanos também refletem trajetórias de vida de superação, força de vontade, coragem e dedicação, admirada pelos jovens, como a história de vida de jogadores de futebol e de alguns políticos (o ex-presidente Lula, da pobreza do sertão pernambucano, passando pela vida operária em São Paulo, para o *status* de celebridade respeitada da política mundial; ou a presidenta Dilma que representa a mulher – mãe, tia, avó – posicionada em um lugar maior na vida marcada pelo domínio do masculino, em especial nos contextos pobres onde se acentuam as agressões contra a mulher.

As frases fortes ditas pelos jovens se associam às transições, colaborando com esse momento vivido deles e condicionando suas escolhas. Esta maneira de posicionar se traduz pelas máximas: fazer a coisa certa, pois nada é de graça na vida e, fazendo assim, há um merecimento. Entre outros aspectos, fazer o certo significa: andar com boas companhias, encontrando pessoas como se fossem da família; pagar o que deve; confiar naquilo que exige esforço, superação e trabalho; cuidar para não cair na violência, em geral motivada por inveja, ciúmes e outros sentimentos envolvidos no cenário de ostentação. Impregnado a tais frases fortes estão os valores da simplicidade, da proximidade e outros, enquanto aquilo que é certo e correto de ser feito também pelo outro.

Confia-se no trabalho dedicado, que exige esforço, e na boa conduta das pessoas em posições hierárquicas na sociedade (tanto a professora de português, dedicada ao trabalho de ensinar, quanto a personagem da delegada Heloísa na novela, dedicada ao trabalho de investigação, pois trabalho e dedicação são valores fomentados entre as pessoas da família). Tanto para o outro quanto para si próprio, tudo é consequência de se fazer o que é certo, pois ganha quem merece e merece quem trabalha, assim possivelmente lhe foi ensinado na experiência em família.

Existe uma rejeição ao tipo humano que se distingue socialmente, separando ainda mais os mundos em relação. Neste momento vivido dos jovens, há uma necessidade de se produzir instantes “de igualdade”, que são contrários aos instantes da violência, do ciúme e da inveja que separam, bem como as atitudes preconceituosas e arrogantes (presente na postura de alguns apresentadores e comentaristas de programas de futebol que ficaram entre os mais rejeitados). E este aspecto dialoga com o cenário de ostentação do mundo juvenil atual, com o temor de viver como os membros da “ralé” que possuem uma família desestruturada ou de conviver com autoridades e instituições distantes das necessidades dos pobres e mais necessitados.

Estes temores e ostentações que separam, excluem, fazem parte de maneira mais intensa do cenário urbano. Há um desejo de ser incluso socialmente, mas talvez o jovem não perceba que ele é incluso nesse mundo de maneira enviesada (como explica José de Souza Martins). Nem todos os jovens da roça que migram para a cidade conseguem alcançar o tipo humano “batalhador da nova classe média”, pois muitos permanecem em subempregos e derivam para condições de risco social. Observa-se, então, que outra forma de vida na cidade se apresenta (a dos desenraizados), relativizando a noção de cidade como “lugar da nova classe média” e “lugar da melhoria de vida” (o progresso individual). Elementos mais restritos ao universo juvenil urbano (vinculados à moda na cidade, ao tipo de música, às tecnologias e as atitudes das tribos) começam a fazer parte da vida dos jovens da roça na cidade. E, neste caminho, as inclusões enviesadas acontecem, por exemplo, na tentativa do jovem de encontrar uma turma, aquela que deu para arranjar em meio a uma experiência de vida intermediária. No entanto, a tribo urbana exige condutas para o jovem ser incluído, atitudes que nem sempre coadunam com o “fazer a coisa certa”. Diante dos desafios da cidade, o jovem procura manter laços com os familiares, na tentativa de conservar práticas de autenticidade, preservar “o pouco que se tem” (o capital familiar), migrando para cidades próximas, o que permite fazer visitas regulares aos familiares e amigos na roça.

Enfim, um jovem em trânsito no meio rural é um jovem *em vias de ser* um indivíduo no ambiente urbano. Um *vir a ser* que se distingue tanto da vida intermediária na cidade quanto dos costumes tradicionais da roça; um *vir a ser* que afeta a natureza interna de uma e de outra vida. A mudança existencial ocorre na cidade, mas o presente emergencial é vivido como o instante em vias de se tornar um “indivíduo urbano”. Por isto que esse momento presente afeta o evento principal (a vida na cidade) e a vida em família no rural.

Um jovem em trânsito, em vias de ser, é um indivíduo “invisível” prestes a existir como “indivíduo urbano” e tentar adquirir as qualidades de uma categoria mais visível, a dos batalhadores brasileiros da nova classe média. Neste sentido, podemos dizer que a vida na cidade como “batalhador” advém e é afetada pelo instante presente (o último ano escolar), sendo este caracterizado por uma emergência, um vir a ser que distingue estar na roça e estar na cidade. A mudança existencial provocada pela migração está para acontecer, mas o presente emergencial soma e dá sentido a esse desenraizamento no urbano.

Neste presente emergencial do último ano escolar o que importa são as trocas e contatos existentes com o urbano, ou seja, a comunicação situada no centro deste instante vivido. E falar disto significa conceber um termo “comunicação *no* rural” enquanto uma comunicação não instrumental ou mecanicista, mas que leva em conta uma difusão cultural que se constitui a partir das interlocuções das pessoas no rural com as mídias, sem que haja uma migração, proporcionando um trânsito simbólico e de sentidos do urbano no rural de maneira mais acentuada que as transferências orais e literárias tradicionais de informação.

Olhar para este aspecto da comunicação no rural, na perspectiva da midiatização de base eletrônica, significa considerar dois momentos importantes: a proximidade sociocultural e simbólica do jovem no rural com o urbano que lhe serve de referência (seu presente emergencial) e a mudança existencial proposta pela vida intermediária na cidade, que não inclui o sujeito da maneira adequada à noção de “bem estar social” proposto pelas instituições (em suas políticas públicas destinadas, em geral, ou para o “jovem rural” ou para o “jovem urbano”).

Se, por um lado, existe um esforço institucional em promover o desenvolvimento rural e local nas comunidades rurais (com o objetivo de “fixar” o sujeito no campo), do outro existem jovens interessados no desenraizamento, o que tornam os jovens migrantes divergentes em relação às políticas públicas destinadas ao “jovem rural”. No entanto, vale salientar que existe um processo de adaptação do jovem migrante na cidade que faz parte da sua mudança existencial, momento que caracteriza essa vida no entremeio entre os costumes da família rural deixados para trás e a necessidade de prosseguir no mundo urbano. O cenário de desenraizamento produz indivíduos em vias de conquistar algo melhor na vida, pois se trata de uma vida provisória, temporária e que se arranja conforme as possibilidades. Importante, então, observar as interlocuções que tentam se estabelecer do urbano com o público no rural, na medida das trocas e dos contatos das pessoas em suas famílias.

Já sabemos sobre juventude rural e urbana, sobre as migrações, a conjuntura política e econômica do rural, os perigos da cidade, o valor da família, a necessidade do jovem no rural buscar mais lazer, trabalho e continuar os estudos na cidade mais próxima. Também já sabemos dos rótulos institucionais sobre a juventude (questionador, de vanguarda, reinventor ou rebelde; sujeitos em formação, inexperientes, apáticos, apolíticos, sensíveis, em situação de risco social e que precisam ser controlados e encaminhados pelas instituições), que ofuscam ainda mais o sujeito; sobre um período de transição juvenil, entre a dependência familiar e a autonomia na cidade. Indo além do que já sabemos, o que importa agora seria identificar e compreender *os processos – ou as condições que conduzem aos processos*. Estamos falando das condições e dos processos comunicacionais que envolvem as afetividades e as práticas dos jovens na roça na relação com o mundo urbano e as possibilidades da migração. Nisto desponta outro narrador experiente que tenta estabelecer uma interlocução, pela narrativa midiática não-rural, com a experiência de vida dos sujeitos. Considerando que, pela lógica própria dos jovens e suas famílias, o acesso à informação através das mídias se constitui uma conquista para as populações das localidades rurais isoladas, a interlocução que estamos falando também se configura como uma conquista, como algo que não se deseja perder.

Contudo, qualquer narrativa televisiva não-rural que estabeleça um diálogo com um público juvenil que submeteu sua vida ao projeto de “melhorar de vida na cidade” já participa das condições que conduzem aos processos de migração, pois colabora (mesmo sem intenção) com os sentidos presentes na existência de sujeitos em vias de se tornar indivíduos em condições de desenraizamento na cidade. Esta condição da existência de uma interlocução, no contexto sem migração ou *em vias de ser*, caracteriza esse jovem em trânsito que estamos falando: um sujeito de uma determinada situação que, estimulado pela mídia, convoca valores e dá sentido a sua condição de ser jovem em meio a um atravessamento de sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. A. de; LISBOA, J. M. de M.; TEIXEIRA, M. C. L. (Orgs.). Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável do município de São Miguel do Anta-MG. São Miguel do Anta: EMATER/CMDRS/PSMA (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e Prefeitura de São Miguel do Anta), 2008.

ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 33-55.

ALMEIDA, M. das G. A. A. de. A Construção da Verdade Autoritária: palavras e imagens da interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945). Tese (Doutorado em História Social). FFLCH/Universidade de São Paulo, 1995.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARAÚJO, C.A. A pesquisa norte-americana. In: HOHFELDT, A.; et.al. (Orgs.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações acerca da obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BELTRÁN, L.R. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. *Revista Comunicação e Sociedade*, n.6, set. 1981, p. 05-35.

BIGNOTTO, N. A contingência do novo. In: NOVAES, A. (Org.). A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações (Edições SESC). São Paulo: Agir, 2009, p.221-240.

BOAS, F. A mente do ser humano primitivo. São Paulo: Vozes, 2010.

BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. de M.; OLIVEIRA, R. de C.A.; LARA, M. R. de. Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales* n.1, v. 7, Universidade de Manizales/Colômbia, jan-jun de 2009.

BURKE, P. (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

BLUME, R. Território e ruralidade: A desmistificação do fim do rural. Porto Alegre: FCE, 2004.

BRAGA, J.L. Interação como contexto da comunicação. XXI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Juiz de Fora/MG, 2012.

\_\_\_\_\_. Mídiação como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A.S.; ARAÚJO, D.C.; BRUNO, F. (Orgs.). Imagem, visibilidade e cultura midiática. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, F.; PRADO, J.L.; PORTO, S. (Org.). Campo da comunicação: caracterização, problematização e perspectivas. João Pessoa/PB: Editora da UFPB, 2001.

BRENNER, A.K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e o tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.175-214.

BRUCK, M.S. Rádio e Televisão: mídia eletrônica e cultura no Brasil. In: PINTO, J.; SERELLE, M. (Orgs.). *Interações Midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.135-151.

CAETANO, A. Para uma análise sociológica da reflexividade individual. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*. Instituto Universitário de Lisboa, n. 66, 2011, p.157-174.

CALLOU, Â.B.F.; SANTOS, M.S.T. Desafios da Comunicação Rural em tempo de Desenvolvimento Local. *Revista Signo de Comunicação Integrada*. ano 2, n.3, João Pessoa/PB, set. de 1995.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, F.C.T. da. SANTOS, R.C.; COSTA, L.F.C. (Orgs.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p.97-117.

\_\_\_\_\_. Juventude Rural: projetos e valores. IN: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.243-262.

CALVINO, Í. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CANCLINI, N.G. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. Ni Folklorico, Ni Massivo ?Qué es lo Popular? *Revista Dialogos de la Comunicación*, n. 17, Lima/Peru: FELAFACS, jun. de 1987, p. 5-11.

\_\_\_\_\_. Cultura transnacional y culturas populares. Lima/Peru: Instituto para a América Latina (IPAL), 1988, p. 20-75.

\_\_\_\_\_. Cultura e Comunicación: entre o global y lo local. La Plata: Ediciones de periodismo e comunicación/ Universidad Nacional de La Plata, 1997, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. 2º ed. Buenos Aires/Argentina: Editorial Sudamericana, 1998.

CARDOSO, A.L.; CORRÊA, H.; BORTOLOTTI, M.; TURRER, R. O papa vem para a rua. *Revista Época*, 22 de jul. de 2013, p.38-45.

CERTEAU, M. d. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COHN, G. Qual é a forma da sociedade da informação? In: FAUSTO NETO, A.; HOHLFELDT, A.; AINDAR PRADO, J.L.; DAYRELL PORTO, S. *Práticas midiáticas e espaço público*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.15-22.

CUNHA, P.M. *A questão do popular na TV: interlocuções entre programas populares e telespectadores*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Coleção: Memória e Sociedade. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.16, v. 8, 1995, p. 179-192.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DEWEY, J. A valoração nas ciências humanas. In: CUNHA, M.V. da; CIANFLONE, A.R.L.; ANDRADE, E.N.F de. (Orgs.). *Campinas/SP: Autores Associados*, 2009.

DUARTE, E. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, M.I.V. de (Org.). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

EAGLETON, T. Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FAUSTO NETO, A.; SGORLA, F. Despedindo-se de Fátima (do Jornal Nacional?): “...vamos ficar órfão (...)”: o JN fica sem sentido... XXI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Juiz de Fora/MG, 2012.

FAUSTO NETO, A. Bordas de circulação. *Revista Alceu*, n.20, v. 10, jan./jun de 2010, p. 55-69.

FIGUEREDO, R.P. A extensão rural no Brasil. Santa Maria: UFSM, 1981. Palestra apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM-RS (mimeo).

FISCHER, M.M.J. Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FRANÇA, V.R.V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead. In: PRIMO, A.; et al.(Orgs). Comunicação e Interações. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 16-21.

\_\_\_\_\_.A TV, a janela e a rua. In: FRANÇA, V.R.V. (Org.). Narrativas televisivas: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.13-45.

\_\_\_\_\_.Sujeitos na, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C; FRANÇA, V.R.V. (Orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.61-88.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e vida social. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.L.F. (Orgs.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Ideias e Letras/PUC, 2004, p.13-26.

FREIRE FILHO, J. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discursos Midiáticos, Juventude e Poder. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, ago. de 2006, p.02-21.

FREYRE, G. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GEERTZ, C. Ritual and Social Change: A Javanese Example. *American Anthropologist Review*. v.59, issue 1, fev. de 1957, p. 32–54.

GOFFMAN, E. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

GRAZIANO DA SILVA, J. Por um Novo Programa Agrário. *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)*. n.2, v. 23, São Paulo, mai/ago de 1993, p. 05-16.

\_\_\_\_\_. A Nova Dinâmica da agricultura brasileira. Campinas: IE/UNICAMP, 1996, p. 41-190.

\_\_\_\_\_. O Novo Rural Brasileiro. *Revista Nova Economia*. Departamento de Ciências Econômicas da UFMG. N.1, v. 7, Belo Horizonte, mai. de 1997, p. 43-82.

GRAZIANO, X.; NAVARRO, Z. Realidade agrária e ideologia. *Revista de Política Agrícola da Embrapa*, n.2, ano 21, abr.-jun. de 2012, p.139-140.

GRIGNON, C.; PASSERON, J.C. Lo culto y lo popular. Miserabilismo e populismo en sociologia y en literatura. Barcelona: Las Ediciones de la Piqueta, 1992.

- HAGUETTE, T.M.F. Metodologias qualitativas na sociologia. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- HALL, S. Da Diáspora. Belo Horizonte e Brasília: Editora da UFMG/Unesco, 2003.  
\_\_\_\_\_. A Identidade Cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARDY-VALLÉE, B. Que é um conceito? São Paulo: Parábola, 2013
- JACKS, N. A recepção na querência, estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). ECA/Universidade de São Paulo, 1993.
- LATOUR, B. Not the Question. *Anthropology Newsletter*, n.37 (3), 1996, p.01–5.
- LEAL FILHO, L.L. Atrás das Câmeras: Relações entre Cultura, Estado e Televisão. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988.
- LIVET, P. As normas: análise da noção, estudos de textos – Wittgenstein, Leibniz, Kelsen, Aristóteles. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- LEAL B. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (Orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica; 2006. p.19-27.
- LEAL, O.F. Leitura social da novela das oito. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.
- LERNER, D; SCHRAMM, W. Comunicação e Mudança nos países em desenvolvimento. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- LOPES, M.I.V.de. O estado da pesquisa em comunicação no Brasil. São Paulo: Intercom, 1997, p.13-27.
- NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. *Revista de Estudos Avançados Online*. Universidade de São Paulo, n.43, v.15, set.-dez. de 2001, p. 83-100.
- NAVARRO, Z. Extensão rural no mundo. Viçosa: UFV, 2012. Palestra de abertura do semestre apresentada ao Curso de Mestrado e Doutorado em Extensão Rural da UFV-MG. (gravado).
- MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações. 6ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- MARTINS, J. de S. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 4ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- MATTOS, M.A.; JANOTTI JR., J.; JACKS, N. (Orgs.). Mediação & Miatização. Salvador: Edufba, 2012.
- MEAD, G.H. Espiritu Persona y Sociedad: Desde el punto de vista del Conductivismo Social. Barcelona: Paidós Studio, 1993.  
\_\_\_\_\_. The Philosophy of the Present. Chicago: Open Court Pub, 1932.
- MENDES, M. A melhor amiga. *Revista Veja*, n.42, 10 de out. de 2012, p.148-150.
- MICELI, S. A noite da madrinha e outros ensaios sobre o éter nacional. São Paulo: Cia das Letras, 2005.



- MILANESI, L.A. O paraíso via embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MOODIE, T. D. The Formal and Informal Structure of a South African Gold Mine. *Human Relations*, n.33, 1980, p.555-574.
- MOREIRA, M. S. F. O estudo sociológico de comunidades. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n.11 (1-2), jun-dez, 1963.
- PINTO, J.; SERELLE, M (Orgs.). Interações midiáticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PRIMO, A.F.T.; CASSOL, M.B.F. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. *PGIE/UFGRS: Revista Informática na Educação: teoria & prática*. n.2, v.2, out. de 1999, p.65-80.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Do Rural e do Urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. (Orgs.). *Vida Rural e Mudança Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V.R.V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.21-38.
- REDFIELD, R. O mundo primitivo e suas transformações. Rio de Janeiro/Usaid: Centro de Publicações Técnicas da Aliança/Editora da Fundação de Sociologia e Política de São Paulo, 1964.
- RIBEIRO, G. Mulheres no Poder. *Revista Veja*, edição especial 2189, novembro de 2010, p.70-75
- RIBEIRO, L.; PECHMAN, R. Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RODRIGUES, R. Menos de 40% das casas no Brasil têm PC, e apenas 27% acessam a web. Reportagem publicada no site da UOL IDG Now!, em 28/06/2011, disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2011/06/28/menos-de-40-das-casas-no-brasil-tem-computador/>
- ROOTES, C.A. Cultura de massa. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Orgs.). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.168-170.
- SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Revista Mana*, n.3(1), p.41-73, 1997.
- SANTOS, M. S.T. Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa Cecapas/Serta. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Comunicação). ECA/USP, 1994..
- \_\_\_\_\_. Comunicação e Consumo: espaço das mediações, da cultura transnacional e das culturas populares. *Revista Brasileira de Comunicação*, n.2, v. 19, São Paulo, jul.-dez. de 1996, p. 35-48.
- \_\_\_\_\_. Comunicação rural: velho objeto e nova abordagem: mediação, reconversão cultural e desenvolvimento local. Colóquio Brasil-França de Ciência da Comunicação. Recife, set. de 1998.
- SILVA, R.D.G. Uma tradução simbólica da metrópole: imagem e discurso de jovens do contexto rural sobre São Paulo e suas inter-relações comunicativas com seus parentes: o caso da vila rural de São Domingos – sertão de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Comunicação Rural). Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2002.
- \_\_\_\_\_. Uma metrópole invisível: imagem e discurso de jovens rurais pernambucanos sobre São Paulo em uma rede comunicativa com jovens paulistas. Recife: Editora Livro Rápido/Elógica, 2005.
- \_\_\_\_\_. Aquilo que adere e se entrelaça com a vida: os sentidos em torno dos sujeitos na televisão. XXII Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Universidade Federal da Bahia, Salvador, jun. de 2013.

SILVA, R.D.G.; SOARES, J.B. Extensão Rural e Comunicação Rural no Brasil: notas históricas e desafios contemporâneos. *Revista de Extensão e Estudos Rurais da Universidade Federal de Viçosa*, v. 1, série 2, 2011, p.397-426.

\_\_\_\_\_. Consumo de mídias, interações e valores entre jovens rurais mineiros. XXI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, jun. de 2012.

SILVERSTONE, R. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

SIQUEIRA, D.; OSÓRIO, R. O conceito de Rural. In: GIARRACA, N. (Org.). *Una nueva ruralidad en América Latina? Ciudad Autónoma de Buenos Aires/Argentina*, 2001, p.67-79.

SOLA POOL, D. de. The role of communication in the process of modernization and technological change. In: HOSELITZ, B. F.; MOORE, W. E. (Orgs.). *Industrialization and Society*. Paris: Unesco-Mouton, 1963, p. 279-293.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C.C.; GALPIN, C. J. Diferenças Fundamentais entre o mundo rural e urbano (1929). In: MARTINS, J. S. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SOUSA, C.C. de. Juventude e escola: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

SOUZA, J. Batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2ª Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SCOFIELD, T. H. P. Possibilidades do feminino: as telespectadoras de Ponta Porã e as mulheres do Mais Você. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

STRAUBHAAR, J. Sedimentada, híbrida e múltipla? A nova geografia cultural das identidades. *Revista Matrizes*, São Paulo, ano 7 , n.1, jan./jun. 2013, p.59-93.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Revista Educação e Pesquisa*, n.2, v.32, São Paulo, mai.-ago. de 2006, p. 241-260.

WEISHEIMER, N. *Juventudes Rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília/DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *Campo e Cidade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

YOUNG, R. J. C. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge, 1995.

### **Referências citadas a partir de Weisheimer (2005)**

ABRAMOVAY, R.; et.al. *Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Edições Unesco, 1998.

ARENSBERG, C.M.; KIMBALL, S.T. Family and community in Ireland. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

BENEVENUTO, M. A. R. Um olhar sobre a construção da visão de juventude entre assentados rurais. XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Campinas/SP, set. de 2003.

\_\_\_\_\_. Aparência e estilo como elementos de análise das expressões da juventude do assentamento rural de Casas Altas/RJ. Tese (Doutorado CPDA), UFRRJ, 2003.

BOURDIEU, P. Célibat et condition paysanne. *Études Rurales*, Paris, 5-6: 32-136, abr. 1962.

BRUMER, A.; et. al. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. Congresso da International Rural Sociology Association (Irsa), n.10, Rio de Janeiro, 2002.

CAMPOLIN, A.I. Quando alunos e alunas são rurais e a escola é urbana: o significado do ensino médio para jovens rurais. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/RJ, 2000.

DURSTON, J. Juventude rural, modernidade e democracia: desafio para os noventa. Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino-Americano. Série “Documentos Temáticos”, Brasil, junho de 1994.

FREIRE, J.C. S. Retratos da Amazônia: educação e juventude ribeirinha. In: VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural (Alasru). Porto Alegre, novembro de 2002.

HEREDIA, B.M.A. A Morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Série Estudos sobre o Nordeste, v.7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAUGER, G. La categorie de jeunesse – Essai d’inventaire, de classement e de critique de quelques usages courants ou savants. In: PROUST, F. (coord.). Les jeunes et les autres – contributions de sciences de l’homme à la question des jeunes. Vol. 1. Centre de Recherche Interdisciplinaires de Vaucresson – CRIV, 1985, pp. 43-63, 1985.

MENASCHE, R. O coral, o trabalho e a vida: espaços de sociabilidade e identidade em uma comunidade rural gaúcha. In: XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda, junho de 2004.

PEREIRA, J.L.G. Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade. Tese (Doutorado CPDA). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, O.M. F. da. Inovação curricular nas escolas rurais de Catalão-GO e mudança social: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) UFV, 1992.

SILVA, V. A. da. Eles não tem nada na cabeça...: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. Dissertação (Mestrado Educação), Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. Cadernos Ceres, Campinas, v.22, n.57, p.97-115, agosto de 2002.

SILVESTRO, M.; et.al. Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar. Florianópolis/Brasília, Epagri/Nead/MDA, 2001.

SIQUEIRA, L.H.S. de. As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SPANEVERELLO, R. M. et.al. Juventude rural: associativismo e lazer como forma de desenvolvimento social. In: VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural (Alasru). Porto Alegre, novembro de 2002.

STROPASOLAS, V.L. O movimento [migratório] da juventude rural:em busca do reconhecimento e da cidadania. In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia,Campinas, setembro de 2003.

TURQUINO, G. B. Estilo urbano em escola rural? Um estudo comparativo de duas realidades culturais de Londrina/PR. Dissertação (Mestrado em Educação), UEL, 2003.

THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. The polish peasant in Europe and América. New York: Octagon Books, 1974.

VEIGA, J.E. Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. Nem tudo é Urbano. Ciência e Cultura, v.56, n.2, São Paulo, 2004 (base Scielo).

VIEIRA, J.R. Jovens assentados rurais: um estudo sobre os valores e as aspirações de jovens num contexto de assentamento rural. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).UNICAP, Recife, 2002.

## Anexos I: Quadros das personagens midiáticas admiradas sem rejeição

FIGURA 5: papa Francisco



### Papa Francisco e seus gestos de paz e humildade.

*A midiaticização das várias quebras de protocolo do novo Papa mostrou a opção política da Igreja pelos mais pobres, mas também humanizou a figura do pontífice.*



A mídia, acostumada com a cobertura das cerimônias institucionais e seus protocolos oficiais que enaltecem a desigualdade, foi surpreendida, em março de 2013, com os gestos do novo papa. Uma enxurrada de notícias sob o título “quebras de protocolo do novo papa” deu visibilidade aos gestos de humildade do pontífice. O papa Francisco beijou no rosto a presidenta da Argentina, abençoou um cão guia, desceu do carro aberto para beijar um bebê e um deficiente (dando trabalho aos seguranças), pagou a própria conta do hotel em Roma, não quis ficar nos aposentos papais, andou de ônibus junto com os cardeais, preferiu dispensar o trono e o crucifixo de ouro no pescoço, não usou sapatos vermelhos com bordados em ouro na Missa Inaugural do pontificado, lavou e beijou os pés de presidiários, abraçou fiéis na rua antes da Hora do Angelus, deitou no chão para rezar durante um ritual, celebrou missa em centro penal de menores infratores. A existência de dois papas vivos em um mesmo século já seria um grande acontecimento, rompendo a ordem das experiências dos católicos. Mas a partir de fevereiro de 2013, quando Bento XVI renunciou e o Francisco assumiu o trono, o que se viu na mídia foi um pontífice sem pompa, próximo do público, dos fiéis e admitindo imperfeições. “Seus exemplos como homem e como chefe de Estado são bem-vindos ao Brasil de hoje (...). Suas palavras contêm lições de conduta que superam o universo da religião” (Revista Época, 22/07/13). Em julho, Francisco encontrou, no cenário da juventude brasileira, atos de vandalismo misturados com práticas de adoração pelo novo papa “pop” no Brasil.



Fonte: Google Imagens

**FIGURA 6: apresentadora Hebe Camargo**



## **Hebe, eterna rainha da tevê brasileira**

*Mesmo depois de sua morte, Hebe continua na memória das gerações como a imagem da riqueza simples e sem formalidades.*

Em seis décadas de uma carreira regada por gargalhadas, selinhos, gafes e diamantes, Hebe Camargo Ravagnani conversou com o público como quem recebe visita em casa. Ela era como alguém da família. Foi uma das primeiras estrelas da televisão brasileira e ficou no ar regularmente desde o início dos anos de 1950 até 2011. A loira, risonha e falante despontou em 1955, com o programa de variedades e entrevistas *O mundo é das mulheres*, na TV Paulista. Em 1960, comandou outro programa aos moldes do *talk show* norte-americano e ali encontrou o famoso sofá da sala de estar que se tornaria seu trunfo durante décadas. Sentar-se no sofá da Hebe, a partir dos anos de 1980, passou a ser indicativo de sucesso. Ela costumava usar em seu programa figurinos exuberantes, penteados barrocos, cometia gafes simpáticas, em uma mescla de rádio, chanchada e boate. Disse certa vez: “Meu programa é popular e o público não me aceitaria muito sábia e sofisticada” (MENDES, 2012, p.148). Morreu aos 83 anos, em 2012, vítima de um câncer abdominal. O pesquisador Sérgio Miceli, que estudou a celebridade Hebe Camargo, diz em seu livro – naquele ponto “Ninguém segura esta família”, página 68 – que Hebe conseguia transformar os integrantes de uma “elite sem poder” ou “com poder” (atores, cantores, comediantes, ministros, governadores, etc) em depositários do legado familiar. Hebe se parecia com todo o mundo, pois passava a sensação de enfrentar os mesmos problemas. Apesar de rainha, ela sofria, amava, tinha filhos e lar, marido, ia ao supermercado, usava cobertor, arrumava gavetas e sentia frio. Como mestra em didática familiar, adotava o clima de lareira da sala de estar (o cômodo da sociabilidade burguesa), transmitindo a sensação ao telespectador de estar à vontade ao lidar com os ritos da domesticidade: “o conhecimento da tecnologia doméstica (empregadas, limpeza, consumo) e dos ritmos da casa (refeições, recreação, horários de dormir, etc)”. Exigia-se da Hebe “uma encenação irretocável da positividade que envolve os papéis familiares” (MICELI, 2005, p.70).

Fonte: Google Imagens



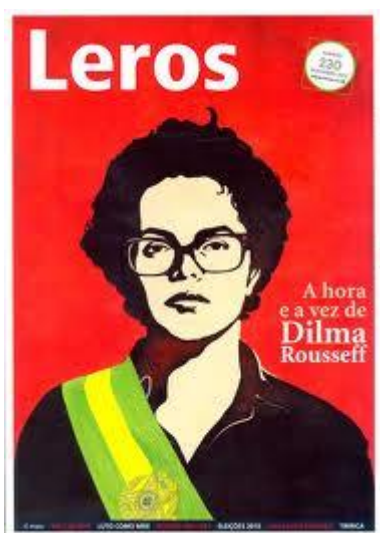
**FIGURA 7: presidenta Dilma Rousseff**



## **Dilma, a primeira mulher presidenta da República**

*Da guerrilha nos anos 60 para a cadeira mais importante do país, Dilma representou a mulher no poder, na posição social de destaque, em uma esfera política tradicionalmente dominada pelos homens.*

Nos tempos da Monarquia, a Princesa Isabel, filha do Imperador dom Pedro II, assumiu o trono em três ocasiões e foi responsável pela Lei Áurea. Nos tempos da República, depois de 33 homens no poder, a mineira Dilma Vana Rousseff assumiu a cadeira de presidenta da maior economia do Hemisfério Sul pela primeira vez, sob a esperança da implementação de políticas públicas voltadas para a mulher. “Se trata da maior vitória feminina em um sistema político ainda amplamente dominado pelos homens. O Brasil, que há oitenta anos proibia as mulheres de votar, promoveu uma quebra de paradigma” (RIBEIRO, 2010, p.70). Com a eleição de Dilma houve uma expectativa em relação também às questões da família. Toda esta expectativa tomava como referência a atual presidenta do Chile, Michelle Bachelet, que deixou, em seu primeiro mandato, um legado de atenção à família e às mulheres. E isto se confirmou no primeiro discurso de Dilma: “Registro aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda a nossa sociedade” (trecho do primeiro discurso da presidenta publicado na Revista Veja, em edição Especial nº 2189, ano 43, novembro de 2010, p.14). A primeira presidenta do Brasil já tomou posse sendo considerada pelo seu antecessor como “mãe” (do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento). Contudo, pelo seu pragmatismo político, a presidenta Dilma, neste mandato, aproximou-se mais do perfil da chanceler alemã Angela Merkel, cumprindo uma agenda técnica de manutenção da estabilidade econômica (RIBEIRO, 2010).



Fonte: Google Imagens

**FIGURA 8: apresentador Marcelo Resende**



### **Marcelo do Cidade Alerta**

*Sempre fazendo brincadeiras com seus repórteres e com o comentarista Percival, o apresentador comanda o programa desde 2012 e já chegou a 11 pontos de audiência no horário.*

Ao assistir o programa “Cidade Alerta” de modo regular, desde junho de 2013, observamos por diversas vezes o apresentador Marcelo Rezende pedir aos repórteres para não utilizarem termos jurídicos em suas matérias e explicarem de modo simples a história por trás do fato. Um exemplo disto aconteceu no programa exibido no dia 26/02/14, quando o apresentador sugeriu à repórter Narla Aguiar (de Brasília) que dispensasse o chamado “juridiquês” ao apresentar a notícia. Este é o estilo do apresentador, que tem também uma história de vida peculiar. O programa “Domingo Espetacular”, da Record, exibiu no mês de dezembro de 2013 a história de pobreza do apresentador na zona norte do Rio de Janeiro e, meses depois, o “Cidade Alerta” repetiu a história. Ele diz conhecer o crime de berço, pois chegou a conviver com jovens da Febem. E, sempre que pode, Marcelo lembra essa história em seus comentários. Também conversa com o público como quem recebe uma visita na calçada de casa ou na praça da esquina, sempre tentando “passar a imagem” de divertido, “gente do povo”, “como se fosse da família”.



**O apresentador e seu comentarista jurídico Percival.**

Fonte: Google Imagens



## Anexos II: Quadros das questões abertas e fechadas; Quadros de resultados analíticos.

### Quadro 1: Questionário da Visita prévia (levantamento sobre consumo de mídia).

Nome: _____	Idade: _____
Endereço de E-Mail (se tiver): _____.	
1. Qual é o <u>meio de comunicação</u> que você mais usa e gosta? Coloque 1 para a primeira opção e 2 para a segunda opção. <input type="checkbox"/> televisão; <input type="checkbox"/> rádio; <input type="checkbox"/> internet;	
2. Qual seu <u>canal</u> favorito? Coloque 1 para a primeira opção e 2 para a segunda opção: <input type="checkbox"/> Globo; <input type="checkbox"/> Record; <input type="checkbox"/> Band; <input type="checkbox"/> Terra Viva; <input type="checkbox"/> SBT; <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____.	
3. Na 1ª opção das questões anteriores, qual o tipo de <u>programa</u> você <u>mais gosta e acompanha</u> ? Coloque 1 para a primeira opção e 2 para a segunda opção: <input type="checkbox"/> noticiários esportivos; <input type="checkbox"/> noticiários econômicos; <input type="checkbox"/> programa de variedades <input type="checkbox"/> notícias do campo; <input type="checkbox"/> programas de auditório; <input type="checkbox"/> filmes; <input type="checkbox"/> telenovela.	
4. <u>Quanto tempo</u> você <u>passa ligado</u> no programa ou site que escolheu como primeira opção? (marque só uma) <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS. Quantas horas por dia?: <input type="checkbox"/> entre 2 e 4; <input type="checkbox"/> mais de 4. <input type="checkbox"/> TODA SEMANA. Quantas horas por semana?: <input type="checkbox"/> entre 3 e 5; <input type="checkbox"/> mais de 6.	
5. Se escolheu <u>internet</u> : Quais os ambientes que você mais acessa? (só uma opção): <input type="checkbox"/> Redes Sociais. Qual? <input type="checkbox"/> Facebook <input type="checkbox"/> Orkut <input type="checkbox"/> MSN <input type="checkbox"/> Twitter <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Portais de notícias. Qual? : _____. <input type="checkbox"/> Outros. Qual? : <input type="checkbox"/> Youtube; <input type="checkbox"/> Mails; <input type="checkbox"/> Blogs; <input type="checkbox"/> Sites de compra.	
6. Qual o seu <u>programa</u> de televisão ou de rádio <u>favorito</u> ou site preferencial (que você acompanha sempre)? _____	
7. <u>Como</u> você mais gosta de assistir ao seu programa preferido ou acessar internet? (só uma opção): <input type="checkbox"/> Acompanhado (a) dos familiares; <input type="checkbox"/> Sozinho (a); <input type="checkbox"/> Com grupo de amigos.	
8. Hoje, qual desses assuntos chama mais sua atenção na televisão, no rádio ou na internet? Coloque 1 para a primeira opção e 2 para a segunda opção: <input type="checkbox"/> A história, os atores e atrizes nas telenovelas; <input type="checkbox"/> Escândalo político nacional; <input type="checkbox"/> Tragédias ambientais no Brasil (enchentes, desabamentos, etc); <input type="checkbox"/> Escândalo envolvendo pessoas famosas; <input type="checkbox"/> Tudo sobre Futebol: Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e Campeonatos Estaduais; <input type="checkbox"/> Variedades dos Programas de auditório (Faustão, Gugu, Silvio Santos, Rodrigo Faro, outros); <input type="checkbox"/> Previsão do tempo, arroba do boi, rodeio, informações sobre agricultura e meio ambiente; <input type="checkbox"/> Como montar o próprio negócio, economia para micro-empresas, etc. <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____.	
9. Temos duas formas de uso dos meios de comunicação. <u>Escolha a opção que mais identifica com você</u> : <input type="checkbox"/> Eu faço uso na minha vida prática das mensagens veiculadas nos meios de comunicação: comento os assuntos	

com meus amigos, aplico a técnica no meu trabalho, uso no trabalho da escola ou de casa;

Eu vejo ou escuto para me manter informado, saber um pouco mais e me distrair, sem usar na minha vida prática as mensagens veiculadas nos meios de comunicação.

10. Usamos os meios de comunicação com a intenção de alguma coisa. Escolha só uma opção:

Para distrair: por curiosidade, para passar o tempo, ver só por ver mesmo;

Para aplicar: dicas de culinária, técnicas na roça e outras informações práticas do dia-a-dia;

Para conversar: com parentes e amigos na escola, comentar assuntos no trabalho, na vizinhança e em casa;

Para compartilhar: fotos, vídeos, mensagens, notícias e curiosidades.

### **Quadro 2: Questões abertas aplicadas no subgrupo Telenovelas**

A – ESCREVA UM RESUMO DE ATÉ 15 LINHAS SOBRE A HISTÓRIA DA NOVELA “SALVE JORGE”

B – QUAL A PERSONAGEM QUE VOCÊ MAIS GOSTA? POR QUE?

### **Quadro 3: Questões abertas aplicadas no subgrupo Telejornais**

A – ESCREVA UM RESUMO DE ATÉ 5 LINHAS SOBRE A NOTÍCIA QUE MAIS CHAMOU SUA ATENÇÃO NOS ÚLTIMOS DIAS (ATÉ DUAS).

B – QUEM FOI O PERSONAGEM PRINCIPAL DESTA (S) NOTÍCIA (S) ?

C – NA SUA OPINIÃO, ESTA NOTÍCIA INTERESSA MAIS A QUEM (AUTORIDADES? SEUS PAIS? PROFESSORES? AOS JOVENS? OUTROS, QUAL?).

### **Quadro 4: Questionário 1 – Qualidades e Defeitos**

1 – ESCOLHA APENAS 5 QUALIDADES ABAIXO. CLASSIFIQUE POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA.

Dedicação – Esperteza – Firmeza – Estilo – Coragem – Força de vontade – Humildade – Superação.

2. ESCOLHA APENAS 5 DEFEITOS ABAIXO. CLASSIFIQUE POR ORDEM DO MAIOR PARA O MENOR DEFEITO.

Egoísmo – Medo – Preguiça – Inveja – Ciúmes – Fraqueza – Arrogância –  
Agressão – Fracasso – Crueldade.

### Quadro 5: Questionário 1 – Ser, Ter, Estar e Conhecer

<p>A – O QUE VOCÊ DESEJARIA TER AGORA?</p> <p>B – O QUE VOCÊ GOSTARIA DE CONHECER?</p> <p>C – ONDE VOCÊ QUER ESTAR DAQUI A UM OU DOIS ANOS?</p> <p>D – O QUE VOCÊ DESEJA SER?</p> <p>A – O QUE VOCÊ NÃO PRECISA TER?</p> <p>B – O QUE VOCÊ NÃO QUER CONHECER?</p> <p>C – ONDE VOCÊ NÃO GOSTARIA DE ESTAR DAQUI A UM OU DOIS ANOS?</p> <p>D – O QUE VOCÊ JAMAIS GOSTARIA DE SER?</p>
--

### Quadro 11: Divisão das personagens admiradas e rejeitadas entre Moças e Rapazes.

	Meninos	Meninas
<b>Sem Rejeição</b> ( <i>mais votados</i> )	Alguém da família, a professora de português, você mesmo, Papa Francisco, <u>Bruna Marquezine</u> , Dilma, Hebe, Marcelo Resende, alguém da vizinhança, funcionário da escola e a <u>namorada</u> .	Alguém da família, a professora de português, você mesmo, Papa Francisco, Dilma, Hebe, Marcelo Resende, alguém da vizinhança, funcionário da escola, <u>meus amigos</u> e <u>Lula</u> .
<b>Sem rejeição</b> ( <i>menos votados</i> )	Neymar e Paula Fernandes.	Atriz/ator de novela, Fátima Bernardes, William Bonner, Celso Portioli, Cristiano Ronaldo, Faustão e Galvão Bueno.
<b>Maior Rejeição</b>	<u>Marcos Feliciano</u> , Milton Neves e <u>Neto</u> .	<u>O ex-goleiro Bruno</u> , o professor de matemática e Milton Neves.

### Quadro 9 Resumo das Categorias e Aspectos extraídos das sessões de 1 a 4 (resumo das considerações).

Sessão	Categorias	Aspectos
1	O lugar de destino da migração.	<i>Melhorar de vida; Violência urbana. Mescla de perspectivas.</i> <b>Lema:</b> "Melhorar na vida"
	O trabalho duro.	<i>Trabalho e Emprego.</i> <b>Lema:</b> "Nada é de graça na vida"
	A superação dos problemas da vida.	<i>Superação pelo trabalho; superar a condição de pobreza.</i> <b>Lema:</b> "Nada é de graça na vida"
	O convite fácil	<i>Confiança no que exige algum tipo de esforço; Pagar um preço com sacrifício.</i> <b>Lema:</b> "Nada é de graça na vida".

	Família.	<i>Valor da família; Informações significativas.</i> O valor da vida no rural de base familiar. Associa-se ao <b>lema</b> : “Melhorar na vida”.
2	Violência contra o jovem.	<i>Mulher jovem; Subtração do sonho juvenil.</i> <b>Lema</b> : “Fazer o que é certo e correto” (o jovem toma para si) e se associa a discussão sobre o <b>lema</b> : “Melhorar na vida”.
	Família.	<i>Violência que interfere na família; Valor da família.</i> Associa-se ao <b>lema</b> : “Melhorar na vida”.
3	A figura 1 e seu sentido.	<b>Helô</b> : classe média alta, boas condições financeiras, trajes sofisticados, mora sozinha em amplo apartamento, tem problema com a família (a filha, o genro e o marido). <b>Valores</b> : dedicação, firmeza; leva tudo na lei. <b>Expectativas geradas pela figura</b> : ter profissão, ser independente. <b>Lema</b> : “Fazer o que é certo e correto” (o jovem indica isto no outro).
	A figura 2 e seu sentido.	<b>Morena</b> : classe baixa, pouca condição financeira, mãe solteira que valoriza a família, mora com a mãe. <b>Valores</b> : esperta, sabe se defender, corajosa, desempregada. <b>Expectativas geradas pela figura</b> : busca de melhores condições de vida para si e a família; sonho de ter a casa própria e de ser feliz com a pessoa amada. <b>Lema</b> : “Nada é de graça na vida” (o jovem toma para si). Associa-se ao <b>lema</b> : “Melhorar na vida”.
	Refinando sentidos ao redor: a dedicação da Heloísa.	Ela tem “amor e carinho” pelo que faz em benefício do outro; é firme e dedicada; usa o vício em compras como forma de escapar dos problemas da família. <b>Lemas</b> : “Fazer o que é certo e correto”, “Como se fosse alguém da família”.
	Refinando sentidos ao redor: a esperteza da Morena.	Esperta, sabe se defender. Quando não se tem família por perto ou alguém para ajudar, a pessoa precisa ser esperta para saber se defender <b>Lemas</b> : “Nada é de graça na vida” e “Melhorar na vida”
	A evidência do momento vivido.	O lugar de destino da migração: lugar da prosperidade e da violência (coisas boas e ruins); planejar para alcançar o que se deseja na vida. O desafio especial para a mulher. <b>Mescla de perspectivas.</b> <b>Lema</b> : “Melhorar na vida”
	Perspectivas em contraste	<b>Para os rapazes</b> : parece importar mais o social, as más companhias que envolvem as pessoas em atividades violentas. Para eles, Bruno só queria dá um susto em Elisa. Falam sempre em respeitar as regras, defendendo o lema “fazer a coisa certa e correta”, mas quando a mulher faz parte do jogo de futebol, não existe regras, pois é de brincadeira. Para eles parece que a lei importa mais que o lado humano. <b>Para as moças</b> : parece importar mais a personalidade, a índole da pessoa (se gananciosa, ambiciosa) que pode levar a atitudes de violência. Para elas, Bruno mandou matar Elisa. Existe um sutil respeito por parte dos rapazes, mas quando elas jogam o jogo deles, as regras não funcionam (atropelam elas “que nem trator”). Para elas parece que importa mais o sentimento humano além da regra; defendem a liberdade da pessoa em pensar diferente e ser feliz, independente do sexo. Não se pode receber uma casa do governo e viver infeliz: “não se pode morar em uma casinha comendo o pão que o diabo amassou”.
	Perspectivas em comum no grupo	Observamos uma visão de mundo em comum dos jovens, que se associa aos seguintes <b>lemas</b> : <b>“Fazer o que é correto e certo”</b> : “Quem deve tem que

		<p>pagar”, “Nada é de graça na vida”, as instituições devem corrigir o jovem infrator; escolher as amizades, não ter ambição ou ganância; preservar o que se tem.</p> <p><b>“A vida exige esforço”</b>: pois nada é de graça; “ganha quem merece”; “tem que viver para alcançar os objetivos na vida”.</p> <p><b>“Gente como a gente”</b>, algumas figuras da tevê parecem com alguém da família; ajudam pessoas necessitadas; incríveis e divertidas; devem preservar a boa imagem dentro e fora do “jogo”;</p>
4	<b>Ser jovem no rural</b>	<p><b>Rapazes</b>: mais rural do que urbano (70/30); <b>Moças</b>: quase meio a meio (60/30, como disse “A”). <i>Ser jovem no rural é ter informação das coisas que acontecem no mundo; é ter tecnologia e viver na roça; é usar tudo o que o jovem no urbano usa e ainda ser mais divertido; é trabalhar duro, mudar o hábito de assistir tevê em função do trabalho na roça. <u>Mescla de perspectivas.</u></i></p>
	<b>Lazer e internet</b>	<p><b>Lazer</b>: futebol, grupo jovem da Igreja e projeto ProJovem do governo; <b>Internet</b>: usa em casa quem tem condições de instalar; alguns raramente usa; outros só usam na escola. Quem usa com regularidade: acessa facebook (curte, adiciona e conversa), conversa com amigos fora do rural, “conversa com gente que já foi embora...conectados com as coisas” (“Bf”). <u>Mescla de perspectivas.</u></p>
	<b>Fatos principais daquela semana</b>	<p><b>Novela e Futebol</b>: final da novela Salve Jorge, comentário geral na roça de café, em casa, na escola, em todo o lugar; jogo do Real Madri, o gol de Cristiano Ronaldo e a eliminação do Corinthians.</p>
	<b>Falando da roça</b>	<p>Há um desânimo pelo rural. Os jovens apanham café para os outros, mas na própria roça o adubo está caro e o preço do produto oscila muito. Dos 13 jovens, 11 disseram que vão embora: “tudo o que você vai vender na roça num tem preço” (“Cm”). Pensam em sair da roça para: ganhar o próprio dinheiro, sair das asas dos pais, ser mais responsável, ter a própria opinião. “Eu não quero isso aqui não” (“Bf”). Alguns reclamam que não tem lugar para ir de noite, não se vê nenhum amigo, mora-se longe e a vida é chata. Outros alertam que a vida na cidade não está fácil, pois tem que comprar e gastar também.</p>
	<b>Estratégia de migração</b>	<p>Migração para as cidades médias da região, próximas de São Miguel do Anta: Ubá, Rio Branco, Viçosa, Muriaé, Juiz de Fora.</p>

**Quadro 6: Questionário 1 – Primeira lista de figuras admiradas e rejeitadas.**  
**Proeminentes dos noticiários, cantores, apresentadores de tevê, jogadores e narradores de futebol,**  
**ator atriz novela, pessoas próximas.**

Pergunta: Na coluna "admiro" escreva números de 1 até 5 por ordem de admiração que você tem por essa pessoa. Da mesma forma faça com a coluna "não gosto". Liste de 1 até 5 por ordem das pessoas que você não gosta								
<b>ADMIRADOS SEM REJEIÇÃO.</b>								
	Mais admiradas				Rejeição			
	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas
<b>Alguém da família</b> (60+50=110pts)	4 Meninas 2 meninos	10x citada	6x citada	4x citada	-	-	-	-
<b>Sua professora de Português</b> (20+65=85pts)	2 meninas	13x citada	8x citada	5x citada	-	-	-	-
<b>Papa Francisco</b> (20+50=70pts)	1 menino 1 Menina	10x citado	6x citado	4x citado	-	-	-	-
<b>Dilma</b> (10+50=60pts)	1 Menino	10x citada	6x citada	4x Citada	-	-	-	-
<b>Hebe Camargo</b> (10+35=45pts)	1 Menina	7x citada	4x citada	3x citada	-	-	-	-
<b>Alguém da vizinhança</b> (30=30pts)	-	6x citada	3x citada	3x citada	-	-	-	-
<b>Algun funcionário da escola</b> (10+20=30pts)	1 Menina	4x citado	2x Citado	2x citado	-	-	-	-
<b>ADMIRADOS COM BAIXA REJEIÇÃO</b>								
<b>Ator ou Atriz de novela</b> (45-5=40pts)	-	9x citado	5x citado	4x citado	-	1 citação	1 citação	-
<b>Neymar</b> (10+40-15= 35pts)	1 Menino	8x citado	7x citado	1 citação	-	3x citado	-	3x Citado
<b>Leonel Messi</b> (20+35-10-15=30pts)	2 meninos	7x citado	7x citado	-	1 Menina	3x citado	1x Citação	2x Citado
<b>Fátima Bernardes</b> (35-5=30pts)	-	7x citada	4x citada	4x citada	-	1 citação	1 citação	-
<b>William Bonner</b>	1	6x	4x	2x	-	1	1	-

(10+30-5=25pts)	Menino	citado	Citado	citado		citação	citação	
<b>Silvio Santos</b> (45-10-10=25pts)	-	9x citado	5x citado	4x citado	1 menina	2x citado	1 citação	1 Citação
<b>Celso Portioli</b> (30-5=25pts)	-	6x citado	4x citado	2x citado	-	1 citação	1 citação	-
<b>Cristiano Ronaldo</b> (10+30-10-10=20pts)	1 Menina	6x Citado	5x Citado	1 Citação	1 Menino	2x Citado	2x Citado	-
<b>Marília Gabriela</b> (10+20-20=10pts)	1 Menino	4x citada	3x citada	1 citação	-	4x citada	3x citada	1 Citação
<b>Patrícia Poeta</b> (10+15-15=10pts)	1 Menino	3x citada	3x citada	-	-	3x citada	2x citada	1 Citação
<b>Faustão</b> (20-15=5pts)	-	4x citado	3x Citado	1 citação	-	3x citado	3x citado	-
<b>Daniela Mercury</b> (20-20=0pts)	-	4x citada	4x citada	-	-	4x citada	1 Citação	3x Citada
	<b>Mais admiradas</b>				<b>Rejeição</b>			
	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas
<b>ALTA REJEIÇÃO</b>								
<b>Luciano Huck</b> (15-20= - 5pts)	-	3x citado	2x citado	1 citação	-	4x citado	3x Citado	1 Citação
<b>Seu professor de Matemática</b> (10+25-20-20= - 5pts)	1 Menina	5x citado	3x citado	2x citado	2 meninas	4x citado	1 citação	3 Citações
<b>Galvão Bueno</b> (10-20= -10pts)	-	2x citado	1 citação	1 citação	-	4x citado	4x citado	-
<b>Pedro Bial</b> (15-25= -10pts)	-	3x citado	3x citado	-	-	5x citado	3x citado	2x Citado
<b>Pastor Feliciano</b> (10-10-30= - 30pts)	-	2x citado	2x citado	-	1 menino 1 menina	6x citado	5x citado	1 Citação
<b>Ex-goleiro Bruno</b> (5-20- 30= - 45pts)	-	1 citação	1 citação	-	1 menino 1 menina	6x citado	3x citado	3x Citado
<b>Perguntas Abertas:</b> ADMIRA MAIS ALGUÉM QUE NÃO ESTÁ NA LISTA? QUEM?								
<b>Critério de pontuação:</b> Figura que obteve o 1º lugar em admiração para algum membro do grupo = 10 pontos para cada citação; Figura admirada pelo grupo, mas não necessariamente em 1º lugar = 05 pontos para cada citação; Figura que obteve o 1º lugar em rejeição para algum membro do grupo = menos 10 pontos cada citação; Figura rejeitada pelo grupo, mas não necessariamente em 1º lugar = menos 05 pontos cada citação.								

### Quadro 7: Questionário 2 – Segunda lista de figuras admiradas e rejeitadas.

Proeminentes dos noticiários, cantores, apresentadores de tevê, jogadores e narradores de futebol, ator atriz novela, pessoas próximas.

Pergunta: Na coluna "admiro" escreva números de 1 até 5 por ordem de admiração que você tem por essa pessoa. Da mesma forma faça com a coluna "não gosto". Liste de 1 até 5 por ordem das pessoas que você não gosta.								
	Mais admiradas				Rejeição			
	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas
<b>ADMIRADOS SEM REJEIÇÃO</b>								
VOCÊ MESMO 30+45=75	1 menina 2 meninos	9x	5x	4x				
MARCELO RESENDE 5X8= 40		8x	6x	2x				
<b>BAIXA REJEIÇÃO</b>								
	Mais admiradas				Rejeição			
	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas
BRUNA MARQUEZINE 30+40-5= 65	1 Menina 2 Meninos	8x	6x	2x		1x		1x
MEUS AMIGOS 10+25-5=30	1 Menina	5x	3x	2x		1x	1x	
LULA 10+20-5=25	1 Menina	4x	1x	3x		1x	1x	
O NAMORADO 10+10-5=15	1 Menina	2x		2x		1x		1x
LUIZ SUÁREZ 10+25-20=15	1 Menino	5x	3x	2x		4x	2x	2x
RENATA FAN 10+15-15=10	1 Menino	3x	3x			3x	1x	2x
A NAMORADA 10+5-5=10	1 Menino	1x	1x			1x		1x
NALDO 0		4x	2x	2x	1x	2x	1x	1x
DATENA 0		1x		1x	1x	3x	2x	1x
GERALDO LUIZ 0		1x	1x		1x	3x	1x	2x
PAULA FERNANDES 0		7x	5x	2x	2x	3x		3x
<b>ALTA REJEIÇÃO</b>								
	Mais admiradas				Rejeição			
	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas	1º lugar	Grupo	Meninos	Meninas
MARTA (jogadora) - 5		3x	3x			4x	2x	2x
RODRIGO FARO - 10		1x		1x		3x	1x	2x
DERCY - 10		2x	1x	1x		4x	3x	1x
PROFESSORA DE QUÍMICA - 10		3x	2x	1x		1x		1x
RACHEL (SBT)		1x		1x		5x	4x	1x



- 20								
<b>GUGU</b> - 25		1x		1x	2x	2x	2x	
<b>LUCIANO VALLE</b> - 35						7x	5x	2x
<b>MILTON NEVES</b> - 45						9x	6x	3x
<b>NETO</b> - 60		1x		1x	3x	7x	6x	1x

**Critério de pontuação:**

Figura que obteve o 1º lugar em admiração para algum membro do grupo = 10 pontos para cada citação;  
 Figura admirada pelo grupo, mas não necessariamente em 1º lugar = 05 pontos para cada citação;  
 Figura que obteve o 1º lugar em rejeição para algum membro do grupo = menos 10 pontos cada citação;  
 Figura rejeitada pelo grupo, mas não necessariamente em 1º lugar = menos 05 pontos cada citação.

**Quadro 8: Questionário 2 – Tipo de Pessoa Admirável**  
 Proeminentes dos noticiários, cantores, apresentadores de tevê, jogadores e narradores de futebol,  
 ator atriz novela, pessoas próximas.

1 – SE VOCÊ FOSSE DÁ UMA NOTA 10 PARA UMA PESSOA QUE VOCÊ ADMIRA, PARA QUAL DAS PESSOAS ABAIXO VOCÊ DARIA? **ATENÇÃO:** VOCÊ SÓ PODE DÁ 10 APENAS PARA TRÊS PESSOAS. DEPOIS, DÊ NOTA 9 PARA MAIS TRÊS PESSOAS, E DEPOIS, SE QUISER, NOTA 8 PARA MAIS TRÊS.

**1º - 98 pontos = “Uma pessoa que se preocupa com os pobres”**

Alguma autoridade **proeminente dos noticiários** que, lá em cima, olha para os pobres aqui em baixo (*Papa Francisco, Dilma, Lula*); **apresentadores de tevê** que tratam todas as pessoas como iguais (*Hebe*); **ator atriz de novela** que encarnam personagens com este perfil e **jogadores de futebol** que parecem “gente como a gente”, com uma história de vida de pobreza.

**2º - 84 pontos = “Uma pessoa divertida e simples”.**

**Cantores** e **apresentadores de tevê** com *performance* carismática capazes de transmitir nas mídias uma personalidade divertida e simples (*Marcelo, Hebe*); personagens divertidos, simples e carismáticos encarnados por **ator atriz de novela**; **jogadores de futebol** que, por meio da visibilidade de sua história de vida midiática, mostram-se divertidos e simples; **Pessoas próximas.**

**3º - 76 pontos = “Uma pessoa que se dedica a família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades”.**

**ator atriz de novela** que encarnam personagens com este perfil (*Morena*); **pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio.

**4º - 58 pontos = “Uma pessoa que não deseja o que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros”**

**ator atriz de novela** que encarnam personagens com este perfil (*Morena*); **pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio; **apresentadores de tevê** com *performance* carismática capazes de transmitir nas mídias uma personalidade com este perfil (*Marcelo, Hebe*) – sentido de coletivo.

**5º - 57 pontos = “Uma pessoa que faz um grande favor a você e não cobra nada de você em troca”**

**proeminente dos noticiários**, em especial as autoridades que estabelecem políticas de assistência social e aumento de renda da população mais pobre (*Lula, Dilma*); **pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio;

**6º - 48 pontos = “Uma pessoa justa, responsável e respeitada em toda a sociedade”.**

**proeminente dos noticiários**, em especial as instituições (legislativo, judiciário, executivo); **pessoas próximas**, em especial o agente de saúde da comunidade;

**7º - 47 pontos = “Uma pessoa que saiu da roça, entrou na universidade e hoje trabalha na cidade em sua profissão, ganhando o próprio dinheiro”**

**pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio;

**8º - 43 pontos = “Uma pessoa que lhe cobra um preço muito pequeno por ter realizado um grande sonho para você e sua família”**

**proeminente dos noticiários**, em especial as autoridades que estabelecem políticas de assistência social e aumento de renda

da população mais pobre, em especial o programa “Minha Casa, Minha Vida Rural” (Lula, Dilma).

**9º - 42 pontos = “Uma pessoa da prática, trabalhadora, que sabe fazer e põe a mão na massa”**  
**pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio, principalmente aquelas com sentido mais prático da vida.

**10º - 39 pontos = “Uma pessoa que ficou na roça e conseguiu prosperar na vida”**  
**pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio, principalmente o jovem empreendedor rural.

**10º - 35 pontos = “Uma pessoa simples no jeito de ser e que é uma estrela da televisão” (Hebe).**  
**apresentadores de tevê** com *performance* que seguem estas características (Hebe, Marcelo). **Jogadores de futebol e cantores** com este perfil.

**12º - 27 pontos = “Uma pessoa que era pobre, e venceu na vida sem estudo, só com o talento” (jogadores de futebol).**  
**Jogadores de futebol** com este perfil.

**13º - 21 pontos = “Uma pessoa que saiu da roça e melhorou de vida na cidade”.**

**14º - 12 pontos = “Uma pessoa centro das atenções entre meus amigos e que anda sempre na moda”.**  
**pessoas próximas** do núcleo familiar, de parentesco e compadrio, principalmente o jovem rural.

**Critério de pontuação:** nota 10 = 10 pontos; nota 9 = 6 pontos; nota 8 = 2 pontos; outras notas = 1 ponto cada.

**Tabela 10: Pequeno perfil dos participantes do grupo de discussão**

#### **RAPAZES**

**William:** Hebe “*dava selinho em todas as pessoas*”. William **não** assistia o programa da Hebe com os pais. Achava a Hebe uma “*pessoa alegre, divertida, que usa jóias e é humilde*”. **Pessoa Nota 10** para ele seria “*uma pessoa simples, divertida e que faz um grande favor a você e não cobra nada de você em troca; alguém que se dedica a família todos os dias e tem força de vontade para superar as dificuldades*”. William me chamou a atenção durante as sessões pela defesa insistente do ex-goleiro Bruno e por saber de informações sobre futebol e outros programas de televisão. Ele admira a humildade, detesta a preguiça, deseja ter no futuro um bom curso e estar preparado para um mercado de trabalho. Gostaria de conhecer o Mineirão, em um jogo entre Atlético/MG e Cruzeiro. William quer ser policial, deseja viver em uma “boa sociedade”, com um bom emprego. Não deseja ter más companhias, nem conhecer o lado ruim da vida, como uma prisão. Também não pretende trabalhar na prefeitura da sede municipal. O rapaz assiste bastante aos programas esportivos: **não gosta** de apresentadores de programas esportivos, de narradores de futebol e de apresentadores de programas de auditório e de telejornais populares. No entanto, **admira** a apresentadora do programa Jogo Aberto e o jogadores do futebol estrangeiro. Também tem autoestima (admira a si mesmo) e os professores de sua escola.

**Admirados:** 1. Renata Fan e Messi; 2. Ele mesmo e professor de matemática; 3. Professora de Química e Neymar .  
**Rejeitados:** 1. Neto e C.Ronaldo; 2. Luciano do Valle e Datena ; 3. Milton Neves e Faustão.

**Leonardo:** Hebe era uma pessoa “*comunicativa e divertida*”. Leonardo **não** assistia o programa dela com os pais. Achava a Hebe uma “*pessoa alegre, divertida, que usa jóias e é humilde*”. Para ele, **Pessoa Nota 10** seria “*uma pessoa que se preocupa com os pobres, que faz um grande favor e não cobra nada em troca e que se dedica a família todos os dias com força de vontade para superar as dificuldades*”. Leonardo me chamou a atenção durante as sessões pela defesa das opiniões do Pastor Feliciano como pessoa “justa, responsável e respeitada”, pois seguia o Pastor apenas seguia o que estava escrito na Bíblia. Sem se dizer católico ou evangélico, Leonardo também defendeu Lula por sua história de vida, como também lembrou na Sessão 2 sobre a humilhação sofrida por estudantes do curso de Direito da UFMG pelos veteranos: “Eles fazem o curso de Direito, deviam saber o que é direito fazer”, disse. Ele **admira** a força de vontade e acha que precisa ter “*muita força de vontade para chegar onde quero*”. Gostaria de conhecer o Mineirão e, em poucos anos, estar em uma universidade ou em algum emprego fixo trabalhando como delegado ou advogado. **Detesta** a inveja, não gostaria de ter riquezas ou conhecer o lado ruim do mundo, como o mundo das drogas e do crime. Talvez por isto deteste criminosos, mas também não gosta de apresentadores de programas de auditório dominicais. Admira algum membro de sua família e a si mesmo. Leonardo indicou outros admiráveis, como a presidenta, a ex-namorada do Neymar, o papa, uma cantora sertaneja e a professora da escola.

**Admirados:** 1. Membro da família e a si mesmo e Dilma; 2. Papa Francisco, Paula Fernandes e professora de português ; 3. Bruna Marquezine e Patrícia Poeta e Messi .  
**Rejeitados:** 1. Bruno e Gugu; 2. Luciano do Vale e C.Ronaldo; 3. Neto.

**Guilherme:** Hebe era “*uma pessoa simples e honesta*” e “*alegre, divertida, que usa jóias e é humilde*”. **Não** assistia o programa da Hebe. Guilherme chamou a atenção por cortar o cabelo ao estilo dos jogadores de futebol e se vestir, em uma das sessões,

com uma camisa do Real Madri. Ao longo das sessões, se apresentou sempre com roupas “de marca”, tênis e corrente de prata. Junto com Carlos e Genilson, ele disse que assiste ao programa esportivo Jogo Aberto (Band) nas segundas e quintas, após os jogos. **Pessoa Nota 10:** que se preocupa com os pobres, da prática, trabalhadora, que sabe fazer e põe a mão na massa e que saiu da roça para a universidade e conseguiu trabalhar na cidade, em sua profissão, ganhando o próprio dinheiro. Admira uma pessoa de coragem. Deseja riquezas muito além de sua classe social: uma lamborguine, conhecer o mundo inteiro, mas também deseja coisas próximas, como uma universidade e ser um profissional. Não gostaria de passar fome, ter raiva ou inveja e se preocupa bastante em não entrar no mundo das drogas. Admira ele mesmo, a ex-namorada do jogador Neymar e uma cantora sertaneja.

*Admirados:* 1. Ele mesmo, o Papa e Marília Gabriela ; 2. Bruna Marquezine e Hebe Camargo e Patrícia Poeta ; 3. Paula Fernandes e algum ator/atriz de novela e Silvio Santos.

*Rejeitados:* 1. Naldo; 2. Luciano do Valle; 3. Rodrigo Faro.

**Jones:** Achava a Hebe uma pessoa “*simples, alegre*”. **Não** assistia o programa dela com os pais. Achava a apresentadora uma “pessoa carinhosa, como uma mãe, que trata os outros com muito carinho”. Uma **Pessoa Nota 10** para ele seria alguém divertido e simples, que faz um grande favor a você e não cobra nada em troca e que se dedica a família com força de vontade para superar as dificuldades. Assim como Sávio, Jones apontou a morte do cantor Chorão como o fato que mais lhe chamou a atenção. Nas sessões 2 e 3 ficava sentado mais com o grupo de meninos. Nas sessões 4 e 5 passou o tempo todo ao lado da sua atual namorada, a Natália, uma pessoa “divertida e simples”, que admira em primeiro lugar, assim como o apresentador William Bonner. **Admira** a humildade, deseja visitar a Europa, gostaria muito de ingressar em uma universidade pública e poder trabalhar no que gosta. O rapaz **não gosta** da ex-atriz Dercy Gonçalves e do apresentador Neto, como também de sentimentos como egoísmo. Disse que não desejaria ter grandes posses, conhecer pessoas falsas e nem ser professor de matemática.

*Admirados:* 1. William Bonner e a namorada; 2. Ele mesmo, Marília Gabriela e Patrícia Poeta; 3. Os amigos e Dilma.

*Rejeitados:* 1. Dercy Gonçalves; 2. Neto; 3. Marta.

**Vítor:** Não quis se pronunciar sobre o assunto. Disse que não conhecia Hebe e nunca soube nada sobre ela. Uma **Pessoa Nota 10** para ele seria aquela que se preocupa com os pobres, alguém que era pobre e venceu na vida sem estudo, só com talento, e uma pessoa que ficou na roça e conseguiu prosperar na vida. Vítor participou das discussões sobre telenovela e sempre se mostrou inteligente e mais sensível que os outros meninos. Admira pessoas firmes no que faz, queria conhecer o cristo e o pão de açúcar no Rio de Janeiro, estar em uma universidade e estudar para ser piloto de avião. Não deseja ter grandes riquezas e nem ciúmes, mas também de estar longe da cadeia e do hospital. Entre as pessoas que admira está a ex-namorada do Neymar, uma cantora sertaneja e um cantor de *funk*. Curioso que, apesar de todos do grupo gostarem do Vítor, ele coloca seus amigos entre as pessoas mais rejeitadas por ele.

*Admirados:* 1. Bruna Marquezine; 2. Paula Fernandes; 3. Naldo.

*Rejeitados:* 1. Neto, Luiz Suárez, Rachel Sheherazade, Marta, Renata Fan e seus amigos.

**Sávio:** Ela era uma pessoa “*divertida*”. **Sim**, assistia o programa dela com os pais. Acha Hebe uma “pessoa alegre, divertida, que usa jóias e é humilde”. Uma **Pessoa Nota 10** seria aquela que se preocupa com os pobres, faz um grande favor e não pede nada em troca e se dedica a família todos os dias com força de vontade para superar as dificuldades. Sávio sempre participou discretamente durante as sessões. Foi ele que afirmou ter sido a morte do cantor Chorão como a notícia que mais chamou sua atenção na mídia. Também disse assistir todos os dias o programa “Brasil Urgente”, do apresentador Datena. Ele **admira** a ex-namorada do jogador Neymar e o próprio jogador, assim como jogadores de futebol e a apresentadora do programa Jogo Aberto. Também admira um professor da escola e uma cantora sertaneja. Tem como qualidade preferida a humildade. Deseja algum dia ter um carro, visitar a capital da Espanha, Madri, mas só depois de estudar e ser um profissional no mercado de trabalho. **Não gosta** das opiniões de um pastor evangélico e de apresentadores e narradores de programas esportivos. Detesta pessoas com inveja, não queria estar jogado no mundo, sob o sentimento de ódio, preso na cadeia como traficante.

*Admirados:* 1. Bruna Marquezine e Neymar ; 2. Renata Fan e professor de matemática ; 3. Paula Fernandes e Cristiano Ronaldo.

*Rejeitados:* 1. Neto e Pastor Feliciano; 2. Milton Neves e Luciano Huck ; 3. Luciano do Vale e Galvão Bueno.

**Genilson:** Hebe era uma pessoa “*divertida*”, uma “pessoa famosa, educada, idosa bonita e elegante”. **Não** assistia o programa dela com os pais. **Pessoa Nota 10:** que se preocupa com os pobres, simples, divertida e estrela de televisão. Genilson fala pouco, mas se mostrou muito interessado por jogadores uruguaios, como Muslera (?) e Luiz Suárez (que posiciona como primeiro lugar entre as pessoas admiradas). Assim como Carlos e Guilherme, disse que assiste ao programa esportivo Jogo Aberto (Band) nas segundas e quintas, após os jogos. Daí sua preferência em primeiro lugar por jogadores de futebol (estrangeiros). O rapaz admira a humildade, gostaria de ter muita saúde e conhecer Roma, na Itália. Sonha em estar no Maracanã, na final da copa do mundo, de preferência já como estudante de jornalismo esportivo. Genilson não deseja estar em uma favela, no mundo das drogas, junto a bandidos ou conviver com pessoas invejosas.

*Admirados:* 1. Messi e Luiz Suárez; 2. Dilma e Naldo; 3. Neymar e Marcelo Rezende.

*Rejeitados:* 1. Pedro Bial e Geraldo Luiz; 2. Pastor Feliciano e Neto; 3. Hebe Camargo e Luciano do Valle.

**Carlos:** A Hebe era uma pessoa “*alegre e inteligente*”. Ele disse que **sim**, assistia o programa dela com os pais. Acha Hebe uma

“pessoa famosa, educada, idosa bonita e elegante”. Uma **Pessoa Nota 10** seria alguém que se preocupa com os pobres, que não deseja que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros e uma pessoa que se dedica à família com força de vontade para superar as dificuldades. Carlos é um rapaz sempre divertido, que participa pouco, mas assim como Genilson e Guilherme, disse que assiste ao programa esportivo Jogo Aberto (Band) nas segundas e quintas, após os jogos, por isto talvez **admira** a atriz e ex-namorada do jogador Neymar, bem como a apresentadora do Jogo Aberto. Aliás, Carlos gosta mais das mulheres do que dos homens. Disse que gostava de Paula Fernandes e de alguém da vizinhança (uma possível namorada?), como também da professora de português e, em primeiro lugar, membros de sua família. Admira a humildade, desejaria ter mais dinheiro talvez para viajar e conhecer o Cristo Redentor ou ir tentar a vida profissional em São Paulo. **Não gosta** de apresentadores de telejornais populares, seja policial ou esportivo, como também de criminosos dos fatos policiais. Talvez por conta deste último, repudia o sentimento de ambição, o ódio, o rancor e deseja ficar distante do mundo das drogas e da violência. Carlos não deseja ficar perdido no mundo e, por conta disto, precisa ser desonesto com as pessoas.

*Admirados:* 1. Bruna Marquezine e membro da família; 2. Renata Fan e a professora de português; 3. Paula Fernandes e alguém da vizinhança.

*Rejeitados:* 1. Datena e Geraldo Luiz; 2. Milton Neves e Pastor Feliciano; 3. Gugu e Luciano Huck.

### MOÇAS

**LÊDA:** Hebe era uma pessoa “*divertida*”. **Não** assistia o programa dela com os pais. Acha Hebe uma “pessoa carinhosa, como uma mãe, que trata os outros com muito carinho”. **Pessoa Nota 10:** Aquela que não deseja o que é do outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros; que saiu da roça, entrou na universidade e hoje trabalha na cidade em sua profissão, ganhando o próprio dinheiro; uma pessoa divertida e simples”. Para ela, uma pessoa dedicada é importante, o contrário da preguiça. A moça na Sessão 4 se mostrou angustiada com a pergunta sobre planejar ou não sair da roça. Como natural para sua idade, ela ainda não sabe o que deseja ser e isto influencia também na decisão de sair ou ficar na roça (algo típico do jovem rural: além de nesta idade ter de decidir sobre profissão, tem também que decidir se deseja sair ou ficar no rural). Lêda gostaria de ter dinheiro para conhecer lugares diferentes e ter um emprego. Para a moça, estar morta, conhecer o inferno é a mesma coisa que ser enganada por alguém ou ficar sozinha na vida. Entre as pessoas que admira está uma cantora sertaneja, a ex-namorada do Neymar, um cantor de *funk*, o Papa, uma professora da escola e alguém da família. Entre os detestáveis, está um apresentador de telejornal popular, criminosos e uma atriz e um apresentador de programa de auditório dominical.

*Admirados:* 1. Paula Fernandes e alguém de sua família; 2. Bruna Marquezine e o Papa; 3. Naldo e a professora de português.

*Rejeitados:* 1. Datena e o Bruno; 2. Dercy Gonçalves e Luciano Huck; 3. Gugu .

**NATÁLIA:** Hebe era uma pessoa com “*alegria e simplicidade*”, achava a apresentadora uma “pessoa alegre, divertida, que usa jóias e é humilde”. **Sim**, ela assistia o programa da Hebe com os pais. **Pessoa Nota 10:** alguém divertido e simples, que faz um favor e não cobra nada em troca, que se dedica a família com força de vontade para superar os obstáculos. Foi Natália que disse com ênfase ser a Hebe a “rainha do SBT”. A moça sempre se mostrou muito participativa, esteve contra as opiniões do Pastor Feliciano, indignada com a violência contra os jovens na mídia e muito desejosa de sair da roça e morar em Juiz de Fora. Está na dúvida, agora, com o início do namoro com o Jonas. Disse também que tem Facebook e acessa regularmente a internet. **Admira** o namorado, ela mesma e seus amigos. Deseja ser uma pessoa humilde, conhecer outros países, ser uma psicóloga formada pela UFV. **Não gosta** do sentimento de ambição, tem receio da miséria e de ser vítima de alguma violência ou se tornar criminoso. Não gosta da Paula Fernandes (inveja pela cantora ser bonita e os meninos admirarem ela?), do jogador de futebol uruguaio, do Rodrigo Faro (muito exibido?) e curiosamente da Daniela Mercury. Natália citou a cantora baiana como exemplo de que pessoas do mesmo sexo podem ser felizes (a cantora havia anunciado no *Fantástico* seu relacionamento com outra mulher) quando discutiu com Leonardo que defendia as opiniões do Pastor Feliciano na mídia.

*Admirados:* 1. Jones e alguém da família; 2. Si própria e o professor de matemática; 3. Os amigos e a professora de português.

*Rejeitados:* 1. Paula Fernandes e Messi; 2. Luiz Suárez e Datena; 3. Rodrigo Faro e Daniela Mercury.

**VANESSA:** Hebe era uma pessoa *que tinha “a preocupação em ajudar as crianças especiais e vê-las felizes”* e era uma “pessoa famosa, educada, idosa bonita elegante”, “pessoa carinhosa, como uma mãe, que trata os outros com muito carinho”. **Sim**, ela assistia o programa da Hebe com os pais. **Pessoa Nota 10:** aquela que ajuda os pobres e que se dedica a família com força de vontade para superar as dificuldades. Vanessa sempre foi participativa, preocupada com os outros que moravam em casas piores que a dela, ex-simpatizante do cantor Luan Santana, pois ela disse que o cantor chamou todas as meninas da região de feia. Sempre extrovertida e alegre, a moça tem um “ar” um pouco melancólico, talvez por ter perdido sua irmã cedo demais, pois entre as coisas que desejaria ter a Vanessa indicou “uma coisa impossível: minha irmã de novo”. Mas ela admira pessoas com dedicação, força de vontade e que supera os problemas. Gostaria de conhecer o mundo, como a Itália, mas também quer estar em uma universidade e se formar professora de dança, de educação física ou psicologia. Na primeira lista das pessoas admiradas e rejeitadas, *Vanessa indicou muitos nomes que ela admira, diferente da segunda lista onde ela indicou mais os rejeitados. Vanessa tem entre as pessoas que gosta o namorado, seus amigos, alguém da família e funcionários da escola, mas também a ex-namorada do Neymar, o Papa, um jogador de futebol e o ex-presidente Lula. Não gosta dos sentimentos de preguiça, medo e inveja, como também de inimigos ao seu lado, coisas ruins como o abandono, a sarjeta ou a morte. A moça não gostaria de ser uma prostituta ou uma pessoa cruel.*

*Admirados:* 1. O namorado, alguém da família, a professora de português, a Hebe, Bruna Marquezine, seus amigos, o Papa, o Lula, funcionário da escola e C.Ronaldo; 2. Neymar, Si própria e o professor de matemática; 3. Os amigos e a professora de português.

*Rejeitados:* 1. Pedro Bial i; 2. Daniela Mercury; 3. Bruno

**LARÍCIA:** Hebe era uma pessoa “*simpática*” que era “*famosa, educada, idosa bonita e elegante*”. **Não**, a Larícia não assistia o programa da Hebe com os pais. A Larícia se mostrou pragmática, certa do que deseja, do que quer, com opiniões muito serenas e seguras. Chamou a atenção pela grafia de sua letra, a escrita gramaticalmente correta, com organização de ideias nas frases. Suas opiniões sempre eram o “meio termo” do debate do grupo, que conciliava as opiniões opostas. Larícia deseja um emprego fixo que garanta seu futuro, ela admira a força de vontade e sabe que precisa de paciência para conseguir seu próprio dinheiro em outra cidade, para conquistar algo importante para ela: ser “uma pessoa respeitada e reconhecida pela minha capacidade”. Com esta percepção, ela admira seus amigos, ela mesma, o ex-presidente Lula e o Marcelo Rezende. Larícia acha que, para isto, precisa sair da roça, pois é o lugar em que não gostaria de estar no futuro. Ela tem pressa (como todo o jovem que sabe o que quer) e, por conta disso, abomina a preguiça, não deseja sofrer qualquer tipo de mal, como ficar desempregada ou sozinha. Ela admira Pessoas Nota 10 que não desejam o que o outro tem e sabe dividir o pouco que tem com os outros, pessoa simples, divertida e que saiu da roça para a universidade e trabalha na cidade, em uma profissão, onde ganha o próprio dinheiro. Ela detesta Milton Neves, Rodrigo Faro, Luciano do Vale.

*Admirados:* 1. O namorado e alguém da família; 2. Ela mesma e o Papa; 3. Os amigos.

*Rejeitados:* Milton Neves e Silvio Santos; 2. Rodrigo Faro e Marília Gabriela; 3. Luciano do Vale e Daniela Mercury.

## **Anexos III: documentos necessários para pesquisa em seres humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - MS)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
(Nível: Doutorado)

### TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título do Projeto:

**Televisão e Juventude Rural Mineira.**

Pesquisador responsável:

**Ricardo Duarte Gomes da Silva**

Local onde será desenvolvida a pesquisa:

**Escola Rural Estadual José de Assis Pinto, Comunidade de Ana Rita, município de São Miguel do Anta, Zona da Mata de Minas Gerais**

A pesquisa “Televisão e Juventude Rural Mineira” pretende ser realizada junto a um *corpus* de 13 jovens do 3º ano do Ensino Médio da Escola Rural Estadual José de Assis Pinto, localizada na Comunidade de Capivara no município de São Miguel do Anta, Zona da Mata de Minas Gerais.

Será utilizado o método do “grupo de discussão”, com cinco (05) sessões de 60 minutos, sendo uma (01) execução por mês. As sessões serão gravadas apenas em áudio. Também serão aplicados questionários ao longo das sessões.

A pesquisa pretende desenvolver o pensamento crítico junto aos jovens rurais em relação aos conteúdos dos programas de televisão considerados como favoritos pelos jovens, entendendo que o aluno também aprende fora da escola não somente sobre o que acontece além de seu mundo rural, mas também alguns valores (muitos deles urbanos) que se entrelaçam dos produtos televisivos para a sua vida cotidiana.

Trata-se de alunos do 3º ano do ensino médio, preparando-se para prestar a prova do Enem e tentar uma vaga em alguma universidade pública. As discussões sobre valores em torno dos assuntos que chamaram mais a atenção dos jovens na televisão irão ajudá-los a pensar sobre atualidades.

Para participar a pesquisa não exige encargos adicionais aos sujeitos de pesquisa, muito menos para a administração da escola rural.

Eu, \_\_\_\_\_, **aluno (a)** do 3º ano do Ensino Médio da Escola Rural Estadual José de Assis Pinto, aceito participar da pesquisa citada acima. Declaro que li ou foi-me lida as informações acima relativas ao método, ao procedimento e benefícios da pesquisa e que participarei das sessões do grupo de discussão de livre e espontânea vontade, apenas emitindo minhas opiniões e preenchendo questionários sobre assuntos relativos aos interesses acadêmicos do estudo. Declaro que concordo que o pesquisador grave em áudio todas as minhas opiniões e que qualquer informação obtida sobre mim será confidencial. Fui informado que minha identidade não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa e que, a qualquer momento, tenho a liberdade de deixar de responder qualquer pergunta e deixar de participar das sessões do grupo de discussão, interrompendo minha participação. Certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Data

Certifico que expliquei ao estudante ....., a natureza, o propósito e os benefícios associados à sua participação nesta pesquisa; que respondi a todas as questões que me foram feitas e testemunhei assinatura acima.

\_\_\_\_\_  
Ricardo Duarte Gomes da Silva  
(Pesquisador Responsável)

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
(Nível: Doutorado)

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PESQUISA

Título do Projeto:

**Televisão e Juventude Rural Mineira**

Pesquisador responsável:

**Ricardo Duarte Gomes da Silva**

Local onde será desenvolvida a pesquisa:

**Escola Rural Estadual José de Assis Pinto, Comunidade de Ana Rita, município de São Miguel do Anta, Zona da Mata de Minas Gerais**

A pesquisa “Televisão e Juventude Rural Mineira” pretende ser realizada junto a um *corpus* de 13 jovens do 3º ano do Ensino Médio da Escola Rural Estadual José de Assis Pinto, localizada na Comunidade de Capivara no município de São Miguel do Anta, Zona da Mata de Minas Gerais.

Será utilizado o método do “grupo de discussão”, com cinco (05) sessões de 60 minutos, sendo uma (01) execução por mês. As sessões serão gravadas apenas em áudio. Também serão aplicados questionários ao longo das sessões.

A pesquisa pretende desenvolver o pensamento crítico junto aos jovens rurais em relação aos conteúdos dos programas de televisão considerados como favoritos pelos jovens, entendendo que o aluno também aprende fora da escola não somente sobre o que acontece além de seu mundo rural, mas também alguns valores (muitos deles urbanos) que se entrelaçam dos produtos televisivos para a sua vida cotidiana.

Trata-se de alunos do 3º ano do ensino médio, preparando-se para prestar a prova do Enem e tentar uma vaga em alguma universidade pública. As discussões sobre valores em torno dos assuntos que chamaram mais a atenção dos jovens na televisão irão ajudá-los a pensar sobre atualidades.

Eu, \_\_\_\_\_, diretora da **Escola Rural Estadual José de Assis Pinto**, aceito que o professor Ricardo Duarte Gomes da Silva realize sua pesquisa citada acima entre 13 (treze) alunos do 3º ano do Ensino Médio da escola. Declaro que li ou foi-me lida as informações acima relativas ao método, ao procedimento e benefícios da pesquisa e que os alunos participarão das sessões do grupo de discussão apenas emitindo suas opiniões e preenchendo questionários sobre assuntos relativos aos interesses acadêmicos do estudo. Declaro que concordo que o pesquisador grave em áudio as opiniões dos alunos, desde que o aluno permita, entendendo que qualquer informação obtida sobre eles será confidencial. Fui informada que a identidade do aluno não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa. Fui informada que, a qualquer momento, o aluno participante terá a liberdade de deixar de responder a qualquer pergunta e deixar de participar das sessões do grupo de discussão, estando livre para interromper sua participação. Certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Minha assinatura demonstra que concordei com a realização da pesquisa junto aos alunos do 3º ano do Ensino Médio da escola.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Diretora da Escola:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

Certifico que expliquei **à Diretora** \_\_\_\_\_, a natureza, o propósito e os benefícios associados à participação dos alunos do 3º ano do Ensino Médio nesta pesquisa; que respondi a todas as questões que me foram feitas e testemunhei assinatura acima.

\_\_\_\_\_  
Ricardo Duarte Gomes da Silva  
(Pesquisador Responsável)

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
(Nível: Doutorado)

TERMO SIMPLES DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título do Projeto:

**Televisão e Juventude Rural Mineira**

Pesquisador responsável:

**Ricardo Duarte Gomes da Silva**

Locais das entrevistas: **Propriedade rural onde moram os entrevistados; moradia da entrevistada na cidade.**

Eu, \_\_\_\_\_, **aceito participar da pesquisa** acima citada e concordo que o professor Ricardo Duarte Gomes da Silva realize comigo entrevista gravada em áudio. Estou ciente de que posso interromper a entrevista a qualquer momento e que a mesma será utilizada apenas para fins da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Entrevistado

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Ricardo Duarte Gomes da Silva  
(Pesquisador Responsável)

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data